

O Islã

sem véu

um olhar sobre a vida e a fé muçulmana

Ergun Mehmet Caner
Emir Fethi Caner

Título Original: Unveling Islam

©2002, de Ergun Mehmet Caner e Emir Fethi Caner

Edição publicada pela KREGEL PUBLICATIONS

(Grand Rapids, Michigan, EUA)

EDITORA VIDA

©2004 de Ergun Mehmet Caner e Emir Fethi Caner

Tradução de Haroldo Jazen

O ISLÃ SEM VÉU: um olhar sobre a vida e a fé muçulmana

SERÁ QUE EXISTE UM livro mais oportuno e criticamente importante no mundo das publicações cristãs do que O islã sem véu? Após o terrível ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, os cristãos têm buscado um guia confiável para o desconhecido mundo islâmico, inesperadamente ameaçador. Deus, por meio de sua graciosa providência, forneceu precisamente este tipo de guia inestimável. Os Caners escreveram a emocionante, inspiradora e cativante história do islã e da conversão deles à fé salvadora em Jesus Cristo.

Ergun e Emir Caner são troféus da graça de Deus - outrora fiéis seguidores de Alá, hoje fiéis seguidores de Jesus de Nazaré. A história deles é um exemplo atraente do amor de Deus e uma viagem sensata e informativa pelo mundo do islã.

Apresentação

O islã sem véu se propõe a fazer um exame minucioso da vida e crenças muçulmanas elaborado por pessoas que experimentaram o que escrevem. É um prêmio que esta análise vívida do islã tenha sido realizada por ex-muçulmanos que hoje são cristãos. Os irmãos Caners apresentam uma perspectiva inestimável que servirá para informar, desafiar e inspirar os cristãos.

Talvez o aspecto mais convincente deste livro seja a "face humana" que é perceptível no conflito entre a religião islâmica e o relacionamento pessoal com Jesus Cristo, que é o fundamento e essência do cristianismo. A empolgante história dos irmãos Caner nos recorda a severa, muitas vezes sangrenta, perseguição experimentada por nossos irmãos cristãos ao redor do mundo, que sabem que todas as religiões e crenças não são a mesma coisa, mas que Jesus é "o caminho, a verdade e a vida" (João 14:6).

RICHARD LAND, presidente The Ethics & Religious Liberty Commission Southern Baptist Convention

Um homem de granito

ELE PARECIA ESCULPIDO EM GRANITO. Ombros largos, pernas com músculos torneados, corria pelo campo de futebol como um tigre. Avançava agilmente com seus companheiros de equipe naquele pequeno campo irregular em Galion, Ohio, nos Estados Unidos. Depois ele se virava para piscar para nós. Aos 40 anos, corria, jogava e chutava como um homem com a metade de sua idade. Seu cabelo preto contrastava com a pele morena cor de oliva. Com a barba bem feita e sempre disposto a sorrir para os três meninos que estavam parados na linha lateral do campo, ele era mais do que nosso jogador de futebol favorito. Era nosso pai. Era nosso herói.

É claro, nunca chamamos aquele jogo de soccer, nós o chamávamos de futebol. Nosso pai jogava bola conosco por horas e nos alegrava com histórias de jogos de seu passado - partidas jogadas na Turquia, Alemanha e em outros países. Com seu forte sotaque cantava hinos

turcos em voz alta, enquanto destrinchávamos as palavras que ele nos ensinava. Mas, de todas as lembranças dele, um dia em especial ficou marcado na mente de Ergun Caner: o carro amarelo de nosso pai, cheio da fumaça dos cigarros Pau Mau e Chesterfield. Aquele nariz, que se destacava elegantemente de sua face; aquelas mãos fortes e ásperas que seguravam a garrafa de soda; aquela risada; a viagem para nosso apartamento duplex, em Whitehall, Ohio - cada momento permanece vivo na memória de Ergun. Isso ocorreu em 1978. Quatro anos mais tarde, papai abandonaria seus três filhos. Vinte e um anos depois, nós veríamos nosso herói pela última vez. Muitos autores afirmam que seus livros são um "trabalho de amor". Este não é o nosso caso (Ergun e Emir Caner). Este tem sido um exercício árduo e às vezes penoso de memórias não pronunciadas, as quais nunca estão muito abaixo da superfície. Este livro também não é um relato pormenorizado de um "mau pai" ou a revelação de segredos de família. Papai foi um homem brilhante - maravilhoso e sincero. Era nosso herói em todos os aspectos - caloroso, amoroso, generoso, determinado, trabalhador e engraçado. Não foi agradável para ele rejeitar e deserdar seus filhos. Isto despedaçou o coração dele. No entanto, era a única coisa que podia fazer devido a suas crenças e dos ensinamentos do islã. Em agosto de 1999, quando papai morreu vitimado pelo câncer, a

inflexível realidade de sistemas religiosos e o nosso relacionamento com Jesus Cristo como nosso Salvador entraram em choque. Ao iniciar esta investigação sobre o islã, seus ensinamentos e seus seguidores, queremos que você veja o lado humano da religião - em que a fé muitas vezes significa a total rejeição da cultura, etnia, família e amigos. Para encontrar a glória em Jesus Cristo, nós, os irmãos Caner, perdemos nosso pai - nosso herói terreno - como acontece com milhões de outras pessoas ao redor do mundo.

Desde 11 de setembro de 2001, temos falado por todo o país em centenas de reuniões, faculdades, universidades, igrejas, convenções e conferências. Repórteres com frequência, ficam intrigados porque não “temos” mais família. Subentendida está a pergunta: “Mudar de religião significa perder a família? Acaso a religião não une a família? O núcleo familiar não é a coisa mais importante?”.

A pergunta evidencia uma tendência americanizada e pós-moderna. Para os outros 95% da população do mundo, a conversão a Jesus Cristo muitas vezes significa abandono, expulsão do grupo familiar, prisão e mesmo morte. No mundo que não adota a mentalidade “crenças não são importantes”, a atitude americana parece insensata. Neste momento, devido ao evangelho de Jesus Cristo, homens e mulheres estão sendo açoitados com tiras de couro, torturados, aprisionados, espancados, abatidos e subjulgados para se submeterem à religião da família. Casas estão sendo queimadas, famílias são executadas e outras vidas são ceifadas por uma vingança odiosa. Se você acredita que tortura e morte em razão da fé em Jesus Cristo é coisa do passado, então está enganado. Por todo o globo terrestre, o sangue de cristãos corre por ruas de pedras, caminhos de terra, corredores pavimentados e no concreto dos pisos das prisões.

A pergunta da mídia também indica suposição equivocada de que “todas as religiões são iguais. Ir a Deus, se de fato existe um, é como ir a Chicago. Você pode ir para lá de avião, de trem ou de automóvel. Não importa que caminho você tome (ou a religião que você siga), desde que você chegue lá”.

Essa atitude reflete a opraization* da cultura americana.

Para aqueles que acreditam nessa persuasão sincretista, queremos deixar bem claro que não “mudamos de religião”. O sangue de Jesus Cristo nos salvou. O que aconteceu conosco não foi a ação de uma pessoa religiosa, mas um ato de redenção pela graça de Deus.

Não somos particularmente homens religiosos. Se você olhar para qualquer um de nós, não imaginaria imediatamente que temos servido como pregadores, evangelistas e pastores por trinta anos (se somados o tempo de conversão de cada um de nós). Você não pensaria que somos hoje professores de teologia e história da igreja. Nós não nos encaixamos no modelo do pregador que usa gravata, meias brancas e um terno surrado. Ergun Caner (com a cabeça rapada há anos, usa um cavanhaque e está mais inclinado ao estilo de pregador afro-americano. Emir Caner joga basquete e tênis regularmente, assemelha-se a um candidato a uma república de universitários e praticamente memorizou todas as datas importantes da história da igreja. Nenhum de nós se encaixa no perfil "religioso", mas somos cobertos pela justiça de Cristo. O cristianismo não diz respeito à religião; mas sim ao relacionamento com o Salvador.

Deve ficar claro que o cristianismo ortodoxo, bíblico, assume a existência da verdade. A verdade implica na existência do erro e, portanto, mútuas reivindicações exclusivas da verdade não podem estar ambas corretas. Esse é o caso do islã e do cristianismo. Ou o islã está correto em sua conjectura de que “existe um único Deus, Alá, e Maomé é o seu profeta”, ou o cristianismo está certo quando Jesus diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14:6). Os dois não podem estar corretos.

Em debates públicos e fóruns, os muçulmanos, com freqüência, têm levantado a pergunta conflituosa e pungente para nós: “Não foram vocês que repudiaram seu pai quando voltaram suas costas para os ensinamentos do Alcorão?”. Talvez estejam certos. Nenhum de nós, Ergun, Emir ou Erdem (Mark) Caner, desejou quebrar o relacionamento com nosso pai, mas

estávamos conscientes das conseqüências de seguir a Jesus Cristo. Talvez nesses termos, nós, na verdade, afastamo-nos dele. Mas, para recebermos a vida eterna por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, muitas vezes acabamos experimentando a dolorosa destruição de relacionamentos. Acreditamos que alguns de vocês, que estão lendo este livro, já experimentaram tal tipo de rejeição. Nós entendemos seu caminhar.

A salvação alcança os irmãos Caner

Nosso pai, Acar, conheceu mamãe na Suécia, onde ele estava cursando a universidade. Depois de se apaixonar, se casar e ter os dois primeiros filhos, Ergun e Erdem, em Estocolmo, mudaram para os Estados Unidos, o país das oportunidades. Emir nasceu depois de nos estabelecer em Ohio.

O casamento estava condenado desde o início devido ao choque de culturas. Mamãe era filha única, criada em Estocolmo, e estudou na Europa. Aos vinte anos de idade, havia freqüentado a Sorbonne em Paris e viajado pelo mundo. Papai era de uma linhagem mais severa. Como filho caçula da família, tudo que possuía lhe havia sido dado por herança. Formado na cultura islâmica, sua visão do casamento era, obviamente, diferente da visão de mamãe.

O divórcio, concretizado nos Estados Unidos, foi doloroso. Como na maioria dos divórcios, os filhos tornaram-se as “cordas” humanas no cabo-de-guerra divididos entre os pais. Desenvolveu-se um padrão de visitas de final de semana entre Columbus e Gahanna, no centro de Ohio. Nem mesmo a triste experiência do divórcio podia nos preparar para o repúdio por parte de papai.

Ao iniciar seus estudos no ensino médio, Ergun era um jovem típico, exceto por ser muçulmano devoto. Mesmo durante o processo do divórcio, nossos pais mantiveram nossa educação na mesquita. Todo final de semana, viajávamos para a Broad Street, em Columbus, Ohio, onde papai tinha ajudado a fundar a Foundation Islamic [Fundação Islâmica]. A mesquita em Toledo ficava muito longe, razão do estabelecimento da Fundação. Papai fazia o chamado para a oração de tempos em tempos.

Fazíamos nossas rakats (orações diárias), celebrávamos o ramadã e líamos o Alcorão e o Hadith regularmente. Éramos muçulmanos devotos no verdadeiro sentido da palavra. Mas nossa devoção não era um ato de amor, e, sim, de medo. Nenhum muçulmano tem a certeza da segurança eterna. Todo muçulmano teme os pratos da balança da justiça, que pesa as boas e más obras. Foi-nos ensinado que o cristianismo e o islã são antitéticos, descendendo de conflitos centenários, que datavam das Cruzadas, quando milhares de muçulmanos foram massacrados.

Essa história, no entanto, não paralisou Jerry Tackett. Jerry, o melhor amigo de Ergun nos anos de escola do ensino médio, era filho de um pregador e membro ativo da Stelzer Road Baptist Church. Jerry não conhecia toda a história. Ele simplesmente disse a Ergun que Jesus o amava e o convidou para participar de cultos de avivamento em sua igreja. Nessa igreja batista, o ambiente era muito diferente do que Ergun havia imaginado. As pessoas eram calorosas. Não riram quando ele cantava os hinos de maneira hesitante. Elas o amavam apesar de seus equívocos - literalmente o amaram pela cruz.

Depois de ouvir a respeito da graça salvadora de Jesus Cristo, ficou claro para Ergun que o islã estava errado sobre um aspecto chave: Jesus não podia ter sido um profeta, como o islã ensinava. Jesus foi capturado e preso devido a uma acusação dupla - os romanos o prenderam por causa de sua insurreição e os líderes judeus o acusaram de blasfêmia, isto é, de afirmar ser Deus. O islã, para resolver a questão da ressurreição, ensina que Judas, não Jesus, foi crucificado, permitindo que Jesus aparecesse três dias mais tarde. Nem mesmo essa informação errada enfrentava a questão maior da deidade de Jesus. Mesmo histórias extrabíblicas mencionam que Jesus afirmava ser Deus, um ato de blasfêmia, considerado ofensa capital.

Utilizando o pensamento do filósofo cristão C. S. Lewis, se Jesus afirmava ser Deus, não poderia ter sido um profeta. Ele seria um insano, como aqueles que perambulavam pelas estradas, supondo-se divinos. Mas, se era insano, ele não podia ser um dos profetas de Alá. Haveria sido uma fraude, enganando pessoas, mas, novamente, um impostor e charlatão não poderia ter sido um profeta de Alá. Ergun se defrontava com outra opção: Jesus era quem ele disse que era: Emanuel - Deus conosco.

Naquela noite especial do culto de avivamento, a convicção do Espírito Santo era palpável. No dia seguinte, uma sexta-feira, Ergun retomou para o centro islâmico, livre da balança do medo pela graça e expiação de Jesus. Ele supunha que outros muçulmanos também queriam ficar libertos do medo. Esse, porém, não era o caso.

Os irmãos de Ergun, no entanto, deram ouvidos a ele. Erdem aceitou a Cristo no porão de sua casa. Ergun tinha convidado Emir para os cultos de avivamento no ano seguinte. Ali, pela primeira vez em sua vida, Emir ouviu que Deus o amava e desejava ter um relacionamento pessoal com ele. Embora ele tivesse estado em uma igreja antes, essa foi a primeira vez que ele lembra ter ouvido o pregador falar aberta e honestamente acerca da exclusividade do evangelho. Somente pelo sangue de Jesus, derramado na cruz, alguém pode ser salvo. Mesmo assim, o pregador falava de forma compassiva acerca do desejo de Deus de salvar a todos. Apesar de haver apenas um caminho, esse caminho estava aberto a todos que cressem. No dia 4 de novembro de 1982, Emir nasceu de novo.

Em 1982, Ergun dedicou-se ao ministério do evangelho. Foi a última vez que viu papai por um período de 17 anos. Acar deserdou os filhos, embora pudesse ter sido pior: de acordo com Hadith 9:57, nós três poderíamos ter sido mortos.

Tragédias e compromissos

Dezessete anos mais tarde, nós (os três irmãos) nos reunimos com o papai, quatro dias antes da sua morte. Sua segunda esposa o tinha convencido a ver-nos.

e, de lugares diferentes dos Estados Unidos, fomos para sua cidade com uma esperança no coração. A essa altura, Erdem estava casado e tinha um filho, chamado Anthony. Ele era um corretor de valores bem-sucedido e era ativo em sua igreja. Emir tinha completado seu doutorado e estava lecionando no Southeastern Seminary; na Carolina do Norte. Ergun havia se casado com Jill Morris, em 1994, e tinha um filho de quatro meses, chamado Braxton Paige. Ergun e Emir haviam pastoreado igrejas e completado seus estudos, faltando somente o término da dissertação para que Ergun tivesse o doutorado.

Quando entramos na casa de papai, nossa mente se voltou para aquele dia no campo de futebol. Éramos filhos de Acar Mehmet Caner, nosso herói. Em nossa cultura, é um importante ritual de passagem colocar

os filhos nos braços de seu avô. Quando Ergun o fez, lágrimas encheram seus olhos. Dezesete anos depois da expulsão, Ergun e seu pai se encontraram pela última vez.

Durante o tempo que estivemos juntos, conversamos sobre coisas superficiais. Ergun foi apresentado às duas irmãs por parte de pai, as quais nunca havia visto. Outros homens da mesquita também estavam na casa, alguns deles nos haviam ensinado em nossa mocidade. Todos evitamos o fato inevitável e óbvio: papai estava morrendo; era apenas uma questão de tempo.

Gostaríamos muito de terminar a história com o relato de uma conversão a Cristo no leito de morte, mas isso não aconteceu. Mamãe fez sua profissão de fé em 1991, e vovó em 1995. Mas papai nunca aceitou a Cristo como Senhor. Tanto quanto sabemos, ele entrou na eternidade sem Cristo.

Enquanto escrevemos estas palavras, lágrimas rolam sobre nossa face.

Se os tristes acontecimentos de 11 de setembro de 2001, o ataque terrorista à cidade de Nova York, têm estimulado um debate nacional, alguns dos tópicos discutidos não são novos para nós.

Desde 1982, temos pregado e ensinado a respeito do islã, compartilhando o desejo de nosso coração para a salvação de 1,2 bilhão de muçulmanos que necessitam de Jesus. Depois de nos permitir pregar em suas igrejas, os pastores alegremente batiam em nossos ombros e diziam quão fascinante essa religião mundial, o islã, parecia ser.

Após milhares de pessoas perderem a vida no atentado contra o World Trade Center, as pessoas começaram a se preocupar.

Mas, por favor, não presuma que este livro seja uma crítica violenta, repleta de injúrias contra uma religião. Queremos que os cristãos compreendam o islã mais claramente e que apresentem Cristo de maneira mais eficaz. Desejamos a compreensão porque esta é nossa história e nosso passado; e desejamos a eficácia porque gostaríamos de haver tido a oportunidade de fazer assim por nosso pai ... nosso herói.

Palavras frias em um mundo assustador

A IMAGEM TREMELUZENTE na tela é surreal. Demonstrando uma Satisfação efervescente, o xeique Osama bin Laden descansa depois de uma refeição preparada por um aliado em Kandahar, no Afeganistão, Sem se preocupar com nada, fala sobre seu papel principal no recrutamento dos pilotos seqüestradores de aviões e no planejamento dos ataques que chocaram o mundo, Lembrando o destino de um dos mártires voluntários daquela operação, Bin Laden cita o Hadith:

E Fui ordenado a lutar contra o povo até que eles digam que não existe outro deus além de Alá e seu profeta Maomé.

Algumas pessoas podem perguntar: “Por que vocês querem lutar contra nós?”.

Existe uma associação entre aqueles que dizem: "Eu creio em um Deus e Maomé é seu profeta e aqueles que não [inaudível].

Aqueles que não seguem a verdadeira fiqh [jurisprudência]. A fiqh de Maomé, a verdadeira fiqh. Eles estão apenas aceitando o que está sendo dito como valor aparente.

Ele relatou alegremente que o atentado ao World Trade Center havia aumentado a conscientização do islã por todo o mundo e que foi possivelmente um dos maiores acontecimentos na "evangelização" islâmica dos últimos dias:

Aqueles jovens que conduziram as operações não aceitaram qualquer fiqh nos termos populares, mas aceitaram o fiqh que foi trazido por Maomé. Aqueles homens jovens [inaudível] falaram por meio de obras, em Nova York e Washington - discursos que ofuscaram todos os outros discursos feitos em qualquer lugar do mundo. Os discursos são entendidos tanto por árabes quanto por não-árabes - até mesmo pelos chineses. Isto está acima de tudo que a mídia disse. Alguns deles disseram que na Holanda, em um dos centros, o número de pessoas que aceitaram o islã, nos dias seguintes às operações, era maior do que as pessoas que aceitaram o islamismo nos últimos 11 anos. Eu ouvi alguém que é proprietário de uma escola na América dizer em uma rádio islâmica: "Nós não temos tempo para vencer a demanda daqueles que estão pedindo livros islâmicos para aprender acerca do islã". Este acontecimento levou as pessoas a pensar [sobre o verdadeiro islã], o que beneficiou o islã grandemente.

Ele avaliou a perda de vidas humanas e o espaço de tempo ocorrido entre os impactos dos dois aviões contra as torres gêmeas, algo que lhe deu grande contentamento:

[Inaudível] calculamos antecipadamente o número de baixas do inimigo, aqueles que poderiam ser mortos com base na posição da torre. Estimamos que os andares a serem atingidos seriam três ou quatro. Fui o mais otimista de todos [inaudível] devido a minha experiência nessa área. Eu achava que o fogo da gasolina dos aviões derreteria a estrutura de ferro do prédio e demoliria a área atingida pelo avião e todos os andares acima deles. Isto era tudo que nós havíamos esperado. A diferença entre o primeiro e o segundo avião que atingiram as torres gêmeas, no World Trade Center de Nova York, foi de vinte minutos. E a diferença entre o primeiro avião e o avião que atingiu o Pentágono foi de uma hora.²

Bin Laden falou de seu propósito de "arrancar a América das suas cavernas" e concluiu o vídeo com um frio poema:

Eu testemunho que contra a lâmina afiada

Eles sempre enfrentaram as dificuldades e permaneceram juntos...

Quando a escuridão vem sobre nós e somos mordidos por um Dente afiado, eu digo...

“Nossas casas são alagadas com sangue e o tirano Está livremente perambulando em nossas casas”...

E do campo de batalha desvaneceu

O brilho das espadas e dos cavalos...

E acima do som de choro agora

Nós ouvimos a batida dos tambores e o ritmo...

Eles estão atacando seus fortes E gritam: “Nós não vamos parar nossos ataques

Até que vocês libertem nossas terras”.

As pessoas daquelas nações que perderam parentes e amigos 110 atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, e especialmente as pessoas nos Estados Unidos, ouviram a voz do terrorismo. Para muitos, em especial a mídia, o vídeo parecia uma prova irrefutável de que Bin Laden era o conspirador que liderava aqueles atos.

Os defensores islâmicos de Bin Laden, que tinham sem véu passado três meses diante das câmaras clamando por provas, foram silenciados. Para aqueles que não estão familiarizados com o Alcorão e o Hadith, o vídeo foi um choque. Para aqueles, como nós, que conhecem os fundamentos da fé muçulmana, ele foi uma triste confirmação.

Nos primeiros meses após as explosões, nós, os autores deste livro, fomos impelidos para a linha de frente de uma guerra em que palavras e imagens competiam. Educados para seguir o islã e dar atenção a cada palavra do Alcorão e do Hadith, subitamente fomos chamados para dissipar mitos e rumores, especialmente em relação à teologia islâmica e ao significado do jihad.

No início, nossos detratores mais barulhentos tendiam a ser os cristãos que não acreditavam que compreendíamos os protocolos do jihad e as crenças em relação à eternidade prometida aos mártires islâmicos.

Isto ocorreu antes que o vídeo de Bin Laden se tornasse público.

Bin Laden disse a respeito das "ondas" do jihad das quais havíamos falado. Citou o Hadith abundantemente. Ele declarou que o atentado era um golpe a favor do fatwa (declaração do jihad) e que tinha sido assinado dois anos antes como uma declaração de guerra contra o Ocidente. Falou da chamada universal para o jîhad e a obrigação de lutar.

Depois que os vídeos foram exibidos, nossas vidas e a vida da nossa família se resumiram a um amontoado de entrevistas na mídia, sermões e palestras em auditórios lotados, após as quais nos apressávamos em responder as inúmeras mensagens que vinham pelo e-mail. Passávamos nossos dias à espera de conexões aéreas, vôos lotados, conferências e vôos de retorno. Contudo, não podíamos abandonar nossas responsabilidades profissionais: Emir era professor de tempo integral no Southeastern Baptist Theological Seminary; em Wake Forest, na Carolina do Norte, e Ergun era também professor em tempo integral no Criswell College, em Dallas, Texas.

Em nosso "tempo livre", estávamos escrevendo este livro. Embora tivéssemos discutido o projeto com a Kregel Publications por algum tempo, a tragédia subitamente apressou as coisas. Todas as pessoas envolvidas na edição e publicação desta obra sentiram que ela deveria ser impressa o mais rápido possível. Assim, todas as noites, depois que nossas esposas e filhos iam dormir, nós digitávamos... e digitávamos... e editávamos... e digitávamos mais um pouco.

Nosso livro não é um exercício acadêmico, mas um panorama facilmente compreensível do islã, explicando os motivos, as crenças e a história, pois tem a finalidade de orientar e encorajar toda e qualquer pessoa que queira ser uma testemunha mais eficaz para os muçulmanos.

Por isso, o livro que está em suas mãos é singular, escrito por dois professores de teologia e história da igreja que, "por acaso", são irmãos e ex-muçulmanos. Organizamos, em um pacote, uma série de

informações que as pessoas, sem conhecimento prévio do islã, serão capazes de desempacotar. Termos árabes são definidos. O livro é abrangente, mas conciso, dirigindo-se explicitamente a cristãos evangélicos que compartilham do desejo de alcançar 1,2 bilhões de muçulmanos com o evangelho de Jesus Cristo.

Algumas advertências: em primeiro lugar, lembre-se que este é um manual com fontes, não uma teologia sistemática do islã. No entanto, incluímos numerosas notas de rodapé e sugestões para leituras adicionais. Em segundo lugar, os termos árabes são transliterados. Se a transliteração varia de outras fontes de informação é porque existem algumas regras e padrões complicados para transliterar a língua árabe. Na melhor das hipóteses, a soletração fonética é imprecisa.

Em terceiro lugar, o estilo coloquial é deliberado, o equivalente a uma palestra em sala de aula - preciso, mas não pedante.

Quando o livro estava indo para a impressão, nossa avaliação em relação aos assuntos islâmicos foi confirmada mais uma vez. Na Terça-feira dia 18 de dezembro de 2001, a mídia mundial transmitiu um discurso chocante de Jerusalém pela maior autoridade palestina, Yasser Arafat. Ele se referia a um jovem palestino morto em uma batalha com as forças israelenses na Faixa de Gaza. Falando apaixonadamente acerca da luta contra Israel, Arafat conclamou os palestinos a tomar o jovem como exemplo de mártir muçulmano palestino. Arafat disse que estava disposto a sacrificar 70 palestinos para assegurar a morte de um israelense. A fala foi transmitida diversas vezes pela rádio palestina:

Vamos defender a Terra Santa com nosso sangue e nosso espírito. Nós não somente usamos uniformes; todos nós formamos um exército. Nós somos todos mártires no paraíso.

Naquele ponto, conforme o relato do World Tribune, a multidão começou a cantar e salmodiar que milhões de palestinos estavam preparados para marchar como mártires para Jerusalém.

Essas palavras frias representam um ponto de vista que é mais predominante do que a maioria das pessoas não-muçulmanas está disposta a acreditar. Na segunda surata, ou capítulo, do Alcorão (Al-Baqarah), dois versículos se contrastam de modo marcante. Primeiro, Alá encoraja os muçulmanos, dizendo: "Combatei-os até que não haja mais idolatria e que prevaleça a religião de Deus" (2:193). Mas depois Alá diz para Maomé não impor o islã pela força, porque "não há compulsão na religião" (2:256).

Que o mundo muçulmano seja guiado por líderes que estejam dispostos a seguir a última admoestação. E que nossas igrejas estejam cheias de testemunhas corajosas e bondosas acerca da volta de Cristo, "... a qual Deus fará se cumprir no seu devido tempo. Ele é o bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores" (1Tm 6:15).

Segurança, política e jihad

DEUS AMA VOCÊ! ESTA É UMA VIGOROSA afirmação do cristianismo. A chave, na verdade, para conquistar pessoas para a fé em Jesus Cristo como Salvador está baseada nessa afirmação. No entanto, não se encontra esse tipo de afirmação no Alcorão. Enquanto a Bíblia ensina que Deus odeia o pecado e indigna-se com os pecadores (Pv 6:16-19; Jr 4:4; Rm 1:18; Tg 4:4), a escritura islâmica afirma que Alá odeia os pecadores: "Deus não ama os agressores" (Surata 2:190)

A Bíblia diz:

Porque Deus tanto amou o mundo que deu o Seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a Vida eterna (Jo 3:16). Escrevi-lhes estas coisas, a vocês que crêem no nome do Filho de Deus, para que vocês saibam que têm a vida eterna (1Jo 5:13).

Mas Deus prova o Seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. (Rm 5:8).

O Alcorão diz:

E gastai pela causa de Deus. E não provoqueis vossa própria destruição. E fazei o bem. Deus ama os benfeitores (surata 2:195).

Dize: “se amais a Deus, segui-me: Deus vos amará e vos perdoará os pecados. Deus é perdoador e compassivo” (surata 3:31).

Dize: “Obedecei a Deus e ao Mensageiro”. Se se afastarem, Deus não ama os descrentes (surata 3:32).

A maior diferença entre as duas crenças é a qualidade pessoal de Deus.

Alá enviou profetas e mensageiros para proclamar a verdade. No cristianismo, Deus, o Pai, enviou seu Filho para ser a verdade, para morrer pelo pecado e para reconciliar homens e mulheres com Ele. No islã, a esperança é que a salvação seja conquistada por meio de boas obras (surata 3:31). Uma pessoa deve amar Alá para que Alá ame essa pessoa em retribuição. No cristianismo, Deus amou as pessoas primeiro de modo a assegurar a salvação delas.

Não existe segurança para o crente do islã. Seus seguidores precisam aguardar que a vontade de Alá seja cumprida. As boas obras somente podem dar esperança para o muçulmano alcançar o céu, mas nunca chega a ser uma garantia. Visto que Deus é removido da equação, a pergunta se alguém tem o direito assegurado para o céu fica sem resposta até o dia do julgamento. Para os cristãos, o julgamento ocorreu na cruz, um acontecimento rejeitado por Maomé e o islã.

Fatalismo, O âmago da insegurança Islâmica

Nunca enviamos um mensageiro senão com o idioma de seu povo para que possa tomar tudo claro para eles.

Deus desencaminha quem quiser e guia quem quiser. Ele é poderoso e sábio (surata 14:4).

Alá é exaltado e fica satisfeito quando envia pessoas para o Inferno: esta é a afirmação fatalista do islã. Fatalismo é a convicção de que os acontecimentos são estabelecidos antecipadamente para toda a vida, de tal forma que os seres humanos são incapazes de mudá-los. Nesse caso, Alá mandará para o céu e para o inferno quem ele quiser.

Não é de admirar que não exista segurança no islã. Podemos ser o mais fiel de todos os crentes em Alá e mesmo assim sermos enviados “justamente” para o inferno. Paradoxalmente, alguém pode ser a pior

pessoa do mundo e, hipoteticamente, ir para o paraíso. Não precisamos olhar para alguém mais além do fundador do islã, Maomé, para ver a ansiedade e insegurança que este tipo de visão produz.

O mensageiro inseguro

Maomé disse: “Por Alá, embora eu seja o apóstolo de Alá, não sei o que Alá vai fazer comigo” (Hadith 5:266).

Maomé questionava sua própria salvação, embora se considerasse o maior dos profetas, o próprio apóstolo de Alá. Portanto, Como os muçulmanos podem ter um senso real de segurança quando aquele que lhes deu a fé (ou como os muçulmanos dizem, restaurou a verdade para eles) estava apreensivo?

O muçulmano é ordenado no Alcorão a obedecer “a Deus e ao Mensageiro” (surata 3:32) e para seguir o “exemplo do Mensageiro”. Por conseguinte, quanto mais zelosamente uma pessoa entende o Alcorão e segue seu mensageiro, menor é a certeza de alcançar o paraíso. Além disso, quanto mais sensível for em relação às suas falhas morais, tanto mais espiritualmente ansiosa ela acaba se tornando.

O crente inseguro

O destino de todo homem nós firmamos em seu pescoço; no dia do Juízo, nós lhe apresentaremos um rolo que ele verá aberto (surata 17:13).

Embora essa declaração pareça relativamente fácil de compreender, um muçulmano devoto sabe que não pode depender apenas de boas obras. Pensar assim difamaria e insultaria a soberania de Alá. Uma das frases mais famosas e usadas do mundo muçulmano, “En sh’Alá...” (“se Deus quiser”), ilustra a complexidade dessa união. Embora os muçulmanos nunca tenham certeza do seu destino, têm certeza de muitas coisas que vão privá-los de desfrutar os prazeres do paraíso.

Advertir os descrentes é igual a não advertir: prosseguirão na sua indiferença, Deus selou-lhes os ouvidos e o coração, e seus olhos foram cobertos por um véu, O suplício os aguarda (surata 2:6-7).

"Alá não ama aquele que rejeita a fé" (surata 3:32). O muçulmano pode estar totalmente certo de que Alá nunca restaurará um crente que rejeitou seus ensinamentos e a fé no islã. É por isso que tantos muçulmanos tão prontamente repudiam seus filhos que se convertem a outra religião, especialmente ao cristianismo. Por que amá-los quando o poderoso Alá nunca os amará? Além disso, a pior pessoa no mundo é o muçulmano que rejeita sua fé em Alá. Na verdade, uma pessoa tem mais chances de herdar o céu se nunca conheceu o credo: "Existe um só Deus, Alá, e Maomé é o seu profeta".

Maomé disse: "A pessoa morta está sendo torturada no túmulo não por uma grande coisa a ser evitada; mas por ter sido manchada com sua urina" (Hadith 2:460).

O muçulmano é instruído a jejuar, orar, adorar, dar dinheiro aos pobres e fazer uma peregrinação a Meca.

No entanto, aparentemente, todas essas coisas não podem evitar que uma vá para o inferno se ela se manchou com urina.

Os crentes em Alá também se preocupam acerca de quem está falando deles. De acordo com o Hadith: "o morto é punido por causa do choro dos seus parentes" (2:375). Os parentes não devem exagerar no seu luto ou o ente querido morto será punido. Além do mais, se uma pessoa fala mal de outra pessoa, "o inferno foi confirmado" para aquela pessoa que está sendo desprezada (Hadith 2:448).

Em todo o pensamento muçulmano, o inferno sempre parece estar mais perto do que o paraíso. As pessoas são continuamente lembradas da ira de Alá e da ladeira escorregadia para a punição eterna. Se alguém tem febre, por exemplo, Maomé acreditava que a "febre vem do calor do inferno" (Hadith 7:619). Por conseqüência, o Alcorão tem muito a dizer a respeito de quem Alá não ama:

Deus não ama os agressores (surata 2:190).

Deus não ama o pecador e o ingrato (surata 2:276).

Deus não ama os iníquos (surata 3:57).

Deus não ama os presunçosos e os soberbos (surata 4:36).

Política e segurança eterna

Qualquer religião construída sobre um fundamento em que a Salvação é obtida por meio de retidão pessoal tem como premissa que o seguidor deve amar a Deus antes que Deus o ame. Alá deve ser atraído a amar o indivíduo por alguma demonstração de fidelidade por parte desse indivíduo para com ele (surata 4:54). Ao demonstrar seu amor, o muçulmano espera alguma coisa em troca. Com a obediência, ele espera receber prosperidade (surata 24:51-55).

Aqui se encontra uma profunda lacuna em uma religião na qual não existe conexão genuína entre Deus e o ser humano. Alá orienta as pessoas na verdade por meio de seu mensageiro Maomé, mas elas nunca deveriam esperar falar com Alá pessoalmente ou de maneira relacional! O amor nunca faz parte da equação - a religião depende de um senso de dever e um desejo de receber algo em troca.

O mundo islâmico conta as bênçãos de Alá de várias maneiras. O muçulmano fiel será politicamente vitorioso: aqueles que têm influência receberão "a herança da terra, como a havia dado aos que os precederam" (24:55). De acordo com um estudioso muçulmano, pessoas obedientes ao Alcorão herdaram autoridade "para manter a lei de Alá".

Herdar e manter autoridade são temas importantes no relacionamento do muçulmano com Alá. Da mesma forma como o indivíduo espera receber prosperidade do acordo, assim Alá espera dar prosperidade àqueles que vão fazer cumprir sua lei. Não é de admirar que os guerreiros muçulmanos vitoriosos estavam tão prontamente dispostos a coagir um povo conquistado a adotar o islã, ou ao menos o submeter a suas leis.

A prosperidade também se estende a outras áreas da vida. Os muçulmanos acreditam que enquanto forem fiéis a Alá, viverão em paz e segurança em vez de sofrer perseguição nas mãos dos seus opressores. Eles não terão de praticar sua fé em segredo. É paradoxal, porém, que para herdar essa liberdade religiosa os muçulmanos acreditem que devem acabar com a liberdade religiosa dos outros. A Arábia Saudita é um bom exemplo desse paradoxo em ação.

A prosperidade é entendida como integração da política com a religião. A teologia islâmica da prosperidade é vitalmente importante para um relacionamento simbólico com Alá. Assim, política e religião estão inextricavelmente ligadas. Quando Alá concede o sucesso, ele espera que seus fiéis expandam seu reino política e espiritualmente. Sucesso político é essencial para a segurança eterna, embora não exista garantia alguma para isso.

Ó vós que credes, não tomeis por amigos Meus inimigos e vossos inimigos, outorgando-lhes vosso afeto, quando eles negam a verdade que vos foi revelada e expulsaram o Profeta e vos expulsaram pelo único motivo de crerdes em Deus, vosso Senhor. Se viestes para lutar por Minha causa e agradar-Me, como podeis manter com eles uma amizade secreta? Conheço o que ocultais e o que proclamais. Quem assim proceder desvia-se da senda da retidão (surata 60:1).

Segurança eterna também está baseada no ódio muçulmano para com os inimigos de Alá. Maomé deu esse mandamento como orientação futura para todos os crentes, e esse mandamento continua em vigor. Os muçulmanos não devem confiar naqueles que procuram prejudicar a causa de Alá. A pior coisa que o inimigo de Alá pode fazer é persuadir os muçulmanos a “renegar a sua fé” (Surata 60:2).

Portanto o muçulmano é conclamado a odiar os inimigos do islã para ter esperança maior de alcançar o paraíso. O muçulmano também não deve amar as pessoas secretamente, embora aparente odiá-la exteriormente. Se alguém agir dessa forma, Alá o julgará. Portanto, o muçulmano deve odiar apaixonadamente aqueles que são contra a expansão da causa de Alá, tanto exterior quanto interiormente.

Jihad e segurança eterna

Se morrerdes ou fordes mortos pela causa de Deus, sabeis que a indulgência de Deus e a clemência de Deus valem mais do que tudo quanto os outros amontoam (surata 3:157).

O Profeta disse:

"A pessoa que participa da causa de Alá [batalhas santas], e nada a compele a fazê-lo a não ser sua fé em Alá e Seu Apóstolo, será recompensada por Alá, ou com uma recompensa, ou com o despojo [se sobreviver] ou vai ser recebida no Paraíso [se for morta na batalha como mártir]" (Hadith 1:35).

Os repórteres e apresentadores da televisão continuamente transmitem a noção politicamente correta que jihad significa “luta interior por piedade” e não combate militar. No entanto, não é necessário um ensino religioso para verificar que o Alcorão promete o paraíso para aqueles que morrem na batalha pelo islã com maior certeza do que assegura salvação por qualquer outro motivo.

O Hadith torna transparente que o jihad tem como sua característica principal uma luta sangrenta envolvendo batalhas militares. O apóstolo de Alá disse: "Não existe Hégira [isto é, a migração de Meca para Medinah] depois da Conquista [de Meca], mas jihad e boa intenção permanecem; e se você for chamado [pelo governante muçulmano] para lutar, obedeça imediatamente" (Hadith volume 52 número 42).

A promessa de segurança eterna é a razão principal por trás da paixão por Alá no ansioso jovem guerreiro muçulmano. Ele segue os passos do mensageiro Maomé, que lutou pela causa de Alá. Ele está obedecendo as palavras nobres do Alcorão e do Hadith, que legitimam o uso da espada. E se for morto

na batalha, ele alcança o desejo do seu coração - a garantia de Alá de um lugar no nível mais elevado do paraíso.

A busca por um Deus pessoal

O jovem Timothy cresceu no Egito e era filho de um muçulmano devoto. Estudando o Alcorão e sendo adorador da seita mística Sufi do islã, Timothy desejava ter um relacionamento mais próximo e íntimo com Alá. Aos 14 anos de idade, começou a pregar o islã publicamente na primeira segunda-feira de cada mês lunar.

Ansioso por levar outras pessoas para sua fé, Timothy começou a escrever para um cristão nos Estados Unidos. John respondeu a Timothy diligentemente por dois anos, Timothy ficou surpreso quando John o visitou no Egito. Timothy relatou mais tarde: "Fiquei com inveja da intimidade que John tinha com Deus e intensifiquei minhas recitações do Alcorão".

Depois de uma busca incrível em sua alma, Deus se manifestou a Timothy:

Uma noite, Cristo apareceu para mim em um sonho e falou com voz meiga e doce: "Eu te amo!". Percebi quão obstinadamente havia recusado a ele todos esses anos e lhe disse em lágrimas: "Eu também te amo! Eu te conheço! Tu és eterno de eternidade em eternidade". Acordei com lágrimas rolando sobre a minha face, repleto de alegria abundante, crendo que o próprio Cristo tinha tocado minha mente e meu coração, e me entreguei a ele. Eu estava cheio de uma grande paixão por Cristo; fiquei pulando, cantando louvores a seu nome e falando com ele dia e noite. Eu não ia dormir sem a infalível Palavra de Deus, a Bíblia, junto ao meu peito .

Timothy encontrou o que procurava por toda a vida. Uma relação com Deus íntima e pessoal. O amor o assegurou eternamente. Mas não veio sem um custo. Porque Timothy se recusou a esconder a sua fé, isto quase lhe custou a vida. Perseguido e preso, Timothy se refugiou no amor de Cristo. E, um dia, ele foi sentenciado à morte pelas autoridades. Porém, escapou e emigrou para os Estados Unidos. Agora, anos mais tarde, Timothy se firma na grande promessa da Bíblia - a salvação. Ele conclui seu testemunho:

Por favor, não me permita apressar sua salvação, Senhor, no meio da dificuldade, e, por favor, dá-me paciência para que possa suportar o sofrimento como um soldado da cruz de Cristo! Senhor, que seu amor me consuma a tal ponto que fazer a sua vontade seja o verdadeiro pão da minha vida .

Maomé: O mensageiro militante

E eles cantavam um cântico novo: "Tu és digno de receber o livro e abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5:9).

Nós te enviamos como testemunha e como anunciador de boas e como admoestador. Para que vós, habitantes de Meca, acrediteis em Deus e no Seu Mensageiro e possais socorrê-los e honrá-los e glorificar Deus pela manhã e à noite (surata 48:8-9).

LÍDERES EXIGEM OBEDIÊNCIA. Qualquer grande religião deve ser conhecida, em primeiro lugar, por intermédio dos olhos do seu fundador. Tanto no cristianismo quanto no islã, os fundadores requerem

respeito e submissão. Tanto Maomé quanto Cristo disseram a seus seguidores para dar ouvidos a suas palavras e observar suas vidas como um modelo para agradar a Deus. Paulo diz aos cristãos em Filipenses capítulo 2 verso 5: “Seja a atitude de vocês a mesma que houve em Cristo Jesus”. No Alcorão, o profeta explica: "O Mensageiro de Deus é um belo exemplo para os que confiam em Deus e que no último dia recordam Deus com frequência" (surata 33:21).

O exemplos não precisam ser seguidos meticolosa e precisamente em cada uma das religiões. Mas os discípulos devem ser aptos a confiar nos mandamentos e ensinamentos de seu líder. O primeiro critério para avaliar o valor do islã ou do cristianismo é determinar se Maomé e Jesus Cristo são modelos dignos.

Visto que os muçulmanos e não-muçulmanos têm escrito biografias grandemente divergentes de Maomé, a fonte de informação primária é a mais segura. Uma das fontes disponíveis mais confiáveis é o Hadith, a tradição oral que os muçulmanos tem guardado com muito cuidado quase desde os dias da vida do profeta. Embora o texto cite o Alcorão, fica subentendido que somente o texto árabe é aceito como o verdadeiro Alcorão. Todas as outras traduções são consideradas interpretações das Escrituras dadas por Maomé.

A vida

Nascimento, infância e tragédia

O cristianismo e o islã ensinam que Jesus nasceu da virgem Maria. A origem de Maomé é mais complexa e menos favorecida do que a infância de Cristo com José e Maria. Nascido em torno de 570 d.C, em Meca, Maomé fazia parte de uma tribo cujo dever era guardar a Caaba, a pedra usada para diversas oferendas a deidades pagãs. Abdulá, o pai de Maomé, morreu antes de seu nascimento e sua mãe, Amina, morreu quando Maomé tinha apenas seis anos de idade. O avô, Abd al-Muttalib, cuidou do menino por dois anos e depois também morreu. Finalmente, o tio de Maomé, Abu Talib, tomou conta dele. Apesar de todas as calamidades que ocorreram com Maomé, ele teve uma infância normal, com a exceção de nunca ter participado das atividades pagãs em Meca.

O amor da sua vida

Ó Profeta, dize a tuas esposas: “Se é a vida terrena que quereis, com seus adornos, vinde: dar-vos-ei vossa provisão e libertarvos-ei com benevolência” (surata 33:28).

De acordo com Fahd no Santo Alcorão, as esposas (de pureza) se referem às esposas do santo profeta. Elas foram mulheres extraordinárias que tinham deveres especiais e responsabilidades devido a seu casamento com Maomé.

Quando jovem, Maomé recebeu o patrocínio de uma viúva rica, Khadija e conduziu uma bem-sucedida caravana comercial para a Síria. Em seguida, casou-se com Khadija, que era quinze anos mais velha do que ele. O casamento foi bom para ambos, embora seus dois filhos homens tenham morrido na infância. Eles também tiveram quatro filhas, duas das quais casaram-se com futuros califas, líderes espirituais e políticos do islã.

Khadija morreu quando Maomé tinha cinquenta anos. Por 25 anos, Maomé conheceu apenas uma mulher, que foi o amor da sua vida e seu maior apoio. Maomé era, na verdade, exceção em sua cultura. A maioria dos homens de posição elevada tinha inúmeras mulheres. Somente mais tarde, Maomé teve mais onze mulheres como esposas e concubinas, a mais jovem das quais tinha nove anos quando consumaram o casamento.

A primeira revelação: divina ou demoníaca?

Dize: “Não sou um inovador entre os Mensageiros. Eu não sei o que será feito de mim e de vós. Não faço senão seguir o que me é revelado. Sou apenas um admoestador fidedigno” (surata 46:9).

Graças a seu casamento financeiramente confortável, Maomé desfrutou quinze anos de tempo livre para meditar. Quando tinha quarenta anos, ele acreditou que o anjo Gabriel o chamou para ser o último profeta e o de maior autoridade. A narrativa mais aceita relata:

Na noite em que Deus o honrou com sua missão e mostrou misericórdia ao seu servo, Gabriel trouxe a ele o mandamento de Deus. “Ele veio a mim”, diz o Apóstolo de Deus, “enquanto eu estava dormindo, com uma colcha decorada sobre a qual tinha algo escrito, e disse: ‘Recita!’. Eu disse: ‘O que devo recitar?’”. Ele me comprimiu com ela tão firmemente que eu pensei que era a morte; então ele me deixou ir e disse: ‘Recita!’. Eu disse: ‘O que devo recitar?’”. Ele me comprimiu com a colcha novamente e eu pensei que era a morte; então ele me deixou ir e disse: ‘Recita!’. Eu disse: ‘O que devo recitar?’”. Ele me comprimiu com ela pela terceira vez e eu pensei que era a morte e ele disse: ‘Recita!’. Eu disse:

‘O que, então, devo recitar?’ eu disse isto apenas para libertar-me dele, a fim de que não voltasse a fazer a mesma coisa comigo. Ele disse: ‘Recita em nome do teu Senhor que criou, criou o homem de sangue coagulado. Recita! O teu Senhor é o mais generoso, Que ensinou com a pena, Ensinou ao homem o que não sabia’ [surata 96:15]. Assim eu recitei o que estava escrito, e ele me deixou. E eu acordei do meu sono e foi como se estas palavras tivessem sido escritas em meu coração” .

O "chamado" de Maomé cria dificuldades. O futuro profeta expressa ceticismo em relação ao encontro, embora ele tenha visto um dos arcanjos de Deus em sua visão. Por que o maior dos profetas duvidaria da validade de sua própria visão? Duas possíveis razões podem ser citadas: ou, por um lado, Maomé era fraco e ingênuo demais para entender a profecia; ou, por outro, Alá não se revelou claramente, ou não entendia a fraqueza do homem. Maomé estava com um medo mortal acerca da fonte da revelação, acreditando inicialmente que ele estava possuído por um espírito mal ou djim. Ele contou a sua confiável esposa o que tinha experimentado. O relato, descrito no Hadith de Sahih Al-Bukhari, explica:

Então o Apóstolo de Alá retomou com a Inspiração e com seu coração batendo aceleradamente. Ele foi falar com Khadija bint Khuwailid e disse: “Cubra-me! Cubra-me!”. Eles o cobriram até que seu medo passasse e depois contou a ela o que aconteceu e disse: “Eu temo que alguma coisa possa acontecer comigo”. Khadija respondeu: “Nunca! Por Alá, ele nunca causará desgraça a você. - Mantenha boas relações com sua parentela, ajude os pobres e os desamparados, sirva seus hóspedes generosamente e auxilie os honestos atingidos pela miséria” (Hadith 1:1,3).

Para aqueles que deveriam seguir o modelo de fé do fundador de sua religião, as dúvidas de Maomé são preocupantes: por que o maior profeta duvida da fonte de sua própria revelação profética? Os profetas da Bíblia ocasionalmente se perguntam como Deus demonstrará suas palavras, mas nunca houve dúvida alguma de que ele havia falado. Certamente, nenhum grande profeta da Bíblia atribuiu a revelação de Deus a demônios, como foi o caso de Maomé, que acreditava que estava possuído por um demônio depois de receber a revelação de Alá.

Finalmente, a teologia islâmica afirma que as mulheres são intelectualmente inferiores aos homens. Um Hadith explica: “O Profeta disse: ‘O testemunho de uma mulher não equivale à metade do testemunho de um homem?’”. As mulheres responderam: ‘Sim’. Ele disse: ‘Isto é por causa da deficiência da mente de uma mulher’ ”. No entanto, foi Khadija que confirmou as revelações de Maomé.

É importante mencionar que Maomé recebeu sua primeira visão no mês do ramadã, o mês sagrado do islã, quando os muçulmanos fazem jejum de comida e bebida, abstinência sexual e de outras atividades. Portanto, quando alguém ataca a visão de Maomé, está atacando o mês mais sagrado do calendário islâmico.

Mais revelações

Eles o chamarão de mentiroso. Eles o perseguirão; eles o banirão e eles lutarão contra você (Waraqá para Maomé).

Depois de sua primeira revelação, Alá ficou em silêncio por cerca de três anos. O profeta ficou desesperado, pois tinha dúvidas, de que Alá estivesse se agradando de sua conduta e obediência.

Mesmo sua fiel esposa Khadija perguntou: “Não parece que o seu Senhor está descontente com você?”. Maomé procurou conforto em seu refúgio favorito - o monte Hira. Ali, o profeta experimentou a escura noite de sua alma, chegando a pensar em pular do monte e acabar com a vida. De acordo com um biógrafo muçulmano, no entanto, o profeta experimentou a paz por meio das palavras de Alá:

Como as asas da manhã e da noite se estendem sobre o mundo em paz, seu Senhor não abandonou você; nem está descontente com você. Certamente, o fim lhe será melhor do que o início. Seu Senhor logo lhe mostrará sua generosidade e você ficará satisfeito. Ele não o encontrou órfão e lhe deu um abrigo? Não o encontrou errante e o guiou para a verdade?... A generosidade de seu Senhor sempre prevalece .

O chamado de Maomé foi finalmente confirmado depois de uma busca obsessiva de sua alma. Devido a seu estado mental, surge a pergunta óbvia se aquele chamado é confiável. Lembre que o profeta torturado acreditou repetidas vezes que estivesse possuído por um demônio. O que subitamente o convenceu de que agora recebia o que desejava tão desesperadamente - a autêntica voz de Deus?

Em primeiro lugar, o desejo de sua esposa precisa ser avaliado. Ela renovou a confiança do marido de que ele seria “o Profeta desta nação”.

Em segundo lugar, a confirmação das revelações pode ser questionada. As esposas de Maomé acreditavam que as visões eram autênticas devido às convulsões incontrolláveis de Maomé. Aishah, a esposa mais jovem, racionalizou:

Pensando que algo nefasto pudesse acontecer, todos na sala estavam com medo, exceto eu. Eu não estava com medo de coisa alguma, sabendo que era inocente e que Deus não seria injusto comigo. Quanto a meus pais, quando o Profeta recobrou-se da convulsão, eles estavam tão pálidos a ponto de morrer antes que o mexerico pudesse ser provado como verdadeiro. Depois que Maomé se recuperou, ele sentou-se e começou a enxugar o suor da testa. Ele disse: “Boas notícias! Ó, Aishah, Deus enviou provas de sua inocência” .

Em terceiro lugar, revelações posteriores tornaram-se cada vez mais excêntricas. Em um dado momento, Maomé afirmou ter falado com os mortos. Questionado acerca do incidente por seus discípulos novatos, o profeta respondeu: “[Os mortos] me ouvem tanto quanto vocês, exceto que são incapazes de me responder”. Maomé não só afirmava que se comunicava com os mortos, como também orava pelos mortos no cemitério de Baqi ai Gharqad. Estudiosos muçulmanos não dão explicações sobre esse fenômeno. Ao contrário, acreditam que ele era um paranormal, dotado de percepção e sensibilidade muito elevadas. Um autor diz que a comunicação entre os vivos e os mortos é um “fato indubitável” .

Maomé oscilava entre as revelações de Satanás e de Alá. A mais famosa dessas visões resultou nos conhecidos “versos satânicos”. Maomé revelava a seus seguidores as palavras de Alá:

Vocês consideraram al-hat e al-Uzza

E al-Manat, o terceiro, o outro?

Estes são os poetas exaltados;

Suas intercessões são esperadas;

Seus gostos não são negligenciados .

Essa revelação, ordenando que permitissem a intercessão a certos ídolos, chocou os discípulos de Maomé. Reconhecendo a discrepância teológica e a concessão ao paganismo, Maomé retirou sua revelação, explicando que Satanás o havia induzido a escrever os versos. O anjo Gabriel foi ao profeta e declarou: “Deus cancela o que Satanás insere”. Como era de esperar, Maomé prontamente recebeu outra revelação que cancelava as últimas três linhas (versos).

Em quarto lugar, Maomé sentia a necessidade de aperfeiçoar as palavras de Alá, visto que ele substituiu a sabedoria de Alá por sua própria sabedoria em várias ocasiões. Um hadith fala das correções descuidadas de Maomé:

Em uma série de ocasiões ele tinha, com o consentimento do Profeta, mudado as palavras de certos versos. Por exemplo, quando o Profeta tinha dito: “E Deus é poderoso e sábio” [‘aziz, hakim], ‘Abdollah b. Abi Sarh sugeriu escrever “conhecedor e sábio” [‘alim, hakim], e o Profeta respondeu que não havia objeção. Tendo observado uma sucessão de mudanças desse tipo, ‘Abdollah renunciou ao islã pelo fato de que as revelações transmitidas por Deus não poderiam ser mudadas por um escriba como era seu caso. Depois de sua apostasia, ele foi a Meca e uniu-se aos coraixitas .

Quase quatrocentos anos mais tarde, o pesquisador curioso deve fazer a mesma pergunta do escriba ‘Abdollah: como pode um simples mensageiro de Alá ter o direito, o poder ou a arrogância de mudar as próprias palavras de Deus? Mesmo se a fonte fosse o próprio Deus, o Alcorão não pode ser de confiança, visto que seu autor humano foi descuidado e desatencioso com a revelação.

Considere que ‘Abdollah uniu-se aos coraixitas, que se devotavam à adoração do deus lua. Para ‘Abdollah, a teologia politeísta contra a qual Maomé estava lutando tinha se tornado mais convincente do que o novo monoteísmo.

Perseguição e tentativa de assassinato

Quando Maomé proclamou aos habitantes de Meca que suas deusas eram simples mitos e que Alá era o único deus verdadeiro, foi perseguido de imediato. Pouco tempo depois, sua esposa Khadija morreu, e também seu maior benfeitor, Abu Talib. Sem, a proteção deles, nem mesmo os homens de sua própria tribo se dispuseram a intervir em favor do profeta. A investida contra Maomé começou com uma disputa verbal e expressões de indignação. As pessoas acusavam o homem que se autoproclamou profeta de ser lunático, mentiroso e endemoninhado. Não se sentindo seguro em Meca, Maomé teve de buscar refúgio em outro lugar.

Antes de deixar Meca, Maomé afirmou ter sido transladado para o reino do céu, passando primeiro pelas

terras ao redor de Jerusalém. Ali ele encontrou todos os grandes profetas, incluindo Moisés e Jesus. Alá usou essa jornada fantástica para explicar a seu profeta as orações diárias da adoração islâmica. Foi a gota d'água para muitos em Meca. Eles queriam ver aquele estranho profeta longe dali. Dois anos depois, em 621, alguns homens de Medina secretamente aceitaram a fé do islã na peregrinação anual a Caaba. No ano seguinte, o grupo recebeu novos adeptos que estavam zelosamente comprometidos com seu líder, a ponto de se dispor a morrer por ele como o fariam pelas suas próprias famílias.

Essa seita, que crescia gradualmente, enfureceu os líderes de Meca. Para eliminar essa nova religião, delinearam um plano para assassinar Maomé, acreditando que matando o profeta, a nova fé inventada também seria erradicada. No entanto, essa decisão tornou-se o ponto de partida cronológico e teológico da fé islâmica. Os muçulmanos hoje começam seu calendário lunar com a fuga (Hégira) de Maomé de Meca. Os muçulmanos consideram a proteção de Maomé por Alá durante essa perseguição como uma confirmação de sua fé.

Maomé e seu melhor amigo, Abu Bakr, escaparam de seus assassinos e chegaram em segurança a Medina, em 24 de setembro de 622. Aqui o novo grupo de crentes em Alá foi bem recebido em uma área que era conhecida pela forte tradição do monoteísmo judaico. O profeta aclimatou-se rapidamente a esses costumes culturais. Seguindo o exemplo dos judeus, os muçulmanos se voltavam para Jerusalém (não Meca) quando oravam a Alá, e os muçulmanos também adotaram o dia da propiciação judaico como o dia de jejum na comunidade islâmica.

Maomé, em pouco tempo, unificou uma região dividida em facções. Ele ensinou os cidadãos a viver em paz e a se protegerem mutuamente de inimigos externos. Os judeus, no entanto, logo perceberam as contradições entre a Escritura hebraica e o Alcorão e rejeitaram a mensagem e autoridade de Maomé. O Alcorão é ofensivo em sua avaliação sobre os judeus.

Dos adeptos do Livro [judeus e cristãos], combatei os que não crêem em Deus [Alá] nem no último dia e não proibem o que Deus e Seu Mensageiro proibiram e não seguem a verdadeira religião - até que paguem, humilhados, o tributo (surata 9:29).

Encontrarás nos judeus e nos idólatras os inimigos mais duros dos crentes [muçulmanos] (surata 5:82a).

Os descrentes dentre os adeptos do Livro e os idólatras irão para o fogo da Geena onde permanecerão para todo o sempre. São eles as piores de todas as criaturas (surata 98:6).

O Legado

Jihad

Maomé havia unificado a região, no entanto, perdera a capacidade de prover seu próprio sustento. Já não podia mais sustentar sua família financeiramente por intermédio do comércio em caravanas. Portanto, os muçulmanos começaram a atacar caravanas para conseguir dinheiro. Eles se sentiam justificados a praticar esse tipo de ataques, visto que seus inimigos os haviam expulsado de suas casas; eles se tornaram combatentes a serviço de Alá. Nem todos os novos crentes estavam dispostos a fazer uso da espada para conseguir poder e governo teocrático. Por meio do profeta-guerreiro Maomé, Alá prometeu incentivos àqueles que lutassem a serviço de Alá.

Não há igualdade entre os crentes que permanecem em casa, sem serem inválidos, e os que combatem [jilzad]e arriscam bens e vida a serviço de Deus. Deus eleva os que lutam por Ele com seus bens e sua vida um grau acima dos outros [que permanecem em casa]. A todos, Deus promete excelente recompensa, mas conferirá aos combatentes paga superior à dos que permanecem em casa: Honrarias e o perdão de Deus e Sua clemência. Deus é indulgente e misericordioso (surata 4:95-96).

Aqueles que deixaram suas terras e foram expulsos de suas casas e perseguidos por Minha causa e sofreram danos e combateram e foram mortos, absolvê-los-ei dos pecados e os conduzirei a jardins onde correm os rios: uma recompensa de Deus. Deus dá grandes recompensas (surata 3:195).

O próprio Maomé deu o exemplo para o jihad (guerra santa; luta). Não havia uma conclamação governamental para a guerra, somente o desejo individual que levava às maiores recompensas no céu. Não havia também muito espaço para valores éticos. Qualquer coisa que os muçulmanos fizessem era justificado, visto que sua causa era justa. Os islamitas acreditavam que receberiam perdão por todos seus pecados somente ao lutar no jihad. Portanto, não deveria causar espanto que a guerra santa continue sendo uma convocação profética.

Maomé deu sua prescrição para a vitória, de acordo com o Alcorão, com significado eterno:

A guerra foi-vos prescrita, e vós a detestais. Mas quantas coisas detestais que acabam vos beneficiando, e quantas coisas amais que acabam vos prejudicando! Deus sabe, e vós não sabeis. [...] Mas expulsar dos lugares santos os seus habitantes é uma transgressão maior ainda, pois o erro é pior que a matança. Ora, não pararão de vos combater até que vos levem, se puderem, a renegar vossa religião (surata 2:216-217).

As expedições militares de Maomé

Mas quando os meses sagrados tiverem transcorrido, matai os idólatras onde quer que os encontréis, e capturai-os e cercai-os e usai de emboscadas contra eles (surata 9:5).

Os muçulmanos sabem claramente contra quem devem combater: "Combatei os que não crêem em Deus nem no último dia" (surata 9:29). Essa admoestação somente acabará quando os inimigos forem "subjugados" e pagarem uma compensação contínua pela proteção islâmica. Esse programa de tributos une eternamente o islã ao Estado. Assim, a segurança de qualquer não muçulmano está nas mãos do mesmo muçulmano militante a quem é prometido o céu por matar o descrente. O Hadith explica que nenhum muçulmano que mata um infiel merece a morte.

A maior diferença entre Jesus Cristo, como Deus e Salvador, e Maomé, como profeta de Alá, se encontra neste ponto. Jesus Cristo derramou seu próprio sangue na cruz para que as pessoas pudessem ter acesso a Deus. Maomé derramou o sangue de outras pessoas para que seus seguidores pudessem ter poder político por toda a península arábica. Além disso, já que Maomé é visto como "um belo exemplo para os que confiam em Deus e no último dia" (surata 33:21), não precisamos procurar em outros lugares a explicação para os atos violentos dentro do islã além do próprio caráter de seu fundador. Será que Maomé era um homem de paz que derramou o sangue de pessoas somente como um último recurso? Quando ele matava os outros, seus atos faziam parte de uma guerra ou de uma vingança pessoal? A resposta a essas perguntas mancha a integridade ética da visão de mundo islâmica.

Uma batalha importante para o profeta ocorreu em Badr, em março de 624. Maomé estava liderando 300

homens contra uma grande caravana de mercadores a caminho de Meca. Conta-se que a pilhagem rendeu aos saqueadores o equivalente a 50 mil dólares (em valores atuais) - uma injeção de dinheiro necessária para a continuação de sua ação militar. Em resposta, os habitantes de Meca enviaram novecentos e cinquenta guerreiros para desafiar os muçulmanos. Seu encontro foi uma vitória breve e convincente para os islamitas, que perderam quatorze homens. Os guerreiros de Meca perderam quarenta e cinco homens e mais setenta foram feitos prisioneiros. O profeta atribuiu a vitória ao poder de Alá. Para atrair mais homens a lutar pela causa do islã, Maomé revelava as palavras de Alá para o mensageiro: “ó Profeta, exorta os crentes ao combate. Se houver vinte dentre vós que sejam firmes, prevalecerão sobre duzentos, e se houver cem, prevalecerão sobre mil dos descrentes” (surata 8:65).

No entanto, na vitória, Maomé cometeu um ato de crueldade que demonstra sua necessidade de vingança. Entre os prisioneiros enviados para seu campo havia um poeta da Pérsia chamado Uqbah ibn Abu Muayt. Esse artista afirmava que seus contos eram mais prazerosos para se ouvir do que o Alcorão. Quando o profeta-guerreiro ordenou que ele fosse executado, o persa exclamou: “ó Maomé, se você me matar, quem vai cuidar de meus filhos?”. O profeta respondeu: “O fogo do inferno”. Outros prisioneiros tiveram melhor sorte do que a desse poeta. Muitos foram libertados sem uma pré-condição no caso de possuírem grandes famílias. Alguns foram soltos com a condição de ensinarem outros a ler e a escrever. Parecia que as ações do guerreiro eram excêntricas, dependentes de seu humor e de sua percepção sobre os defeitos do prisioneiro.

Ficava cada vez mais claro que Maomé estava progredindo e ganhando confiança. Ele e seus seguidores não toleravam mais insubordinação, nem que Maomé ou o nome de Alá fossem ridicularizados. Todo aquele que insultava o nome ou a causa de Alá era tratado com severidade. Um exemplo foi a poetisa Asma, que satirizava o profeta continuamente. Em uma noite, Umayr ibn 'Awf, líder militar dos muçulmanos, atacou essa mulher enquanto ela estava amamentando um de seus sete filhos. Embora estivesse quase cego, ibn 'Awf não deixou que sua inabilidade impedisse seu zelo. Arrancando o filho dos braços dela, o militante matou a mãe com prazer. Depois, ele retornou ao acampamento e contou a Maomé o que havia feito. Os estudiosos muçulmanos encontram conforto nesse acontecimento porque a tribo à qual a poetisa pertencia, Banu Khutmah, converteu-se ao islã.

O aborrecimento de Maomé com a comunidade judaica é mais claramente percebido por meio do conflito com um poeta de Meca chamado Ka'b. Filho de pai árabe e mãe judia, Ka'b criticava de modo persuasivo a incontestabilidade e o caráter do profeta. Maomé retrucou tanto intelectual quanto militarmente. Ele contratou um lírico talentoso chamado Hassan ben Thabit para enaltecer os atos de Maomé por meio do canto. Depois, ordenou a seus seguidores que eliminassem o antagonista. Certa noite, Ka'b foi arrancado de sua casa e imolado. Um dos algozes, Abu Na'ilah, agarrou Ka'b pelo cabelo, derrubou-o no chão e disse a seus amigos: “Matem o inimigo de Deus!”. Ka'b foi morto à espada.

Embora os muçulmanos parecessem invencíveis, eles logo aprenderam que a evangelização pela espada não era fácil. Na batalha de Uhud, por exemplo, os habitantes de Meca não tinham esquecido as derrotas e a humilhação em lutas anteriores. O povo de Meca também conhecia aquela região muito melhor do que os muçulmanos. A batalha que se seguiu foi violenta. O guerreiro muçulmano era particularmente conhecido pela sua crueldade: “Por Deus, matava homens, não poupando ninguém, como se fosse um enorme camelo furioso”. As forças muçulmanas usavam o grito de guerra: “Allah Akbar - Deus é grande!”. Hassan ben Thabit, o poeta de Maomé, clamava: “Nós os dispersávamos como gamos”. Mesmo as mulheres e os animais não foram poupados. Thabit escreveu mais adiante: “Nós os atacávamos golpeando, matando, punindo. [...] Se a mulher Harithite não tivesse agarrado seu estandarte, teríamos

levado todos para o mercado e os vendidos como cabras”.

Mas a batalha mudou de rumo quando os arqueiros muçulmanos desprezaram as ordens de Maomé e ajudaram seus companheiros sitiados que estavam próximos deles. Os muçulmanos foram atacados pelos flancos pelos guerreiros tempestuosos de Meca e cercados. As mulheres de Meca, a seguir, uniram-se à causa, encorajando seus bravos homens com tamborins. Uma mulher, no meio do fervor da guerra, cortou as entranhas de um muçulmano caído e as colocou ao redor do seu corpo. Maomé e o restante dos muçulmanos recuaram para uma área mais elevada. Os guerreiros de Meca perceberam que o triunfo estava em suas mãos e acreditavam que o deus Hubal tinha sido vitorioso. Maomé gritou para seus adversários: “Deus é Altíssimo e glorioso! Nossa morte está no paraíso, a de vocês no inferno!”. Os muçulmanos foram derrotados e tiveram que se reagrupar.

Em 627, uma força da confederação árabe com dez mil homens lutou contra os muçulmanos em Medina. O povo de Meca não conseguiu atravessar o profundo fosso que havia sido cavado diante da fortaleza muçulmana; por isso retrocederam, deixando os judeus remanescentes de Medina sem proteção. Maomé, percebendo a oportunidade de exterminar a última tribo judaica, acusou os judeus de conspirar com o exército de Meca. Oitocentos homens judeus foram decapitados na extremidade de uma trincheira, um procedimento que durou o dia todo e entrou noite adentro. Alguns podem afirmar que aqueles que lutaram pela cruz de Cristo cometeram crimes semelhantes contra a humanidade durante as Cruzadas e em outras expedições militares. Mas a questão não é o que os seguidores fazem em tempo de guerra que mancha a suposta honra de Maomé ou Alá ou Cristo. Os dois lados cometeram graves violações. Na verdade, a guerra em si demonstra a extensão da pecaminosidade humana. O que estamos procurando trazer à tona é a dignidade do líder. Jesus não comandou os expedicionários sanguinários das Cruzadas. Os apologistas muçulmanos não apresentam argumentos vigorosos em favor da dignidade de Maomé quando comparam sua propensão para o derramamento de sangue com a dos exércitos cristãos, que desobedeceram as Escrituras.

Os fracassos pessoais de Maomé também são um sério problema. Embora os muçulmanos considerem Maomé um simples homem, eles o descrevem como tendo um caráter nobre, que os muçulmanos são chamados a imitar. Demasiadas vezes eles o fazem. Não é de admirar que alguns muçulmanos estão dispostos a morrer pela sua fé e que outros não sentem impedimento ético algum em matar por Alá e seu profeta. Claramente Jesus foi um profeta muito superior, cheio de paz e misericórdia. Maomé era implacável na guerra, não considerando condutas éticas quando estava no fervor da selvageria. A única vida que Jesus Cristo entregou voluntariamente foi a sua própria. Seu caráter mostra compaixão contínua e incontestável. Maomé foi inconstante e hostil com aqueles que não estavam dispostos a segui-lo.

Depois de exterminar os judeus em Medina, Maomé rapidamente avançou para seu alvo final: a conquista de Meca. Desejando governar sua cidade natal e crendo que ela era a cidade santa do islã, o profeta concentrou toda a atenção em seus inimigos. Os acontecimentos que levaram à guerra estão expostos na figura 1.

FIGURA I: OS ANOS DE SUCESSO	
627	Maomé subjuga os aliados de Meca/coraixitas.
	Maomé sai com mil e quatrocentos seguidores para peregrinação a Meca.

A
N
O

628

Maomé e os líderes de Meca assinam um tratado de paz de dez anos, concedendo permissão ao profeta para peregrinações. Finalmente, Maomé é considerado um adversário igual e não um bandido renegado. Maomé luta contra os judeus por Khaybar. Ele não acredita que pode controlar Arábia sem exterminá-los. Os judeus se rendem com a condição de permanecerem vivos e pagarem tributo anual.

630

Ele casa com Sufia, uma mulher judia.
Os coraixitas quebram a trégua, matando diversos aliados de Maomé.

Maomé estava injuriado com a quebra da trégua. Ele preparou dez mil homens para marchar contra a cidade de Meca e matar todos que resistissem. No entanto, quando chegou a Meca, o profeta não parecia inclinado a derramar sangue desnecessariamente. Maomé entrou na cidade com pouca resistência e seu maior rival, Abu Sufyan, converteu-se imediatamente ao islã. Imagens de deuses pagãos foram destruídas e a Ka'aba foi estabelecida como o centro do islã. Somente quatro pessoas foram executadas, incluindo uma poetisa, que tinha cometido o crime capital de compor poemas líricos satirizando o profeta.

Em geral, o profeta era misericordioso e benevolente, chegando a repartir igualmente o despojo obtido na guerra. Mas também era assassino, culpado de crimes contra a humanidade.

Ao analisar a vida militar de Maomé, várias observações são necessárias. Primeiro, Maomé foi menos cruel do que muitos outros guerreiros da península arábica. Segundo, o desejo de Maomé era ver seus companheiros de tribo convertidos ao islã, aos seus olhos a verdadeira religião e a única maneira de alcançar o paraíso. Terceiro, Maomé foi um incrível estrategista de guerra.

Mas as censuras surgem rapidamente. Primeiro, Maomé não tinha simpatia alguma para com seus críticos. Segundo, ele não fazia distinção entre combatentes e não combatentes: mulheres e crianças. Terceiro, a generosa misericórdia mostrada para com sua tribo de Meca não foi repetida em outros grupos. Os judeus e outras tribos não receberam a mesma benevolência. Quarto, Maomé permitiu a seus comandantes usar táticas bárbaras para subjugar o inimigo. Quinto, é significativo que ele raras vezes tenha realizado conversões, exceto por meio da coação. O alvo de Maomé era o completo controle da península árabe. Para esse fim, obrigava a conversão de todas as pessoas ao islã. Se a teimosia de grandes populações, como os judeus e os cristãos, tornava essa tática impraticável, o povo tinha de concordar em submeter-se ao islã e a seus adeptos e em pagar tributo por “sua proteção”.

Que explicações os historiadores e teólogos muçulmanos dão para essas conclusões? Muhammad Haykal, um conhecido defensor da fé islâmica, responde: “Acaso podemos comparar as nossas guerras, mesmo em proporção infinitesimal, à matança que ocorreu na primeira e segunda Grande Guerras? Acaso podemos compará-las aos acontecimentos da Revolução Francesa, ou a muitas outras revoluções que ocorreram entre as nações cristãs da Europa?” . Novamente, essa comparação é fraca. Primeiro, as guerras mundiais não ocorreram por motivo religioso, mas pela causa de uma paz mundial justa. Segundo, a maioria dos europeus foi para a guerra reagindo aos ataques contra sua própria soberania; eles não instigaram a guerra como foi o caso de Maomé. Seu alvo não era a conquista, mas a liberdade e a sobrevivência. Terceiro, os muçulmanos generalizam continuamente todas as atividades dos europeus ou

ocidentais como representantes da ética cristã. Mas os islâmicos não percebem a ironia dessa generalização quando acusam os ocidentais de assumir que todos os terroristas são muçulmanos. Se a comparação fosse verdadeiramente equivalente, os ocidentais teriam razão em dizer que homens bombas suicidas representam o islamismo.

Precisando explicar as ações do profeta-guerreiro, Haykal arrogantemente afirma que, mesmo se todas as acusações contra Maomé fossem verdadeiras, ele poderia simplesmente "refutá-las com o argumento simples de que os grandes estão acima da lei". Com esse raciocínio, Maomé, embora fosse apenas um profeta de Alá e seu mensageiro, estava acima do âmbito das responsabilidades e direitos humanos devido a sua "grandeza". Ele podia matar quem quisesse e quando quisesse. Ele podia casar com mais de quatro mulheres, embora a lei islâmica na época proibisse isso. A ironia é que os estudiosos muçulmanos proclamam Maomé como alguém que deve ser ouvido e seguido. Haykal conclui: "A vida [de Maomé] constitui o ideal mais elevado, o exemplo perfeito e a instância concreta do mandamento de seu Senhor" (grifos dos autores) . Será que precisamos nos perguntar de onde os militantes muçulmanos recebem sua inspiração e estímulo?

O maior perigo para os cristãos e judeus ocorreu quando eles foram subjugados e forçados a submeter-se à sociedade islâmica. Em um ambiente como esse, o conceito de pluralismo religioso e liberdade não faz sentido. A ordem do Alcorão é que qualquer pessoa culpada de "cometer excessos na terra" (surata 5:32), um julgamento totalmente subjetivo, está sujeito a uma das quatro punições:

O castigo dos que fazem a guerra a Deus e a Seu Mensageiro e semeiam a corrupção na terra é serem mortos ou crucificados ou terem as mãos e os pés decepados, alternadamente, ou serem exilados do país: uma desonra neste mundo e um suplício no Além (surata 5:33).

Os países muçulmanos diferem vastamente em relação à definição de "traição" contra Alá e o Estado islâmico. No exemplo perfeito de Maomé, os critérios se estendem desde a revolta violenta até a insurreição verbal. Os missionários são criminosos culpados de traição diante dessa interpretação.

Profeta polígamo

Os homens têm autoridade sobre as mulheres pelo que Deus os fez superiores a elas e porque usam de suas posses para sustentá-las. As boas esposas são obedientes e guardam sua virtude na ausência de seu marido conforme Deus estabeleceu. Aquelas de quem temeis a rebelião, exortai-as [primeiro], [em seguida] bani-as de vossa cama e [por último] batei nelas (surata 4:34).

As esposas de Maomé se orgulhavam de que ele era um grande homem, embora advogasse a idéia de bater na esposa - se bem que em casos extremos. Ele acreditava que aqueles que batiam em suas esposas não eram os "melhores entre os muçulmanos", uma condenação dura dessa prática. Enquanto esteve casado com Khadija, sua primeira esposa, Maomé foi contra o status quo da poligamia, permanecendo monogâmico por vinte e cinco anos. No entanto, depois da batalha de Uhud, ele expandiu sua família, provavelmente devido a alianças políticas. Ao todo, casou-se com onze mulheres e teve duas concubinas (cf. figura 2).

FIGURA 2: AS ESPOSAS DE MAOMÉ

NOME DA ESPOSA	ANO APROXIMADO	IDADE DA MULHER
	DO CASAMENTO	AO CASAR
*Khadija	595	40
Sawda	620	30
Aisha	623	9
Hafsah	625	18
Um Salma	626	29
Zaynab	626	30
Juweyriyeh	627	20
Zaynab bint Jarsh	627	38
Rayhana (judia)	627	(?)
Maryam (cristã)	628	(?)
Um Habeeba	628	35
Sufia	628	17
Maimoona	629	27

*Maomé tinha 25 anos quando se casou a primeira vez

Maomé foi uma figura complexa. Seus padrões de fidelidade e bondade no casamento excediam a ética de seus dias entre as tribos pagãs da Península Arábica. Contudo, sua “permissão” para bater nas esposas não se enquadra nos padrões de nosso século, exceto nas sociedades muçulmanas. Sua poligamia é uma conduta aceitável no contexto histórico, quer cristão quer pagão. Mas se o padrão é aquele estabelecido em Gênesis 2:24, seu estilo de vida era pecaminoso e não deveria ser imitado. Exemplos de poligamia são encontrados nas páginas da Bíblia, mas a prática nunca foi defendida pelas Escrituras. De modo contrário, o Alcorão diz explicitamente que um homem pode ter mais de uma esposa. Em última análise, Maomé melhorou as condições das mulheres de sua época, mas aqueles melhoramentos são inadequados para o século XXI. O islã não apóia a valorização das esposas e não protege as mulheres de abusos praticados em sociedades islâmicas conservadoras atuais.

Que visão Maomé tinha de suas esposas? Ele expressou seu pensamento em certa ocasião: “Seja benevolente com as mulheres tiradas de sua costela. Se você tentar endireitar uma costela, vai quebrá-la. Aceite as mulheres como elas são, com todas as suas curvaturas”. Maomé gostava de passar o tempo com suas esposas: “Eu amo crianças pequenas, mulheres e perfume suave”. Mas ele explicou: “Nenhuma dessas coisas pode dar-me a felicidade que eu encontro na oração”. Isto explica por que Maomé passava muitas noites em pé orando, a ponto dos pés incharem, em vez de estar na cama com uma de suas inúmeras esposas.

Maomé mantinha um estilo de vida simples, mesmo depois que se tornou bem-sucedido financeiramente. Ele construiu apartamentos com tijolos de barro para suas esposas e, em certa ocasião, contou a Aishah que ela não deveria desfazer-se de nenhuma vestimenta que pudesse ser remendada. Depois de uma disputa invejosa entre as esposas, Maomé abandonou-as por um mês para meditar. Ele ponderava se deveria divorciar-se de algumas ou de todas devido às atitudes delas. De sua jornada solitária, ele trouxe uma revelação de Deus:

Ó Profeta, diga às suas esposas: se vocês desejam uma vida deste mundo com suas ostentações - vou provê-las generosamente e enviá-las para o mundo adornadas esplendidamente. Mas se vocês desejam Deus e o Paraíso e o Paraíso, então comportem-se como deveriam. Para aquelas que o fizerem, Deus tem preparado uma recompensa magnífica .

Os casamentos de Maomé podem ser separados em três categorias: amoroso, diplomático e parentescos tribais. Seu primeiro casamento com Khadija foi claramente de devoção, amor e dever mútuo.

Relações diplomáticas incluem Um Salma, uma viúva cujo marido morreu em Uhud. Maomé sabia que ela era descendente de sua tribo primitiva, e inimiga, Makhzum, e ele gostaria de se reconciliar com aquele clã e convertê-lo ao islã. Relacionamentos tribais incluem aqueles que estavam de alguma maneira aparentados a Maomé.

O mais famoso desses casamentos tribais foi com sua oitava esposa, Zaynab. Ela era prima de Maomé por parte de mãe, e um casamento foi arranjado entre Zaynab e o filho adotivo de Maomé, Zaid. Este casamento acabou se tornando infrutífero e miserável. Na verdade, os historiadores sugerem que Zaynab sempre quis casar-se com Maomé. Maomé estava preocupado com a proposta de casar-se com sua nora, embora ele racionalizasse que seu filho era apenas adotivo, e não biológico. Por conseguinte, Maomé recebeu uma revelação de Alá:

E quando disseste àquele a quem Deus conferiu favores e a quem tu conferiste favores: “Guarda tua esposa para ti e teme a Deus”, enquanto ocultavas em ti o que Deus revelaria. Agias assim por temor aos homens quando era mais decente temer a Deus. E quando Zaid satisfez seu desejo de sua mulher, nós ta demos em casamento para que os crentes soubessem que não é crime para eles casarem-se com as mulheres de seus filhos adotivos, uma vez que estes tenham satisfeito seu desejo delas. O mandamento de Deus é sempre cumprido (surata 33:37).

Assim, esse casamento devia ocorrer para destruir o tabu pagão de casar-se com alguém que tinha parentesco por adoção. Maomé afirmou que estava protegendo e cuidando de Zaid por meio do casamento. A surata citada também revela muito acerca do casamento islâmico. Incompatibilidade mútua é motivo suficiente para dissolver o casamento. Como escreve um comentarista do Alcorão: "Mas casamentos são feitos na terra, não no céu, e não faz parte do plano de Alá torturar pessoas em uma aliança que deveria ser fonte de felicidade, mas, verdadeiramente, está sendo fonte de miséria” .

Geralmente, as mulheres recebem direitos, mas não igualdade em relação aos homens. O Alcorão afirma: “As mulheres têm direitos correspondentes a suas obrigações; mas os homens as superam de um degrau. Deus é poderoso e sábio” (surata 2:228). Embora alguns comentaristas considerem essa superioridade proveitosa, mais uma vez as escrituras islâmicas são ambíguas, deixando a interpretação para o leitor. Perceba também que os homens podem se divorciar das mulheres, mas as esposas não têm esse tipo de direito expresso no Alcorão.

De todos os casamentos de Maomé, o mais questionado foi o com Aishah. Maomé fez um contrato de casamento com Aishah quando ela estava apenas com seis anos de idade e consumou o casamento quando ela estava com nove. Ela foi, na verdade, a única virgem de todas as mulheres com quem o profeta se casou. Aishah se tornou uma apoiadora fiel de Maomé, mas também era uma mulher muito ciumenta. Quando Alá revelou a Maomé o direito de “chamar a ti quem quiseres” (surata 33:51), a jovem mulher respondeu: “Parece-me que o Senhor se apressa em satisfazer os seus desejos”. Mas ela amava Maomé ardentemente e o serviu mesmo depois da morte dele. Ela transmitiu mais de dois mil ahadith (tradições), serviu como conselheira para os líderes muçulmanos e visitava diariamente o túmulo de seu ex-marido. Maomé morreu em seu colo, evidenciando a superioridade dela sobre as outras esposas. Ela estava apenas com dezoito anos de idade.

Como um profeta de tão nobre caráter poderia se casar com uma criança, mesmo para a cultura daquela época, permanece um mistério. Muitos encobrem esse ato. Talvez Maomé não amasse Aishah inicialmente, mas quisesse fortalecer os laços com a tribo dela. Parece improvável sugerir que Maomé queria robus tecer a comunidade islâmica emergente ao desposar uma menina de nove anos de idade. O estudioso muçulmano Haykal argumenta: “É contrário à lógica afirmar que ele poderia ter-se apaixonado por ela nessa tenra idade”. Mas isso não responde o problema ecoante: como é possível a um homem consumir o casamento com uma menina de nove anos de idade? Uma pergunta normalmente ignorada.

Centralizando o Islã: Maomé e Meca

Quando Maomé conquistou Meca, foi direto para a Caaba, circundando-a sete vezes com seu camelo para depois ordenar que a porta fosse aberta. Quando entrou no santuário da pedra sagrada, tomou um ídolo tombado, feito em madeira, e espalhou o material destruído pelo chão. Depois de remover trezentos e sessenta ídolos, Maomé declarou: “A verdade veio e a falsidade se dissipou”. Ele arrancou quadros e

telas das paredes, mesmo aquelas que retratavam Cristo e a virgem Maria. Quando a Caaba ficou vazia ele falou para a tribo:

Não existe outro Deus além de Deus. Nada existe além dele; Ele cumpriu sua promessa a seu servo; Ele colocou seus inimigos em fuga. Quraysh! Deus agora tira de vocês seus ídolos E sua arrogância ancestral já não existe mais, Porque o homem se originou de Adão, E Adão se originou do pó.

A base do islã estava estabelecida, agora e para sempre. Maomé exigiu que todos os muçulmanos fizessem uma peregrinação à Caaba, que, até hoje, é o ponto central da fé islâmica. Anualmente, milhões vão até esse local para orar ao redor dela.

Depois desse acontecimento, as coisas mudaram rapidamente. Muitas mulheres começaram a colocar véu sobre suas faces, semelhante às esposas do profeta. Em 631, também conhecido como o “ano das delegações”, as tribos da Arábia enviaram representantes a Meca para submeter-se a Alá e seu mensageiro. Maomé enviou missionários por toda a península para converter muitas pessoas à nova fé. Seu alvo estava agora firmemente estabelecido. Espiritual e politicamente, Maomé possuía a Arábia. Lutas entre tribos foram abafadas e a comunidade solidificada debaixo do nome de Alá à medida que a fé substituía o sangue como o vínculo mais íntimo. Assim a vida islâmica permanece até hoje.

A morte aos olhos de Maomé

Todos os homens provarão a morte. Mas só no dia da Ressurreição haverá plena retribuição. Quem for afastado do Fogo e introduzido no Paraíso, a vitória será dele. Pois a vida eterna nada é senão o gozo da ilusão (surata 3:185).

Em fevereiro de 632, o mensageiro de Alá sem saber fez sua última peregrinação de sua casa em Medina para Meca. Ali, ele falou suas últimas palavras a seus seguidores:

Ó crentes, ouçam atentamente a minhas palavras, visto que não sei se terei permissão de estar entre vocês mais um ano. Suas vidas e posses são sagradas e invioláveis [e isto vocês devem observar] uns para com os outros, até que apareçam diante do Senhor, como este dia e mês é sagrado para todos; e lembrem-se que vocês terão de apresentar-se ao Senhor que exigirá que prestem contas de suas obras. [...] Ouçam as minhas palavras atentamente. Saibam que todos os muçulmanos são irmãos. Vocês formam uma irmandade; e nenhum homem deverá pegar qualquer coisa de seu irmão, a não ser o que foi dado livremente para ele. Afastem-se da injustiça.

E que os que estão aqui reunidos informem àqueles que não estão aqui, que, quando ouvirem posteriormente, possam se lembrar melhor do que aqueles que agora estão me ouvindo.

Maomé voltou para sua casa em Medina, onde passou seus últimos dias com sua amada Aishah. Reunindo sua família e seus amigos mais íntimos, falou-lhes: “Eu tornei lei somente o que Deus me ordenou em seu Livro”. Então falou com sua filha Fátima e sua tia Safiyah e explicou: “Façam aquilo que é aceitável ao Senhor; porque verdadeiramente não tenho poder para salvá-las de maneira nenhuma”. Em 8 de junho de 632, Maomé morreu. Foi enterrado em sua casa, onde, mais tarde, foi erguida uma mesquita. Seu fiel companheiro Abu Bakr disse a seus seguidores: “Ó, muçulmanos! Se qualquer um de vocês tem adorado Maomé, então saibam que Maomé está morto. Mas, se vocês realmente adoram a Deus, então saibam que

Deus está vivo e nunca vai morrer!”.

Qual, portanto, era a visão de Maomé acerca da morte? Alcorão refere-se com frequência aos mortos, tanto aos crentes em Alá quanto aos descrentes. Para o descrente, a situação é no mínimo horrível:

Possas ver os descrentes quando os anjos da morte os receberem, batendo-lhes no rosto e nas costas e dizendo-lhes: “Provai o castigo do Fogo! Foi o que vossas mãos prepararam. Deus nunca trata injustamente Seus servos” (surata 8:50-51).

E ele tentará engoli-lo sem o conseguir. E a morte o invadirá de todos os lados; mas ele não poderá morrer. Outro suplício pesado o aguardará (surata 14:17).

Obviamente, o crente em Alá tem um destino muito mais agradável na vida após a morte:

Aos piedosos perguntar-se-á: “Que foi que vosso Senhor revelou?”. Responderão: “O melhor”. Os que praticam o bem receberão sua recompensa neste mundo. Contudo, a mansão do Além é preferível. Magnífica é a morada dos piedosos! Entrarão nos jardins do Éden nos quais correm os rios. E lá ser-lhes-á dado tudo o que desejarem. Assim Deus recompensa os piedosos (surata 16:30,31).

Na mente de Maomé, Deus predestina tanto a morte quanto a vida pós-morte. Contudo, Deus olha para as obras da pessoa. O Alcorão determina: “E no pescoço de cada homem, prendemos seu pássaro de augúrio” (surata 17:13). Portanto, Maomé dependia de suas próprias boas obras, além da misericórdia de Alá, para herdar o céu. O muçulmano não conhece o conceito do pecado original, a insistência cristã de que os homens e mulheres nascem em pecado. Em vez disso, o pecado procede da ignorância e orgulho. Maomé via Alá como completamente removido da criação pela sua santidade, mas, paradoxalmente, Alá não parece estar demasiadamente preocupado com a falta de santidade no dia do julgamento. Alá exige somente que o bem vença o mau nos pratos da balança.

Um herói moderno?

Será que Maomé é alguém que pode ser seguido como exemplo perfeito de obediência a Deus? A resposta deve ser um ressonante não. Como, então, podemos confiar em suas revelações e visões quando ele mesmo expressou dúvida se elas eram, de fato, revelações e, às vezes, pensava estar possuído por demônio? A própria mãe adotiva de Maomé, Halima, admitiu que pensava que ele estava “possuído pelo Diabo”.

Além disso, como podemos crer que as revelações vêm de Deus se o próprio Maomé as mudava ou modificava. Sua falta de cuidado com as palavras de Alá, palavras que ele próprio não se sentia obrigado a seguir, lança uma sombra em relação à sua integridade de caráter.

Moralmente, algumas ações de Maomé parecem repreensíveis. Ele matou críticos por falar o que estava em suas mentes, ordenava que uma mulher fosse severamente espancada se retivesse alguma informação, tinha relações sexuais com uma criança de nove anos de idade. Ele foi um general implacável e assaltava caravanas simplesmente por interesse financeiro ou com a finalidade de expandir seus negócios. Chegou a quebrar as convenções de guerra ao combater em um mês sagrado. Entretanto, é louvado como o profeta mais amado. Um estudioso muçulmano o descreveu da seguinte forma:

Maomé é o mais estimado entre os homens, o mais honrado dos apóstolos, o profeta da misericórdia, o cabeça ou imã dos fiéis, o condutor do estandarte do louvor, o intercessor, o portador de uma alta posição, o proprietário do rio do Paraíso, debaixo de cuja bandeira os filhos de Adão estarão no dia do julgamento. Ele é o melhor dos profetas e sua nação é a melhor das nações [...] e seu credo é o mais nobre de todos os credos.

Qualquer narrativa honesta da vida de Maomé pode ser resumida nas palavras complexidade, conveniência e depravação. Comparativamente, a vida de Jesus Cristo na terra, o Filho de Deus, excede em muito a integridade, a graça e a sabedoria de Maomé.

Jesus nunca tirou a vida de ninguém. Ele não diminuiu as mulheres nem explorou meninas jovens para sua ascensão social. Cristo era a imagem do amor verdadeiro. Ele veio e foi rejeitado, e, quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós (Rm 5:8). Maomé veio para derramar sangue e matar aqueles que discordavam dele. Cristo veio para buscar e salvar o que estava perdido (Lc 19:10).

Maomé unificou um país, na verdade uma boa parte do mundo, em torno de uma pedra em Meca. Jesus Cristo unifica os pecadores por meio de sua morte e ressurreição.

Ninguém questiona a influência de ambos, mas o caráter de sua influência é tão diferente quanto a diferença entre a paz e a guerra. Discutir a vida de Maomé é uma coisa, imitar sua vida é outra coisa bem diferente. Maomé ordenou no Alcorão: “Matai os idólatras onde quer que os encontréis” (surata 9:5). Este texto permite duas interpretações: uma descritiva, explicando como Maomé combatia as tribos pagãs na península arábica no século VII. Outra, prescritiva, exigindo que os crentes continuem a lutar até que Alá seja completamente vitorioso. Os seguidores de Maomé têm entendido esse texto de maneira prescritiva. E, em um mundo que busca a paz, seguir a vida desse guerreiro resultará em derramamento de sangue.

A História do Islã: Uma trilha de sangue

UM ESTUDO RECENTE FEITO PELA organização de pesquisa de opinião pública Gallup pediu a adolescentes dos Estados Unidos que respondessem a três das questões mais básicas acerca da história americana:

- Em que ano Cristóvão Colombo descobriu a América? Somente 42% mencionaram o ano de 1492, enquanto que 22% deram resposta errada e 36% não souberam responder.
- Em que guerra a questão dos direitos dos Estados era uma questão importante? Somente 39% dos adolescentes foram capazes de citar a Guerra Civil Americana, enquanto que 18% responderam erradamente. Os outros 43% não souberam responder.
- Em que ano os Estados Unidos declararam sua independência? Somente um de cada quatro adolescentes sabia que os Estados Unidos declararam sua independência da Inglaterra em 1776, apesar de um feriado nacional anual ser dedicado a esse acontecimento. Cerca de 19% erraram a resposta, enquanto que 56% não souberam responder.

O que os americanos não sabem acerca da história do Ocidente é muito pouco comparado ao que não sabem sobre a história do Oriente, especialmente a respeito da história do mundo islâmico. Assim, os

ocidentais não reconhecem que as tragédias que se avolumam hoje em dia são decorrência de mil e quatrocentos anos de lutas entre dois gigantes religiosos e políticos islã e cristianismo.

FIGURA 3: ACONTECIMENTOS NO CONFLITO ISLÃ - CRISTIANISMO		
	691	A mesquita Domo da Rocha erguida em Jerusalém.
	715	A Grande Mesquita construída em Damasco.
	732	A Batalha dos Tours interrompe o avanço islâmico pela Europa.
A N	1095- 1291	As Cruzadas definem relações amargas entre o cristianismo e o islã nos séculos futuros.
O	1453	Os turcos otomanos conquistam o Império Bizantino.
	1492	O cristianismo católico romano é imposto mais uma vez na Espanha.
	1914- 1918	Os governantes otomanos cometem um erro de cálculo fatal ao unir o destino de seu império ao do Kaiser Guilherme 11.

Nos primeiros mil anos o islã foi avançando, e a cristandade recuando sob a ameaça dessa nova força. A nova fé conquistou os antigos países cristãos do Levante [Palestina] e África do Norte, e invadiu a Europa, dominando por algum tempo a Sicília. [...] Nos últimos trezentos anos, desde o fracasso do segundo cerco turco em Viena, em 1683, e devido ao crescimento dos impérios colonialistas da Europa na Ásia e África, o islã tem estado na defensiva, e a civilização cristã e pós-cristã da Europa e suas filhas têm trazido o mundo todo, incluindo o islã, para dentro de sua órbita.

O artigo de Lewis apareceu na revista *Atlantia Monthly*, em setembro de 1990, exatamente onze anos antes dos ataques terroristas ao World Trade Center e ao Pentágono. Nesses anos, os muçulmanos cumpriram as expectativas de Lewis e retomaram, em números sem precedentes, a suas posições originais: o mundo se divide entre a Casa do Islã e a Casa dos Incrédulos. Do ponto de vista muçulmano, Lewis escreveu: “A maior parte do mundo continua fora do islã, e mesmo dentro dos países islamitas, de acordo com a visão dos radicais, a fé islâmica tem sido enfraquecida e sua lei abolida. A obrigação da guerra santa, por conseguinte, inicia-se em casa e continua fora de casa, contra o mesmo inimigo infiel”.

À medida que o islã volta ao modelo que orientou seu primeiro milênio, os descrentes de qualquer raça,

credo ou contexto cultural são "animais de caça" para os guerreiros muçulmanos. Nessas novas cruzadas, o Oriente está engajado em uma batalha que é política no processo, mas religiosa em essência.

Os quatro cavaleiros de Maomé (632-661)

Abu Bakr (632-634): defendendo a religião

Quando Maomé morreu, em 632, o islã entrou em seu período mais vulnerável. Abu Bakr, um dos sogros de Maomé e um dos primeiros convertidos, foi nomeado califa (líder sucessor) de Maomé. Esse amigo pessoal de Maomé sabia como conduzir uma guerra agressiva (jihad), alcançando três alvos principais:

1. O islã defendeu a Península Arábica de uma revolta caótica e fixou firmemente sua herança permanente.
2. A mensagem de Maomé foi eternamente preservada por meio da primeira versão escrita do Alcorão.
3. A conquista cumpriu a ordem de Maomé: “Não devem existir duas religiões na Península Arábica”.

Umar (634-644): o apóstolo Paulo do islã

Com a base segura, os seguidores do islã expandiram o reino. O segundo califa, Umar, estendeu o império muçulmano com a conquista da Síria (634), Iraque (636), Egito (639) e Pérsia (642). Jerusalém também foi submetida ao controle muçulmano.

Umar era um gênio político e administrava habilmente esse território crescente. A maioria dos muçulmanos o venera como o mais justo dos califas. Ao dar exemplo de misericórdia em relação aos não-muçulmanos, Umar definiu a proteção dada aos cristãos:

A proteção é para as vidas e propriedades, para as igrejas e suas cruzes, para os doentes e osãos e para todos os que possuem a mesma religião deles. Suas igrejas não devem ser usadas como habitação, nem devem ser demolidas. Também não se deve causar prejuízo algum a eles ou às residências ou às cruzes deles; o mesmo vale para as propriedades. Não deve haver nenhuma coação a esse povo em questão de religião e nenhum deles deve sofrer qualquer tipo de dano em razão da sua religião. [...] Tudo que está escrito aqui está debaixo de pacto de Deus e a responsabilidade de seu Mensageiro, dos califas e dos crentes, e deverá valer desde que eles paguem o Jizya [o tributo pela sua defesa] imposto a eles.

Esses direitos foram dados a não-muçulmanos depois de sua rendição. Somente depois que a paz (definida pelo governo islâmico) foi estabelecida, os descrentes puderam ser protegidos. John Kelsay, especialista em ética e perito em princípios morais de guerra, explica:

O caminho da ignorância e o da submissão são vistos como formas institucionalizadas na existência das entidades políticas islâmicas e não-islâmicas. O caminho da submissão pode ser descrito como o domínio do islã (dar al-islam); o outro, o domínio da guerra (dar al-harb). O domínio do islã significa uma entidade política que reconhece a supremacia dos valores islâmicos. [...] O domínio do islã é teoricamente o domínio da paz e justiça. [...] Mais concretamente, os teóricos sunitas pensavam no jihad

como a forma de ação islâmica no ponto de intercessão entre o domínio islâmico e o domínio da guerra.

Portanto, o jihad (guerra santa) estará terminado somente quando o mundo inteiro estiver submisso a Alá e quando suas leis reinarem supremas.

As leis de misericórdia escritas por Umar não foram tão compassivas quanto parecem. Um historiador contemporâneo de Umar, Ibn Timmiya, percebeu as restrições decretadas dentro desses “atos de misericórdia”:

- Os cristãos não possuíam o direito de construir novos lugares de adoração.
- Os cristãos não possuíam o direito de reformar uma igreja em terras conquistadas.
- Os muçulmanos podiam confiscar templos em cidades ocupadas em um ataque.
- Os muçulmanos podiam destruir todas as igrejas na terra conquistada.

Quando o historiador perguntou ao misericordioso Umar o que aconteceria àqueles que violassem as regras, ele declarou: "Todos que violarem estes termos estarão desprotegidos. E será permitido aos muçulmanos tratá-los como rebeldes ou dissidentes, isto é, será permitido matá-los".

Uthman (644-656) e Ali (656-661): guerra civil

Em 644, Uthman, escravo persa, matou Umar. Como o terceiro sucessor de Maomé, Uthman era visto como um governante egoísta que estava apenas interessado em sua própria família. No final de seu mandato, os muçulmanos estavam divididos. Os rebeldes mataram o califa Uthman em sua própria casa, enquanto ele lia o Alcorão. (Uthman codificou o Alcorão em sua forma final. As publicações modernas continuam mantendo seu nome). O ódio contra ele era tão intenso que seu corpo ficou insepulto durante vários dias, um grande pecado de acordo com o Alcorão. Ele foi finalmente enterrado com suas roupas ensanguentadas, um reconhecimento simbólico de seu martírio.

Ali bin Abu Taleb, genro de Uthman e primo de Maomé, assumiu o controle do reino. Aishah, a viúva de Maomé, lutou duramente contra Ali e os homens da tribo dele. Muçulmanos guerrearam contra muçulmanos em duas grandes batalhas que terminaram sem um vencedor. Em 661, Ali foi assassinado, e desde aquele tempo o islã tem sido dividido entre os seguidores de Ali, os xiitas, e os muçulmanos tradicionais, os sunitas.

O fruto abençoado do Jihad (661-1095)

Depois da morte de Ali, conforme a rivalidade diminuía, o islã alcançou uma visão mais ampla - a conquista do mundo conhecido. Em 732, parecia ser possível alcançar esse alvo. A expansão engoliu Chipre (647), Tunísia e Cabul, no atual Afeganistão (670), a ilha de Rode (672), o cerco a Constantinopla (677), a África do Norte (700), Espanha (711), a fronteira sirio-turquestana (715) e o Marrocos (722). No final de seu primeiro centenário, o islã estendeu-se até as fronteiras ocidentais da China e as fronteiras no sul da França. A África do Norte foi dominada completamente.

Nesse período, Damasco, na Síria, tornou-se a capital do mundo islâmico. A riqueza e as conquistas do islã cresceram, praticamente sem limites, e dois grandes edifícios foram construídos. Primeiro, o Domo da Rocha foi construído em Jerusalém no monte do templo judaico em 691, para demonstrar a superioridade do islã sobre o judaísmo. Segundo, em 715, a Grande Mesquita de Damasco substituiu a Catedral de São João, para demonstrar a superioridade do islã sobre o cristianismo corrompido.

O Ponto de Inflexão em TOURS

A Batalha de Tours está entre as batalhas mais importantes para o mundo islâmico. O islã havia avançado e conquistado o norte da África e a Espanha. Se o islã conquistasse a França, facilmente derrotaria a Itália, o centro do cristianismo ocidental. Carlos Martelo descreve essa invasão em Tours:

Por quase sete dias, os dois exércitos olhavam um para o outro, aguardando ansiosamente o momento de iniciar a batalha. Finalmente, eles se prepararam para o combate. E, no choque da batalha, os homens do Norte [...] resistiam um junto ao outro, como se fossem um monumento de gelo; e com grandes golpes de suas espadas derrubavam os árabes. Formados em um bando ao redor de seu comandante, os austrasianos avançaram contra eles. Suas mãos incansáveis cravavam suas espadas peito adentro [de seus inimigos].

O islã foi derrotado - mas somente por um tempo. Depois os muçulmanos apontaram suas espadas para o oriente a serviço de Alá.

Bagdá torna-se preeminente

Na Batalha de Tours, o avanço islâmico para o oeste foi barrado. A derrota resultou em muita disputa interna, e os líderes muçulmanos decidiram que Bagdá serviria melhor a suas necessidades estratégicas do que Damasco. A ênfase mudou para um desenvolvimento da teologia, da lei e da ciência dentro do islamismo.

Bagdá prosperou em riqueza e conhecimento científico e transformou-se em rota para o comércio e a cultura. As invenções incluíam o relógio com pêndulo, o compasso magnético e a álgebra. Bagdá tinha uma biblioteca incomparável que abrigava escritos de Aristóteles e Platão. Na medicina, os muçulmanos foram os primeiros a usar a anestesia na cirurgia, e os primeiros também a descobrir que as epidemias se espalham por meio do contato e pelo ar. Eles desenvolveram o primeiro hospital ambulatorial (levado sobre um camelo) e separaram a farmacologia da medicina.

A energia da militância muçulmana foi dirigida para a descoberta intelectual. Uma das primeiras obras históricas islâmicas, *Life of the messenger of God* [A Vida do mensageiro de Deus], de Ibn Ishaq, tomou-se uma biografia inestimável de Maomé. A literatura progrediu quando os muçulmanos aprenderam a arte de fazer papel com os chineses. A dieta islâmica melhorou devido à introdução da ameixa, alcachofra, couve-flor, aipo, abobrinha, abóbora e berinjela. Esse período atualmente é reconhecido como a época de ouro do islã.

Cairo torna-se proeminente

Embora o esforço intelectual fosse impressionante, os alvos políticos islâmicos estavam sofrendo. As

conquistas de terras estagnaram por três séculos, e algumas regiões estavam declarando governos independentes. Novas dinastias se levantaram para desafiar a soberania de Bagdá. A dinastia fatímida, centralizada no Cairo, dominava a África do Norte, a Palestina e a maior parte da Síria. Sua presença, no entanto, era limitada, visto que outros grupos naquelas regiões não os apoiavam. A dinastia fatímida acabou se tornando incapaz de governar o coração do Islã no Oriente Médio.

Embora Cairo abrigue a universidade mais antiga do mundo, a al-Azhar, essa cidade é lembrada na história do Islã pelo sexto califa da dinastia fatímida, al-Hakim (996-1021), que declarou ser a encarnação de Deus. Sua violenta perseguição aos cristãos e a destruição dos lugares sagrados da Igreja Católica Romana encorajaram um dos movimentos mais tristes da história, as Cruzadas.

Quando al-Hakim desapareceu sem deixar rasto, surgiu uma mitologia acerca de seu paradeiro.

As Cruzadas (1095-1291)

As Cruzadas surgiram porque os cristãos adotaram a doutrina islâmica do jihad, isto é, a guerra santa, e a tornaram o centro de seu universo. Dois séculos antes da primeira cruzada oficial, o papa Leão IV (847-855) prometeu o perdão dos pecados a todo aquele que lutasse contra os pagãos (gentios). Assim, Leão firmemente implantou o jihad cristão no pensamento cristão ocidental. João VIII (872-882) e outros papas asseguraram aos crentes em Cristo a segurança eterna se eles morressem em batalha.

Em 1064-1065, sete mil cristãos foram surpreendidos em uma emboscada no caminho para adorar em Jerusalém:

Subitamente caíram nas mãos dos árabes que saltaram sobre eles como lobos famintos esperando por sua vítima. Eles mataram os primeiros peregrinos sem piedade, rasgando-os em pedaços. No início os nossos procuraram lutar, mas foram rapidamente forçados, como homens pobres, a buscar refúgio na vila. Depois de terem fugido, quem pode explicar com palavras quantos homens foram mortos, quantos tipos de morte ocorreram ali, ou quanta calamidade e desgraça lá aconteceu?

Agora os cristãos tinham um motivo para colocar sua fé combativa em prática. O Estado e a igreja juntos foram tomados por uma fúria espiritual. Os cruzados estavam agora prontos para equiparar-se aos muçulmanos na brutalidade.

Arautos das Cruzadas

Deus Volt! (pela vontade de Deus!) era o grito de guerra do papa Urbano II (1088-99) e da Igreja Católica Romana. A igreja do ocidente estava tendo dificuldades com o afastamento dos cristãos orientais em 1054. Uma cruzada para recuperar boa parte do cenário oriental poderia ajudar a reunir Roma e Constantinopla.

No início dos combates, os cristãos venceram em Antioquia e Jerusalém, onde a população foi quase dizimada. Os judeus foram apanhados no meio da batalha, e os cristãos se tornaram notórios pela brutalidade, por matar pessoas e destruir sinagogas.

Os cristãos acreditavam que a matança tinha a aprovação de Deus: ele tinha devastado o inimigo pagão,

permitindo aos cristãos retomar os locais sagrados da Terra Santa. Esse modo de pensar levou Bernardo de Clairvaux (1090-1153), um místico cristão ocidental, a desenvolver a seguinte teologia: o chamado mais elevado e honroso da vida é ser um sacerdote-guerreiro. Bernardo, dessa forma, elevou a posição do soldado e rebaixou a posição do sacerdote. Mas toda a persuasão de Bernardo não poderia preparar os sacerdotes-soldados para o que os estava esperando por intermédio do gênio militar de Saladino.

Depois de reunir as facções caóticas dentro do islã e declarar o jihad, Saladino retomou Jerusalém em 1187. No entanto, não pôde prevalecer contra a grande força que cercava Acre, e, no final, Ricardo Coração de Leão levou dois mil e setecentos prisioneiros muçulmanos para fora dos muros da cidade e os massacrou um a um, noite adentro. O sangue dos cristãos havia escorrido nas mãos dos gentios, e davam graças por essa vingança.

Resultados das Cruzadas

Em uma era de avanços científico, literário e intelectual, especialmente no mundo islâmico, as Cruzadas marcam a brutalidade e desumanidade de ambos os lados.

No correr do tempo, os muçulmanos venceram a maior parte das batalhas nos dois séculos de guerras. O islã foi fortalecido, e o cristianismo enfraqueceu. Do ponto de vista cristão as Cruzadas:

- Fracassaram em seu objetivo de unificar a igreja;
- Demonstraram que os cristãos estavam mais interessados em saques e posses materiais em lugares especiais do que na renovação espiritual;
- Enfatizaram a vitória pela espada sobre a evangelização. Para muitos muçulmanos, as Cruzadas nunca terminaram. Para muitos cristãos, elas se tornaram o passado que assombraria o futuro.

As linhas de frente movem-se para o Oriente (1298-1515)

Nas Cruzadas, um mongol chamado Genghis Kahn (1162-1227) começou a formar um novo império. Em 1258, Bagdá foi devastada. Até hoje, a agricultura ainda sente os danos causados pela selvageria dos mongóis, que jogaram sal nos campos. Os mongóis, inimigos do islã, se deslocaram para o ocidente até o Egito, onde foram barrados pela aliança muçulmana.

Porém, não foi a espada que, no fim das contas, derrotou os mongóis, mas o próprio islã. Muitos dos guerreiros mongóis se converteram, e no século XIV, um líder mongol anunciou o islã como a religião oficial do império mongol. Outros governantes foram inimigos do islã, mas os muçulmanos sobreviveram a sua maior ameaça. No entanto, por esses reveses, o islã sofreu um declínio intelectual: estudiosos muçulmanos foram deportados ou mortos, centros culturais foram saqueados e destruídos.

O islã precisou de tempo para curar suas feridas, mas o cerne do islã permaneceu intacto, preparando-se para erguer-se outra vez.

O Islã restaura seu esplendor (1515-1919)

Enquanto o cristianismo experimentava o avivamento em suas igrejas protestantes, o islã viu os turcos despontar como heróis da fé. Enquanto o cristianismo se fragmentava pelas diferenças teológicas, o islã foi reunificado por necessidade política.

Dois acontecimentos transformadores na história do século XV contribuíram para esse novo vigor - a retomada de Constantinopla e a perda da Espanha. Primeiro, em 1453, os otomanos islâmicos derrotaram o império bizantino cristão em Constantinopla e estenderam-se para dentro da Península dos Balcãs. Constantinopla recebeu o nome de Istambul e foi designada como a nova capital do império otomano. Um relato contemporâneo da batalha por Constantinopla mostra a importância do jihad:

A esta altura, o papel do líder na batalha foi essencial. O sultão ficou em pé e falou a seus soldados, tomando como exemplo de bravura o mensageiro de Alá durante a batalha de Uhud, dizendo em poucas palavras: “Meus filhos, eu estou pronto para morrer no caminho de Alá; assim, todo aquele que deseja o martírio, siga-me”. Então os muçulmanos seguiram seu líder como a enchente que rompe a represa, destruindo os obstáculos de Kufr até que entraram na cidade e instituíram naquele lugar a palavra do monoteísmo. [...] Desta maneira caiu a cidade de Heracle [Constantinopla] que resistiu teimosamente aos muçulmanos por oito séculos (Ahmad, autenticado por Al Albany).

Fernando de Aragão e Isabel de Castela acabaram com o domínio muçulmano na Espanha e na península ibérica e restabeleceram o cristianismo romano na Espanha em 1492. Toda a Europa Ocidental tornou-se novamente parte da cristandade. Embora destituídos da base logística na Espanha, os turcos persistiram no desejo de governar a Europa. Atacando do leste e do sul, cercaram Viena duas vezes. Não é de admirar que os cristãos comparavam os turcos a uma horda diabólica.

A essa altura, o império otomano estendeu-se ao norte até a Polônia, a leste até Bagdá, chegando até a ponta da Península Arábica, ao sul, e a Marrocos, no oeste. As cidades de Jerusalém, Meca, Cairo, Túnis e Belgrado estavam todas sob o governo turco. No entanto, o império otomano entrou em declínio, devido a disputas internas e em consequência do avanço do colonialismo europeu ocidental.

No século XVIII, a Rússia se colocou como protetora dos cristãos nos Balcãs contra os turcos. Rússia e Turquia passaram por uma série de guerras que se estenderam desde o século XVII até o século XX. O maior sucesso russo ocorreu em um conflito por terra e mar, de 1768 a 1774. No final, o exército turco foi derrotado e sua frota naval dizimada. As guerras entre Rússia e Turquia tiraram a Bulgária, Romênia e Sérvia do domínio do sultanato.

A derrocada final do império otomano aconteceu quando os turcos se colocaram ao lado da Alemanha na Primeira Guerra Mundial (1914-18). Em 1923, a Conferência de Lausanne traçou as fronteiras modernas através da antiga fortaleza muçulmana.

Depois de mil anos de expansão sem precedentes, o islã estava agora adormecido. Durante aqueles séculos, o histórico do seu domínio, mesmo na Europa, foi impressionante. Árabes, mouros e/ou otomanos tinham controlado a Espanha por oitocentos anos, Portugal por seiscentos anos, Grécia e Bulgária por quinhentos anos, Romênia e Sérvia por quatrocentos anos, Sicília por trezentos anos e Hungria por cento e cinquenta anos. J. Dominguez relata: “A Itália, Áustria, Bósnia, Croácia, Valáquia, Albânia, Moldávia, Armênia, Geórgia, Polônia, Ucrânia e o lado oriental e sul da Rússia eram todos campos de batalha onde o islã conquistou ou foi vencido em violentos conflitos marcados por crueldade, derramamento de sangue, e uma terrível perda de vidas, durante um período de mais de mil anos”.

O Islã na defensiva

Quando o império otomano entrou em declínio, o islã enfrentou uma visão de mundo desconhecida a sua psique, diante da qual adotou posição de sobrevivência defensiva. Os heróis islâmicos sempre se ergueram para levar adiante sua causa, mas desde o século XVIII até o século XX, os muçulmanos ajeitaram-se ridiculamente como sobreviventes, não como conquistadores. Enquanto isso, aguardavam uma nova era dourada de supremacia.

A colonização dos países da Ásia e da África foi particularmente odiosa para os muçulmanos. Os colonizadores, que participaram da Conferência de Berlim, em 1884, dividiram a África entre eles de forma tirânica, embora 80% do continente permanecesse sob governo africano. A Grã-Bretanha tomou a maior parte da África do Norte muçulmana, enquanto que a França ficou com a planície ocidental e equatorial. A Itália tomou a Somália e a Etiópia, e a Bélgica ficou com o Congo. Muitas fronteiras nacionais modernas foram traçadas naquela conferência.

No coração dos muçulmanos, porém, o pior crime europeu foi o envio de missionários cristãos. Para os muçulmanos, colonialismo e missões eram idênticos - como elementos entrelaçados da corrupção ocidental. Essa visão continua até os dias de hoje. Os missionários são vistos, na verdade, com maior desdém do que os colonizadores devido à eterna natureza de sua missão. Considere, por exemplo, David Livingstone (1813-1873), que chegou à África depois de 1840. Embora seja considerado herói por muitos cristãos, para os muçulmanos ele é um dos europeus mais detestados da história.

O insulto maior do colonialismo surgiu quando a Grã-Bretanha garantiu uma pátria para os judeus na Palestina, uma promessa cumprida depois da segunda guerra mundial. Os muçulmanos já não governavam uma de suas cidades mais veneradas. Os árabes culpavam os europeus e seu aliado norte-americano por todas essas ofensas.

CONCLUSÃO

Várias conclusões devem ser traçadas dos mil e quatrocentos anos de história entre cristãos e muçulmanos:

- Com a infeliz exceção das Cruzadas, os muçulmanos começaram quase todas as guerras, principalmente devido à filosofia do jihad.
- A guerra não é um acessório da história do islã: ela é o instrumento principal para a expansão religiosa. É dever do muçulmano trazer paz ao mundo por meio da espada.
- Muçulmanos conservadores vêem a cultura ocidental como destrutiva para as tradições e crenças islâmicas.
- Enquanto as pessoas modernas estão familiarizadas somente com o islã defensivo dos últimos trezentos anos, a religião nunca esqueceu os mil anos anteriores de conquistas a serviço de Alá. É o islã conquistador tradicional que voltou a emergir.

Hoje a alma do muçulmano é perseguida por uma luta interior cultural, política, teológica e social. Como

explica Lewis, ocorreu uma derrota tripla em relação aos ideais muçulmanos: primeiro, o islã perdeu domínio; segundo, por meio da invasão de estrangeiros e de suas idéias, a autoridade muçulmana foi enfraquecida em seus próprios países; terceiro, o desafio social do modernismo encorajou a emancipação das mulheres e a rebelião dos filhos. “Também era natural que essa ira [muçulmana] fosse direcionada principalmente contra o inimigo milenar e deveria tirar suas forças de crenças e lealdades antigas”.

Muitos muçulmanos fiéis acreditam que não têm escolha, a não ser ir para a ofensiva. Quanto mais intensa for a crença de que o Ocidente tem degradado os valores islâmicos, tanto maior é o risco de reação violenta. Por exemplo, muitos acontecimentos ocorrem enquanto escrevemos este livro:

- A Fronteira de Salvação Nacional e o Grupo Islâmico Armado esperam subjugar os líderes moderados na Argélia.
- Em 1996, o Partido Islâmico do Bem-Estar, de orientação tradicional, tornou-se o maior partido político no parlamento turco.
- Desde a libertação do Kuwait, pelos Estados Unidos, da invasão do Iraque na guerra do Golfo, o Kuwait tem declarado ilegal a educação não-islâmica e qualquer proselitismo cristão.
- O governo de Brunei, sob um manto de liberdade religiosa, está pressionando as escolas cristãs a substituir as aulas de religião cristã por instrução islâmica. Reuniões de cristãos com mais de cinquenta pessoas são ilegais.
- Todos os cidadãos da Mauritânia devem ser muçulmanos sunitas. Tentar abandonar a fé é crime.
- Embora a constituição de Bangladesh garanta liberdade religiosa, uma emenda em 1998 estabelece o islã como a religião do Estado.
- Os líderes islâmicos do Quênia têm declarado jihad contra a African Inland Church e a Visão Mundial Internacional.
- Em 1992, o governo da Tanzânia banuiu toda pregação religiosa fora das igrejas.

Esses são apenas alguns casos do surgimento da militância islâmica. O islã está emergindo como um poder a ser respeitado e considerado.

Aprendendo com o passado

Em 1524, o anabatista Baltazar Hubmaier (1480-1528), em seu livro *On heretics and those who burn them* [Sobre heréticos e aqueles que os queimam], defendeu uma liberdade religiosa total.

Hubmaier representa um modelo de comportamento para os Cristãos modernos em relação aos muçulmanos. Ele escreveu que os muçulmanos turcos “não podem ser vencidos com nossas obras, nem pela nossa espada, nem pelo fogo, mas somente pela paciência e súplica, por meio das quais nós pacientemente aguardamos o julgamento divino”. Hubmaier foi Contra o sistema político vingativo dos seus dias e, a certa altura, foi morto devido a suas idéias, incluindo sua simpatia pelos turcos.

Leve em conta a tradição de Hubmaier. E o dever do crente em Jesus Cristo convencer os muçulmanos com compaixão; espere por eles com paciência e ore por eles com seriedade.

O Alcorão: “A mãe dos livros”

A História de Tony

Como calouro na faculdade, Tony dividiu um quarto com Asklar no alojamento universitário. Tony participava de uma igreja evangélica desde pequeno, aceitou a Cristo como seu Salvador aos doze anos e tinha sido líder do grupo de jovens. Tinha a impressão que Deus o usara para alcançar outros em duas viagens missionárias. Porém, Tony estava frustrado na tentativa de compartilhar sua fé com Asklar. Nada do que dizia parecia inquietar seu companheiro de quarto.

Cada vez que Tony citava um texto bíblico de sua instrução evangélica, Asklar rejeitava o texto com um ensino islâmico que contradizia a premissa de Tony. Este percebeu que os muçulmanos conhecem as histórias do Antigo Testamento, mas, de alguma forma, cada história continha uma variante.

Tony estava aprendendo um elemento essencial da teologia islâmica. Muitas histórias do Antigo Testamento e dos evangelhos podem ser encontradas no Alcorão, mas com emendas. O Alcorão, escrito seis séculos depois de Cristo, “reconta” a Bíblia de acordo com as crenças muçulmanas. Para alcançar seu amigo, Tony precisava primeiro aprender a respeito do livro que Asklar sempre lia.

Autoridade

De acordo com o conhecimento islâmico ortodoxo, o Alcorão foi compilado nos anos 646-650 dos materiais escritos por Maomé, anos antes da sua morte, em 632. A palavra árabe Qur'an é derivada da raiz qara'a, que significa “ler ou recitar”. O anjo Gabriel ordenou três vezes que ele “lesse” e “recitasse” quando confrontou Maomé em julho de 610, na caverna de Hira, cinco quilômetros a nordeste de Meca.

De acordo com o islã, o Alcorão é a revelação final de Alá. Na língua árabe, o Alcorão também é chamado de Al-kitab (o livro), Al-furkan (a distinção) e Al-dikhr (a advertência).

Os cristãos, às vezes, presumem que o Alcorão é tão extenso quanto a Bíblia, no entanto, esse livro consiste de cento e quatorze capítulos (suratas), 6.616 versículos (ayas), 77.943 palavras e 338.606 letras do alfabeto árabe. De acordo com os estudiosos islâmicos, oitenta e seis suratas foram reveladas em Meca, e vinte e oito em Medina. Em comparação, a Bíblia tem 1.189 capítulos e é três vezes mais extensa que o Alcorão.

Revelação

A doutrina islâmica incorre em enigma em relação à revelação. Alá é distante e não se revela de forma íntima; apesar disso, ele quer comunicar sua verdade à humanidade. Essa aparente distância é preenchida pelos arasul (“os enviados”), profetas humanos com uma posição especial e capazes de comunicar a vontade de Alá.

A comunicação, porém, era um monólogo de Alá para a humanidade. Enquanto cada profeta supostamente cumpria sua missão ao produzir um livro, a revelação final, e, por conseguinte - de acordo com os muçulmanos a mais importante, foi dada ao último profeta, Maomé.

O islã ensina que o Alcorão é uma cópia exata, palavra por palavra, da revelação final de Deus, palavras inscritas em tábuas ou tabuletas que sempre existiram no céu. Os muçulmanos apontam para a surata 85:21-22, que diz: “Sim, este é um Alcorão glorioso, inscrito sobre uma tábua guardada”.

De acordo com a tradição muçulmana, essas revelações foram enviadas até o céu mais baixo dos sete céus, durante o mês de ramadã, na noite de poder (lailat ai Qadr; surata 17:85). De lá, foram reveladas a Maomé por meio do anjo Gabriel (surata 25:32). Devido à crença muçulmana de que o Alcorão é uma revelação ditada exata, os muçulmanos beijam o livro, o colocam na testa e o guardam na prateleira mais alta da casa. Por esse motivo, eles também olham com suspeita para qualquer tradução do Alcorão, porque as verdadeiras palavras são impossíveis de serem compreendidas plenamente, a não ser na língua original. Somente na língua árabe o Alcorão contém as palavras e testemunho de Alá em sua plenitude.

Os muçulmanos chamam o Alcorão de a “Mãe dos livros” (surata 43:3) e crêem que nenhum outro livro ou revelação pode ser comparado ao Alcorão. As suratas 2:23 e 10:37-38 desafiam qualquer um a “apresentar outro livro de igual beleza”.

Inspiração

O termo árabe para explicar o processo da revelação é wahy, que pode significar “divina inspiração”. Wahy é explicado na surata 42:51:

E a nenhum mortal é dado que Deus lhe fale, exceto por revelação ou por detrás de um véu ou por intermédio de um Mensageiro enviado para transmitir o que Deus determinar. Ele é o Altíssimo, o Sábio.

O Alcorão relata pouco acerca de como Maomé, na verdade, recebia suas revelações, assim dependemos de outros relatos para nossa informação, como os de Ibn Ishaq, Ibn Hisham, Ibn Athir e 'Ali Halabi. Seus escritos referem-se a sete formas de wahy experimentados por Maomé:

1. Maomé tinha "ataques" ou "convulsões". Suava muito quando recebia as revelações, de acordo com sua esposa Aishah. Sinos soavam em seus ouvidos. Ele ficava perturbado e sua face se transformava. 'Umar ibnu'l Khattab relata que Maomé tremia, sua boca espumava e ele rugia de forma semelhante a de um camelo.
2. Recebia revelações por meio de sonhos.
3. A inspiração vinha em visões.
4. Às vezes, ele via um anjo em forma de homem, jovem e alto.
5. Em outras oportunidades, via anjos de verdade (surata 42:51).
6. Em uma noite (conhecida como Mi 'raj), ele atravessou os “sete céus” para obter a revelação.
7. Alá falou com ele por detrás de um véu (surata 42:51).

A descrição dos ataques ou convulsões está registrada em fontes islâmicas. Alguns autores têm comparado essas convulsões a ataques epiléticos, mas o melhor mesmo é deixar que os próprios relatos falem por si, sem comentários. Relacionar Maomé a uma doença neurológica ou possessão demoníaca ajudará pouco no avanço do testemunho do evangelho. Ainda assim, é interessante observar que, de

acordo com 'Amr ibn Sharhabil, o próprio Maomé contou a sua esposa Khadija que temia estar possuído por demônios e perguntava-se se outras pessoas também não o consideravam possesso.

Períodos e métodos de revelação

De acordo com a tradição, as revelações das suratas foram recebidas e preservadas pelo analfabeto. Maomé, por meio do anjo Jibril (Gabriel) em três períodos. As suratas do primeiro período, recebidas em Meca (611-615), eram juízos e revelações referentes à natureza de Alá e seu governo (suratas 1; 51-53; 55-56; 68-70; 73-75; 77-97, 99-104, 111-114).

As suratas do segundo período, também recebidas em Meca (616-622), foram mais longas, tratando de doutrinas, muitas delas tiradas diretamente do Pentateuco. Nessa época, o islã declarou pela primeira vez que era a religião exclusiva e verdadeira (suratas 6; 7; 10-21; 23; 25-32; 34-46; 50; 54; 67; 71; 72; 76).

O período em Medina (623-632) foi formado basicamente pelos últimos dez anos da vida de Maomé. Esses últimos escritos tratam predominantemente de governo e ética (suratas 2-5; 8; 9; 22-24; 33; 37; 47-49; 57-59; 60-66; 98; 110).

Se Maomé não podia ler nem escrever, de que maneira reuniu os textos do Alcorão? Alguns ulemás (estudiosos ou teólogos) acreditam que companheiros do profeta memorizaram as palavras que Maomé comunicava e podem ter servido para confirmar a organização final feita pelo secretário de Maomé, Zaid ibn Thabit. O islã ensina que o profeta não previa sua morte e não fez preparativos para a compilação de suas revelações. O trabalho de reunir as revelações foi deixada para os compatriotas de Maomé.

Sahih Al-Bukhari, estudioso muçulmano do século IX e X, escreveu que quando Maomé entrava em um dos seus transe imprevisíveis, suas revelações eram escritas sobre qualquer coisa que estivesse à mão. Foram usados pernas ou ossos de animais mortos, folhas de palmeira, peles, esteiras, pedras e curtume. Quando nada estava à disposição, seus discípulos ('Abdullah ibn Mas'ud, Abu Musa e Ubayy ibn Ka'b) tentavam memorizar as revelações. Essas coleções orais foram transmitidas a "recitadores", que memorizavam as suratas e as comunicavam para o povo.

De acordo com Bukhari, nos anos seguintes à morte de Maomé, grandes partes foram perdidas quando vários recitadores morreram na Batalha de Yamama. Isto obrigou Hazrat Omar, que tinha sido companheiro de Maomé, a pedir ao califa Abu Bakr que as revelações/recitações existentes fossem reunidas em uma coleção. O secretário de Maomé, Zaid ibn Thabit, foi designado por Abu Bakr a juntar essas revelações.

O texto de Zaid foi dado mais tarde a Hafsa, uma das esposas de Maomé e filha de 'Umar, o segundo califa. Uma das questões mais controversas da transmissão começa com o reinado de Uthman, o terceiro califa (644-656).

No tempo de Uthman, várias versões do Alcorão tinham se espalhado pela comunidade islâmica. Disposto a descartar todas as variações dos códices e padronizar o texto, foi escolhida como modelo a coleção de Zaid ibn Thabit, tirada do manuscrito de Hafsa. De acordo com a tradição islâmica, a compilação de Zaid foi selecionada porque seu dialeto Qoraishi era a língua falada por Maomé e considerada a língua árabe "padrão". (Esse dialeto já não existe mais e os lingüistas não têm como distinguir entre a língua árabe moderna e o Qoraishi.) Cópias da compilação de Zaid foram enviadas para as províncias muçulmanas, ao passo que todos os outros manuscritos - cerca de 24 variantes - foram

sumariamente queimados.

A escolha final para um “cânnon”, portanto, não levava muito em conta a autenticidade. Podemos deduzir que no tempo de Uthman, não havia dois Alcorões iguais, contudo, por meio de um decreto todos foram destruídos exceto um.

Como o Alcorão vê a Bíblia

O Alcorão, ao apresentar-se como o testemunho final e infalível de Alá, retrata a Bíblia como incompleta (precisando, portanto, do Alcorão para completar a revelação) e imperfeita (adulterada em sua essência).

Primeiro, o Alcorão descreve a Bíblia como um livro do qual os muçulmanos podem aproveitar ensinamentos. A surata 2:136 menciona: “Dizei: ‘Cremos em Deus e no que nos foi revelado e no que foi revelado a Abraão e a Ismael e a Isaque e a Jacó e às tribos, e no que foi outorgado a Moisés e a Jesus e aos Profetas pelo seu Senhor: não fazemos distinção entre eles, e a Ele nos submetemos’ ”.

As Escrituras eram consideradas, na verdade, como dadas por Alá a Moisés e a Jesus, aqui vistos como profetas de Alá: “E fizera descer a Tora (de Moisés) e o Evangelho (de Jesus) [...] para servirem de guias aos homens” (surata 3:2-3). A crença de que Alá enviou o Antigo e o Novo Testamentos como precursores do Alcorão é claramente percebida na quinta surata:

Nós revelamos a Torá [a Moisés] na qual há orientação e luz. [...] Aqueles que não julgam segundo o que Deus revelou, são eles os descrentes. [...] Em seguida, enviamos Jesus, o filho de Maria, para que ratificasse o que havia antes dele na Torá e outorgamos-lhe o Evangelho, no qual há orientação e luz e uma confirmação da Torá e uma preleção para os que temem a Deus. Que os adeptos do Evangelho julguem conforme o que Deus nele revelou. E os que não julgam conforme o que Deus revelou, são eles os perversos. Julga de acordo com as revelações de Deus. E não siga suas paixões (surata 5:44, 46, 47, 49).

A quinta surata é confirmada por três textos suplementares interessantes:

Dize: “ó adeptos do Livro, em nada vos apoiiais enquanto não observardes a Torá e o Evangelho e o que vos foi revelado por vosso Senhor. E certamente, o que te foi revelado por teu Senhor” (surata 5:68).

Ele [o Alcorão] é a confirmação [da revelação] do que o precedeu (surata 10:37).

Se estiveres em dúvida sobre o que te revelamos, consulta os que têm lido o Livro desde antes de ti. Teu Senhor te revelou a verdade (surata 10:94).

O muçulmano devoto é, na verdade, ordenado a não argumentar com o judeu ou o cristão sobre a revelação, mas para ressaltar que Alá acrescentou o Alcorão à divina revelação. A surata 29:46 diz: “E não disputeis com os adeptos do Livro. [...] E dizei: ‘Cremos no que nos foi revelado e no que vos foi revelado’ ” Este ponto é muito importante: os muçulmanos entendem que o Alcorão não contradiz o Antigo e o Novo Testamentos, mas que os complementa. O judeu e o cristão são chamados para testificar essa verdade na surata 21:7 que diz: “Nunca, antes de ti, enviamos senão homens a quem fazíamos nossas revelações - perguntai aos portadores da mensagem se não sabeis”... Assim, o Antigo e o Novo Testamentos são vistos como divinamente inspirados, mas humanamente corrompidos. O judeu e o cristão

são chamados pelo Alcorão a reconhecer que a Bíblia foi corrompida por mentiras e distorções:

“Ó adeptos do Livro, por que disfarçais a verdade com a falsidade e ocultais a verdade, que bem conheceis?[...] E entre eles, há os que engrolam as palavras para fazer-vos crer que o que estão recitando é do Livro quando não é do Livro” (surata 3:71,78).

Portanto, o Alcorão é a revelação final, completa e exata, de Alá. De forma sinistra, recorda as advertências em Apocalipse 22:18,19, que lemos nas admoestações do Alcorão:

Imutáveis são as palavras de Deus (surata 10:64).

Inalteráveis são as palavras de Deus (surata 6:34).

Conflitos com a Bíblia

Muitos ensinamentos no Alcorão contradizem diretamente a Bíblia. Essas contradições chamam a atenção para as discrepâncias de pensamento entre muçulmanos e cristãos, principalmente quando procuramos testemunhar a eles. Visto que o islã ensina que a Bíblia foi corrompida, eles crêem que a versão deles das narrativas bíblicas é a correta. Várias suratas ensinam que Alá enviou as revisões das histórias bíblicas para Maomé para “consertar” a Bíblia adulterada (suratas 6:34; 4:82; 10:65). Aqui estão alguns exemplos dessas mudanças.

A mulher de faraó adotou Moisés (surata 28:9)

Exodo 2:10 declara que a filha de faraó adotou Moisés, mas o Alcorão diz que foi a esposa. Se a esposa de faraó tivesse adotado Moisés, ele teria se tornado o filho do faraó e herdeiro do trono do Egito.

Maria faz parte da Trindade (surata 5:116)

A surata 5:116 afirma que os cristãos adoram três deuses: o Pai, a Mãe (Maria) e o Filho (Jesus). Uma seita herética do cristianismo, os coliridianos, ensinava essa doutrina, e Maomé poderia tê-la encontrado na Arábia. Qualquer que seja o motivo, o Alcorão distorce intensamente o ensino cristão. Uma alteração semelhante ocorre na surata 5:73-75: “São descrentes aqueles que dizem que Deus é o terceiro de três”. Obviamente, a acusação é contra os cristãos e é uma suposição incorreta de que a trindade torna Deus um de três. O cristianismo ortodoxo ensina que Deus é uma substância e três pessoas.

Faraó e a Torre de Babel (surata 28:38; 40:25)

O Alcorão diz que um homem chamado Hamã, servo de faraó, construiu uma torre alta para subir até Deus. Mas a torre de Babel é descrita em Gênesis 11, muito antes da existência dos faraós, e Hamã é lingüisticamente um nome posterior. O único “Hamã” nas Escrituras está na história de Ester na Babilônia, muito depois dos anos dourados do Egito.

Os samaritanos constroem o bezerro israelita (surata 20:85-97)

O Alcorão diz que o bezerro adorado pelos israelitas no monte Horebe foi moldado por um samaritano. O termo “samaritano” não foi cunhado antes de 722 a.C., centenas de anos depois do Êxodo, quando o

ídolo foi moldado.

O sacrifício de Ismael (surata 37:100-111)

Os manuscritos hebraicos para Gênesis 22 não identificam o filho de Abraão que foi colocado sobre o altar para ser sacrificado. O contexto sugere fortemente que foi Isaque, mas a surata 37 afirma que foi Ismael. Isso somente pode ter apoio na tradição e o acontecimento marca um dos dois feriados do islã.

Saul liderou o exército de Gideão (surata 2:249)

Juízes 7 identifica Gideão como o líder dos trezentos soldados do exército escolhido por Deus. A surata 2 diz que foi Saul o general desse exército, embora o rei ainda não tivesse nascido.

Jesus não foi crucificado (surata 4:157)

Os judeus apreciam a surata 4:157: “ ‘Matamos o Messias, Jesus, o filho de Maria, o Mensageiro de Deus’, quando, na realidade, não o mataram nem o crucificaram: imaginaram apenas tê-lo feito”.

O sangue não tem importância para Alá (surata 22:34-37)

“A cada nação, consignamos um ritual para que invoque o nome de Deus sobre o gado que lhe concedemos. [...] A Deus não chegarão nem sua carne nem seu sangue. Mas a Ele chegará a vossa devoção”. O cristianismo ensina acerca da natureza essencial do sangue, apontando para a obra de propiciação de Jesus Cristo. Levítico 17:11 afirma: “Pois a vida da carne está no sangue, e eu o dei a vocês para fazerem propiciação por si mesmos no altar; é o sangue que faz propiciação pela vida”. O Novo Testamento continua o tema por meio da obra de Jesus Cristo (cf. Hebreus 9:22-28).

Ensinos estranhos do Alcorão

Além dos equívocos óbvios referentes à história e à teologia que ocorreram na edição do Alcorão de Uthman, muitos ensinamentos podem ser considerados estranhos, especialmente quando vistos pelas lentes do século XXI. Escolhemos alguns exemplos:

Sete terras (surata 65:12)

A surata 65:12 afirma que Deus criou sete céus ou níveis de céus e sete terras.

Djins e estrelas cadentes

Suratas 37:6-10; 55:33-35; 67:5; 72:6-9 Meteoros e estrelas cadentes são mísseis atirados contra satãs e djins que tentam ouvir a leitura do Alcorão no céu para depois passar o que ouviram aos homens em forma de suratas.

Pessoas se tornam macacos

Suratas 2:65-66; 7:163-67 de acordo com as suratas 2 e 7, Alá transformou certos pescadores em macacos por quebrarem o sábado judaico.

Declarações contraditórias no Alcorão

Também podemos encontrar inúmeros fatos e declarações no Alcorão que simplesmente não combinam com outras declarações encontradas no mesmo livro. Essas inconsistências e discordâncias internas raramente abalam o muçulmano, mas ilustram a falibilidade humana na fonte central do ensino islâmico.

Maria e o(s) anjo(s)

Descrevendo a Anunciação, o Alcorão diz que um anjo veio a Maria (surata 19:17-21), mas as suratas 3:42 e 45 mencionam vários anjos na anunciação da concepção de Jesus.

Dia de Alá

Qual a duração de um "dia" para Alá? A surata 22:47 afirma que o dia de Alá é como mil anos solares, mas a surata 70:4 afirma que um dia é igual a 50 mil anos.

Ceifador de alma

Diferentes textos oferecem relatos conflitantes em relação a quem se apodera da alma humana na morte: o Alcorão diz que é o anjo da morte (surata 32:11), ou os anjos de maneira genérica (surata 47:27), ou ainda Alá (surata 39:42).

Dias da criação

Em quantos dias Alá criou a terra? As suratas 7:54, 10:3, 11: 7 e 25:59 afirmam que a criação requereu seis dias, mas em 41:9-12 a criação ocorre em oito dias.

Qual é mais antigo: o céu ou a terra?

Qual foi criado primeiro? A surata 2:29 afirma claramente que Alá criou primeiro a terra e depois o céu, mas a surata 79:27-30 reverte a ordem.

A criação da humanidade

De que substância as pessoas foram feitas? As respostas são: de sangue coagulado (surata 96:1-2), de água (surata 21:30), de argila seca (surata 15:26), do barro (3:59), do nada (19:67), da terra (11:61), ou de uma gota de sêmen (esperma) ejaculado (suratas 16:4; 75:37).

Shirk como o pecado imperdoável?

Acaso Alá perdoa o shirk (idolatria)? O Alcorão não é claro. O pecado é relacionado como imperdoável nas suratas 4:48 e 116, mas perdoável nas suratas 4:153 e 25:68-71. Abraão cometeu o pecado do politeísmo ao adorar a lua, o sol e as estrelas (surata 6:76-78), contudo, os muçulmanos acreditam que todos os profetas não pecaram.

Será que o filho de Noé morreu afogado?

De acordo com a surata 21:76, Noé e toda a sua família sobreviveram ao dilúvio, mas a surata 11:42-43

relata que um dos filhos de Noé afogou-se.

Castigo pelo adultério

O castigo pelo adultério na surata 24:2 é cem açoites para o homem e para a mulher. Na surata 4:15, o castigo para a mulher é prisão perpétua, mas não existe castigo para o homem que se arrepende e se corrige.

Os cristãos irão para o céu ou para o inferno?

Há dúvida quanto ao destino eterno dos cristãos. As suratas 2:62 e 5:69 ensinam que os cristãos deverão entrar no paraíso, mas as suratas 5:72 e 3:85 dizem que eles irão para o inferno.

Faraó afogou-se ou conseguiu se salvar?

O Alcorão não é claro em relação ao que aconteceu a faraó quando perseguiu Moisés. A surata 10:92 afirma que ele sobreviveu à batalha, mas três outros textos dizem que se afogou (suratas 28:40; 17:103; 43:55).

Muçulmano no inferno?

Será que Alá mandaria seus próprios servos para o inferno? De acordo com a surata 19:71, cada muçulmano vai para o inferno (por um período), enquanto inúmeros textos afirmam que aqueles que morrem no jihad vão imediatamente para o paraíso.

Jesus - vivo ou morto?

A surata 3:144 declara que todos os mensageiros morreram antes de Maomé, mas a surata 4:158 afirma que Jesus foi elevado até Deus sem morrer. Em seu comentário acerca da surata 3:46, Yusaf Afi ensina que Jesus viveu até ter cerca de 33 anos, mas a surata 5:110 diz que ele ensinou o povo quando era ancião.

Suna e Hadith: os outros livros

A História de Henderson

Os Henderson se perguntavam por que era tão difícil formar um relacionamento saudável com seus vizinhos muçulmanos. Os Henderson somente queriam ser amigos e conquistar a confiança deles para falar acerca do evangelho. Depois que os Askar se instalaram em sua nova casa, ao lado, Shane e Cheryl Henderson logo apareceram na porta dos vizinhos para dizer “olá” e oferecer um pão fresco, feito em casa. O casal, obviamente islâmico devido às suas vestimentas, foi cortês mas recusou o pão. Shane e Cheryl foram para casa desanimados.

Golpe número um.

Em um dia de verão, Shane convidou seus vizinhos para um churrasco. Sabendo que os muçulmanos não comem carne de porco, Shane comprou quilos de camarão, lagosta e moluscos. Os Askar viram a comida e de repente lembraram que já tinham “assumido outro compromisso”.

Golpe número dois.

Depois de mais algumas tentativas de aproximação desajeitadas, Shane entregou os pontos. Então, um dia, o sr. Askar percebeu que Shane estava tendo dificuldades para carregar todas as compras do carro. Ele prontificou-se para ajudar. O sr. Askar parecia mais amigável e ávido para ajudar. Surpreso, Shane prontamente estendeu a mão que estava livre - a esquerda - ao seu vizinho. Mas em vez de cumprimentá-la, o sr. Askar olhou para a mão por um instante e se desculpou em seguida.

Golpe número três.

Muitos cristãos bem-intencionados tropeçam em clamorosos insultos contra seus conhecidos muçulmanos. Normalmente a causa é a ignorância sobre as prescrições menos conhecidas do islã. Algumas dessas prescrições sociais são encontradas no Alcorão, mas os ocidentais normalmente acabam quebrando regras que são encontradas em um texto do qual provavelmente nunca ouviram falar - o Hadith. O Alcorão contém ensinamentos que Maomé acreditava ter recebido diretamente de Alá. Mas algumas das regras culturais mais peculiares estão no Hadith e na Suna - uma coleção de ditados (ahadith) e exemplos (sunnahs) de Maomé.

Os Henderson teriam ficado embaraçados em saber que o Hadith proíbe comer moluscos e comida assada com banha. Estender a mão esquerda é um insulto, de acordo com esse compêndio do ensinamento islâmico.

O Hadith como explicação

O Alcorão é a autoridade máxima no islã, tendo sido transmitido a Maomé por Alá, por intermédio do anjo Gabriel. Em segundo plano vêm a Suna e o Hadith, que servem como instruções para o muçulmano de modo semelhante aos Midrash para o judeu. Visto que a Suna e o Hadith sempre são colocados juntos na compilação, este capítulo visa examiná-los para uma percepção melhor do ensinamento islâmico.

A Suna é a base do código legal da jurisprudência islâmica (xariá, “o caminho”) e serve como autoridade para os governos dos Estados islâmicos. A Suna descreve os acontecimentos da vida de Maomé e oferece exemplos para a ética e a vida diária.

Os Hadiths (ou ahadith) são parecidos com os sunnahs, mas não idênticos. Cada Hadith é uma narrativa da vida do profeta e o que ele disse em oposição a um esboço biográfico. Portanto, enquanto a Suna como um todo, apresenta a história significativa de Maomé, os volumes do Hadith expõem os mandamentos cruciais e perpétuos de Maomé.

De acordo com o Conselho Sul-Africano dos Teólogos Muçulmanos, o Hadith/Suna é uma sábia interpretação para um Alcorão que esporadicamente poderia ser ambíguo. Eles explicam: “O Santo Alcorão sem o Hadith ou a Suna do Profeta permanece ininteligível em certos casos e, em vista disso, o Santo Alcorão tem, em vários versículos, ordenado os muçulmanos a seguir o Profeta em todos seus atos e dizeres. Portanto, se alguém crê no Santo Alcorão, não existe outra alternativa além de se apoiar no Hadith do Profeta”.

Definição de um hadith:

De acordo com Muhaddithiin [estudiosos do Hadith], o Hadith responde por “aquilo que foi transmitido pela autoridade do Profeta, suas obras, dizeres, aprovação implícita ou descrição das suas sifaat [feições], isto é, sua aparência física. No entanto, a aparência física do Profeta não está incluída na definição usada pelos juristas”.

A expansão do islã no século seguinte à morte de Maomé submeteu os estudiosos islâmicos a uma tarefa atemorizadora - preservar o conhecimento dos ensinamentos do profeta. Por conseguinte, nasceu a ciência da avaliação de Hadith. Existem quatro versões do Hadith e todas elas alcançaram popularidade.

A coleção de Sahih Al-Bukhari é reconhecida pela grande maioria do mundo muçulmano como a coleção mais autêntica das palavras de Maomé. De acordo com os estudiosos muçulmanos, cada relato em sua coleção foi verificado para ser compatível ao Alcorão, e a veracidade de uma seqüência de relatos foi estabelecida diligentemente. Bukhari (810-870) - cujo nome completo é Abu Abdullah Muhammad bin Ismail bin Ibrahim bin al-Mughira al-Já'fai - passou dezesseis anos compilando sua pesquisa e acabou com 3295 ahadith divididos em noventa e sete “livros” com 3 450 capítulos. Seus critérios para a aceitação de um relato na coleção estavam entre os mais rigorosos de todos os estudiosos de ahadith, classificando cada recordação e discurso como segue: perfeito (sahih), bom (hasan), fraco (da'if) e fabricado ou forjado (maudu'). Todas as citações neste capítulo vêm da versão do Hadith de Bukhari.

A tradução de Sahih Muslim é uma coleção muito mais extensa. Muslim (817-875) - o nome completo é Abul Husain Muslim bin al-Hajjaj al-Nisapuri - foi aluno de Bukhari. Dos trezentos mil ahadith avaliados, ele aceitou cerca de doze mil, baseado em critérios de aceitação menos rigorosos do que aqueles usados por Bukhari, em sua coleção.

Duas coleções parciais têm menor apreciação pelos eruditos islâmicos. As coleções incompletas de Sunan Abu Daawud e a Malik'i Muwatta têm a metade do tamanho das coleções de Bukhari e Muslim, mas elas influenciam seitas islâmicas como os Druze.

Avaliação do Hadith e da Suna

De acordo com a surata 15:9 do Alcorão, os muçulmanos acreditam que sunnahs e ahadith são o cumprimento da profecia: “Fomos nós que fizemos descer a mensagem e somos nós que a protegemos (de corrupção)”. Há catorze séculos, desde que o Alcorão foi formulado, os muçulmanos têm protegido um registro vivo do exemplo de Maomé de como o islã deve ser vivido. Assim, uma ciência de transmissão foi desenvolvida para preservar os ensinamentos, dizeres e relatos da vida do profeta (cf. a ilustração “Critérios para estabelecer ahadith”).

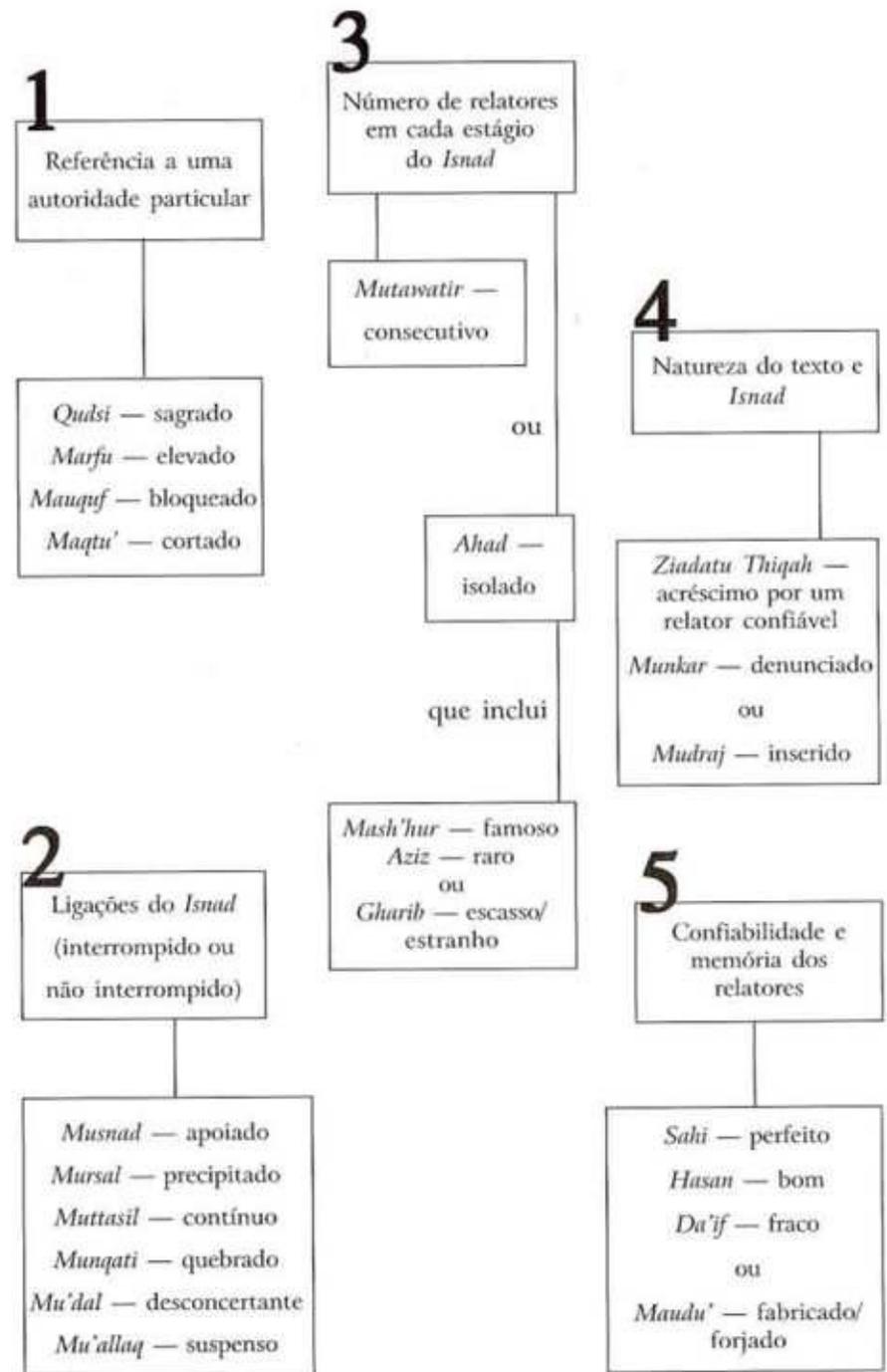
Os ulemás, homens treinados na memorização, desenvolveram um estudo acadêmico de transmissão. Eles se tornaram estudiosos da comunidade islâmica e evidenciaram as invenções e falsas atribuições às quais os grupos muçulmanos foram expostos.

Os ulemás desenvolveram quatro classificações de ahadith: 1) qudsi, supostamente as palavras exatas de Maomé; 2) marfu, relatos de testemunhos diretos das palavras de Maomé, como “eu ouvi o Profeta dizer ...”; 3) mauquf, declaração por um companheiro que ouviu Maomé fazer uma declaração; 4) maqtu', narração de um sucessor.

Tópicos analisados

Embora nenhum índice temático do Hadith de Bukhari seja oficial, Muhsin Khan, da University of Southern Califórnia, elaborou um conjunto de capítulos por tópicos (cf. a ilustração “Tópicos por capítulos do Hadith” p.107). Eles ilustram a variedade de temas analisados.

Critérios para determinar uma Hadith



Topicos por capítulos do Hadith

1. Revelação / 2. Crença / 3. Conhecimento / 4. Purificação (Wudu') / 5. Banho (Ghusl)

6. Períodos menstruais / 7. Esfregando mãos e pés com pó (Tayammum) / 8. Orações (Salat)

- 9.** Virtudes no hall de Oração / **10.** Períodos das orações / **11.** Convocação para as orações (Adhaan)
- 12.** Características da oração / **13.** Oração da sexta-feira / **14.** Oração de temor / **15.** Os dois festivais (Eids)
- 16.** Oração Witr / **17.** Invocando Alá por chuva (Istisqaa) / **18.** Eclipses
- 19.** Prostração durante a recitação do Alcorão / **20.** Encurtando as orações (At-Taqseer)
- 21.** Oração à noite (Tahajjud) / **22.** Ações durante a oração / **23.** Funerais (Al-janaa'iz)
- 24.** Taxa de caridade obrigatória (Zakat) / **25.** Taxa de caridade obrigatória depois do ramadã
- 26.** Peregrinação (hajj) / **27.** Peregrinação menor (Umra) / **28.** Peregrinos impedidos de completar o Hajj
- 29.** Castigo por caçar durante a peregrinação / **30.** Virtudes de Madina [Medina] / **31.** Jejum
- 32.** Oração à noite no ramadã / **33.** Retiro em uma mesquita para lembrar de Alá
- 34.** Vendas e comércio / **35.** Vendas nas quais os bens são entregues mais tarde
- 36.** Contrato de empregado / **37.** Transferência de débito
- 38.** Representação, autorização, negocios por procuração / **39.** Agricultura
- 40.** Distribuição de água / **41.** Falência / **42.** Coisas perdidas encontradas por alguém
- 43.** Opressões / **44.** Sociedade / **45.** Hipoteca / **46.** Alforria de escravos
- 47.** Presentes / **48.** Testemunhas / **49.** Fazer as pazes / **50.** Condições
- 51.** Vontades e testamentos (Wasaayaa) / **52.** Guerreando pela causa de Alá (Jihad)
- 53.** Um quinto do despojo (saque) para a causa de Alá (Kummus)
- 54.** Princípio da criação / **55.** Profetas / **56.** Virtudes e méritos do Profeta
- 57.** Companheiros do Profeta / **58.** Méritos dos auxiliares em Madina [Medina]
- 59.** Expedições militares lideradas pelo Profeta / **60.** Comentário profético do Alcorão
- 61.** Virtudes do Alcorão / **62.** Casamento (Nilcaah) / **63.** Divórcio
- 64.** Sustentando a família / **65.** Comida, refeições / **66.** Sacrifício pelo nascimento
- 67.** Caçar, abater / **68.** Festival de Sacrifício Al-Adha / **69.** Bebidas / **70.** Pacientes
- 71.** Medicina / **72.** Vestimenta / **73.** Bons costumes, formas / **74.** Pedindo permissão
- 75.** Invocações / **76.** Para tornar o coração meigo / **77.** Vontade divina (Al-Qadar)

- 78.** Juramento e votos / **79.** Expição por juramentos não cumpridos
- 80.** Leis de herança (AlFaraa'íd) / **81.** Limites e castigos estabelecidos por Alá (Hudood)
- 82.** Castigo para os descrentes na guerra com Alá / **83.** Dinheiro de sangue
- 84.** Lidando com apóstatas / **85.** Falar sob coação / **86.** Fraude, trapaça
- 87.** Interpretação de sonhos / **88.** Aflições e o fim do mundo
- 89.** Julgamentos (Ahkaam) / **90.** Desejos / **91.** Aceitando informação de uma pessoa honesta
- 92.** Mantendo-se firme ao Alcorão e ao Sunnah / **93.** Singularidade de Alá

Urina de camelo, sapatos e olhos perversos

Alguns ensinamentos incomuns são encontrados no Hadith. Não devemos zombar de remédios primitivos de cura, mas se o islã defende a infalibilidade de seus textos sagrados, o Hadith apresenta um dilema aos muçulmanos. Será que as citações de ensinamentos históricos de Maomé estão dentro de um contexto cultural, ou são, na verdade, prescritivas?

Maomé adotou, por exemplo, as virtudes medicinais da urina do camelo: “O profeta ordenou que seguissem os camelos e tomassem seu leite e urina até que seus corpos ficassem sãos” (7:590). Ele acreditava que a “febre vem do calor do inferno, por isso apague-o (esfrie-o) com água” (7:619). Uma mosca no copo de alguém é sinal de saúde garantida: “Maomé disse: ‘Se uma mosca cair na bebida de alguém, essa pessoa deveria imergi-la (na bebida), porque uma de suas asas tem uma doença, e a outra tem a cura para essa doença’ ” (4:537).

Maomé acreditava que a aparência de uma criança era determinada por aquele que tinha o orgasmo primeiro - o homem ou a mulher: “Maomé disse: ‘Em relação à criança, se o orgasmo do homem precede o orgasmo da mulher, a criança será parecida com o homem, e se a mulher tem o orgasmo antes do homem, então a criança será parecida com a mulher’ ” (5:275).

Maomé também era um homem supersticioso. Ele ensinou que “o efeito de um olho perverso é realidade” (7:636), e “se você quer vestir os seus sapatos, coloque o sapato direito primeiro, e se você quer tirá-los, tire primeiro o sapato esquerdo” (7:747).

Suna e a vida de Maomé

Na ética, o muçulmano é encorajado a seguir o exemplo de Maomé conforme o Hadith. Maomé disse: "Siga o meu sunnah" e em outra ocasião: "Quem negligenciar meu sunnah não pertence a mim".

Alguns aspectos da Suna são obrigatórios (waajib) e alguns são recomendações (mustahabb). Prescrições nas duas categorias cobrem virtualmente cada área da vida.

Ao ler os ahadith, o cristão terá uma compreensão melhor do estilo de vida do muçulmano. O Hadith

ordena ações como:

- sentar de pernas cruzadas na oração com a perna direita sobre a esquerda (muftarishan; Bukhari, 784);
- sacrificar um camelo enquanto está se levantando, e o seu pé esquerdo dianteiro está amarrado (Bukhari, 1598);
- passar uma vasilha de beber para a direita (Muslim, 3785);
- dividir o tempo igualmente entre as esposas (Bukhari, 4813).

Praticamente, toda ação realizada pelos muçulmanos, desde como se aproximam de sua casa até como escovam os dentes, tem um exemplo no Hadith. Certos atos de protocolo devem ser abordados com consideração cuidadosa. Quando se está em dúvida, e para evitar ofensa, o não-muçulmano deveria consentir que o muçulmano agisse primeiro.

Shane e Cheryl aprenderam sua lição. Que possamos fazer o mesmo antes de perdermos nossa oportunidade de testemunhar.

Alá: nomes de terror, nomes de glória

Os apelidos divinos de Deus

Alguns dias depois do ataque terrorista ao World Trade Center e ao Pentágono, um culto em memória aos mortos foi realizado em um estádio de futebol. Milhares de pessoas se reuniram para prantear e orar. Em um grande palanque no centro do campo, os líderes reuniram-se ao redor do microfone. No centro do palco estava a entrevistadora de TV americana e onipresente magnata da mídia, Oprah Winfrey. Em diversos ambientes altamente destacados pelos meios de comunicação, a sra. Winfrey estava se tornando a professora da América. Toda sua instrução centrava-se na doutrina de que o islã era uma religião pacífica e amorosa.

Naquele dia no estádio, um ministro cristão colocou-se diante do microfone e começou a invocação: “Oramos em nome do nosso Deus - o Deus do cristianismo, do judaísmo e do islã ...”.

Será que todas as pessoas reunidas naquele estádio - cristãos, judeus, muçulmanos e outros - estavam falando com o mesmo “Deus”, que, na verdade, apenas tem diferentes “apelidos divinos” que são invocados pelos adeptos das diferentes religiões? Será que os seguidores da moda de espiritualidade de Oprah estão certos de que cada pessoa tem uma “luz interior”, que iguala todos os sistemas de fé, visto que a jornada de descoberta de cada indivíduo é uma busca pela “luz interior de significado e propósito”?

A mensagem de Oprah, em relação à benevolência do islã e suas similaridades com os outros sistemas de fé, está sendo assumida pela cobertura da mídia sobre as crises do terrorismo e do Oriente Médio. No entanto, estranhamente ausentes dessa discussão estão os cristãos evangélicos ortodoxos, e no que diz respeito a esse assunto, os ulemás (estudiosos) muçulmanos ortodoxos.

Será que o pós-modernismo está correto? Será que todas as religiões estão dizendo as mesmas verdades

espirituais, usando apenas diferentes palavras?

Quase um tumulto no Texas

Depois de 11 de setembro, o debate tornou-se exaltado. Naquele mês de novembro, Ergun fazia uma preleção na University of North Texas a respeito do tema “terrorismo, tolerância e verdade”. A preleção, patrocinada pela Denton Bible Church e Cruzada Estudantil para Cristo, foi originariamente programada para ocorrer no Lyceum Hall. Mas, devido ao grande interesse, os organizadores tiveram de procurar espaço maior o Auditório Central.

Panfletos haviam sido distribuídos por várias semanas. A população muçulmana no campus da universidade e na comunidade estava enfurecida por que um muçulmano que havia se tornado cristão evangélico falaria acerca de um tema como esse. Ameaças haviam sido feitas, por isso a segurança teve de ser reforçada, mas, quando a multidão se reuniu, ficou claro que esse seria um debate intelectual, não uma confrontação física. A tensão podia ser sentida no auditório, e a discussão foi, no mínimo, acalorada. O moderador e o palestrante tinham concordado que, se possível, somente os muçulmanos e os cétricos poderiam fazer perguntas no fórum aberto - após a palestra. Muitas vezes, palestras semelhantes têm “plantado” perguntadores, que ficam levantando questões fáceis para o palestrante, como em um daqueles péssimos filmes cristãos dos anos 70. Ali os cétricos teriam a oportunidade de fazer perguntas e também de apresentar suas propostas.

As perguntas dirigidas a Ergun seguiam um padrão previsível, conforme os freqüentes debates desse tipo dos quais havia participado. As declarações inevitavelmente procuravam atacar a credibilidade do palestrante (“Você não é um perito do islã”), ou conhecimento (“Não conhece o bastante do Alcorão”), ou a integridade (“Está mentindo a nosso respeito”), sem, na verdade, tratar do assunto.

A tensão se intensificou quando um senhor islâmico se levantou para falar. Em vez de gritar (como tinha sido o estilo de alguns questionadores), falou calmamente, mas de forma firme, acerca da questão central do caráter divino e do nome de Alá. O palestrante, segundo ele, havia apresentado apenas metade da questão. Alá é benevolente e misericordioso, continuou, e não envia todo muçulmano para o jihad. Era difícil, admitiu, apresentar uma solução para os versículos do Alcorão e do Hadith citados por Ergun. Ele acreditava, no entanto, que os terroristas suicidas do ataque ao World Trade Center estavam agora no “fogo do inferno”.

Reconhecendo que a mídia tinha a intenção de combinar todas as religiões em “irmandade”, Ergun dirigiu uma pergunta a esse senhor islamita: “Alá é o mesmo Deus que Jeová?”.

Esse cavalheiro olhou para o palestrante, depois para a multidão, e disse: “Não, é claro que não”.

Se nada mais foi alcançado naquela noite, um ponto estava claro. Muçulmanos e cristãos tinham concordado que Alá e Jeová não eram o mesmo.

Estamos usando apelidos divinos?

Se existe um assunto controverso que agita e mexe com a comunidade acadêmica cristã é o de semântica versus teologia. Visto que os cristãos usam Deus para referir-se a nossa deidade, e visto que o termo genérico árabe para “deus” é Alá, será que os muçulmanos e os cristãos estão falando do mesmo Ser?

Alguns acadêmicos cristãos entendem a diferença entre Deus e Alá como exclusivamente uma questão de linguagem. Em seu excelente livro, *Answering Islam* [Resposta ao islã], Norman Geisler e Abdul Saleeb fazem uma afirmação com a qual nós, os autores deste livro, respeitosa mas enfaticamente discordamos:

Alá é o nome pessoal de Deus no islã. Não fazemos distinção [...] entre a palavra “Alá” e o termo “Deus”. Como um conhecido autor muçulmano afirma, “Al-lah” significa “a Divindade” na língua árabe: é o único Deus, implicando que a transcrição correta só pode conferir o significado exato da palavra com a ajuda da expressão “Deus”. Para o muçulmano, “al lah” é o mesmo Deus de Moisés e de Jesus.

A filosofia, a lógica e a etimologia definem a resposta de Geisler e Saleeb. Os muçulmanos ao longo da história têm entendido o termo Allah como uma Causa Sem Causa e um Ser Necessário.

O conceito do “Ser Necessário” islâmico é semelhante ao conceito dos apologistas cristãos, como Tomás de Aquino, quando formulam provas acerca de Deus. Os conceitos de Alá e de Deus resultam em uma posição de “semelhança de palavra”. Geisler e Saleeb citam então Kenneth Craig, que afirma: “O termo arábico ‘ ilahun ’ significa ‘ um deus ’ e é similar às palavras hebraicas e aramaicas para a deidade”.

No entanto, as questões da origem e intenção permanecem: será que Maomé via o islã como um cumprimento e revisão do judaísmo e do cristianismo? Ou, pretendia uma completa revisão da religião como um todo? Será que ele via os cristãos e os judeus como adoradores não intencionais de Alá, o único Deus verdadeiro ou eles eram pagãos e akafir (infiéis)? Embora tivesse feito revisões amplas das histórias do Antigo Testamento e da natureza de Jesus, ele claramente considerava os seguidores de Moisés e de Cristo como filhos de Satanás, não irmãos separados.

O processo de redefinir um conjunto de termos estabelecidos para enquadrar-se com nossas próprias idéias é chamado de “edição”. Portanto, enquanto o muçulmano diz que é filho de Abraão, ele coloca novo significado na natureza essencial de Abraão. Na surata 3:66, o Alcorão afirma enfaticamente: “Abraão não era judeu ou cristão. Era um homem de fé pura e um submisso. E não era um idólatra”. A história de Abraão tem sido editada para adaptar-se a uma nova agenda.

Missiologia e o Deus Desconhecido

Alguns apologistas cristãos usam essas similaridades semânticas como ponte para a compreensão. Se pudermos usar a palavra Alá, poderemos ajudar o muçulmano a entender que Alá verdadeiramente é o Deus trino e uno da Bíblia.

Atos 17 relata que, em Atenas, Paulo usou um deus falso do Areópago para anunciar a Cristo (cf. At 17:16-34).

Para aqueles que defendem esse princípio missiológico, o argumento essencial pode ser expresso da seguinte forma:

- Paulo mostra que esses filósofos estavam adorando sem conhecimento o verdadeiro Deus do cristianismo (At 17:23).
- Ele usou os deuses falsos deles para pregar acerca do verdadeiro Deus.
- Na adoração deles, tinham estabelecido um lugar em seus corações para o verdadeiro Criador.

• Portanto, no campo missionário podemos falar de Alá como Deus, porque os muçulmanos simplesmente não conhecem sua natureza.

Mas existem falhas nesse argumento.

Primeiro, Paulo não confundiu os deuses falsos que os atenienses adoravam com o único Deus verdadeiro, Cristo. Ele apontou para um ídolo que os atenienses tinham erguido para “ocultar suas pegadas”. Esse “Deus desconhecido”, que Paulo disse ser nosso Senhor, era diferente, em natureza e nome, dos outros ídolos. O argumento citado somente seria verdadeiro se Paulo tivesse apontado para Zeus, ou outro deus do panteão e dissesse: “Eu anunciarei esse deus para vocês. Vocês não conhecem a verdadeira natureza desse deus”. Em vez disso, ele diferenciou o único Deus verdadeiro dos deuses falsos, que claramente enxergava como ídolos.

Quer os atenienses “adorassem na ignorância” o Deus verdadeiro, quer não, Paulo não estava dizendo que eram crentes: caso contrário ele não teria tido a necessidade de proclamar Cristo a eles. Em vez de condenar o sincretismo deles em unir todos os deuses para depois adorar apenas um, Paulo incluiu a possibilidade de um deus desconhecido, um Deus que eles não conheciam: e era esse Deus - Jesus Cristo - de quem ele agora falaria. O apóstolo não estava simplesmente preenchendo a lacuna do ídolo com o nome de Jesus. Cristo não era o deus que adoravam. Mesmo os filósofos viram que o Deus estranho de Paulo não era um deus que eles conheciam.

Promover uma conexão íntima entre Jeová e Alá, na verdade, somente prejudica a proclamação de Cristo nos países de língua árabe. Quando perguntamos aos muçulmanos se eles conhecem “Alá”, sua resposta é afirmativa. Mas sugerir que Alá é trino, uno e pessoal acaba sendo um ataque pessoal a seu deus e a sua religião, em vez da proclamação de Cristo. Muitos cristãos de língua árabe usam o termo pérsico khudu no lugar de Deus, para não causar confusão ao chamar Alá pelo nome de Deus.

O Alá que adorávamos como muçulmanos era um juiz remoto. Quando os cristãos falam da intimidade e da graça de Deus, isso confunde um muçulmano que não conhece um Deus-homem em sua religião, a não ser por negação.

Muçulmanos ou Messiânicos?

Quando Ergun pregou em uma igreja na costa leste dos Estados Unidos, um árabe, que havia se tornado cristão, discordou da sua avaliação do termo Alá. Uma vez que esse homem falava a língua árabe e havia se tornado cristão, acreditava que, por ser Alá simplesmente uma palavra árabe, ele poderia usá-la para representar Jesus Cristo ou mesmo toda a Trindade. Não estava disposto a usar a palavra Jeová, pois ela não fazia parte de sua língua nativa.

Seu segundo ponto era ainda mais alarmante. Ele se considerava um muçulmano messiânico. Da mesma forma que os judeus messiânicos tinham descoberto que Jesus era Yahweh, ele tinha descoberto que Jesus era Alá. Será que não poderia continuar a usar o termo Alá nesse sentido?

Esse tipo de argumentação vai contra a natureza do judaísmo messiânico. Israel sempre esteve aguardando por um Redentor e Salvador, o Messias, e o judeu messiânico reconhece que Jesus Cristo é, de fato, o Messias, o cumprimento da sua esperança. Um muçulmano devoto, no entanto, olha para o passado que contempla a vida de Jesus. Maomé, que conhecia os ensinamentos de Jesus Cristo como Senhor, rejeitou-O. A rejeição do senhorio de Jesus, na verdade, faz parte da doutrina do islã.

E dizem que o Clemente tomou para Si um filho. Sem dúvida, haveis proferido uma enormidade. [...] E por que o Misericordioso tomaria a Si um filho? (surata 19:88-92).

Um muçulmano que aceita Jesus Cristo como Senhor deve, por conseguinte, rejeitar sua religião anterior, que explicitamente nega Cristo como Deus. O cristianismo não é um cumprimento da esperança islâmica, mas ele rejeita o islã em seu âmago.

Sem Sincretismo

Esse aspecto do significado de Alá é tão essencial e tão seminal que não pode ser exagerado. A questão do nome de Deus deve ser centralizada na natureza de Deus. Se um cientologista⁴ fala de “deus” em termos de engramas, será que está falando do Deus da Bíblia simplesmente por que usa o termo genérico para divindade? Se um mórmon discute a natureza de Deus, será que está filosofando acerca de Jesus Cristo, o Emanuel, porque ele invoca a palavra Deus? Temos a obrigação de ser precisos. Não podemos discutir o “nome” de Deus sem primeiro esclarecer acerca da natureza do Deus ligado a esse nome.

Ao discutir com cristãos bem-intencionados, mas imprecisos, nós, os autores, muitas vezes usamos uma série de perguntas retóricas para mostrar quão ridículo é identificar Alá com Yahweh:

- Alá é trino e uno? Se este não é o caso, então não estamos falando do mesmo Deus.
- Alá tem um Filho? Se não (cf. surata 19:88-92), então não estamos falando do mesmo Deus.
- Alá é o Redentor vicário e o Cordeiro de Deus expiatório, que tira os pecados do mundo? Se não, então não estamos falando do mesmo Deus.

Em uma cultura politicamente correta, e pós-moderna, esses princípios não são populares nem bem-vindos. Mas são essenciais para um testemunho eficaz (cf. Fp 2:5-11).

A Natureza de Alá

O cristão tem a incumbência de examinar a natureza de Alá à luz do Alcorão. A surata 112 define Alá desta maneira: “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso. Dize: Ele é o Deus único, Deus, o eterno refúgio. Não gerou nem foi gerado. Ninguém é igual a Ele”. Como Geisler e Saleeb observam, o Hadith afirma que esta surata “tem a validade de um terço de todo o Alcorão e os sete céus e as sete terras estão fundadas sobre ela. Para confessar esse versículo, afirma a tradição, é como desfazer-se dos seus pecados como um homem que tira as folhas de uma árvore no outono”

Alá é absolutamente um (Tawhid)

Em mais de cem textos, o Alcorão ressalta a natureza absolutamente monoteísta de Alá, como auto-existente e necessário. Esta simples confissão é encontrada em cada articulação da vida islâmica: La illaha illa Allah, Muhammad rasul Allah (Existe um só Deus, Alá, e Maomé é o seu profeta). Essa profissão, o primeiro pilar do islã, é recitada em cada rito de passagem - nascimento, casamento e morte. É pronunciada inúmeras vezes durante o dia e é uma afirmação exclusivista: somente Alá deve ser adorado.

Maomé confessou que somente Alá é Deus: “Combatei os que não crêem em Deus [Alá] nem no último dia” (surata 9:29). Somente o islã é central para a salvação da humanidade: “E quem seguir outra religião senão a da submissão [islã] não será por Ele aceito” (surata 3:85).

Alá como determinista (En sh'Allah)

En sh'Allah significa “é da vontade de Alá”. Uma das doutrinas básicas do islã é a absoluta soberania, até o ponto do determinismo, de Alá. Ele sabe todas as coisas, determina todas as coisas, decreta todas as coisas e ordena todas as coisas. Alá é até a causa do mal:

E quando queremos destruir uma cidade, dirigimos nossas ordens a seus habitantes abastados, e eles praticam a perversidade. Então, a Palavra é pronunciada. E nós a demolimos inteiramente (surata 17:16).

O capítulo 9 deste livro trata do conceito islâmico da salvação e mostrará com mais detalhes o fatalismo refletido praticamente em cada ato do muçulmano. Nosso pai costumava dizer: “Se você cai e quebra a perna, diga: ‘É da vontade de Alá’, porque ele fez com que isso acontecesse”. Mesmo durante o tempo de oração (rakats), nenhum muçulmano realmente faz súplicas. É a repetição da primeira surata do Alcorão que toma a maior parte do tempo em cada uma das cinco posições de oração. Essa repetição é um tipo de mantra, invocando o poder de Alá, mas não se faz tipo algum de pedido. Para o muçulmano, a oração é um ato de obediência (e um escape do castigo para aqueles que negligenciam a oração), não uma petição.

Uma percepção desse fatalismo é o nome de Alá, Al-Jabbar, “o Poderoso”, na surata 59:23. O termo fala de uma habilidade de compelir com um poder que não pode ser resistido.

Os nomes de Alá

A tradição islâmica ensina que Alá tem noventa e nove nomes. O Hadith afirma que “Maomé disse: ‘Verdadeiramente existem noventa e nove nomes de Alá e quem recitá-los entrará no paraíso (8:419). As listas dos nomes para Alá são tão variadas quanto os próprios compiladores e ulemás.

Assim, a compilação abrangente é difícil de determinar. O Journal of the Royal Asiatic Society, em 1880, reuniu quinhentos e cinquenta e dois nomes diferentes de Alá, tomando-os do Alcorão e do Hadith. Muitos estudiosos usam oitenta e um nomes do Alcorão e dezoito do Hadith.

A lista a seguir reúne duas compilações principais, uma por Muhammed al-Mandani e a outra por Abu Huraira. Nem essa lista nem qualquer outra versão são exaustivas, mas esses nomes ilustram correntes de pensamentos do islã. As anotações em forma de resumo foram realizadas pelos compiladores. A soletração varia em diferentes transliterações.

- Allah, o nome que menciona a essência do ser.
- Al-Aakhir, o Último, que é a consumação dos séculos (surata 57:3).

Maomé explicou isso. Ele disse em Saheeh Muslim: “Alá, o Senhor é o Primeiro [al-Awwal], porque não existe nada antes do Senhor, e o Senhor é o Último [al-Aakhir], porque não existe nada depois do Senhor, e o Senhor é o Triunfante [ad-Dhaahir], porque não existe nada acima do Senhor, e o Senhor é o Perspicaz [al-Batin], porque não existe nada além do Senhor. Remova nossas dívidas e liberte-nos da

pobreza”.

Maomé queria dizer o Triunfante [al-Ghaalib] com ad-Dhaahir, e o Conhecedor de Tudo [al-Saalim] com al-Batin. E Alá tem o conhecimento de tudo (Al-Qurtubi na surata 57:3).

- Al-Adl, O Justo (6:115).
- Al-Afuw, O Perdoador, que perdoa seus servos (4:99-100; cf. também a definição de Al-Ghaffar).
- Al-Ali, o Altíssimo em força e poder (2:225-56).
- Al-Alim, Aquele que sabe tudo (2:29).
- Al-Awwal, o Primeiro, que precede o princípio (57:3; cf. Al-Aakhir) .
- Al-Azim, o Poderoso (2:225-56).
- Al-Aziz, o Sublime em Soberania (59:23).
- Al-Badi, o Planejador, que criou todas as coisas (2:117). Um termo associado é Al-Wahid, O Criador Singular, e Al-Khaliq, o Criador (13:1617).
- Al-Baith, Aquele que levanta, que vai levantar o testemunho muçulmano em todas as regiões (6:89-91).
- Al-Baqi, o Permanente, que mantém e sobrevive para sempre (20:73,75).
- Al-Bari, o Modelador, de cujas mãos todos nós viemos (59:24).
- Al-Barr, o Beneficente, cuja misericórdia aparece em toda criação (52:28).
- Al-Basir, o Observador, que vê e ouve todas as coisas (57:3).
- Al-Basit, o Estendedor, que estende sua misericórdia a quem ele quer (13:26).

Relato de Anas: “As pessoas disseram: ‘Apóstolo de Alá, os preços subiram muito; por isso fixe os preços para nós’. Com referência a isso, o Apóstolo de Alá disse: ‘Alá é Aquele que fixa os preços, Aquele que tira, Aquele que dá [al-Basit], e eu espero que quando me encontrar com Alá, nenhum de vocês tenha qualquer reclamação contra mim quanto a uma injustiça em relação a sangue ou propriedade’ ” (Sunan Abu Daawud Hadith 23:3444).

- Al-Batin, o Interno, que é imanente dentro de todas as coisas (57:3).
- Ad-Darr, o Afligidor (48:11).
- Al-Fattah, o Abridor, que clareia o caminho (34:26).
- Al-Ghaffar, o Perdoador (71:10). Como “Perdoador”, Alá encobre e esquece os pecados. Ele perdoa todo aquele que se arrepende, mesmo aquele que cometeu um pecado sério (shirk). Mas Alá somente encobre o pecado. No islã não existe o conceito de libertação da culpa.

- Al-Ghafur, o Magnânimo (Perdoador) (2:235).
- Al-Ghani, o Rico, que possui tudo (2:267).
- Al-Hadi, o Guia, que guia os crentes (22:54).
- Al-Hafiz, o Guardiã, que observa tudo (11:57). Uma forma intensa de “Al-hafid”, que significa “Aquele que sempre cuida e está constantemente vigiando”.
- Al-Hakem, o Juiz entre seus servos (40:48).

Hani ibn Yazid relatou: “Quando Hani foi com seu povo em uma comitiva para o Apóstolo de Alá, ele ouviu chamá-lo pelo seu kunyah [sobrenome], Abul-Haken [pai de al-Hakem]. Assim o Apóstolo de Alá o chamou e disse: Alá é o juiz [al-Hakem] e o julgamento pertence a Ele. Por que você recebeu o kunyah Abul-Hakem?”

“Ele respondeu: ‘Quando meu povo discorda acerca de uma questão, eles vêm a mim e eu decido entre eles, e os dois lados ficam satisfeitos com a minha decisão’. Ele disse: ‘Como isso é bom!’ ” (Sunan Abu Daawud Hadith 41:4937)

- Al-Hakim, O Sábio (6:18). Uma forma mais intensa da palavra arábica hakim. Entre seus significados estão o Governador ou o Soberano, e o Juiz. Alguns também têm dito que esse termo quer dizer “Aquele que previne ou para a corrupção”.
- Al-Halim, o Bondoso, que perdoa os seus (2:225).
- Al-Hamid, Aquele que é digno de louvor. Ibn Katheer escreve que esse nome indica que Alá é aquele que merece louvor em “todas as suas obras, declarações, leis, ordens e proibições” (2:225).
- Al-Haqq, a Verdade (20:114).
- Al-Hasib, o Cobrador, o Calculador (4:6-7); isto é, Aquele que pedirá contas de todas as ações das pessoas e que recompensará ou castigará com justiça. Al-Qurtubi ressalta que essa é uma advertência principalmente para aqueles que negam Alá: no tempo oportuno, eles terão de prestar contas a ele pelas suas obras.
- Al-Hayy, Aquele que vive e é a fonte da vida (20:111).
- Al-Jabbar, o Poderoso, cuja força e poder são completos (59:23). Al-Jabbar é o Onipotente, Todo-Poderoso, que é absolutamente livre de fraqueza. Ele pode forçar os outros e seu poder não pode ser resistido. Outros dizem que outro significado possível é Aquele que corrige ou conserta.
- Al-Jalil, o Majestoso (59:23).
- Al-Jami, o Congregador dos homens para o último dia do julgamento (3:9).
- Al-Khabir, o Bem-informado (6:18).
- Al-Khafid, o Humilhador, que rebaixa alguns e eleva outros (56:3).

- Al- Khaliq, o Criador (13:16-17).
- Al-Kabir, o Grandioso (22:62).
- Al-Karim, O Nobre generoso (27:40). Karim, o superlativo de kareem, significa coração nobre e magnânimo. Este termo também pode referir-se especificamente à compreensão e paciência - traços de alguém com coração nobre - que Alá mostra quando deixa passar a ignorância dos seus servos. A referência para “ignorância dos seus servos” está baseada na revelação desse nome em particular. Aparece no Alcorão em 96:1-5, como as primeiras palavras reveladas por Alá a um homem que não sabia ler nem escrever - Maomé.
- Al-Latif o Gracioso para com seus servos (42:19).
- Al-Majid, o Glorioso (11:73).
- Al-Malik, o Rei de todos (59:23).

Abu Huraira relata que o Profeta disse: “Alá segurará toda a terra e enrolará todos os céus em sua mão direita e então ele vai dizer: ‘Eu sou o Rei, onde estão os reis da terra?’ ” (Hadith 6:60:336).

Abu Huraira relatou inúmeros ahadith do Mensageiro de Alá, e um deles era este: que o Mensageiro de Alá disse: “A pessoa mais vilã aos olhos de Alá no Dia da Ressurreição e a pior pessoa e alvo da Sua ira seria a pessoa que é chamada Malik al-Amlak (o Rei dos Reis) porque não existe rei além de Alá” (Sahih Muslim, hadith 5339).

- Malik Al-Mulk, O Rei do reino (3:26).
- Al-Matin, o Senhor do poder inquebrantável (51:58).
- Al-Mubdi, o “Originador” (85:13).
- Al-Mudhill, o Humilhador (3:26).
- Al-Mughni, o Enriquecedor, que provê despojo (9:74-75).
- Al-Muhaimin, o Preservador (59:23).
- Al-Muhsi, o Contador, que enumera todas as coisas (19:94).
- Al-Muhyi, O Ressuscitador, que traz vida para os mortos (30:50).
- Al-Muid, o Restaurador, que reconstrói (85:13).
- Al-Muizz, Aquele que confere honras a quem ele quer (3:26).
- Al-Mujib, o Respondente, que responde a seus servos (11:61). Para evitar confusão, o ulemá muitas vezes citava os seguintes ahadith no contexto do nome Al-Mujib:

Ele [o Profeta] então mencionou “uma pessoa que viaja para bem longe, com seu cabelo desalinhado e

coberto de pó. Levanta sua mão para o céu (e assim faz sua petição): ‘ó Senhor, ó Senhor’, no entanto, sua dieta é ilegal, sua bebida é ilegal, suas roupas são ilegais e seu alimento é ilegal. Como, então, pode ele suplicar para ser aceito?” (Sahih Muslim hadith 2214).

Abu Huraira relata que o Mensageiro de Deus disse:

A súplica de um servo é atendida quando ele não suplica pelo pecado ou por dividir os laços de sangue, ou quando não se torna impaciente. Foi dito: O Mensageiro de Alá que faz: “Se ele não se torna impaciente” deduz?

Ele disse: Que deveria dizer o seguinte: Supliquei e supliquei mas não fui atendido, e então se torna frustrado e abandona a súplica (Sahih Muslim, hadith 6595).

- Al-Mumin, o Fiel, que concede segurança a seus servos (59:23).
- Al-Mumit, o Matador de Sua Vontade (15:23).
- Al-Muntaqim, o Vingador, cuja vingança é justa (30:47).
- Al-Muqaddim, o Precursor, que envia ajuda adiante (50:28); cf. também Al- Mutaakhhkir).
- Al-Muqit, o Bem Munido de Poder (4:85).
- Al-Muqsit, o Juiz que instala as balanças (21:47-48).
- Al-Muqtadir, Aquele que prevalece contra os inimigos (4:85).
- Al-Musawwir, o Modelador, que cria como ele quer (59:24).
- Al-Mutaakhhkir, o Defensor (14:42-43).

Ibn 'Abbas narrou o seguinte: “Quando o Profeta se levantou à noite para oferecer a oração Tahajud, ele costumava dizer: ‘Ó Alá! Todos os louvores são para Ti. Tu és Aquele que segura os céus e a terra e tudo que neles está. Todos os louvores são para Ti. Tu és o Possuidor dos céus e da terra. [...] Tua Palavra é a verdade e o paraíso existe e o inferno existe e todos os profetas são verdadeiros, e Maomé é verdadeiro, e o Dia da Ressurreição é verdadeiro. Ó Alá! Eu rendo [minha vontade] a Ti; eu creio em Ti e dependo de Ti. Eu me arrependo diante de Ti, e com a Tua ajuda eu argumento [com meus oponentes, os não-crentes] e tomo o Senhor como juiz [para julgar entre nós]. Por favor, perdoa meus pecados passados e futuros, e tudo que eu ocultei ou revelei. Tu és aquele que adianta algumas pessoas [Al-Muqaddim] e atrasa outras [Al-Mutaakhhkir]. Só Tu deves ser adorado” (Sahih Al Bukhari, hadith 2:21:221)

- Al-Mutaali, O Auto-exaltado, que se coloca muito acima de toda criação (13:9-10).
- Al-Mutakabbir, o Orgulhoso (59:23).
- Al-Muti, o Doador (20:50).
- Al-Muzil, o Separador (10:28-29).

- An-Nasir, o Protetor e Aliado (4:45).
- An-Nur, a Luz, do céu e da terra (24:35).
- Al-Qabid, o Apoderador (2:245-46).
- Al-Qadir, o Capaz, que faz o que lhe apraz (17:99).
- Al-Qahhar, o Irresistível, o Dominador (13:16-17). Al-Qurtubi ressalta que esta irresistibilidade é especialmente clara do Al-Qadir, em que Alá pode evitar que seus servos alcancem seus desejos ou os ajude.
- Al-Qawi, o Forte em Poder (13:19).
- Al-Qayyum, o Auto-Suficiente (3:2).
- Al-Quddus, o Santíssimo (62:1).
- Ar-Rafi, O Exaltador (6:83).
- Ar-Rahman, o Misericordioso, especialmente com aqueles que mostram misericórdia (1:3 e 12:64). Abu Huraira relatou o seguinte: “O Apóstolo de Alá disse: ‘Existem cem [partes de] misericórdia de Alá e Ele enviou dessas cem partes uma parte de misericórdia sobre os djins [espíritos] e sobre os seres humanos e os insetos e é por causa dessa [uma parte] que eles amam uns aos outros, são bondosos uns com os outros e mesmo os animais tratam os seus filhotes com afeição, e Alá tem reservado noventa e nove partes de misericórdia para os seus servos no Dia da Ressurreição’ ” (Sahih Muslim, hadith 36:6631)
- Ar-Rahim, O Compassivo, para com os seus (2:143).
- Ar-Raqib, O Observador, que guarda sua criação (5:117).
- Ar-Rashid, o Guia, que guia os crentes (11:87).
- Ar-Rauf o Bondoso, que é compassivo para com os seus (2:143).
- Ar-Razzaq, o Provedor, que não pede sustento (51:57-58).
- As-Sabur, o Antepassado, que tem grande paciência com os seus (51:57-58).
- As-Salam, o Pacificador, cujo nome é Paz (59:23).
- As-Samad, o Eterno, que não gera nem foi gerado (112:2-3).
- As-Sami, o Ouvidor (17:1).
- Ash-Shahid, a Testemunha (5:117).
- Ash-Shakur, o Agradecido, que aceita o serviço dos seus (64:17).

- At-Tawwab, o Compassivo, que foi misericordioso com Adão e a criação (2:37).
- Al-Wadud, o Amoroso, que ama os seus (11:90).
- Al-Wahab, o Doador (3:8).
- Al-Wahed, o Único (13:16-17).
- Al- Wakil, o Administrador, que governa sobre todos (6:102).
- Al-Wali, a Segurança (13:11-12).
- Al- Waliy, o Benfeitor dos seus (4:45 -47).
- Al- Warith, o Herdeiro, a quem todos retornarão (19:40).
- Al-Wasi, o Imenso e Sabedor (2:268-271).
- Az-Zahir, o Externo, que está em todo lugar (47:3).
- Dhul-Jalal Wal-Ikram, Senhor de Majestade e Honra (55:27).

Diferenças entre deuses

O distante

Quando Alá é discutido na comunidade islâmica, a ausência de intimidade, de propiciação (expição) e de benevolência torna-se aparente. Em todos os termos e títulos usados para Alá, não encontramos termos de intimidade. No cristianismo, aprendemos que cada um de nós é “santuário do Espírito Santo” (1Co 6:19), sugerindo imanência na vida do crente. Jesus ressalta essa dimensão no Getsêmani na noite antes da crucificação. Deus é o Pai, Aba (por exemplo, Mc 14:36), um termo de carinho para um pai amoroso. Mesmo o muçulmano mais fiel e devoto refere-se a Alá em termos de servo em relação a seu senhor; Alá é um soberano distante. Alguns títulos para Alá denotam misericórdia, mas é uma misericórdia redefinida: Alá é misericordioso porque ele não me matou ou me protegeu do perigo. Contudo, Jeová é um Pai cuidadoso, amoroso e intimamente envolvido.

O frio juiz

O islã olha para um deus dos pratos da balança, em oposição ao Deus, o Filho da propiciação. Alá perdoa somente quando o muçulmano se arrepende, e todas as conseqüências pelo pecado e a dívida da culpa recaem sobre o muçulmano, que vê a Alá em terror, esperando por atenuação de sua sentença. Alá é um “Doador Liberal” (Al-Wahab), mas com o caráter de um guerreiro impetuoso que decide ser misericordioso em resposta à vitória. Novamente, vemos um juiz, em oposição a um Deus de amor.

Aquele que odeia

O coração de Alá se coloca contra o infiel (kafir). Ele não tem amor algum pelo descrente, nem é a tarefa do muçulmano “evangelizar” o mundo descrente. Alá deve ser adorado. Todo aquele que não o fizer deve

ser derrotado, silenciado e expulso. O tema é conquista, não conversão do mundo descrente. Alá tem chamado o muçulmano para fazer com que somente o nome de Alá seja adorado.

Fundamentos: os cinco pilares

A História de John Walker

Para o americano comum que cresceu entre a era hippie dos anos 60 e o novo milênio pluralista, John Walker é um enigma. Educado em um centro confortável de uma América liberal e tolerante, Walker recebeu todos os benefícios na vida, incluindo educação e apoio. Foi ensinado a buscar sua própria verdade e sabia que seus pais estariam satisfeitos com qualquer decisão que tomasse. Para os pais, ele não apresentava sinais de rebelião visto que foi lhe permitido escolher seu próprio caminho.

A liberdade dá à pessoa o direito de rebelar-se contra absolutos, contra a autoridade e a sociedade. O benfeitor do relativismo é o adolescente moderno que ouve que ele pode crer naquilo que deseja e mesmo assim estar correto, especialmente o que diz respeito à religião.

John Walker recebeu liberdade desenfreada. Foi educado para “escolher seu próprio caminho espiritual”. Aos 16 anos, depois de ler a biografia de Malcom x, ele optou pelo islã. Credo que a religião de 1,2 bilhão de pessoas era pacífica, Walker viajou para o Iêmen para aprender a língua árabe. Mais tarde foi estudar em uma escola madrassah no Paquistão, conhecida por seu treinamento rigoroso e conexão próxima ao Talibã. O jovem de dezenove anos escolheu simplicidade em vez de luxo, militância em vez de modernidade. Ele tinha escolhido uma das seitas mais intolerantes e segregadas do islã. A jornalista da Newsweek, Evan Thomas, explica a motivação por detrás dessa escolha:

A maioria dos adolescentes, quando se rebela, diz que quer mais liberdade. John Walker Lindh rebelou-se contra a liberdade. Ele não exigiu expressar-se de maneiras diferentes. Muito ao contrário. Queria saber exatamente como se vestir, como comer, como pensar e como orar. Queria um sistema de valores absolutos e estava disposto a pagar o preço para alcançar seu desejo.

Então, John Walker emergiu: um combatente pelo Talibã contra seus próprios compatriotas. Quando seus pais o viram novamente, ele estava na primeira página de inúmeros jornais. Seu filho se tornara um traidor.

O presidente George W. Bush chamou o jovem de “desorientado”. Mas quem ou o que o desorientou? Charles Colson dá a resposta em um artigo recente:

Walker foi, em primeiro lugar, iludido pela forma como os americanos falam acerca de religião. O que às vezes é chamado de “religião civil”, em que todas as religiões são consideradas iguais. Não apenas em termos legais, que é apropriado em uma democracia, mas também em validade e verdade. Nossa cultura, começando pelo topo, transmite a mensagem de que todas as religiões estão essencialmente interligadas e são igualmente boas para os indivíduos e para a sociedade.

Mas isto não é verdade. E isto nos leva à segunda maneira pela qual Walker foi enganado. Desde o ataque terrorista de 11 de setembro, muitas pessoas de nossas elites têm feito o possível para obscurecer, e mesmo ocultar, a verdadeira natureza do islã. É por isso que pessoas como Walker e seus pais acreditam que o islã é uma fé pacífica. É por isso que eles compraram a visão utópica que foi vendida

para eles.

John Walker escolheu seu próprio destino. Embora seu caminho fosse falho de muitas maneiras, sua jornada mostrou o engodo do islã: a fé que oferece aos crentes regras e práticas rígidas e concretas às quais se pode aderir.

Comunidade (UMMA): Um fator central nos ritos islâmicos

O senso de solidariedade dentro das fronteiras do islã é colocado acima de qualquer outra coisa entre os muçulmanos. Eles são uma família de crentes em Alá que valoriza a afinidade espiritual mais do que a liberdade individual. A lei islâmica em muitos países muçulmanos está baseada em cinco pilares do islã, os cinco fundamentos que dão coesão à causa de Alá, unificando crentes sob a proteção de crenças essenciais.

Os pilares são inegociáveis. Não podem ser questionados, mas cridos até as últimas consequências. Criticar os cinco pilares é, na verdade, entendido como traição, percebido como heresia e blasfêmia e punido em muitos países muçulmanos com prisão ou algo pior.

Os cinco fundamentos da fé

O credo (Shahada)

Um menino nasce no hospital Saddam Hussein em Bagdá, no Iraque. Depois que os médicos terminaram de avaliar a criança, certificando-se de que está saudável, o pai sussurra no ouvido do filho as palavras que se tornarão bastante familiares: “Ilaha illa Allah. Muhammadrasul Allah” (“Existe um só Deus, Alá, e Maomé é o seu mensageiro”).

Essas palavras são repetidas para a criança por toda a vida, e se possível na morte. Ela deve memorizá-las no original, na língua árabe. Diariamente ela deverá repetir essas palavras para demonstrar sua lealdade à rigorosa fé monoteísta e a seu fundador.

O que pode parecer uma simples declaração é, na verdade, abrangente em seu escopo. Ao aceitar Maomé como o último mensageiro de Alá, o crente automaticamente se submete ao sistema de crenças desse profeta. Portanto, o muçulmano crê no que o profeta acreditou, aceitando que o Alcorão é a revelação final e perfeita de Alá, que os profetas são mensageiros para todos os grupos de pessoas e que os anjos fazem a vontade de Alá. Além disso, doutrinas teológicas da ressurreição, dia do julgamento, céu e inferno são aceitas como reais.

Mas não é suficiente uma simples aceitação intelectual desses detalhes. O muçulmano devoto deve unir crença (imam) com prática (din). A combinação dos princípios certos com um desempenho dedicado orientará o muçulmano na direção dessa vida e na vida futura.

Oração (Salat)

Circundando a Caaba em Meca, milhares de muçulmanos se prostram para orar a Alá. A oração é a doutrina mais básica do islã e serve como corda de segurança para o muçulmano.

A oração é a adoração suprema do muçulmano. Na sua convocação, percebe-se como ela é vinculada ao conceito de adoração:

Deus é Grande Deus é Grande Deus é Grande

Deus é Grande

Eu testifico que ninguém é digno de adoração a não ser Deus.

Eu testifico que ninguém é digno de adoração a não ser Deus.

Eu testifico que Maomé é o mensageiro de Deus.

Eu testifico que Maomé é o mensageiro de Deus.

Venha para a oração!

Venha para a oração!

Venha para o sucesso!

Venha para o sucesso!

Deus é Grande!

Deus é Grande!

Ninguém é digno de adoração a não ser Deus.

Esta convocação para a oração também ilustra a importância da repetição na vida de oração do muçulmano. Na purificação (wudu, “limpeza”) que precede a oração, os muçulmanos são chamados a purificar-se. Eles devem:

- lavar suas mãos até o pulso três vezes;
- enxaguar a boca três vezes;
- limpar as narinas ao aspirar água três vezes;
- lavar o rosto da testa até o queixo e de orelha a orelha;
- lavar os antebraços até os cotovelos três vezes;
- passar a mão molhada sobre toda a cabeça;
- lavar os pés até os tornozelos três vezes, primeiro o direito e depois o esquerdo.

Os muçulmanos acreditam que Alá ouvirá as orações somente se estiverem fisicamente limpos. Certos atos, na realidade, invalidam o ritual de purificação e requerem que o muçulmano repita o ritual:

- Flatulência:

Abu Haraira relata o que o Mensageiro de Alá disse: “Alá não aceita a oração de uma pessoa que soltou gases até que ele repita o ritual de purificação”. Uma pessoa de Hazhramaut perguntou a Abu Huraira: “O que significa soltar gases?” Ele respondeu: “Ar com ou sem som”.

- Tocar nos genitais:

Ash-Shafi relatou: “Qualquer homem que tocar em seu pênis deve passar pelo rito da purificação. Qualquer mulher que tocar em sua vagina deve passar pelo rito da purificação”.

- Purificando-se quando não existir água:

Quando estiverdes doentes ou em viagem ou quando alguém de vós acabar de fazer as necessidades [banheiro] ou quando tiverdes tido relações com as mulheres e não encontrardes água, recorrei à terra limpa e com ela esfregai o rosto e as mãos. Deus não vos quer constranger mas Purificar, e quer completar Seu benefício sobre vós, para que possais ser agradecidos! (surata 5:6)

A oração, portanto, não é uma conversação pessoal entre um ser humano e Deus; em vez disso, é uma prática exterior saturada com procedimentos formais e costumes exigidos. A formalidade é somente exacerbada para aqueles muçulmanos que vivem fora do Oriente Médio, onde o árabe não é a língua materna, mas mesmo assim devem recitar suas orações memorizadas na língua árabe. A importância da humildade no islã é inquestionável. Nos rituais de oração, conhecidos como rakats, os muçulmanos prostram-se diante de Alá, um ato de submissão. Na verdade, “mesquita” (masjid), o termo designado para o lugar de adoração islâmica, literalmente significa um lugar de prostração?

Finalmente, a oração na mesquita é considerada de maior valor do que a oração individual. Um Hadith explica: “A recompensa da oração oferecida por uma pessoa na congregação é vinte e cinco vezes maior do que a oração oferecida em nossa casa ou no mercado”. A comunidade deve ser lembrada publicamente de seus deveres. Se as orações não forem repetidas cinco vezes ao dia, os crentes logo esquecerão de Alá e sua grandeza.

Esmola (Zakat): socialismo com aparência religiosa

Conservando o tema da pureza, o oferecer esmola (literalmente, em árabe, “purificação”) afasta o muçulmano da ganância e do egoísmo, ao mesmo tempo em que se exige a distribuição eqüitativa dos bens para toda a comunidade. Visa-se a unidade e a melhoria da sociedade como um todo. Como a Sociedade Islâmica da UNN (University of Northumbria at Newcastle) explicou: “Zalcat representa o elo inquebrável entre os membros da comunidade, a qual o profeta Maomé descreveu como ‘como os órgãos do corpo; se um sofre todos os outros procuram reanimá-lo’ ”.

O muçulmano deve reconhecer que tudo pertence ao Poderoso Alá. Os islamitas são obrigados a dar 2,5% dos seus ganhos, depois de excluir as dívidas mais essenciais. Em uma era de transação financeira moderna uma explicação detalhada se faz necessária:

Cada muçulmano calcula seu zakat individualmente. O zakat é o valor líquido depois de pagar as despesas pessoais, despesas da família, dívidas, impostos, etc. Cada muçulmano (homem ou mulher) que no final do ano tem em suas posses o equivalente a 85 gramas de ouro (aproximadamente 1.440 dólares, em 1990) ou mais, em dinheiro ou artigos de comércio, deve dar um zakat de no mínimo 2,5%. As taxas pagas ao governo não substituem esse dever religioso. O contribuinte não deve procurar orgulho ou fama, mas se ao revelar seu nome e sua contribuição servir para encorajar os outros, então isto é uma prática aceitável.

Dar esmola também estimula o trabalho árduo e desencoraja a mendicância, não somente beneficiando essa vida, mas herdando a salvação na vida futura. Maomé enunciou: “E pagai o tributo (zakat) dos pobres. Todo o bem que adiantareis, encontrá-lo-eis junto a Deus. Deus observa o que fazeis” (surata 2:110).

A doação Caridosa também alivia a angústia emocional e o medo do julgamento. Maomé ratificou: “Os que crêem e praticam as boas ações e recitam as preces e pagam o tributo dos pobres receberão sua recompensa de Deus. E não conhecerão nem o medo nem a tristeza” (surata 2:277).

A palavra chave no versículo acima é “e”. Veja todas as estipulações requeridas do crente em Alá. Repare como o zakat é central ao tema da salvação, entrelaçada no meio de outras boas ações. Se alguém recita o credo, oferece orações e faz o bem, mas negligenciar o dar caridoso, anula a salvação. O zalcat é necessário para herdar a misericórdia de Alá. O Hadith ilustra as conseqüências em reter a doação obrigatória:

O apóstolo de Alá disse: “Todo aquele que é enriquecido por Alá e não paga o zakat da sua riqueza, no Dia da Ressurreição sua riqueza se tornará como uma serpente macho venenosa e careca com duas marcas pretas acima dos olhos. A serpente envolverá seu pescoço e morderá suas bochechas e dirá: ‘Eu sou a sua riqueza; eu sou seu tesouro’ (2:486).

Salve-se a si mesmo do fogo do inferno ao dar a metade de uma tâmara como um ato de caridade (2:498).

O Profeta disse: “Não retenha o seu dinheiro ao contá-lo (isto é, acumulá-lo), (porque se você o fizer), Alá também reterá suas bênçãos de você” (2:514).

Uma doação voluntária adicional também é encorajada. O muçulmano devoto pode exibir contentamento

como caridade ou estimular outros a fazer o bem. Se um muçulmano abstém-se de fazer o mal, isto é considerado parte de uma esmola voluntária (sadaqa).

No final, o muçulmano espera que Alá o recompense proporcional e comparativamente de acordo com o que ele tem dado.

Ramadã: jejum (Sawm) reorientando a chegada do Alcorão

No final do ramadã, em 2001, o presidente George W Bush convidou líderes muçulmanos para o festival do 'Eid-ul-Fitr, uma celebração que quebra o mês de jejum e traz a vida do muçulmano de volta à normalidade. Antes do jantar, um muçulmano ofereceu uma oração de gratidão a Alá. No entanto, Bush não tinha direito de participar do feriado visto que ele era um cristão. Um estudioso muçulmano elucida:

O jejum não é obrigatório para um não-muçulmano porque ele não foi ordenado a jejuar e, mesmo se decidir jejuar e seguir todas as regras, não será aceito por Alá (SWT). Se ele quer participar do jejum islâmico, precisa primeiro declarar o Kalimah, e somente então o jejum será aceito.

Contudo, o muçulmano devoto nunca celebraria o Natal, visto que não crê que Jesus Cristo, o Filho de Deus, veio para tirar os pecados do mundo. Em vez disso, o ramadã é a antítese do Natal. Coloca a revelação da Bíblia contra a revelação do Alcorão. Os muçulmanos crêem que Maomé recebeu pela primeira vez a revelação de Alá, na forma do Alcorão, durante esse mês sagrado. Por isso, separam tempos especiais para adorar e se reunir.

O jejum é uma exigência anual vitalícia para todo muçulmano devoto.

O Alcorão declara: “Ó vós que credes, foi-vos prescrito o jejum como o foi aos que vos precederam. E possais tornar-vos piedosos” (2:183). Exige-se que o muçulmano, desde o nascer do sol até o ocaso, abstenha-se de relação sexual, de comer, beber e fumar. No seu lugar, deve ler o Alcorão de modo introspectivo, desempenhando um ato de adoração em seu autodomínio.

Nem todos os muçulmanos têm a permissão de jejuar. Entre os excluídos estão as mulheres que estão menstruadas ou grávidas, os idosos incapazes de jejuar por muito tempo, os jovens pré-adolescentes e os doentes.

No entanto, deixar de participar sem uma justificativa legítima é considerado pecado imperdoável com efeitos possivelmente eternos. Um estudioso afirma: “Abu Hurairah relata que o Mensageiro de Alá disse: ‘Aquele que quebrar um dia de jejum do ramadã sem permissão autorizada de Alá nunca será capaz de compensá-lo com outro dia de jejum, mesmo se ele jejuar até a eternidade’. Portanto, o pecado em abandonar esse dever é irreversível.

Peregrinação (hajj) , honrando Abraão.

Michael Wolfe, cuja mãe é cristã e o pai judeu, converteu-se ao islã e fez o seu primeiro hajj para Meca, a cidade mais sagrada no islã, em 1991. Ele explicou a experiência mística:

Aqui encontrei pessoas de todas as partes da terra, todos esses seres humanos juntos atraídos por uma mesma idéia, a unidade de Deus. Havíamos deixado a vida diária para trás e chegado a um lugar que não parece ser desse mundo, um lugar repleto da presença quase palpável de Deus.

Os muçulmanos chamam a atenção ao fato de que milhões de crentes de todo o globo se reúnem para celebrar a unidade de Alá, de modo a contribuir e confirmar substancialmente a credibilidade de sua fé.

A Caaba, o ponto central de Meca, é uma construção antiga de pedra de cerca de dez metros de largura por doze metros de comprimento e quinze metros de altura. Uma pedra preta (supostamente um meteorito) fica em um dos cantos da construção. Contornada por centenas de milhares de muçulmanos todo ano enquanto eles cumprem seu dever para Alá e fazem sua peregrinação, e cuja herança supostamente retoma até o tempo de Abraão.

Nos registros da tradição islâmica, Abraão foi ordenado a sacrificar Ismael, mas Deus ofereceu um cordeiro em seu lugar. Abraão, em gratidão a Alá, construiu um lugar de adoração, chamando-o de Caaba, e exigiu que as pessoas fizessem uma peregrinação anual até esse lugar. Nos anos seguintes, os árabes daquela localidade corromperam o ritual, erguendo ídolos naquela construção e começaram a tradição do politeísmo. Maomé finalmente restaurou o monoteísmo e a peregrinação.

A peregrinação é o apogeu da jornada espiritual dos muçulmanos. Eles se preparam mental e espiritualmente para a viagem. Somente os muçulmanos têm a permissão de entrar na cidade de Meca e exige-se que todos se vistam com um manto branco simples para demonstrar unidade. No entanto, a diversidade entre as pessoas é óbvia. Pessoas de todas as raças conversam em incontáveis línguas.

Os peregrinos se purificam antes de iniciar seus rituais. O primeiro estágio começa à medida que milhares circundam (tawaff) a Caaba sete vezes, recitando versos do Alcorão e oferecendo orações ao longo do caminho. Wolfe oferece detalhes de sua jornada: “Quando você vê a Ka’bah [sic] pela primeira vez, se você for um muçulmano, você se lembra de que orou em direção a ela por anos. É uma coisa muito doce e emocionante. E as pessoas choram quando vêm pela primeira vez esse nada, essa simples construção quadrada”.

Contornar a Caaba, porém, é apenas o início da jornada. Os muçulmanos também devem correr sete vezes entre os dois montes de Meca, lembrando a busca frenética de Hagar por água para seu filho Ismael. Finalmente, os peregrinos encontram água na fonte de Zamzam e bebem dela, tipificando o cumprimento do pedido de Hagar para as necessidades de seu filho.

Agora, imerso na jornada, os peregrinos ainda têm uma longa caminhada a sua frente para cumprir seu dever.

- Eles devem viajar vinte e um quilômetros até a planície do Arafat, onde Maomé pregou seu último sermão.
- Ali, eles permanecem do meio-dia até o pôr-do-sol, lembrando a dedicação de Maomé à comunidade.
- Os peregrinos devem ir a Mina, o lugar do sacrifício de Ismael pelo seu pai Abraão. Lá eles jogam sete pedras, lembrando como Ismael jogou pedras no diabo para resistir à tentação.
- Em seguida, os peregrinos sacrificam um animal em memória do cordeiro oferecido no lugar de Ismael.
- Os muçulmanos retornam a Meca e repetem a volta da Caaba e a corrida entre os dois montes.

A árdua jornada está agora completa. O muçulmano trabalhou intensamente para alcançar o propósito principal - o perdão completo dos pecados. Um muçulmano escreveu o seguinte: “O hajj é destinado para desenvolver a consciência de Deus e um senso de elevação espiritual. Acredita-se também que é uma oportunidade para buscar o perdão dos pecados acumulados em toda a vida. O profeta Maomé tinha dito que uma pessoa que realiza o hajj de maneira correta ‘vai voltar como um bebê recém-nascido [livre de todos os pecados]”. O hajj, portanto, é a ilustração perfeita do que é necessário para ir para o céu: trabalho árduo, meditação e a misericórdia de Deus.

Esse é o alvo final para todos os cinco pilares do islã, que estão eternamente entrelaçados. Os cinco pilares agem como uma tapeçaria que dá aos muçulmanos um retrato de sua tarefa na vida, uma jornada que eles esperam terminar como começou - como um bebê recém-nascido, livres de todos os pecados.

Mulheres: amor, casamento e propriedade

A História de Cíntia

Cíntia amava Asham. Eles se conheceram na faculdade e nos dois últimos anos do curso resolveram namorar para casar. Com Asham, ela se sentia uma princesa. Ele lhe dava muitos presentes e a tratava com uma afabilidade que ela nunca havia recebido da parte de qualquer homem americano. Ele era atencioso, ponderado, atraente, inteligente e singularmente espiritual. Ela não se preocupou muito com a dedicada fé muçulmana que ele apresentava. Como membro comum de uma igreja batista, Cíntia achava que todos que participavam de uma igreja, sinagoga ou mesquita estavam basicamente no mesmo caminho. Os padrões morais de Asham certamente estavam muito acima dos padrões dos rapazes americanos não-crentes que ela havia namorado.

Eles se casaram no verão e foram passar as férias no país de origem de Asham, um lugar bonito e majestoso, com altos montes e colinas onduladas. Na mesquita, ela ficou estupefata com as práticas religiosas. De volta aos Estados Unidos, eles entraram na rotina de trabalho, diversão, e, depois, vieram os filhos.

As mudanças na personalidade de Asham apareceram devagar. Ele se tornara hostil para com ela e para com o filho de cinco anos. Com frequência, Asham enviava dinheiro para o exterior, aparentemente para sua família. Ele ficara reservado, especialmente quando seus amigos vinham visitá-lo. Toda sexta-feira, Asham levava o filho para a mesquita, embora Cíntia não a freqüentasse mais. Então, em uma sexta-feira, ela descobriu que Asham havia deixado o país com o filho. Nas semanas subseqüentes, descobriu, para seu horror, que ela e o filho eram considerados muçulmanos convertidos, pelo menos no papel. Assim, seu filho tinha de ser educado no islã. Visto que seus direitos em relação à criança eram mínimos no país de seu marido, o filho se foi, e a sua vida estava arruinada para sempre.

Cíntia não sabia que havia se integrado a uma subcultura em crescimento, uma subcultura de mulheres americanas que se casam com estrangeiros muçulmanos.

A Inferioridade genética da mulher

No islã, encontramos uma dicotomia perturbadora, ainda que fascinante. A maioria dos homens muçulmanos declarará que tem uma elevada consideração para com as mulheres e acredita que elas precisam ser protegidas. Em comparação com o contexto cultural do qual o islã emergiu, houve de fato

uma valorização das mulheres. Porém, o islã é conhecido ao redor do mundo por sufocar e até escravizar mulheres. Muitas mulheres islâmicas são educadas e bem-sucedidas, mas a maioria delas permanece iletrada, escondida e tratada como propriedade.

Os apologistas muçulmanos têm uma tarefa difícil ao defender as doutrinas islâmicas em relação ao sexo e à sexualidade, porque Maomé foi dolorosamente específico acerca das crenças em relação às mulheres.

Alguns textos do Alcorão são um pesadelo público em sociedades condicionadas pelos movimentos feministas que defendem a igualdade entre o homem e a mulher. Essa pode ser uma pretensão perigosa para mulheres não-muçulmanas, como foi o caso de Cíntia. Visto que os homens muçulmanos costumadamente são atenciosos e superficialmente corteses, é importante examinar os ensinamentos do Alcorão e do Hadith sobre as mulheres e as ramificações dessas doutrinas na sociedade muçulmana.

O islã ensina que as mulheres são inerentemente inferiores aos homens. Embora alguns imãs discordem dessa avaliação, é difícil mudar o que o Alcorão diz. A surata 2:228 declara em uma parte: “As mulheres têm direitos correspondentes a suas obrigações; mas o homem as superam em um grau”. De que maneira esta condição de subordinação é definida? De acordo com o Hadith 3:826, Maomé disse que as mulheres são genética e legalmente inferiores: “Maomé perguntou a algumas mulheres: ‘O testemunho de uma mulher não equivale à metade do testemunho de um homem?’ As mulheres responderam: ‘Sim’. Ele disse: ‘Isto é por causa da deficiência da mente de uma mulher’”. Maomé reiterou este mesmo ponto no Hadith 2:541, falando novamente a um grupo de mulheres: “Não vi ninguém mais deficiente em inteligência e religião do que vocês”.

Destinadas ao inferno

A visão de Maomé sobre o fogo do inferno é registrada três vezes no Hadith, cada vez incluindo as mesmas características: “Maomé disse: ‘Foi-me mostrado o fogo do inferno, onde a maioria de seus moradores era mulheres’ ”. Como resultado de seu ensino, as mulheres são consideradas nocivas aos homens e um mau augúrio. “Maomé disse: ‘O mau augúrio está nas mulheres, na casa e no cavalo. [...] Não tenho encontrado uma aflição mais perniciosa para os homens do que as mulheres”.

Uma mulher, por ser considerada uma criatura inferior, tem menos direitos e privilégios na sociedade muçulmana. Ao repartir a herança, a mulher deveria receber a metade do que recebe um homem: “O filho varão herdará o dobro da filha” (surata 4:11). Em procedimentos judiciais, o testemunho de uma mulher tem a metade do valor e credibilidade em relação ao testemunho de um homem: “Acrescentai o testemunho de duas testemunhas dentre vossos homens, e, na falta de dois homens, de um homem e de duas mulheres” (surata 2:282).

Casamento, sexualidade e desejo

Os homens muçulmanos podem casar-se com duas, três ou quatro esposas, de acordo com a surata 4:3. As mulheres ocidentais que se casam com homens muçulmanos muitas vezes descobrem que seus maridos têm outras esposas em seu país de origem. A prática da poligamia é comum entre os homens muçulmanos que vivem em países ocidentais. As mulheres ocidentais são normalmente ingênuas acerca das práticas e ensinamentos islâmicos sobre esposas, mulheres e casamento, ou elas estão seguras de que tais ensinamentos não seriam adotados pelo homem que aprenderam a conhecer e amar.

Embora o Alcorão conceda aos homens um limite de quatro mulheres, Maomé recebeu uma licença

especial diretamente de Alá para casar-se com tantas esposas quantas ele quisesse. Conforme foi discutido no capítulo 2, ele teve treze mulheres e concubinas. Ele acabou se casando com uma delas quando ela estava somente com seis anos de idade e teve relações sexuais com ela quando ela contava nove anos de idade*. Aishah era a filha de Abu Bakr As Siddiq, que era um amigo próximo do profeta e responsável pelos seus livros. Quando ele a ofereceu como esposa legítima para Maomé, ela estava com oito anos de idade. Ele acrescentou em tom de brincadeira: “Ela tem oito anos, mas é de confiança!” *. Ao longo da história, mesmo em culturas opressoras de mulheres, raras vezes tem sido aceito ter relações sexuais com alguém de nove anos de idade. Nenhuma mulher com essa idade tem maturidade fisiológica, psicológica, ou biológica para concordar voluntariamente com um ato mútuo de amor. Outra esposa, Zaynab Bint Jahsh, tinha sido a nora de Maomé. Quando seu filho adotivo Zaid viu que Maomé queria sua esposa, ele divorciou-se dela para que o pai pudesse tê-la.

Existem discrepâncias ao contar as mulheres de Maomé, porque o próprio sistema de “classificação” de esposas e concubinas de Maomé cria confusão. Maomé casou com pelo menos nove mulheres depois da morte da sua primeira esposa Khadija*. Maomé classificou suas esposas em dois grupos: “íntima” (Muqarribat) e “distante” (Ghair Muqarribat). No topo da lista das esposas íntimas estava Aishah, em seguida vinha Hafsa, Um Salma e Zaynab. Entre as esposas distantes estavam Um Habeeba, Maimoona e Sawda. E por fim vinham Juweiriyeh e Sufia.

Maomé deu sua filha de doze anos, Fátima, em casamento para seu primo Ali bin Abu Taleb. Ela era considerada precoce para sua idade, lia o Alcorão e o segurava com uma mão, enquanto moía cevada com a outra.

Casamentos arranjados de moças com doze anos não é desconhecido, embora não seja uma prática cultural comum. A idade da pré-puberdade de Fátima ainda demandaria proteção em quase todas as culturas modernas.

No Hadith, o desempenho sexual de Maomé é elevado a proporções lendárias. No Hadith 1:268, Arras escreve: “O profeta costumava visitar todas as esposas em uma hora, durante o dia e à noite, e elas eram onze em número, [...] o profeta tinha a força de trinta homens”.

Casamentos “especiais”

Os casamentos “supernormais” de Maomé são de interesse especial, dos quais ele falava em certas ocasiões. Depois de seu virtual “vôo para os sete céus” (Al Isra’a wal Mi’raj), ele contou para sua primeira esposa, Khadija, quando ela estava à beira da morte: “ó Khadija, saiba que Deus me prometeu para Maria, a mãe de Cristo, em casamento no paraíso”. Ele repetiu isto a Aishah depois da hégira, dizendo: “ó Aiysha [sic], você sabia que o Deus Todo-Poderoso no céu me prometeu em casamento para Maria, filha de Imran, para Kulthum, irmã de Moisés e a Assiya, esposa de Faraó?”.

De acordo com Maomé, Alá o tinha casado com três mulheres que já estavam no paraíso - ninguém mais do que Maria, a mãe de Jesus Cristo, Miriã, a irmã de Moisés e a esposa de Faraó. Era a bênção divina especial de Alá que Maomé se tornasse marido de três das mulheres mais notáveis da Bíblia. Claramente ele não estava preso ao próprio Alcorão que havia recebido. Alguns muçulmanos têm especulado que uma licença especial substituiu o Alcorão, uma posição, no mínimo perigosa.

A Função da esposa

Uma das áreas mais controversas de discussão é a função das mulheres na sociedade islâmica atual. Exemplos da xariá (lei) islâmica, que parecem subjugar e oprimir, são aquelas que proíbem uma mulher de olhar diretamente nos olhos de um homem, que proíbem mulheres de usar sapatos que fazem barulho, e também de receber educação escolar. Inúmeras leis em relação às mulheres são impostas sempre que a xariá é seguida rigidamente. Na verdade, algumas mulheres escondem seus corpos voluntariamente em burcas como um ato de modéstia e fidelidade ao islã⁸. Mas quando o regime do Talibã acabou no Afeganistão, poucas mulheres conservaram a burca.

Em 17 de novembro de 2001, a esposa do presidente dos Estados Unidos, Laura Bush, tomou a iniciativa inédita de apresentar um programa de rádio no lugar do discurso radiofônico semanal do presidente. Suas observações foram uma acusação da opressão contra as mulheres no Afeganistão e outros países islâmicos religiosamente conservadores. Mas os Estados Unidos e outras nações ocidentais mostram que eles permanecem confusos e politicamente pragmáticos acerca dessas questões. O presidente George W. Bush tem se esforçado para comunicar que é a cultura desses países, não a religião, que impõe regras opressivas. Essas tradições, no entanto, são mais do que anomalias culturais restritas.

Esposas como “brinquedos”

Na verdade, as mulheres são consideradas posses no regime islâmico ortodoxo. A surata 3:14 menciona: “Foram embelezados para os homens os objetos de suas paixões: as mulheres, os filhos, os tesouros de ouro e prata”. Um homem pode ameaçar a esposa com o divórcio se ela não suprir suas necessidades sexuais, de acordo com a surata 66:5 “Se ele vos repudiar, talvez seu Senhor lhe envie esposas melhores do que vós”. Tanto no encontro em público quanto na relação sexual, a responsabilidade está com a mulher em satisfazer os desejos do marido.

A esposa é considerada o objeto sexual do marido. O Alcorão declara na surata 2:223: “Vossas mulheres são vosso campo a lavrar. Lavrai vosso campo quando o desejardes”. Também lemos no Hadith: “As esposas são brinquedos. Portanto, façam sua escolha”.

Como tem sido mencionado diversas vezes, de acordo com o Alcorão, as mulheres não têm o direito de divorciar-se de seus maridos sob circunstância alguma. Porém, um homem pode divorciar-se de sua esposa, simplesmente ao declarar verbalmente esse desejo. Se mudar de idéia, ele deverá esperar até que sua esposa tenha se casado novamente e divorciado antes que ele possa casar-se com ela.

No caso de adultério, mais uma vez podemos ver a discrepância no tratamento dos homens e das mulheres. Originalmente, na xariá, o castigo para um homem adúltero se limitava a uma surra, enquanto que a mulher deveria ficar aprisionada até a morte. Esta lei foi abrandada mais tarde a oitenta açoites para o homem e cem açoites para a mulher.

A apresentação em público

As regras para uma mulher aparecer em público são numerosas demais para serem mencionadas neste livro. Muitas advertências do Alcorão ressaltam a responsabilidade da mulher na maneira de olhar e de se vestir em público:

“E dize às crentes que baixem o olhar e preservem o pudor e não exibam de seus adornos além do que aparece necessariamente. E que abaixem seu véu sobre os seios e não exibam seus adornos” (surata 24:31).

Claramente, uma mulher protegida é uma mulher preservada dos olhares cobiçosos dos homens. Na surata 33:59, Alá instrui Maomé: “ó Profeta, recomenda a tuas esposas e a tuas filhas e às mulheres dos crentes que apertem seus véus em volta delas [quando estão fora de casa]”.

De acordo com o islã, uma mulher é impura por natureza. Nos rituais antes da oração, um homem é considerado impuro se ele tocar uma mulher (inclusive sua esposa) antes da oração:

vós que credes, não vos aproximeis da oração enquanto ébrios, até que saibais o que dizeis, ou maculados até que vos laveis, salvo quando estiverdes em viagem. Se estiverdes doentes [...] ou de ter relações com as mulheres, e não encontrardes água, recorrei então à terra limpa e esfregai os rostos e as mãos. Deus é indulgente e perdoador (surata 4:43).

Surrar a esposa

Uma das advertências mais perturbadoras do Alcorão permite que o marido castigue a mulher. Visto que o marido deve educar sua esposa, o Alcorão dá aos homens muita liberdade na área do castigo. O homem pode ter comportamento agressivo ou dispensar os favores sexuais da esposa cuja conduta não é aprovada: “Aqueles de quem temeis a rebelião, exortai-as, bani-as de vossa cama e batei nelas” (surata 4:34). Em relação à abstenção do relacionamento sexual, o Alcorão menciona: “Aos que juram não mais tocar suas mulheres é concedido um prazo de quatro meses, se retomam a elas [...] Deus é perdoador e compassivo” (surata 2:226).

Certa ocasião, o Profeta foi questionado a respeito desse assunto: “Que direitos a mulher tem em relação ao marido?”. Ele respondeu: “Ele deveria alimentá-la quando ele come, vesti-la quando ele se veste, evitar desfigurá-la ou bater nela excessivamente ou abandoná-la, a não ser em casa” (Hadith 7:62:77).

Em anos recentes, o mundo tem visto vídeos horripilantes de mulheres sendo alvejadas sumariamente com arma de fogo nas praças das cidades por terem expostos um quarto de seus olhos em público. Outras têm sido açoitadas até serem silenciadas e tornarem-se escravas de uma violência terrível.

Avaliação

De que maneira podemos avaliar essa história perturbadora? A agressão e sujeição de mulheres certamente não está restrita ao mundo muçulmano. Milhões de mulheres têm sofrido nas mãos dos homens em todas as culturas e religiões. Homens que se declaram cristãos têm escravizado mulheres e batido nelas até elas se submeterem - às vezes citando interpretações distorcidas da Bíblia.

A diferença que deve ser observada, no entanto, é que qualquer um desses atos agressivos cometidos por um cristão está clara e inequivocamente em desarmonia com o que a Bíblia instrui e com o que Jesus ensinou explicitamente. Jesus elevou as mulheres. Ele não considerava que era impuro tocar nelas. As mulheres, na verdade, recebem destaque especial nos relatos do Novo Testamento. Elas foram as últimas a deixar o local da crucificação de Jesus e as primeiras a testemunhar sua ressurreição. Enquanto os discípulos estavam escondidos, as mulheres corajosamente caminharam até o túmulo com as especiarias aromáticas que haviam preparado para o corpo de Jesus. As mulheres cercaram Jesus, não com propósitos sexuais, mas por motivos espirituais. Quebrando a tradição do midrash, Jesus falou com uma mulher samaritana no poço de Jacó (João 4) e compartilhou suas palavras com as irmãs de Lázaro em Betânia.

As advertências das Escrituras referentes à distinção de propósito entre homens e mulheres em Efésios 5:22-33 fazem parte de um contexto em que se destaca a igualdade fundamental e essencial. Cristo, a segunda Pessoa da divindade, é tão plenamente Deus quanto o Pai, no entanto, eles têm funções distintas. As mulheres são iguais aos homens perante Deus, não obstante, homens e mulheres apresentam funções complementares. Assim, a submissão cristã ao marido reflete o desejo de Cristo em fazer a vontade do Pai (Filipenses 2:1-16).

Além disso, Efésios 5:21-33 ressalta que o marido deve amar e servir a esposa com a mesma devoção com que Cristo amou a igreja. Se uma mulher age de acordo com o texto, confiando sua vida aos cuidados do marido, então o marido também deve imitar a Cristo doando-se a ela. Jesus não dedicou simplesmente sua vida à igreja - ele morreu por ela. A responsabilidade do marido em cuidar da esposa é uma tarefa maior do que o dever da esposa em submeter-se ao marido. Se a esposa vê seu marido realmente mostrar liderança cristã, ela estará mais inclinada a submeter-se a seu cuidado piedoso.

O cristianismo deixa claro que o marido nunca deverá sujeitar sua esposa a qualquer tipo de abuso. O marido violento ofende o fundamento sobre o qual o papel de submissão complementar da esposa está baseado.

No islã, o quadro é mais sombrio. Podemos, de acordo com a apologética islâmica, afirmar que os textos do Alcorão em relação às mulheres e o casamento estão culturalmente obsoletos, mas não podemos dizer que os textos não são restritos a seu contexto. O Alcorão é tão claro que aqueles que regularmente agridem as esposas são mais fiéis aos textos sagrados do que aqueles que procuram racionalizar seus ensinamentos. Se uma mulher é honrada e respeitada em um lar islâmico, isso ocorre apesar dos ensinamentos de Maomé e não como fruto dos ensinamentos islâmicos, que estão em direta oposição às orientações do Senhor Jesus Cristo e da Bíblia.

Gostaríamos de ter falado com Cíntia antes de seu casamento com Asham. Ela deveria ter sido advertida da violência sistemática sofrida pelas mulheres no islã por mais de 1.500 anos. Teríamos contado a ela da liberdade e libertação de Cristo. Leríamos os textos acerca do tratamento que é dispensado às mulheres e haveríamos suplicado para que ela não se casasse com Asham para não sofrer as conseqüências duradouras dessa decisão.

Salvação: retidão matemática

Histórias de conversão

Significado cultural

Eu era Cassius Clay naquela época. Era um negro americano. Comia carne de porco. Não tinha confiança. Achava que as pessoas brancas eram superiores. Eu era um cristão batista chamado Cassius Clay. Muhammad Ali

Significado intelectual

Comecei a estudar mais o Alcorão e por vários meses recitava [o] Shahada [i.e., declarava e aceitava o credo do islã]. Isto ocorreu há menos de um ano. Continuei aprendendo, procurando encontrar a verdade de Deus. Sou muito grata pelo fato de Deus ter-me guiado dessa forma. Aqui encontrei a religião da

verdade, que pode enfrentar qualquer teste de lógica e razão! É como sempre pensei que uma religião deveria ser. Ela deveria fazer sentido. Deveria ser lógica. Diana

Significado devocional

É difícil expressar a diferença que percebo entre essas duas religiões. [...] Também sinto que com o islã tenho senso de orientação, tanto do Alcorão quanto dos hadiths. No tempo em que era católica, era como se tivesse de descobrir por conta própria o que fazer em certas situações. As pessoas podem pensar que o islã é rigoroso, mas penso que é assim que deve ser. Quero dizer, creio que dessa forma Deus diz claramente o que espera de nós. E você não precisa passar pelo mundo procurando a verdade, ou a verdadeira felicidade ou coisas semelhantes a essas. Mônica

Aqui estão três pessoas sinceras explicando por que suas jornadas na fé cristã terminaram no islã. Os cristãos nascidos de novo devem estar preparados para responder às pessoas que acham que os cristãos e/ou os princípios do cristianismo são genuinamente inconvincentes.

Esses testemunhos nos ajudam a entender a motivação e a mentalidade de um novato na fé muçulmana. Cassius Clay encontrou no islã uma verdadeira identidade individual. Essa nova identidade lhe deu segurança para a vida e suas aflições.

O testemunho de Diana é desalentador porque ela questionou os cristãos enquanto estava comparando a fé cristã à fé islâmica. Mas aquelas pessoas com as quais foi buscar resposta para suas dúvidas eram tão ignorantes a respeito da Bíblia que não podiam dar uma resposta adequada, ou simplesmente condenaram o Alcorão e o profeta Maomé, sem qualquer tipo de explicação. Isso fez com que Diana achasse que o cristianismo era uma religião insensível e superficial enquanto a fé muçulmana era lógica e sensível.

Mônica, nascida católica, nunca havia participado da igreja, assim achava que o cristianismo era simplesmente uma religião cultural. Ela foi atraída pela sinceridade e expectativas rigorosas do islã. Um estilo de vida exigente ao qual podia entregar-se de coração e mente. Mônica nos mostra o perigo de tornar o cristianismo tão atraente e agradável que nada é exigido por Cristo como Senhor. Ela poderia ter estado mais envolvida se houvesse ouvido um anúncio bíblico de que a fé sempre é livre, mas nunca sem custos.

Os cristãos que vêm a fé de maneira leviana e comunicam aos filhos um relacionamento com Deus em que não existem limites ou exigências de discipulado, não deveriam ficar surpresos se eles acabarem se tornando céticos ou adeptos de outra fé.

Segurança: Sabendo o que fazer

Este é o livro de que não se pode duvidar, um guia para os que temem ao Senhor, crêem no invisível, recitam as preces e gastam do que lhes outorgamos, e crêem no que te foi revelado e no que foi revelado antes de ti e esperam pela vida eterna (surata 1:2-4).

O Apóstolo de Alá disse: “Quem pode garantir [pureza do] que está entre seus maxilares e o que está entre suas duas pernas [isto é, sua língua e suas partes privadas], eu garanto o Paraíso para ele” (Hadith 8:76:481). A questão última de qualquer religião refere-se à vida eterna após a morte: “O que devo fazer para ir para o céu?” No islã, a resposta a esta pergunta permanece tão misteriosa e complexa quanto foi a vida do fundador dessa religião, Maomé. Como veremos neste capítulo, o Alcorão dá a entender que o

crente em Alá pode estar confiante de seu destino eterno, mas não existe qualquer garantia, mesmo para a pessoa mais justa. Assim, os muçulmanos se esforçam diligentemente para ir para o paraíso, mas temem continuamente que Alá vá julgar sua arrogância e enviá-los para o inferno. A tradição islâmica argumenta que a garantia do céu é tão difícil de ser encontrada quanto uma virgem pura e uma língua pura. Por conseguinte, o muçulmano dedicado faz de tudo para agradar a Alá e desta forma alcançar o céu. Mas o destino (kismet) final está nas mãos do todo-poderoso Alá.

O credo (Shahada)

A salvação no islã está, em última análise, baseada no credo: “Ilaha illa Allah. Muhammad rasul Allah”, que quer dizer: “Existe um só Deus, Alá, e Maomé é o seu mensageiro”.

Esse é o único passo necessário para tornar-se um muçulmano. Conversões pessoais, experimentadas no coração, são substituídas por uma aprovação intelectual dos fatos. Mas o muçulmano também precisa aderir às seis doutrinas principais do islã:

1. Monoteísmo. Crer em um só deus.
2. Anjos. Crer que seres sobrenaturais fazem a vontade de Alá.
3. Revelação. Crer na Torá, no Evangelho (injl) e no Alcorão.
4. Profetas. Crer que Alá enviou profetas para revelar sua vontade - Adão, Noé, Abraão, Moisés, Jesus e Maomé.
5. Julgamento. Crer que Alá julgará todos os homens e mulheres.
6. Céu e infemo. Crer que todos os homens e mulheres passarão a eternidade ou no esplendor do paraíso, ou na eterna tortura do inferno.

Oração (Salat)

A maioria dos americanos tem ouvido a convocação melódica para a oração dos muçulmanos. O líder da oração (muezim) entoar em árabe: “Deus é grande. Existe um só Deus, Alá, e Maomé é o seu profeta. Venha para a oração. Venha para a oração. Venha para o sucesso nesta vida e na vindoura”. No final, a oração não somente dá aos devotos muçulmanos esperança maior do céu, mas também uma chance maior de sucesso nesta vida.

Os devotos muçulmanos oram cinco vezes ao dia, esperando que Alá veja a fidelidade deles e seja misericordioso para com eles. Oram diariamente nos seguintes horários:

- Salat al Fajr. Oração ao amanhecer
- Salat al Zuhr. Oração ao meio-dia
- Salat al Asr. Oração da tarde
- Salat al Maghrib. Oração noturna (após o pôr-do-sol)

- Salat al Isha. Oração no meio da noite

O Alcorão é claro quanto à absoluta necessidade da oração para o muçulmano que almeja o paraíso e suas recompensas. O compromisso rigoroso em relação à oração tem muitas ramificações no Alcorão:

- A oração renova a fé: “[O Alcorão é] um guia para os que temem o Senhor, crêem no invisível, recitam preces [...] e esperam pela vida eterna” (surata 2:3-4).
- A oração remove o mal: “E observa a oração nas duas extremidades do dia. [...] As boas ações cancelam as más ações” (surata 11:114).
- A oração recebe recompensas: “Adora-me e recita a oração em lembrança de Mim. [...] A Hora se aproxima. Mas escolhi mantê-la em segredo para que cada alma seja recompensada conforme seu merecimento” (surata 20:14-15; grifos dos autores).

Mas os muçulmanos não devem apresentar-se somente com o coração humilde, eles têm de realizar as orações com as mãos limpas. O ritual de purificação (descrito com mais detalhes no capítulo 7), antes da oração, inclui o seguinte: lavar as mãos, enxaguar a boca, limpar o nariz, lavar o rosto, lavar os antebraços e lavar os pés.

Essa purificação é tão importante que, se não for realizada da maneira correta, qualquer oração proferida pode não ser ouvida ou receber a misericórdia de Alá. O Hadith expõe: “Certa ocasião, o Profeta permaneceu atrás de nós em uma jornada. Ele se uniu a nós enquanto estávamos realizando a purificação para a oração que estava atrasada. Estávamos apenas limpando os pés com as mãos molhadas (não os lavando apropriadamente). Então o Profeta dirigiu-se a nós em alta voz e disse duas ou três vezes: ‘Salve seus calcanhares do fogo’ ” (3:57).

Revelação: Entendido no que confiar

Imutáveis são as palavras de Deus. Tal será a grande vitória (surata 10:64).

“Creio na Torá, nos Salmos de Davi (Zabur) e nos Evangelhos (Injil). Também creio que vocês são o povo do Livro”. Essa declaração pode causar um problema cardíaco em alguns cristãos, mas é exatamente o que os muçulmanos modernos querem que os cristãos ouçam.

Mas os muçulmanos também acreditam que os cristãos e os judeus adulteraram os livros sagrados de Deus, e com isso negaram seu significado. O Alcorão, no entanto, não pode ser falsificado. Como ele claramente elucida: “Fomos nós que fizemos descer a mensagem, e somos nós que a protegemos [de corrupção]” (15:9).

Portanto, quando os muçulmanos olham para a fonte na qual podem confiar para alcançar a salvação, sempre escolherão o Alcorão em vez de a Bíblia. Na verdade, as escrituras islâmicas anulam o evangelho da mesma forma que Maomé obscurece Jesus. O Alcorão (e seu mensageiro) é a revelação final. Nada mais é necessário.

A ironia que os muçulmanos parecem ignorar é que se a Torá, os Salmos de Davi e a Bíblia são as "Palavras de Alá", como podem estar adulterados?

Os profetas: orientação no caminho para a salvação

Qual é a importância dos profetas na salvação da humanidade? Os profetas são os porta-vozes de Alá para todas as pessoas. Cada grupo de pessoas (nação) recebeu um profeta para ouvir a mensagem de Alá. Este profeta remove todas as dúvidas e mentiras sobre a verdade. O Alcorão afirma: “Para cada nação, há um Mensageiro. Quando chegar o Mensageiro deles, serão julgados na equidade, e ninguém será lesado” (10:47).

Portanto, a voz de Alá nunca ficou em silêncio para qualquer geração, e cada geração será julgada de acordo com a amplitude da revelação dada pelos diversos profetas.

Julgamento: Prestando contas das suas obras

E no pescoço de cada homem, prendemos seu pássaro de augúrio.

E no dia da Ressurreição, apresentar-lhe-emos um livro aberto: “Lê teu Livro: hoje, basta tua alma para te pedir contas” (surata 17:13-14).

O Dia do Julgamento está vindo para todo aquele que viveu nesta terra. O Alcorão afirma: “Levantou o céu e estabeleceu a balança” (55:7). Este dia será tão terrível e estressante que “tornará branco o cabelo das crianças” (73:17).

O Dia do Julgamento visa ou humilhar e envergonhar, ou purificar e recompensar. O Dia do Julgamento também é evidência das características da onisciência, onipotência, misericórdia, sabedoria, providência e justiça. No fim das contas, ele se mostrará verdadeiro de todas as maneiras. Esse é o propósito do Dia do Julgamento.

Eternidade: O Jardim ou o fogo

Não existe alguém que não seja muçulmano, visto que cada pessoa recebeu a verdade de Alá por meio dos seus profetas. Portanto, os infiéis (kafirs), aqueles que rejeitam a verdade do islã, estão indo para o inferno. Os seguintes crimes são mencionados no Alcorão como especialmente dignos de castigo eterno: arrogância, adoração falsa, tirar a vida de um inocente, adultério e uma vida em completo pecado. O Alcorão ilumina: “E, no dia da Ressurreição, receberá um castigo dobrado, e na Geena permanecerá, menosprezado, para todo o sempre” (surata 25:68).

Inferno: Tortura e queimaduras

Os que rejeitam nossos sinais, breve jogá-los-emos no fogo. Cada vez que suas peles forem queimadas, substituí-las-emos por outras para que continuem a experimentar o suplício. Deus é poderoso e sábio (surata 4:56).

A razão para o sofrimento eterno dos infiéis no inferno é para exaltar Alá e demonstrar sua onipotência. Como pode ser visto, o inferno é um lugar de tortura onde o sofrimento das pessoas é renovado. Outros detalhes do castigo incluem tomar água fervente malcheirosa (14:16), usar vestimentas feitas de alcatrão inflamável (14:50), e “outros suplícios similares e simultâneos” (38:58).

Os infiéis desejam morrer, mas não serão atendidos. A súplica deles para serem destruídos será ignorada por Alá. Cada vez que os perversos procurarem fugir do fogo, serão forçados a voltar e serão afligidos pelo fogo. Isto, de forma alguma, ilustra a injustiça de Alá, somente a injustiça do pecador

(43:76).

O inferno, portanto, é um abismo sem fundo (2:9-11), no qual os infiéis lembrarão seus pecados (89:23-26) e denotarão humilhação em seus rostos (88:2-7).

Céu: paraíso de luxúria

Os que crêem e praticam o bem, conduzi-los-emos para jardins onde correm os rios, e lá permanecerão para todo o sempre, e lá terão esposas imaculadas, e lá desfrutarão uma sombra densa (surata 4:57).

O céu, portanto, é a antítese do inferno, onde jardins substituem o fogo, e sombras substituem as queimaduras. Visto que Alá está satisfeito com os justos, ele dá segurança eterna, frutas, bebidas e esposas virgens! Os homens estarão reclinados em poltronas, bebendo vinho novo, olhando para lindas virgens (37:41-49). Quanto a recompensas materiais, os crentes desfrutarão mansões elevadas (39:20), tronos (18:31), rios e comida fantástica (52:17-24). Na área espiritual, serão recompensados com alegria (36:55-58), paz (19:61-63), satisfação (43:68-73) e uma vida agradável (69:21-24). A alma estará completa e serena, satisfeita com Alá, da mesma forma que Alá estará satisfeito com a alma (89:27-30).

O céu na balança

Aqueles cujas ações pesarem mais na balança se salvarão. E aqueles cujos pratos forem leves, perder-se-ão a si mesmos na Geena para sempre (surata 23:102-3).

Miséria versus esplendor, no fim das contas, serão analisados estatisticamente. Os muçulmanos acreditam que cada pessoa deve ser pelo menos 51% boa. Portanto, aqueles que sabem que viveram uma vida de miséria e vergonha não têm qualquer chance de ir para o céu quando estiverem se aproximando da morte. Por isso, vivem em desespero e destruição, porque somente podem esperar o inferno.

Os pratos da balança divina são a demonstração final do julgamento matemático preciso. Toda pessoa é literalmente responsável por cada ato realizado. Por conseguinte, os pratos se tornam mais importantes quando alguém se aproxima do fim da vida, especialmente aqueles que estão em uma situação crítica. Precisam trabalhar duro, viver melhor e dar mais. Assim, eles podem esperar, que os pratos se inclinem a seu favor.

A misericórdia de Deus: retirando os condenados!

Visto que a fé eterna é dada, em última análise, de acordo com o capricho subjetivo de Alá e depende de sua compaixão e vontade, os muçulmanos oram para que a misericórdia permaneça com eles. Maomé comentou que mesmo ele poderia deixar de conseguir o céu sem a misericórdia de Alá.

Alguns estarão no céu embora não mereçam estar lá. Como observa um estudioso: “A misericórdia de Deus também é demonstrada por meio da crença de que depois de certo período de tempo Deus tirará do inferno um grande número de pessoas condenadas, não devido a seu mérito, mas para demonstrar sua compaixão para com suas criaturas”.

A Questão suprema: Ofender um Deus Santo

Quatro dias antes de Acar Mehmet Caner, o pai dos autores, morrer de câncer na próstata, deu a cada um dos seus filhos uma cópia do Alcorão. Sabendo que estava à morte, disse: “Lembrem-se, fui um homem

bom”. Com todas suas falhas, que não eram maiores do que as falhas de seus filhos, ele era o exemplo de homem de família. Amava a esposa e filhos, provendo-lhes financeira e emocionalmente.

Mas Acar Caner tinha um ponto de vista diferente da perspectiva de seus filhos. Ele acreditava que todas as pessoas nascem sem pecado. Nós cremos que todas as pessoas nascem em pecado e necessitam de um Salvador. É uma diferença crucial.

No islã, você deposita sua esperança nas boas obras, tentando agradar Alá mais do que ofendê-lo. Os cristãos crêem que qualquer pecado é ofensa infinita contra Deus e deve ser julgado com castigo infinito. Boas obras já não cobrem más obras. Um ato de bondade não pode tirar a culpa de um assassino. Se você é um criminoso, a justiça requer que haja o castigo. E isto de fato ocorreu. Jesus Cristo pagou o castigo infinito pelo pecado.

No islã, o pecado não foi pago: ele é pesado nos pratos de uma balança. Não existe compreensão no islã de que um Deus verdadeiramente santo e justo não pode simplesmente medir o pecado e deixá-lo de lado, sem qualquer castigo. Meu pai escreveu seu último pedido na primeira página de cada cópia do Alcorão que ele deu a seus filhos. Na cópia de Emir estava escrito: “Para meu filho Emir. Isto é seu. Por favor, reserve tempo para ler cada palavra por você e por mim. Seu pai”.

Embora Emir hoje seja um cristão, ele obedeceu ao pedido pessoal do pai. O Alcorão contém muitas palavras de sabedoria e bons conselhos. O que falta é a promessa de vida eterna. Nós apenas esperamos que nosso pai tenha colocado a fé no final de sua vida em alguém maior do que ele mesmo. Somente Deus sabe o que passa na mente de uma pessoa quando ela está à beira da morte. Talvez naquele momento ele tenha encontrado o verdadeiro Salvador.

Dias Santos: um calendário da comunidade islâmica

A História de Mustafá

Viver como muçulmano na América pode ser assustador. Certamente, nenhuma época é tão problemática quanto as semanas de feriados do Natal, o Hanuká e do ano-novo. Mustafá tinha medo desse período durante o ano inteiro. O desconforto começava quando o dia de Halloween se aproximava, quando percebia os ramos de sempre-vivas e as grinaldas decoradas de maneira festiva. Ele ouvia seu colega de aula da quarta série planejar viagens, falar de presentes, luzes, ornamentos e cânticos de Natal.

Se visitasse a casa de um amigo não-muçulmano, a porta da frente estava enfeitada de plantas, flores e luzes multicoloridas. Na casa, o cheiro de bolo de gengibre e biscoitos sempre era tentador, e os pais com seus pulôveres vermelhos o cumprimentavam com um “Feliz Natal”. Ansiosamente, ele observava os presentes debaixo de um pinheiro e ouvia os hinos a respeito de sinos e dos três magos.

Na porta de sua casa não havia guirlandas ou luzes. O pátio da frente não estava enfeitado com motivos natalinos ou renas cintilantes. Sua casa era a mesma o ano todo. Como muçulmano sunita, Mustafá muitas vezes só se sentia protegido dos apelos comerciais que ocorriam em toda parte em sua casa.

Mas a televisão o aborrecia com a propaganda e filmes natalinos, como *It's a wonderful life* [É uma vida maravilhosa], e programas com simbolismo cristão vagamente religioso. Mesmo na santidade da casa de seus pais, Mustafá sentia-se desnordeado.

Se um cristão deseja alcançar a vida de um muçulmano e estender-lhe a graça de Cristo, é imperativo entender a cultura islâmica. Os feriados islâmicos fazem parte dessa compreensão.

Meses Lunares e anos solares

Os meses do ano islâmico são baseados no ciclo lunar, consistindo de 12 meses de 29 ou 30 dias, totalizando 353 ou 354 dias por ano. Cada novo mês começa com a lua nova, e as datas vigentes diferem em um ou dois dias em distintos hemisférios. Embora um calendário lunar confunda os ocidentais - que estão acostumados a datas mais precisas - imaginem como deve ser para um muçulmano ser confrontado com o sistema ocidental.

Embora os muçulmanos comecem seus calendários com o ano da peregrinação (622 d.C.), visto que seu ano é cerca de dez dias mais curto do que o calendário Juliano, isto introduz um senso de aproximação. O ano-novo europeu sempre ocorre no dia Primeiro de janeiro, mas o ano-novo muçulmano, Mihama, varia, de acordo com a tabela a seguir.

*O ANO NOVO ISLÂMICO NO CALENDÁRIO OCIDENTAL	
No ano da Hégira (d.H., “Depois da Hégira”)	Data do Mihama no calendário gregoriano/ ocidental
1422 d.H	26 de março de 2001
1423 d.H	15 de março de 2002
1424 d.H	5 de março de 2003
1429 d.H	10 de janeiro de 2008
1430 d.H	29 de dezembro de 2008

Embora seja difícil encontrar um consenso islâmico mundial, é possível relacionar os meses islâmicos, começando com muharram, que é o primeiro mês do ano: 1) muharram; 2) sáfar; 3) rabi I; 4) rabi II; 5) jumada I; 6) jumada II; 7) rajab; 8) sha’ban; 9) ramadã; 10) shawwal; 11) dulcadá; 12) dulijá.

Como os meses são organizados em torno das luas novas, os feriados mudam. O muçulmano estranha que o feriado de Natal sempre ocorra em 25 de dezembro. Lembre-se também que o islã opera com dois calendários distintos - o calendário lunar e o calendário solar. A maioria dos muçulmanos adota o calendário solar islâmico, no qual o ano de 2001 d.C. equivale ao ano 1380, coincidindo com a fundação

do islã após as primeiras visões de Maomé. Mas quando o Talibã tomou posse do Afeganistão, em 1996, eles impuseram o calendário lunar islâmico, no qual 2001/1380 equivale ao ano 1422. Não é de admirar que os muçulmanos não saibam a idade exata e a data do nascimento deles, embora essa situação esteja mudando lentamente.

O cálculo dos feriados é complexo porque os ciclos lunares variam em diferentes regiões e hemisférios. Assim, no mesmo ano, os feriados podem começar e terminar em diferentes dias, dependendo em que lugar da terra você vive. Os cristãos ocidentais serão perdoados por se sentir confusos em relação aos feriados muçulmanos. Este capítulo esclarece aspectos em relação ao calendário islâmico, fazendo algumas conexões ao calendário gregoriano, tomando como exemplo o ano 2002.

HAJJ NO CALENDÁRIO OCIDENTAL*	
Em 1422 d.H.	Em 2002 d.C. no calendário gregoriano
1° Dhu'l-Hiüah	14 de fevereiro

Hajj

O quinto pilar do islã, e a jornada mais santa dos muçulmanos, é chamado de hajj, a peregrinação a Meca. Todo ano, cerca de dois milhões de muçulmanos convergem a Meca, na Arábia Saudita. A maior reunião internacional do mundo, o hajj é obrigatório pelo menos uma vez na vida de um muçulmano.

O conjunto de regras que o envolve (discutido no cap. 7) é rigoroso. A experiência do hajj é profunda para o muçulmano e é considerada um dos ritos de passagem mais importantes de sua vida. O propósito é o mesmo para cada muçulmano que faz a jornada - a adoração a Alá na Caaba, a Casa Santa em Meca.

De acordo com o Alcorão, a Caaba foi construí da por dois profetas, Abraão e seu filho Ismael. O Alcorão declara:

Não era Abraão judeu ou cristão. Era um homem de fé pura e um submisso. E não era um idólatra (surata 3:66).

O islã ensina que não foi Isaque e, sim, Ismael que foi oferecido, e que foi poupado e trocado por um carneiro preso em um arbusto (ver Gênesis 22). Depois daquele milagre, pai e filho continuaram sua caminhada para Meca, onde construíram a Caaba. O Hadith ensina: “E quando Abraão e Ismael ergueram os fundamentos da Casa, [disseram]: ‘Alá aceite de nós [...] e oriente-nos no caminho da devoção’ ”.

O muçulmano crê que Abraão instituiu a peregrinação e estabeleceu os ritos ao redor da Caaba. Maomé ressuscitou a peregrinação depois de muitos anos de entorpecimento.

O dia mais importante da peregrinação é o nono dia do Dhu'l-Hijjah, conhecido como o Dia de Arafat. Nesse dia, uma multidão enorme de peregrinos se reúne na Planície de Arafat, que os muçulmanos acreditam ser o protótipo do lugar do último julgamento de Alá. Ali, eles oram por perdão e

misericórdia, em preparação para o próximo dia, ‘Eid-ul-Adha, outro dia sagrado islâmico.

‘EID-UL-ADHA NO CALENDÁRIO OCIDENTAL*	
Em 1422 d.H.	Em 2002 d.C. no calendário gregoriano
10° Dhu’l-Hiüah	23 de fevereiro

‘Eid-ul-Adha

No dia seguinte ao Dia de Arafat, os muçulmanos celebram ‘Eid-ul-Adha, o Festival do Sacrifício. Esse feriado celebra a disposição de Abraão em sacrificar tudo, incluindo seu filho Ismael. Visto que o muçulmano crê que Alá poupou Ismael ao substituí-la por um carneiro preso no arbusto, os muçulmanos reverenciam esse dia, matando um animal e distribuindo a carne entre os familiares, amigos e os necessitados.

‘Eid-ul-Adha visa encorajar atos especiais de misericórdia para com as famílias muçulmanas pobres da comunidade. O dia é envolto em uma série de tradições, incluindo o uso de roupa nova ou especial, e a entrega de presentes para os filhos depois de contar a história do sacrifício de Ismael. Embora esses dois primeiros feriados ocorram mais no início do calendário ocidental, para o muçulmano acontecem no final do ano. O ano novo começa aproximadamente três semanas mais tarde, no início do mês muharram (v. a data do ano-novo já citada).

RAMADÃ NO CALENDÁRIO OCIDENTAL*	
Em 1422 d.H.	Em 2002 d.C. no calendário gregoriano
Mês do Ramadã	6 de novembro - 6 de dezembro

Ramadã

O período islâmico de dias santos mais conhecido universalmente é o ramadã, que é tanto o nome do mês quanto o nome do período de jejum. Cumprir um jejum diário nesse mês mais especial do ano é um dos cinco pilares do islã (sawn). A forma de adoração mais praticada pelo muçulmano convoca um bilhão de muçulmanos de todo mundo para a devoção, reflexão e autocontrole.

O propósito do ramadã é separar um tempo universal e concreto para o cumprimento do terceiro pilar do islã, o jejum. Embora muitos muçulmanos jejuem durante todo o ano, a obrigação para jejuar deve acontecer uma vez ao ano, e a maioria dos muçulmanos, mesmo os não praticantes, segue essa prática. São enfatizados os atos de obediência nesse período: abster-se de comida durante as horas da luz do dia,

abster-se de relacionamentos sexuais conjugais e renovar o compromisso para a oração e o estudo do Alcorão. Cada ato no mês do ramadã é dedicado a esses propósitos.

O período começa na lua nova do nono mês. Conforme foi mencionado anteriormente, como a lua nova não ocorre no mesmo dia ao redor do mundo, existe certa disparidade em relação ao início do ramadã, mas cálculos astronômicos são usados para dar continuidade mundial. O final do mês, marcado pela celebração do 'Eid-ul-Fitr, é estabelecido de modo semelhante.

Com a exceção dos doentes, mulheres em certas condições e aqueles que estão viajando, todos os muçulmanos são obrigados a jejuar durante o ramadã. O período diário de jejum começa ao amanhecer e termina com o pôr-do-sol. Durante esse período, os muçulmanos se abstêm de comida, bebida, fumo, relação sexual e todas as formas de prazer.

Para o muçulmano, esse não é um período de depressão ou tristeza. As celebrações envolvendo o mês são na verdade tempos de festa. Pela manhã, o muçulmano levanta-se para uma refeição, chamada de suhoor. A comida é abundante e preparada em ambiente de muito companheirismo. Depois da refeição, as orações matinais são recitadas e inicia-se o jejum. À noite, a oração é recitada para marcar o fim da luz do dia e a refeição noturna de comunhão é celebrada, muitas vezes com familiares e amigos. Essa refeição é chamada de iftar, e, seguindo a tradição de Maomé, come-se tâmaras doces de antepasto. Apesar dos muçulmanos serem ordenados a ler o Alcorão diariamente, muitas vezes faz parte da celebração do ramadã ler uma trigésima parte do Alcorão por dia, e dessa forma, todo o livro é lido durante o período.

Os últimos dez dias do ramadã têm um poder especial, à medida que os muçulmanos procuram servir Alá em atos de caridade e devoção. A Noite de Poder (Lailat ul-Qadr) ocorre na 27ª noite do mês, e é a noite mais sagrada do mês sagrado. De acordo com o Alcorão, nessa data comemora-se a noite em que Maomé recebeu os primeiros versos do Alcorão e essa noite é “melhor do que mil meses”.

O impacto da celebração dentro da comunidade islâmica precisa ser experimentado para ser entendido. A expectativa aumenta a cada mês, durante os quais são planejados menus e listas de hóspedes. Com sentimento de ansiedade semelhante a dos cristãos quando se aproxima o Natal, ou dos judeus em relação à Páscoa, os muçulmanos aguardam o ramadã com alegria. Pequenos presentes são recebidos todas as noites e um orgulho ético e espiritual cresce conforme os muçulmanos celebram um evento singular que envolve todo o mundo islâmico. Amigos e familiares cumprimentam-se com frases especiais durante o mês, muitas das quais são conhecidas por todo o islã:

- Kulu am wa antum bi-khair, "Que tudo vá bem para você o ano todo". .
- Elveda, ey Ramazan, “Adeus, ó ramada”.
- 'Eid mubarak, “Um abençoado 'Eid”

'Eid mubarak é o cumprimento árabe universal, que pressagia a bênção de Alá no último feriado islâmico mundialmente celebrado, o Festival da Quebra do Jejum.

'EID-UL-FITR NO CALENDÁRIO OCIDENTAL*

Em 1422 d.H.	Em 2002 d.C. no calendário gregoriano
1° de shawwal	6 de dezembro

Eid-ul-Fitr

No primeiro dia do décimo mês do islã celebra-se a quebra do jejum do ramadã. É um evento alegre, comemorando a conclusão dos atos especiais de devoção. Os muçulmanos em todo o mundo vestem-se com roupas de cores festivas, participam de oração especial pela manhã e visitam amigos. Em muitos lugares, presentes maiores ou dinheiro são dados às crianças pelos pais e parentes.

A comemoração do ‘Eid-ul-Fitr dura três dias e, na maioria dos países, o trabalho não essencial é deixado de lado nesse período. A maior parte do protocolo formal ocorre no primeiro dia. Uma oferta especial para os pobres é obrigatória. Nessa oportunidade, arrecada-se a maior parte da doação comunitária para o ano. Atualmente, os muçulmanos nos Estados Unidos procuram junto aos órgãos competentes o reconhecimento do ‘Eid-ul-Fitr como feriado oficial.

Um sagrado dia escatológico

No islã xiita, um feriado apresenta traços messiânicos a celebração do 12° imã, Muhammed Al-Mahdi, o filho do 11°imã, Hasan al-Askari. De acordo com a tradição, Al-Mahdi nunca morreu. Está vivo e escondido, esperando o dia do julgamento quando ele aparecerá para estabelecer justiça na terra. A celebração da data do seu nascimento, no 15° dia do Sha’baan, tem muitas tradições que de modo singular apontam para um rei governante.

Celebrações do esforço humano

Os cristãos precisam entender que os dias sagrados islâmicos diferem na essência e no significado dos dias sagrados observados pelos cristãos.

Em primeiro lugar, e de maior importância, os feriados cristãos lembram de intervenções divinas, enquanto que as comemorações islâmicas se baseiam em realizações humanas. No cristianismo, celebramos a Páscoa, lembrando da ressurreição do Nosso Senhor Jesus e o cumprimento de seu sacrifício pelos nossos pecados. No islã, ‘Eid-ul-Adha lembra a disposição de Abraão em sacrificar Ismael, não a substituição do cordeiro no arbusto por Alá. No cristianismo, celebramos o nascimento do Salvador, Jesus Cristo, para nossa redenção. O islã festeja o Mawlid al-Nabi, a data de nascimento de Maomé, o guerreiro. O cristianismo e o judaísmo reconhecem a Páscoa como a obra de Deus, poupando o filho primogênito dos israelitas. Os muçulmanos observam o fim de seu sacrifício pessoal no ramadã com o ‘Eid-ul-Fitr. A completa inversão de propósito dos dias sagrados não pode passar despercebida.

Segundo, as atividades e refeições comunais celebradas no islã são exclusivamente para os muçulmanos. Na terminologia cristã, os muçulmanos crêem enfaticamente em uma “comunhão fechada”. Enquanto os judeus muitas vezes procuram convidar seus vizinhos cristãos para celebrar o sabá ou a Páscoa com eles, os não-muçulmanos (mesmo se são amigos ou da família) não são bem-vindos nas comemorações muçulmanas.

A importância desse princípio é constrangedora. Conforme mencionado no capítulo 7, em novembro de 2002, o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, cometeu uma gafe religiosa, mesmo procurando se aproximar deles. Quando o presidente Bush patrocinou o iftar, a refeição noturna do ramadã, uma oração perfunctória é recitada, prometendo clara devoção a Alá de cada pessoa sentada à mesa. Os conselheiros do presidente certamente não contaram a ele que ao fazer parte dessa oração ele estava se comprometendo com o deus muçulmano. Como um cristão dedicado e franco em relação à confissão de fé, o presidente Bush cometeu um erro comum para aqueles que tentam construir pontes com o islã sem entender o mundo muçulmano.

Cristãos, lembrem-se: embora temos a obrigação de conhecer os costumes islâmicos, podemos facilmente cair em idolatria sincretista. Respeitar outras tradições religiosas nos capacita a testemunhar de forma mais efetiva. Validar suas tradições prejudica o testemunho do evangelho. Centramos nossas celebrações na provisão do Senhor, não em nossos esforços pessoais.

O jovem Mustafá é como muitos outros muçulmanos. Ele teria prazer em conhecer um cristão que entenda suas tradições e é sensível a sua posição, mas que não minimize as diferenças.

Seitas e facções islâmicas

Um obscurecimento dos limites

Desde os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono, em setembro de 2001, muitos limites distintivos têm ficado obscurecidos. Pouca diferença existe entre civis e militares, principalmente nos Estados Unidos. A mídia parece menos certa a respeito das fronteiras entre o secular e o religioso. Mesmo no mundo islâmico, uma divisa importante entre duas das maiores facções tem se tornado menos distinta.

O obscurecimento de limites não é uma questão sem importância, visto que fronteiras são necessárias para uma cultura. Considere, em primeiro lugar, a distinção entre um civil e um militar nos Estados Unidos. Aceitando que a Guerra Civil norteamericana foi um conflito doméstico, a última vez que o litoral leste foi atacado ocorreu na guerra de 1812. Em toda a história dos Estados Unidos, seus soldados em guerra no exterior sabiam que suas famílias viviam em relativa segurança. Depois do ataque terrorista feito por aviões em 2001, e das cartas contaminadas com antraz, a população civil se sente vulnerável.

Em segundo lugar, a fronteira entre a sociedade secular e a sagrada está indistinta. Após os ataques e o lançamento do fatwa (declaração formal de um jihad), a mídia mundial se apressou em conhecer o significado do jihad. Por um breve momento, nos meios de comunicação os teólogos excederam em número os políticos. Os cultos de oração e debates religiosos ocupavam lugares de destaque na mídia.

Talvez a mais alarmante fronteira que foi cruzada seja a terceira. Por 50 anos, os políticos do Ocidente têm dependido dos muçulmanos supostamente moderados, os sunitas, para ajudar a equilibrar a ala radical do islã, os xiitas. Agora aconteceu uma mudança marcante. O líder terrorista Osama bin Laden era um muçulmano sunita, mas atraiu seguidores de várias linhas sectárias, e a demarcação entre os vários grupos dentro do islã já não é mais tão clara. Os cristãos deveriam entender esses grupos que compõem a população islâmica e que ajudam os muçulmanos a se auto-definir.

Uma ruptura histórica: O Califado

Depois da morte de Maomé, os califas lideraram a crescente comunidade islâmica. Maomé não havia estabelecido uma linha de sucessão, assim os muçulmanos tinham de colocar em prática, rapidamente, um plano organizacional envolvendo a área administrativa, o comando militar, tribunais e o ensino espiritual. Eles desenvolveram a função de califa para dirigir a comunidade, embora não fossem profetas, em uma posição de igualdade com o profeta Maomé.

Abu Bakr tornou-se oficialmente o primeiro califa, mas sua posição não deixou de ser contestada. Ali, o primo de Maomé e marido de sua filha Fátima, foi o quarto califa até que fosse assassinado, sendo substituído pela dinastia Umayyad, em 661. Uma facção acreditava que Ali era o verdadeiro primeiro califa.

A maioria dos muçulmanos apoiou a linha principal dos califas, e ficou conhecida como sunita. Eles seguiam a suna (costume) de Maomé como praticada e interpretada pela comunidade islâmica, a 'umma.

Os dissidentes ficaram conhecidos como shia' (facção) de Ali. Em 680, o irmão mais novo de Ali, Husayn, revoltou-se contra o governo majoritário dos sunitas e foi morto em um massacre em KarbAllah, no Iraque. Os xiitas continuam comemorando sua morte anualmente no 10º dia de Muharram. Essa cisão e subsequente batalha política acabaram definindo a primeira divisão no islã - os sunitas e os xiitas - e em muitos países no mundo islâmico essa divisão permanece atualmente.

Os muçulmanos sunitas: xariá e fíqh

A grande maioria dos muçulmanos pertence à seita sunita. Após a morte de Maomé, a facção sunita propôs que o sucessor de Maomé deveria ser eleito pelo povo. Os xiitas (partido de Ali) achavam que uma descendência direta de Maomé deveria ser seguida. Por conseguinte, os xiitas rejeitaram como fraudulenta a eleição dos três primeiros califas, aceitando somente a eleição de Ali, o primo e genro de Maomé.

Na comunidade islâmica, os muçulmanos sunitas sistematizaram e organizaram a vida e ética islâmica sob uma estrutura de lei teocrática. O conceito mais importante instituído pela comunidade sunita era a lei islâmica conhecida por xariá (literalmente: “o caminho para o buraco com água”). Tradicionalmente, a xariá é dividida em três áreas: deveres religiosos (ibadat), ética (m' Amalat) e jurisprudência fiqh).

A organização dessas leis (Usul al-fiqh) foi formulada por Muhammad ibn Idris al-Shafi antes de sua morte, em 819. A autoridade mais elevada em todas as questões da vida era o Alcorão, seguido pela Suna e o Hadith e, finalmente, o consenso da comunidade, conhecido como ijma. Esse ijma começou com a concordância de toda a comunidade e mais tarde serviu para formar o consenso dos estudiosos, conhecidos como ulemás.

Entre os sunitas, o aspecto comunitário tornou-se o recurso final para a lei e a ética. No começo do islã, qiyas (analogia) e ijtihad (tomada de decisão independente) também eram levados em conta, mas os sunitas não mais os aceitavam como autorizados. Contudo, na comunidade xiita, o ijtihad continua valendo como processo válido, mas é praticado somente pelos imãs locais de cada mesquita. Em praticamente cada área da vida, mesmo no detalhamento dos tempos de oração e nas restrições dietéticas, a comunidade sunita tem conseguido com que o islã fale a mesma língua em vários países. Eles estão comprometidos em solidificar o islã em países muçulmanos e em espalhar a religião pelo mundo.

Muçulmanos xiitas: xariá e ímã

Em oposição aos muçulmanos sunitas, os antigos xiitas acreditavam que o líder deveria ser descendente de Maomé, o qual havia, no tanque de Ghadir al-Khumm, designado explicitamente Ali como seu sucessor. Os xiitas desenvolveram uma teologia que rejeitava o califa e nomearam seus próprios líderes, conhecidos como imãs.

O imã era considerado o guia espiritual completo, herdando alguma coisa da inspiração de Maomé. Não era visto como simples administrador eleito por contrato como foi o caso dos califas sunitas. No islã xiita, acreditava-se que o imã era intérprete infalível da lei e da tradição.

Divinamente escolhidos desde o nascimento, os verdadeiros imãs são descendentes diretos de Ali, e os xiitas ensinam que a 12ª geração (12º imã) daquela linha não morreu, mas foi levado para o céu por Alá ou está escondido na terra. Os xiitas crêem que ele voltará à terra para ser o Mahdi, uma figura messiânica.

A configuração dos antigos xiitas era atraente, com seus temas de martírio e sofrimento, e destacava a morte de Husayn e outras figuras importantes na sucessão xiita. Os xiitas atraíram outros grupos dissidentes, especialmente os representantes de civilizações não árabicas (Mawali), como as das sociedades persa e hindu. Esses grupos achavam que não tinham sido tratados de maneira justa pelos muçulmanos árabes, predominantemente sunitas.

Milhões de pessoas em todo o mundo, particularmente no Iraque, Irã, Índia, Paquistão e em partes do Afeganistão, congregaram-se para prantear os mortos e recitar a história do “martírio” de Husayn. Esse acontecimento é comparado ao sacrifício vicário, algo parecido com a visão cristã em relação à morte de Cristo. Husayn entregou-se totalmente no dia de Ashura.

A introdução subsequente de outras civilizações explica a inclusão de algumas tendências religiosas como o misticismo e a meditação entre os xiitas islâmicos. Essa distinção pode muitas vezes ser vista na ênfase em sonhos como ato da revelação de Alá, especialmente útil na tomada de decisão. O interesse em recontar e analisar sonhos fica evidente na gravação do vídeo divulgado amplamente, no qual Osama bin Laden discute os ataques terroristas a Nova York e Washington D.C., em 11 de setembro de 2001.

A comunidade xiita insiste no xariá como um absoluto governamental. Nos países em que há domínio do islã xiita, a teocracia (governo de um deus) é vista como a melhor opção para governar e viver. As leis são determinadas pelo Alcorão e o Hadith, ensinamentos que fornecem a ética e lei criminal.

Sufismo: Misticismo Islâmico

O sufismo surgiu como resposta a um legalismo perceptível dentro do islã. Visto que os sufis mais místicos consideravam a observância da lei religiosa como conformismo exterior, encorajaram o desejo por experiências pessoais com Alá, por meio da meditação (dhikr, lembrança) e taríqa, maneira interior de meditação.

Os sufis baseavam seus ensinamentos na simplicidade do estilo de vida de Maomé e dos primeiros califas, bem como na rejeição da riqueza. Essa rejeição levaria à perda do desejo pessoal e a consumir-se (fana) em Alá. O sufismo tinha maior aprovação em países em que o budismo e o hinduísmo prevaleciam.

A negação do eu é alcançada por meio de jejuns extremos, longos períodos de meditação, o rodopio dervixe (dança giratória) e outros meios de meditação, que muitas vezes transcendiam a lei islâmica e os

ensinos do Alcorão, de acordo com a compreensão dos sufistas.

Em relação à doutrina, os sufis pregam a centralidade do amor de Alá (mahabbah), introduzida pelo líder Rabi'a no século VIII. Eles ensinam uma interpretação alegórica e simbólica do Alcorão e entoam os nomes divinos de Alá para comungar com ele. Cada irmandade sufi inclui um xeique (mestre espiritual), que ensina seu caminho distinto (tariqa) a seus discípulos (faqires). Os discípulos vivem com o xeique e praticam o caminho em íntima comunhão.

Hoje, o movimento sufi cresce rapidamente no Oriente Médio e demais países orientais. O misticismo que praticam é bem-vindo e universal em culturas que enfatizam a abnegação ou renúncia. Mesmo na América, como uma tendência em direção ao judaísmo cabalístico e ao misticismo oriental, as comunidades sufis continuam a se espalhar.

Embora o sufismo não tenha uma teologia coesa e sistemática, certamente o panteísmo é fundamental para a seita. A jornada para uma comunhão íntima com Alá é orientada em cada seita sufi por um líder, chamado pir, que arrola seguidores conhecidos como murid.

Seitas Menores

Aproximadamente 98% de todos os muçulmanos seguem um dos três grupos islâmicos principais, mas pequenas seitas atraem seguidores ao redor do mundo. Alguns desses grupos estão tão afastados do islã principal que não são considerados integrantes da religião; porém, outros merecem ser investigados.

Nação do islã

Um dos grupos mais controversos no islã é a Comunidade Mundial do Al-Islam no Ocidente, também conhecida como a Nação do Islã (NDI). Movimento radicado nos Estados Unidos, a NDI tem atraído a atenção na arena política.

Por volta de 1930, a NDI foi fundada por Wallace Dodd Fard (Wali Farad Muhammad) em Detroit, no Michigan. Fard baseava-se nos ensinamentos de Timothy (Noble Drew) Ali que fundou seu Moorish Holy Temple of Science Organization [Templo Sagrado Mouro da Organização da Ciência] em 1928.

Drew ensinou que os americanos descendentes de africanos eram na verdade descendentes árabes e, portanto, deveriam ser vistos como mouros. Também ensinou que o islã, não o cristianismo, era a fé original e, portanto, a fé correta para os africanos nos Estados Unidos. Depois da morte misteriosa de Drew, em 1929, Fard espalhou o ensino de que o homem negro era originariamente muçulmano (mouro), o homem branco era o Diabo, e os poderes que os americanos de origem africana procuravam somente seriam encontrados em uma nação separada. Em 1934, Fard tinha oito mil convertidos.

Em junho de 1934, Fard desapareceu e foi sucedido por seu ministro principal, Elijah Pool Muhammad. A liderança forte de Muhammad expandiu o número de adeptos e a influência da NDI. Depois de sua morte, em 1975, seu filho, Wallace Muhammad, assumiu o controle e começou a transformar a NDI em uma divisão do islamismo ortodoxo, com seis reformas:

1. A doutrina de Elijah Muhammad da superioridade racial negra foi abolida.

2. Wallace Fard era considerado um homem sábio, mas não o próprio Deus, como Elijah Muhammad havia acreditado.
3. Organizações empresariais foram separadas das organizações religiosas.
4. A exigência de um Estado separado para os americanos africanos foi retirada.
5. Pela primeira vez a autoridade da constituição dos Estados Unidos foi aceita.
6. As doutrinas da NDI estavam alinhadas ao islã ortodoxo, incluindo o hajj.

Diante dessas mudanças, a comunidade sunita aceitou a NDI em seu seio, mas nem todos concordaram com as mudanças. Louis Farrakhan, patrocinador franco do nacionalismo africano, fundou um movimento islâmico separado.

Wahhabí: o sunismo radical

Wahhabismo é uma designação conhecida para o movimento religioso dentro do islã fundado por Muhammad ibn Abd al-Wahhab (1703-1792). Vendo-se como um reformador do islã, Wahhab declarou o jihad para todas as outras formas do islã - uma ocorrência única na história islâmica. Os membros se autodenominam muwahhidun (unitários) e se opõem a qualquer coisa que diminua a glorificação do único Deus, Alá. Esse grupo vê como ilegal e herético o uso do nome de qualquer profeta ou anjo em uma oração ou a visitação aos túmulos dos santos. Os adeptos insistem em uma interpretação literal do Alcorão e em uma doutrina rigorosa da predestinação.

Em sua pureza estrita, os wahhabis fazem parte dos muçulmanos mais radicais do mundo. O ensino do kismet (destino) determina seus propósitos no jihad, como uma batalha entre o islã e os all akafir (infiéis) que não adoram Alá. Os wahhabís são encontrados na Arábia Saudita e em outras regiões do Oriente Médio.

Drusos: os muçulmanos secretos

Uma das seitas mais incomuns do islã, os drusos são um grupo absolutamente independente e secreto no Líbano e no norte de Israel. A seita drusa começou como um grupo separatista do islã sob a liderança de Darazi e Hamza ibn Ali ibn Ahmad. Estes homens ensinaram que Alá havia se manifestado na pessoa de al-Hakim Bi-amr Allah (996-1021), mas o islã, a certa altura, repudiou esse líder.

Fortemente mística, a seita drusa é completamente exclusiva. Não aceita convertidos, não permite o casamento com pessoas de outros grupos e não discute religião. Eles, com frequência, assumem a religião do país como disfarce e somente discutem suas crenças com membros da seita (chamados mowahhidoon).

Os Alavitas

Fundado por Ibn Nuair Namin Abdi, os alavitas romperam com os xiitas no século IX devido ao ensino das doze shi 'as. Os alavitas vivem na Síria, principalmente nas montanhas perto da cidade de Lataquia, mas muitos também vivem nas cidades de Hama e Homs e, em décadas recentes, em Damasco. Com 1,5 milhões de membros, os alavitas compreendem cerca de 10% da população da Síria. Dois presidentes recentes, Bashar e Hafez al-Assad, eram dessa seita.

O nome alavita é novo - antes eram chamados de nusairi, namiriya ou ansariyya. Os nomes nusairi e namiriya são derivados do primeiro mestre, Muhammadu ibn Nusairi n-Namiri; o nome ansariyya vem da região montanhosa na Síria onde essa seita também viveu.

Na visão deles, Ali era o portador de essência divina, logo abaixo de Maomé, como profeta elevado. Os alavitas têm sete pilares em sua religião, cinco semelhantes aos pilares dos outros muçulmanos, mas os alavitas consideram os pilares somente símbolos, não exigências. Os outros dois pilares são o jihad (luta contra os inimigos de Ali) e waliya (devoção a Ali).

Considerando-se xiitas moderados, os alavitas têm estado, com frequência, em conflito com os governantes islâmicos, e com outros muçulmanos, que afirmam que eles não são islamitas.

Nusairiyyah: islã paterno secreto

Cerca de seiscentos mil nusairis vivem na Síria. Os nusairis traçam sua origem no 11º imã shi'a al-Hasan al-Askari e seu discípulo Ibn Nusair. Os nusairis estão basicamente na Síria, apoiados pela dinastia xiita Hamdanid. No século XX, os nusairis desfrutaram certo domínio político desproporcional a seu tamanho. Depois da primeira Guerra Mundial, os franceses, que governavam a Síria, fizeram uma tentativa malsucedida de estabelecer um Estado nusairi independente. Desde 1970, após um golpe do comandante da força aérea nusairi, Hafez al-Asad; esse grupo tem dominado a vida política e militar da Síria.

A doutrina nusairi é uma mistura de crenças islâmicas, gnósticas e cristãs. Os muçulmanos sunitas os consideram heréticos devido a três de suas doutrinas:

1. Ali era Alá encarnado. Ali criou Maomé de seu espírito, e Maomé criou Salman, um antigo santo xiita. Estes três formam a trindade na qual Ali é descrito como o “significado”, Maomé como o “nome” e Salman como a “porta”.
2. A autoridade do Alcorão e as formas de oração são rejeitadas. Todo ensinamento islâmico pode ser interpretado alegoricamente e, portanto, não precisa ser entendido literalmente.
3. Os homens são reencarnados. As mulheres não têm alma, por isso não precisam aprender os segredos da doutrina nusairi.

Os nusairis têm seus próprios líderes religiosos distintos, os xeiques. Acredita-se que são capacitados com um tipo de autoridade divina. Os nusairis têm festas especiais quando celebram os aniversários de suas figuras sagradas. Aos 19 anos de idade, os homens passam por um rito de iniciação no qual aprendem os segredos da seita.

O movimento Ahmadíyya: uma seita islâmica

Um dos movimentos que mais crescem dentro dos países islâmicos, os ahmadryyas, grupo do Paquistão, é atualmente considerado uma seita pelos muçulmanos ortodoxos. O movimento foi estabelecido em 1889 por Mirza Ghulam Qadiani (1835-1908) em uma pequena vila punjabi da Índia. A vida de Qadiani foi marcada por afirmações controversas. Em 1880, ele declarou ser o único escritor muçulmano, mas em 1885 anunciou que era um restaurador e estudioso (Mujaddid). Em 1891, afirmou ser o Messias prometido, e em 1901, anunciou que era um profeta oficial de Alá.

Enfrentando forte oposição pelos estudiosos muçulmanos e ulemás devido a essas afirmações e outros ensinamentos que contradizem as revelações do Alcorão, Qadiani também anunciou que era Maomé, que tinha retornado com autoridade para reinterpretar o Alcorão. Em 1904, Qadiani continuou enfurecendo os líderes muçulmanos quando declarou ser, ele próprio, o deus hindu Krishna. Anunciando seus ensinamentos para indianos incultos, teve sucesso a ponto de alargar a liderança islâmica.

Depois de sua morte, em 1908, o movimento continuou, tanto na atividade missionária quanto na oposição. Em 1974, depois de todas as evidências apresentadas a favor e contra os qadianis, a Liga Mundial Muçulmana (Rabita Alame Islami) editou uma resolução unânime declarando que o movimento qadiani e seus líderes eram apóstatas e não deveriam ser consideradas parte da congregação islâmica.

Siquismo: Uma mistura do Islã e do Hinduísmo

Um dos movimentos religiosos mais mal interpretados são os siques. Com freqüência, são confundidos com os muçulmanos, porque têm sua origem no islã. Seu fundador, Guru Nanak, nasceu em Talwandi, uma vila em Punjab, em 1469. Ele desafiou o fanatismo e a intolerância dos muçulmanos de seu tempo, criticou também os hindus por seu ritual aparentemente sem significado e pela discriminação das castas. Durante sua visita a Meca, publicamente proclamou que a casa de Alá está em todo lugar, não apenas na Caaba.

Guru Nanak acreditava profundamente na igualdade de todos os homens e procurou o sincretismo entre o hinduísmo e o islã. Foi contra a distinção das castas e identificou-se à casta mais baixa. Seus ensinamentos atraíram tanto muçulmanos quanto hindus, e o número de discípulos cresceu exponencialmente à medida que sua mensagem de pacifismo e de tratamento igualitário das castas mais baixas da sociedade se espalhou.

O siquismo é, se isto é logicamente possível, um ateísmo monoteísta. Reconhece Deus como o único Deus, não confinado ao tempo, espaço ou mente. No entanto, o siquismo não acredita em Avtarvada, que Deus tomou a forma humana. Em vez disso, Alá é um “princípio” divino, em que o sique pode unir-se em dignidade.

A religião sique rejeita todos os rituais e práticas rotineiras incluindo o jejum e a peregrinação. O alvo da vida humana de “unir-se” a Alá é alcançado ao seguir os ensinamentos do guru, por meio da meditação no “Santo Nome” e pelos atos de serviço e caridade. O siquismo enfatiza o Bhakti Marg ou o “caminho da devoção”. Ele, porém, diz que existe um valor limitado no Gian Marg (“O caminho do Conhecimento”) e no Karam Marag (“O caminho da Ação”). Os siques também destacam a necessidade de herdar a graça para alcançar a mente eterna.

Em resumo, como no protestantismo, o islã consiste em diversas facções e ramificações, originando diferentes linhas religiosas. Pensar nos muçulmanos como um grupo homogêneo está errado e não faz justiça à diversidade de crenças seguidas dentro da religião. Diferenças de opiniões têm existido desde a morte de Maomé e não mostram sinais de diminuir.

A ilusão da liberdade religiosa: terrorismo interior

A História de Neema

Seus olhos castanhos apresentam mais idade do que seus 19 anos. Neema parece extraordinariamente recomposta enquanto lembra daquele dia em 1988 quando invasores muçulmanos vieram do norte, varreram sua vila cristã e a levaram como escrava. Ela fala em voz baixa, quase sussurra, pausando enquanto o intérprete repete em inglês: “Quando a milícia árabe veio, seqüestrou muitas pessoas e matou todos que resistiram. Os soldados concentraram-se nas mulheres e crianças”.

Neema gentilmente aquietou o menino pequeno que se apóia a ela, puxando seu vestido, procurando chamar-lhe a atenção.

“Você tentou escapar?”

Neema acena com a cabeça: “Ah! Sim. Mas fui surrada. Finalmente, me rendi e fui jogada atravessada sobre um cavalo e levada embora”.

“Onde a levaram?”

“Para o norte. Fui vendida para um homem que me colocou para trabalhar como serva, ajudando sua esposa a triturar cereais e recolher madeira para fazer fogo. Eles me deram um nome muçulmano e me forçaram a participar de seus rituais, mesmo sendo cristã. Quando me recusei, fui surrada. E quando a esposa de meu dono ia para o mercado ou deixava a casa por qualquer motivo, ele ...”. Neema abaixou os seus olhos e apontou para a criança.

“Quando a esposa de meu dono descobriu que eu estava grávida, ficou furiosa, me expulsou da casa e consegui escapar”.

“Como você conseguiu voltar para cá?”

“Mercadores de escravos me ajudaram. Eles me trouxeram de volta e me venderam a minha família por cinco vacas. Meu povo estava feliz em ter-me de volta, mas agora não posso casar. Eu tive relações com um homem e tenho um filho. Por causa disso, não consigo arranjar um marido”.

Perseguidores em idêntica situação

As cruzadas, a inquisição, as guerras da reforma e o massacre contra os judeus, são exemplos de atrocidades cometidas contra comunidades e nações inteiras, por pessoas identificadas como cristãs. Ao defender o jihad (guerra santa), os estudiosos islâmicos apontam para episódios de matança por parte dos cristãos. Semelhante aos muçulmanos, os cristãos têm praticado a guerra santa. As Cruzadas (1095-1291) oferecem o melhor exemplo disso, mas esses acontecimentos não são análogos ao jihad islâmico praticado ao longo da história.

Em primeiro lugar, Maomé, por meio de sua vida e de seus escritos, ratificou o jihad como uma estratégia para expandir a fé. Jesus não fez isso. Em vez disso, ele ensinou: “Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus” (Mt 5:9). Quando se empenhavam em uma cruzada contra os muçulmanos, os cristãos agiam contra seu Salvador e sua Palavra. Os muçulmanos lutando contra os pagãos obedeciam ao profeta guerreiro e sua mensagem.

Em segundo lugar, o Novo Testamento nunca defendeu o jihad contra qualquer grupo, e, na verdade, antecipa que as perseguições serão praticadas somente contra os próprios cristãos. Jesus explicou a seus discípulos: “Se a Mim Me perseguiram, também vos perseguirão a vós” Jo 15:20; ver Mt 5:11-12, 44-45; Mt 10:22-23; Lc 21:12-13; Jo 15:20-27; Rm 12:14). O livro de Atos mostra como os apóstolos se regozijaram quando foram perseguidos. Os cristãos nunca retaliaram, dando suas vidas pela fé.

Em terceiro lugar, as tradições do Alcorão e o Hadith incentivam a militância muçulmana que, por meio das palavras de Maomé, derrama sangue inocente a serviço de Alá. Jesus cumpriu as leis do Antigo Testamento por intermédio de seu próprio sacrifício na cruz, colocando o castigo do pecado sobre Si mesmo.

Em quarto lugar, com a exceção de grupos hereges isolados, os cristãos têm aprendido (embora muito

lentamente) com sua história sangrenta. Os muçulmanos continuam seus ataques violentos em inúmeras nações, incluindo o Sudão, a Arábia Saudita, o Irã, a Indonésia, Bangladesh, a Nigéria e o Paquistão. Na verdade, a militância islâmica continua ganhando força.

Em quinto lugar, com raras exceções das matanças por vingança nos campos de refugiados da Palestina, exemplos modernos de guerra em áreas cristãs colocam um grupo cristão contra outro, não contra os de fora. Protestantes irlandeses lutam contra irlandeses católicos. A cristandade não se utiliza mais da guerra para expandir seus limites políticos, acreditando que assim estaria alargando o Reino de Deus. Além disso, exemplos de violência são aberrações em um mundo cristão pacífico. De outro lado, a militância continua uma norma no islã conservador.

A diferença significativa entre cristãos e muçulmanos, portanto, não é histórica, mas, sim, teológica. Os cristãos ortodoxos são ensinados a viver em paz pela Palavra de Deus viva e escrita. O Alcorão e o mensageiro de Alá ensinam os muçulmanos da seguinte maneira: “matai os idólatras onde quer que os encontréis” (surata 9:5).

A Diferença política

Nos Estados Unidos, em décadas recentes, muitos não cristãos movidos por interesses particulares, têm abusado do termo “separação da igreja em relação ao Estado”. Mas a emenda original e ainda apropriada da constituição diz: “O Congresso não deve formular leis em relação ao estabelecimento de religião ou à proibição do livre exercício da mesma”. Simplesmente definida, a emenda permite ao cristão que deseja orar em uma escola a fazê-lo. O muçulmano também não pode ser proibido de compartilhar sua fé em público.

Quando a liberdade religiosa fica impedida por interferências inconstitucionais, outras liberdades sofrem. Um princípio central das liberdades decretadas na fundação dos Estados Unidos era que o governo não deveria simplesmente tolerar aqueles que são religiosos, mas, certamente, que deveríamos ser uma nação a encorajar a livre expressão da adoração e do testemunho. Este é o princípio que os Estados Unidos têm procurado manter. O islã tem seguido a doutrina de que outras crenças não devem receber encorajamento e oportunidades para compartilhar sua fé.

Esse princípio pode ser traçado desde o século VII, quando o Pacto de Umar foi desenvolvido depois de uma rápida expansão muçulmana. O Pacto declara que os cristãos:

- “Não deverão construir, em nossas cidades ou em nossa vizinhança, novos monastérios, igrejas, conventos ou celas para monges, nem deverão reparar, de dia ou de noite, construções que estão caindo em ruínas ou que estão localizadas nas regiões dos muçulmanos”;
- “Não deverão manifestar sua religião publicamente nem converter alguém para ela [...] [Os cristãos] não deverão prevenir alguém da [sua] parentela de entrar para o islã se desejarem”;
- “Deverão mostrar respeito para com os muçulmanos, deverão levantar-se de seu assento quando [muçulmanos] desejam sentar”;
- “Não deverão exhibir cruces ou livros em ruas ou mercados dos muçulmanos. [...] [Eles] deverão usar sinos em igrejas de maneira suave”.

Dhimmis, ou o povo protegido (especialmente cristãos e judeus), foram considerados cidadãos de segunda classe, tendo de pagar impostos extras, e com isso recebiam proteção do regime islâmico. O pacto citado, no entanto, demonstra certo nível de perseguição.

A Turquia do século XXI utiliza um sistema semelhante. Nação de maioria muçulmana, ela é a casa do líder da Igreja Ortodoxa do Oriente, o patriarca ecumênico Bartolomeu I. O estudioso em liberdade religiosa, Paul Marshall, explica: “O patriarca tem sido rigidamente controlado, consistentemente proibido de desenvolver educação teológica ou erguer construções para a minoria ortodoxa”.

Na verdade, o governo secular da Turquia nem sempre tem sido benevolente com seus grupos minoritários. Entre 1905 e 1918, dois milhões de cristãos armênios foram mortos pelos otomanos e, recentemente, em 1994 e 1996, foram usados explosivos em ataques contra a igreja cristã.

De maneira semelhante, o Marrocos permite liberdade para adoração, mas o proselitismo é proibido. Zmama Mustapha, um convertido ao cristianismo, foi sentenciado a três anos de prisão por distribuir literatura cristã. Outros são presos por não participar no Ramadã.

Somente depois de uma forte pressão internacional, as autoridades daquela região têm permitido um nível mínimo de liberdade.

Em contraste, os países ocidentais nos séculos mais recentes têm oferecido liberdade crescente e aceitação aos muçulmanos. Nosso pai, Acar Caner, ajudou a projetar e construir uma linda mesquita em Columbus, Ohio. Teve todo o direito de fazer tudo o que ele desejasse para expandir o islã de maneira pacífica. Como convertidos do islã ao cristianismo, seus filhos lutam pelos direitos do muçulmano de adorar livremente e divulgar sua fé abertamente nos Estados Unidos ou em qualquer outra nação. Cada cristão que crê na Bíblia sabe que a fé salvadora em Jesus Cristo não deveria e, de fato, não pode ser coagida.

No entanto, não desfrutaríamos esse mesmo direito na Turquia, a terra natal de nosso pai. Apesar de toda sua retórica acerca de tolerância, nenhum governo controlado por muçulmanos oferece liberdade religiosa irrestrita. Mesmo os países muçulmanos de mente mais aberta não reconhecem os argumentos para esse tipo de liberdade. Eles nunca reconheceram - e apenas podemos orar que um dia eles o farão.

Violência na perseguição

Igualar todo o islã à perseguição religiosa, no entanto, seria um exagero incrível. Mesmo assim, ao lado dos marxistas, dos comunistas maoístas e dos extremistas hindus, os muçulmanos têm acumulado um recorde, em tempos modernos, como líderes em cometer atrocidades contra a humanidade. Essa violência é, na maioria dos casos, feita por indivíduos ou grupos pequenos, mas, com freqüência, com o consentimento das autoridades.

O exemplo mais terrível de brutalidade nos anos recentes ocorreu no Sudão, país que tem mais cristãos do que qualquer outro país islâmico.

Quando os muçulmanos assumiram o poder, em 1983, imediatamente declararam jihad aos milhões de cristãos (infiéis). Como resultado do jihad:

- Entre 1,5 e três milhões foram mortos até o momento em que este livro foi impresso. Foram mortos mais sudaneses do que as vítimas dos conflitos em Ruanda, Bósnia, Somália e Kosovo juntos.
- Cinquenta mil crianças, apenas da tribo Dinca, foram escravizadas. Suas famílias podem comprar seus filhos de volta com gado ou por apenas 15 dólares.
- A política do governo é forçar a conversão ao islã. Os militantes mujahidin (guerreiros santos) lutam ao lado das forças do governo.
- Pregação aberta e evangelização são ilegais e punidas com prisão ou surras.

Testemunhas e observadores têm fornecido plenas evidências e descrições sobre esses acontecimentos. O rabino David Saperstein, presidente da Comissão dos Estados Unidos para a Liberdade Religiosa Internacional, comenta:

Na Segunda Guerra Mundial, muitas pessoas na Alemanha, mesmo entre os países aliados, puderam dizer: “Mas, nós não sabíamos”. Nós sabemos. Sabemos o que está acontecendo no Sudão. Não podemos ficar omissos em relação ao sangue de nossos vizinhos. E nossa nação está começando a se mexer. Mas somos constrangidos a agir muito mais vigorosamente do que temos agido.

No livro *Their blood cries out* [O sangue deles clama], Paul Marshall descreve a devastação na região dos montes Nuba, no centro sul do Sudão. Sepulturas coletivas contêm os cadáveres de vilas inteiras. Em acampamentos em que mulheres e crianças são mantidas, as mulheres nubas são sistematicamente violentadas por soldados árabes para produzir descendência não-nuba (ou não-cristã). Alguns relatam que os cristãos são crucificados por soldados.

O Sudão não é um caso isolado. Outros violadores da liberdade religiosa são Irã, Iraque, Arábia Saudita, Turcomenistão, Paquistão e Uzbequistão. Em todas essas nações, os cristãos que adoram a Jesus Cristo abertamente podem ser mortos, encarcerados, forçados a deixar seu trabalho ou obrigados a converter-se ao islã; e centros cristãos de adoração estão sendo destruídos. Não é apenas um pequeno grupo da periferia de talibãs radicais que comandam essas ações. Na verdade, mais do que uma dezena de governos, englobando centenas de milhões de muçulmanos, justificam esses atos dos seguidores do Alcorão e do profeta Maomé.

Se o mundo muçulmano está de alguma forma perturbado com esses acontecimentos terríveis, não tem havido protestos por parte dos líderes das comunidades islâmicas. Os muçulmanos prontamente condenaram os ataques terroristas aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, identificando aquelas ações como demoníacas e satânicas. No entanto, ficam em silêncio acerca de perseguições politicamente menos ofensivas que são permitidas e, às vezes, apoiadas em suas próprias comunidades. Se os ataques a pessoas inocentes em Nova York foram “demoníacos”, certamente as ofensivas contra cristãos por toda a África, no Oriente Médio e na Indonésia são igualmente demoníacas. Na verdade, o massacre em 11 de setembro é pequeno se for comparado ao que acontece atualmente em algumas nações em nome de Alá.

A Santidade da liberdade religiosa

O ideal cristão é que a inabalável e infalível Palavra de Deus seja a base das decisões éticas. Os cristãos jamais devem ser reativos, isto é, simplesmente reagir emocionalmente em relação às ações de outra

pessoa. A ação baseada nas Escrituras é um preceito importante da teoria cristã de liberdade religiosa. Os muçulmanos (e qualquer outro grupo religioso) têm o direito dado por Deus de crer naquilo que desejam crer e praticar a crença desde que suas ações não resultem em violência contra outras pessoas. Quando ocorre a violência, os cristãos podem, em algumas circunstâncias, tomar certas atitudes, mas não com o desejo de vingança. A motivação deve ser de amor e honra pelas leis fundamentais que Deus tem dado para governar a humanidade. A Bíblia ensina o seguinte: “...pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores desse mundo de trevas, contra as forças espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6:12). Os cristãos devem combater espiritualmente com a única arma ofensiva que precisam - a Bíblia.

Além disso, Deus, o Pai, dá a oportunidade a todas as pessoas de amá-la ao aceitar o sacrifício de seu Filho na cruz como perdão dos pecados. Visto que o amor deve ser uma escolha e não um ato de coação, Deus, em seu poder, permite que as pessoas o rejeitem ou mesmo que o odeiem.

Portanto, as pessoas devem ter ampla possibilidade de agir de acordo com sua decisão, a favor ou contra o Criador do Universo. Agir de outra maneira é forçar a pessoa direta ou indiretamente em um relacionamento legalista com a igreja e suas doutrinas.

Paredes e prédios derrubados

Milhões de pessoas ao redor do mundo viram pela televisão as ações terroristas do dia 11 de setembro de 2001. Vidas foram destruídas, e, como nação, os Estados Unidos foram transformados. Uma nova era havia começado. Os comentaristas falavam de muitas formas acerca da escuridão dessa nova realidade. Os autores deste livro, no entanto, entendem que os acontecimentos de 11 de setembro têm criado mais esperança agora do que aquela sentida nos últimos anos.

Em primeiro lugar, os cidadãos dos países livres despertaram para aquilo que possuem. Nos Estados Unidos, podemos sentir orgulho justificável da forma como os americanos se uniram perante essa tragédia inimaginável. Orgulhamo-nos da liderança equilibrada e enérgica de nossa nação e do profissionalismo mostrado pelas forças armadas em um tempo de ação rápida e de decisões difíceis. O que fizemos nas primeiras semanas e meses depois do dia 11 de setembro foi moralmente defensável e bíblicamente sustentado.

Em segundo lugar, os Estados Unidos e outras nações ocidentais têm oportunidade de reconduzir a liberdade religiosa para o coração das liberdades. Vendo os resultados de uma religião imposta e coagida por governantes, as diversas nações podem buscar o equilíbrio ideal demonstrado ao mundo pela constituição dos Estados Unidos. Cidadãos do Canadá, dos Estados Unidos e de outras nações livres podem empenhar-se em processos que unam liberdade religiosa e política em qualquer sociedade na qual nossa influência encontre respaldo. Países que aprovam uma democracia política, mas não religiosa, estão fadados ao fracasso.

Em terceiro lugar, diálogos entre cristãos e muçulmanos ocorrem no mundo livre, mas os muçulmanos também devem aceitar o diálogo em seus próprios países, onde a liberdade religiosa é desvalorizada. Agir de outra forma é agir de maneira hipócrita. Tomando como base o que tem sido mostrado neste volume, talvez seja excessivamente idealista requerer de governos islâmicos que promovam liberdade religiosa em suas leis e na sociedade. Uma coisa é certa: tanto muçulmanos quanto cristãos crêem que a vida após a morte é muito mais importante do que esta jornada temporal.

Portanto, se o céu é alcançado por uma escolha que abrange infinitas ramificações, então a liberdade religiosa deve ser permitida para que as pessoas tenham oportunidade de encontrar a verdade.

O derramamento de sangue do Jihad

EM 23 DE FEVEREIRO DE 1998, cinco califas islâmicos assinaram um fatwa declarando guerra contra os Estados Unidos. Esses homens que representavam cinco facções radicais se uniram para convocar o mundo muçulmano para uma causa comum contra o inimigo do islã. O texto na íntegra diz o seguinte:

Manifesto assinado pelo xeique Osama bin-Muhammad bin Ladin; Ímã al-Zawahiri, líder do Grupo Jihad no Egito; Abu-Yasir Rifa'i Ahmad Taha, líder do Grupo Islâmico; xeique Mir Hamzah, secretário do Jamiat-ul-Ulema-e-Pakistan; e Fazlul Rahman, líder do Movimento Jihad em Bangladesh.

Louvado seja Alá, que revelou o Livro, controla as nuvens, derrota o partidarismo e diz em seu Livro: “Mas quando os meses proibidos tiverem passado, lute e mate os pagãos em qualquer lugar onde os encontrar, prenda-os, cerque-os e espere por eles em cada estratégia (de guerra)”; e a paz seja com o nosso Profeta, Muhammad bin-' Abdallah, que disse: “Tenho sido enviado com a espada em minhas mãos para assegurar que ninguém além de Alá seja adorado, Alá que colocou meu sustento debaixo de minha lança e que inflige humilhação e escárnio àqueles que desobedecem minhas ordens”.

A Península Arábica nunca foi assolada - desde que Alá a tornou plana, criou seu deserto e a cercou com mares - por qualquer força como os exércitos das cruzadas que agora se espalham por toda parte como gafanhotos, consumindo suas riquezas e destruindo suas plantações. Tudo isso está acontecendo em uma época em que as nações estão atacando os muçulmanos como se fossem pessoas que estão brigando por um prato de comida. À luz da grave situação e devido à falta de apoio, nós e vocês somos obrigados a discutir os eventos atuais e deveríamos todos concordar em como resolver a questão.

Hoje ninguém argumenta a respeito de três fatos que são conhecidos por todos; vamos enumerá-los para que todos se lembrem:

Primeiro, por mais de sete anos, os Estados Unidos têm ocupado os países do islã no lugar mais sagrado, a Península Arábica, saqueando suas riquezas, dando ordens a seus governantes, humilhando seu povo, aterrorizando seus vizinhos e usando as bases da Península para atacar os povos muçulmanos vizinhos.

Se algumas pessoas debatem formalmente os fatos da ocupação, todas as pessoas da Península têm agora conhecimento disso.

A melhor prova disso é a contínua agressão americana contra o povo iraquiano usando a Península como base, mesmo que todos os governantes tenham se pronunciado contra o uso dela para esse fim. No entanto, esses governantes são impotentes.

Segundo, apesar da grande devastação infligida ao povo do Iraque pela aliança cruzada-sionista e do grande número de pessoas mortas, que excede um milhão de pessoas [...], os americanos estão mais uma vez tentando repetir os horríveis massacres, como se não se contentassem com as sanções impostas depois da violenta guerra ou com a fragmentação e a devastação.

Agora eles vêm para aniquilar o que sobrou desse povo e para humilhar seus vizinhos muçulmanos.

Terceiro, se os alvos americanos por detrás dessas guerras são religiosos e econômicos, o objetivo também é servir ao insignificante Estado judeu e desviar a atenção da ocupação de Jerusalém e da matança dos muçulmanos ali.

A melhor prova disso é sua ânsia em destruir o Iraque, o Estado vizinho mais forte, e o esforço em fragmentar todos os Estados da região como o Iraque, a Arábia Saudita, o Egito e o Sudão em pedaços de papéis e por meio da desunião e fraqueza garantir a sobrevivência de Israel e a continuação da sua cruzada na ocupação brutal da Península.

Todos esses crimes e pecados cometidos pelos americanos são uma clara declaração de guerra a Alá, a seu mensageiro e aos muçulmanos. E, ao longo da história islâmica os ulemás têm concordado unanimemente que o jihad é um dever individual se o inimigo destrói os países muçulmanos. Isto foi revelado pelo imã Bin-Qadamah em “Al-Mughni”, pelo imã al-Kisa’i em “Al-Bada’i”, por al-Qurtubi, em sua interpretação, e pelo xeique do al-Islam em seus livros, em que diz: “Quanto à luta militante, objetiva-se defender a santidade e a religião, e isto é um dever conforme o acordo firmado. Nada é mais sagrado do que crer, exceto repelir um inimigo que está atacando a religião e a vida”.

De acordo com essa base e em submissão à ordem de Alá, emitimos o seguinte fatwa a todos os muçulmanos: A ordem de matar os americanos e seus aliados — civis e militares — é dever pessoal de todo muçulmano que tem a oportunidade de fazê-lo em qualquer país em que isto é possível, para libertar a mesquita al-Aqsa e a mesquita sagrada do domínio deles, como também para que os exércitos deles saiam de todos os países do islã, derrotados e incapazes de ameaçar qualquer muçulmano. Isto está de acordo com as palavras do Alá Todo-Poderoso: “e combatam os pagãos todos juntos da mesma forma como eles combatem todos juntos”, e “lutem contra eles até haja mais tumulto ou opressão e que prevaleça a justiça e a fé em Alá”. Este é um acréscimo às palavras do Alá Todo-Poderoso: “E por que vocês não deveriam lutar pela causa de Alá e por aqueles, que por serem fracos, são maltratados e oprimidos - mulheres e crianças, cujo clamor é: ‘Alá livra-nos desta cidade, cujas pessoas são opressoras; e levante da parte do Senhor alguém que crê em Alá e deseja ser recompensado para concordar com a ordem de Alá de matar os americanos e saquear seu dinheiro onde quer que seja e sempre que puder encontrá-lo?’”. Também convocamos os ulemás, os líderes, os jovens e os soldados muçulmanos para lançar um ataque contra as tropas satânicas dos Estados Unidos e contra seus aliados diabólicos, para destituir aqueles que estão por trás deles, para que aprendam uma lição.

Alá todo-poderoso disse: “Ó, você que crê, dê sua resposta a Alá e a seu Apóstolo, quando ele convocá-la para aquilo que dará vida a você. E saiba que Alá vem entre um homem e seu coração e que é por causa dele que todos vocês deverão se reunir”.

Alá Todo-Poderoso também diz: “Ó, você que crê, qual é seu problema, que quando você é solicitado para ir avante a serviço de Alá, está tão preso às coisas da terra? Você prefere a vida deste mundo em lugar da vida futura? O conforto desta vida é insignificante, comparado à vida futura. Se você não for, ele punirá com um castigo penoso e colocará outros em seu lugar; mas a ele você não ofenderá de maneira alguma. Porque Alá tem poder sobre todas as coisas”.

Alá Todo-poderoso também diz: “Não desanime nem desespere, porque você precisa obter controle se for verdadeiro na fé”

Milhares de pessoas perderam suas vidas em 11 de setembro de 2001, quando os Estados Unidos viram a primeira manifestação desse fatwa que fora declarado - as torres do World Trade Center sendo reduzidas

a entulho em chamadas. Será que os homens que lançaram os aviões contra as torres e contra o Pentágono estavam agindo como resultado das declarações bárbaras de um líder religioso que tem abastardado a religião pacífica do islã? Ou eles ofereceram suas vidas porque acreditavam na doutrina islâmica ortodoxa? Insistimos que o islã tem, de fato, uma doutrina essencial e indispensável de conquista militar. Os terroristas não fazem parte de um grupo extremista qualquer que mudou o Alcorão para adaptar-se a seus alvos políticos. Eles têm uma boa compreensão do Alcorão e seguem os ensinamentos do jihad ao pé da letra.

Tanto no Alcorão quanto no Hadith, os infiéis (kafir) devem ser convertidos ou conquistados. Os muçulmanos que morrem na batalha (jihad) contra os infiéis serão trasladados imediatamente para o nível mais elevado do paraíso. Uma grande parte dessa doutrina é tirada das admoestações e determinações do Hadith, mas também existe forte fundamentação no Alcorão para a guerra santa.

O Grande Jihad está em guerra

O Alcorão, supostamente originário da própria boca de Alá, apresenta uma visão obscura sobre o não crente. Falando com exatidão, o jihad significa guerra contínua contra eles. Apesar das explicações dos apologistas depois dos ataques terroristas, o jihad não se refere primariamente a uma “luta por piedade pessoal”, mas tem como objetivo o combate na linha de frente da política, da guerra e da cultura. Maomé exemplificou esse princípio quando autorizou a matança de milhares de homens por toda a Península Arábica em nome de Alá. Se o jihad é somente uma luta interior pessoal, o Profeta iludiu o povo por intermédio de suas ações e palavras conforme foram registradas no Hadith.

Na verdade, ele era a personificação de um teólogo militarista, conforme ilustrado pelo Hadith. Na surata 2:190, Alá diz: “E combatei (jihad), pela causa de Deus, os que vos combatem (ajihad)”. A definição dessa luta inclui a possibilidade de violência:

E matai-os onde os encontréis. E expulsai-os de onde vos expulsarem. O erro (tumulto e opressão) é pior do que a matança (surata 2:191).

A aparente contradição em conquistar os opressores para que todos por meio da opressão tenham fé em Alá, pode ser entendida como interpretação apropriada do jihad. O combate militar é uma necessidade absoluta se Alá é para ser honrado e adorado.

A própria presença dos infiéis provoca tumulto e requer que o islã obtenha a vitória: “Combatei-os até que não haja mais idolatria e que prevaleça a religião de Deus. Se detiverem sua hostilidade, detende-vos, exceto contra os iníquos” (surata 2:193).

Os apologistas muçulmanos atuais que ressaltam o conceito do debate intelectual acerca dessa guerra devem apressar-se em observar o que está escrito na surata 2:216: “Aguerra foi prescrita, e vós a detestais. Mas quantas coisas detestais que acabam vos beneficiando, e quantas coisas amais que acabam vos prejudicando! Deus sabe, e vós não sabeis”. É impossível traduzir a palavra guerra neste texto por qualquer outra coisa a não ser combate em seu sentido tradicional.

O Hadith também interpreta o jihad como “peleja, luta ou batalha”. Lemos no primeiro volume de Bukhari: “Foi perguntado ao Apóstolo de Alá: ‘Qual é a melhor ação?’ Ele respondeu: ‘Crer em Alá e em seu Apóstolo (Maomé)’. O inquiridor então perguntou: ‘Qual é a próxima (em bondade)?’ Ele respondeu: ‘Participar no jihad a serviço de Alá’ ” (surata 2:25). O Hadith 3:46:724, narrado por Abu

Huraira, Maomé disse: “Um escravo piedoso recebe recompensa dobrada”, e Abu Huraira acrescentou: “Por ele [Alá], em cujas mãos minha alma está, se não fosse pelo jihad (guerra santa), pelo hajj (peregrinação a Meca) e pelo meu dever em servir a minha mãe, eu teria prazer em morrer como um escravo”. Assim, a morte é, aparentemente, um possível fim do jihad.

Para o estudante do Hadith existe um interesse especial no título do Livro 52 da versão de Bukhari, Lutando a serviço de Alá (jihad). O volume apresenta com nítida clareza alguns mandamentos para o muçulmano em combate. Nesse volume, Ibn 'Abbas relata:

O Apóstolo de Alá disse: “Não existe Hégira (isto é, migração de Meca para Medina) depois da Conquista (de Meca), mas jihad e a boa intenção permanecem; e se você for convocado para a guerra (pelo governante muçulmano), obedeça imediatamente” (4:54:42).

Em completa concordância com Ibn 'Abbas, Sahl bin Sad As-As'idi continua no versículo 95:

Eu vi Marwan bin Al-Hakam sentar-se na Mesquita. Assim fui à frente e sentei-me ao lado dele. Ele nos disse que Zaid bin Thabit havia contado a ele que o Apóstolo de Alá tinha ditado a ele o Versículo Divino: “Não há igualdade entre os crentes que permanecem em casa, sem serem inválidos, e os que combatem e arriscam bens e vida a serviço de Deus” (surata 4:95). Ao fazê-lo, As-As'idi cita o Alcorão para provar o ensino do combate como uma luta santa.

O Kafir não pode ser tolerado

Certamente o Alcorão declara a expulsão ou a destruição do infiel (kafir). Mesmo uma leitura superficial do Alcorão ou do Hadith oferece evidências de um esforço missiológico que exige a completa erradicação do não-crente:

E quem seguir outra religião senão a da submissão não será por Ele aceito (surata 3:85).

Capturai-os e matai-os onde quer que os acheis. E não tomeis nenhum deles por confidente ou aliado (surata 4:89).

Os descrentes têm sido vossos inimigos declarados (surata 4:101).

Deus preparou para os descrentes um castigo humilhante (surata 4:102)

Infundirei o terror no coração dos descrentes. Separai-lhes a cabeça do pescoço; batei em todos os seus dedos. [...] Na realidade, não fostes vós que os matastes: foi Deus quem os matou (surata 8:13,17).

Combatei os que não crêem em Deus nem no último dia (surata 9:29).

Para o muçulmano hipotético ou potencial que se converte ao judaísmo ou cristianismo, o Hadith 9:57 é de interesse especial: “Maomé disse: Todo aquele que muda sua religião islâmica, mate-o”.

O cristianismo é o inimigo específico do islã e é visto com desprezo pelo Alcorão. Nossa crença em um Deus trino e uno, em que Cristo é o Filho Unigênito de Deus, com uma natureza hipostática, fez com que Maomé registrasse uma crítica sarcástica acerca das doutrinas principais do cristianismo ortodoxo:

“O adeptos do Livro, não vos excedeis em vossa religião, e não digais de Deus senão a verdade. O Messias, Jesus, o filho de Maria, nada mais era do que o Mensageiro de Deus. [...] Não digais: “Trindade”. Abstende-vos disso. E melhor para vós. Deus é o único Deus. Glorificado seja! Teria um filho? Como!” (surata 4:171). “E aceitamos a aliança dos que declaram: “Somos cristãos”. Mas eles também esqueceram parte do que lhes foi ordenado. Suscitamos por isso a inimizade e o ódio entre eles, os quais os acompanharão até o dia da Ressurreição. Deus os informará então do que tiverem feito e deixado de fazer” (surata 5:14).

Descrêem os que dizem que Deus é o Messias, o filho de Maria (surata 5:17).

São descrentes aqueles que dizem que Deus é o Messias, o filho de Maria. [...] São descrentes aqueles que dizem que Deus é o terceiro de três. Não há deus senão o Deus único. E se não desistirem do que dizem, um castigo doloroso os açoitará. [...] O Messias, o filho de Maria, nada mais é do que um Mensageiro. Outros Mensageiros passaram antes dele (surata 5:72,73,75).

Os judeus também são considerados corruptores da verdade de Alá:

“Ó vós que credes, não tomeis por aliados os judeus e os cristãos. Que sejam aliados uns dos outros. Quem de vós os tomar por aliados é deles” (surata 5:51).

“Foi Ele quem expulsou de suas habitações, desde a primeira mobilização, os descrentes dentre os adeptos do Livro. Vós não pensáveis que seriam desalojados, e eles acreditavam mesmo que suas fortalezas os protegiam contra Deus. Deus os atacou por onde não esperavam e lançou terror nos seus corações; e suas casas foram demolidas por suas próprias mãos tanto quanto pelas mãos dos crentes” (surata 59:2)

O Hadith contra o infiel

O Hadith ressalta com mais vigor a necessidade de expulsar os akafir da terra muçulmana, lembrando das palavras finais de Maomé aqui na terra: “Expulsem os pagãos da Península Arábica” (Hadith 5:716).

A ênfase sociopolítica da terra também é central para a doutrina islâmica. Ibn Abbas cita Maomé:

No dia da Conquista [de Meca] o Profeta disse: “Não existe emigração depois da Conquista além do jihad e as intenções. Quando vocês são convocados para lutar [pelo governante muçulmano], obedeça imediatamente” (Hadith 4:52:79).

Assim, a conquista da terra - especificamente Meca - é vista como o cumprimento vitorioso da causa do islã, embora o jihad continue. A promessa da “terra sagrada” em Meca como o “santuário” dado por Deus é vista como o cumprimento de seu sistema de fé: o Apóstolo de Alá também disse, no dia da conquista de Meca:

“Alá tornou esta cidade um santuário desde o dia em que ele criou os céus e a terra. Assim, ela é um santuário pelo decreto de Alá até o Dia da Ressurreição” (Hadith 4:53:412).

No volume quatro da coleção de ahadith de Bukhari, o leitor é confrontado com a clara intenção de Alá de expulsar os infiéis:

Quando o Profeta retomou [do jihad], ele dizia Takbir três vezes e acrescentava: “Estamos voltando, se este for o desejo de Alá, com arrependimento, adoração e louvor [ao nosso Senhor], prostrando-nos diante do nosso Senhor. Alá cumpriu sua Promessa e ajudou seus escravos e sozinho derrotou os clãs (infiéis)” (Hadith 4:52:317).

A aliança de Maomé, Alá, guerra e vitória entrelaçam eternamente a idéia de luta com derramamento de sangue. O paralelo entre vitória militar e o desejo de Alá é chave para entender que o islã, em seu âmago, deseja tanto a vitória física quanto a metafísica, e o uso de força não é apenas aceitável, mas recomendável. A promessa final da expulsão e destruição do infiel pode ser vista no último hino triunfal do Hadith:

’Ata bin Abi Rabah relatou: “ ’Ubaid bin ’Umar Al-Laithi e eu visitamos Aisha e perguntamos a ela acerca da Hégira (isto é, migração), e ela disse: ‘Hoje não existe emigração’ ” (Hégira).

“Um crente tinha a necessidade de fugir com sua religião a Alá e a seu Apóstolo para que não fosse acusado por causa da sua religião. Hoje Alá tornou o islã triunfante e um crente pode adorar seu Senhor no lugar em que desejar’ ” (Hadith 5:58:240; repetido em 5:59:602).

Perdão e poder no Jihad

A recompensa para o esforço do jihad tem sido um tópico de debate. Será que os pilotos seqüestradores e suicidas realmente estavam esperando o perdão dos pecados e certo grau de honra no paraíso por seus atos terríveis? O Alcorão e o Hadith ilustram rituais minuciosos e precisos que foram claramente enunciados pelo xeique Osama bin-Muhammad bin-Ladin e explicitamente seguidos pelos terroristas. O Alcorão é claro na política do martírio expiatório:

Que combatam pela causa de Deus os que trocam esta vida terrena pela vida futura! Pois quem combater pela causa de Deus, quer sucumba quer vença, conceder-lhe-emos grandes recompensas (surata 4:74).

O Hadith é mais explícito em relação às regras seguidas e às promessas feitas para aquele que morre no jihad. Os padrões pelos quais Maomé media o jihad ressoam sinistramente à luz dos ataques suicidas nos Estados Unidos e em outros lugares.

1. Os pratos estão equilibrados:

Abu Burda bin Abi Musa Al-Ashari narrou: Seu pai (Abu Musa) disse: “Não, por Alá, tomamos parte do jihad seguindo o exemplo do Apóstolo de Alá, oramos e fizemos uma série de boas ações, e muitas pessoas têm seguido o islã devido a nosso esforço, e, sem dúvida, esperamos recompensas de Alá por estas boas ações”. Então meu pai (’Umar) disse: “Quanto a mim, por ele em cuja mão a alma de ’Umar está, espero que as ações realizadas por nós no tempo do Profeta permaneçam recompensáveis enquanto tudo quanto fizemos depois da morte do Profeta seja suficiente para salvar-nos do castigo em que as boas ações compensem as más ações” (Hadith 5:58:254).

2. O jihad requer uma promessa de vida:

Nujashi bin Masud contou: “Eu levei Abu Mabad para o Profeta para que pudesse dar a ele a promessa de lealdade para a migração. O Profeta disse: “A migração tem ido para o seu povo, mas eu recebo a

promessa dele (de Abu Mabad) para o islã e o jihad” (Hadith 5:59:599).

3. O jihad é exigida de todos dentro do fatwa:

Ibn 'Abbas relatou: “O Profeta disse, no dia da Conquista de Meca: ‘Não existe migração (depois da Conquista), mas o jihad e as boas intenções, e, quando você for chamado para o jihad, você deveria responder à convocação imediatamente’” (Hadith 4:52:311).

4. O jihad encoraja a luta até a morte:

Nafi' falou: “Nà aflição de Ibn Az-Zubair, dois homens vieram a Ibn 'Umar e disseram: ‘As pessoas estão perdidas e você é o filho de 'Umar e o companheiro do Profeta, então o que o está impedindo de sair?’ Ele disse: ‘O que me impede é que Alá proibiu de derramar o sangue de meu irmão’. Os dois homens disseram: Alá não disse: ‘Então lutem até que não haja mais aflição?’ Ele disse: ‘Lutemos até que não haja mais aflição e a adoração seja somente para Alá, embora vocês queiram lutar até que haja aflição e até que a adoração seja de alguém outro além de Alá’ ” (Hadith 6:60:40).

5. O jihad é um dos chamados mais elevados da vida:

Al-Walid bin 'Aizar relatou: “Ouvi Abi Amr 'Ash-Shaibani dizer: ‘O dono dessa casa’, apontando para a casa de 'Abdullah, disse: ‘Perguntei ao Profeta: Qual ação que Alá mais ama?’

Ele respondeu: ‘Oferecer orações nos primeiros tempos determinados’. 'Abdullah perguntou: ‘Qual é a segunda coisa [em bondade]?’ O Profeta disse: ‘Ser bom e submisso aos pais’. 'Abdullah perguntou: ‘Qual é a próxima coisa [em bondade]?’ O Profeta respondeu: ‘Participar no jihad a serviço de Alá’. 'Abdullah acrescentou: ‘O Profeta relatou para mim essas três coisas, e se eu tivesse pedido mais, ele me teria contado mais’” (Hadith 8:73:1).

Em oposição ao muçulmano que se dedica ao jihad está o muçulmano indolente que não se empenha na “causa santa”. Aqueles que escolhem não lutar na batalha são vistos como menos piedosos e ficarão sem recompensa. O Hadith 4:52:85, narrado por Sahl bin Sad As-Sa'idi, adverte:

Eu vi Marwan bin Al-Hakam sentar-se na mesquita. Assim fui à frente e sentei-me ao lado dele. Ele nos disse que Zaid bin Thabit havia contado a ele que o Apóstolo de Alá tinha ditado a ele o Versículo Divino: “Não há igualdade entre os crentes que permanecem em casa, sem serem inválidos, e os que combatem e arriscam bens e vida a serviço de Deus” (surata 4:95)

Nenhuma pessoa alistada na guerra santa pode ser culpada de assassinato: “Maomé disse: Nenhum muçulmano deverá ser morto por matar um kafir [infiel]” (Hadith 9:50). Portanto, a noção de que os terroristas poderiam ser entregues à autoridade não-islâmica para serem julgados por ofensa mortal não tem o menor cabimento para o califado muçulmano.

Virgens e festas no céu dos mártires

Um aspecto do jihad que sempre deixa os não-muçulmanos perplexos é a promessa de uma dispensação especial para o mártir da guerra santa. Não é suficiente que os pecados do mártir sejam perdoados e que os pratos de sua balança pesem inteiramente a seu favor. Ele também receberá uma moradia especial,

onde será convidado para uma festa de proporções sem precedentes.

Maomé testemunhou acerca da natureza dessa “bênção adicional” do paraíso do mártir. Em seu livro *Kitah ul Isra'a wal Mu'raj*, o autor, Ibn Serene cita Maomé descrevendo a viagem que fez em uma noite de Jerusalém para os “Sete Céus”:

Entre outras coisas ele relata a respeito dos paraísos preparados para os muçulmanos. Cada um desses paraísos contém uma variedade de frutas, não colhidas e não proibidas. Também havia rios fluindo - rios de mel, leite e vinho - nos quais os crentes estavam nadando e bebendo. Enquanto observava, viu palácios feitos de cristal, safira e diamantes, como ele nunca vira. Quando entrou nesses palácios viu que em cada um deles havia setenta sofás feitos de ouro e esmeralda, sobre os quais estavam deitadas virgens, intocadas por homens, preparadas para os noivos no dia do casamento. [...] Quando isso chegou aos ouvidos de seus discípulos e seguidores, surgiram muitas dúvidas. Foi perguntado se no céu seria permitido ter relação sexual e se havia anjos femininos que Deus tinha preparado para este propósito. Quando um dos seus seguidores fez a pergunta: “ó Mensageiro de Deus, haverá relação sexual no paraíso?”, ele respondeu por meio de palavras extravagantes, indicando a intensidade e total preocupação com a expressão sexual. [...] Então acrescentou: “Não existe celibatário no paraíso”. Quando outro perguntou de que maneira um homem poderia ter a força de (ser íntimo de) setenta virgens em um mesmo dia, ele respondeu: “Ele receberá a força de cem homens!”.

As três proibições do Jihad

De acordo com o Hadith, certas classes de pessoas não deveriam envolver-se quando o jihad santo for declarado: mulheres, homens que tomam conta de pais idosos e os incapacitados. Para as mulheres, a peregrinação do hajj (o quinto pilar do islã) é considerada seu jihad e, dessa maneira, também é reconhecida como uma luta santa.

'Aisha, a mãe dos crentes fiéis, narrou: “Pedi ao Profeta permissão para participar no jihad, mas ele disse: ‘Seu jihad é o cumprimento do hajj(Hadith 4:52:127).”

Os incapacitados também são proibidos por Alá de lutar na guerra santa, embora seu desejo em lutar seja abençoado no Hadith. Zaid disse:

Ibn-Maktum veio ao Profeta enquanto ele estava ditando para mim exatamente esse versículo. Ibn Um Maktum então disse: “ó Apóstolo de Alá! Se eu tivesse poder, certamente tomaria parte do jîhad”. Ele era um homem cego. Então Alá enviou uma revelação para o seu Apóstolo enquanto a sua coxa estava sobre a minha e ela tornou-se tão pesada que eu temia que minha coxa poderia se quebrar. Então aquele estado do Profeta cessou depois que Alá revelou” [...] exceto aqueles que são incapacitados [por ferimento ou são cegos ou aleijados etc.]” (Hadith 4:52:85).

Portanto, se os fisicamente incapacitados são impedidos de se envolver na guerra santa é mais uma demonstração de que a definição do jihad é uma batalha física, e não uma batalha espiritual interna. Maomé encontrou vitória espiritual no sucesso físico e dessa forma os muçulmanos modernos são ordenados a agir de forma semelhante sempre que forem convocados.

Finalmente, o último grupo liberado do jihad, inclui aqueles que cuidam de seus pais. No Hadith 4:52:248, narrado por 'Abdullah bin 'Arnr, Maomé diz: "Um homem veio ao Profeta pedindo sua

permissão para participar do jihad. O Profeta perguntou: ‘Seus pais ainda estão vivos?’ Ele respondeu afirmativamente. O Profeta disse a ele: ‘Então empenhe-se em servi-los’”.

A Vitória prometida

O Hadith declara explicitamente que o muçulmano alcançará a vitória eterna no ato da guerra santa. Essa vitória inclui o sucesso na batalha, a promessa do perdão eterno e a translação para o nível mais elevado do paraíso. Vemos aqui o contraste mais claro entre o islã e a cultura e vida ocidentais: os terroristas que morreram nas explosões no World Trade Center em Nova York acreditavam sinceramente que seriam perdoados de todos seus pecados por Alá. Eles seguiram uma rota completamente antitética para a mente cristã, já que as crenças muçulmanas são repulsivas à fé cristã. Visto que Alá está completamente removido de seu povo e não é de forma alguma encarnado ou pessoal, os terroristas seguiram o curso imposto sobre eles pelas únicas fontes que confiavam e que lhes garantiam o paraíso: a rendição literal ao Hadith e ao Alcorão.

Em primeiro lugar, Alá prometeu vitória na conquista da terra. Em relação à captura de Meca, foi relatado:

‘Ubaid bin ‘Umar Al-Laithi e eu visitamos Aisha e perguntamos a ela acerca da Hijra (isto é, a migração), e ela disse: ‘Hoje não existe emigração [Hégira]. Um crente tinha a necessidade de fugir com sua religião a Alá e a seu Apóstolo para que não fosse acusado por causa da sua religião. Hoje Alá tornou o islã triunfante e um crente pode adorar seu Senhor no lugar em que desejar’” (Hadith 5:58:240; ver também 4:42. Este versículo também é repetido em 5:59:602).

Em segundo lugar, e mais importante para o muçulmano, Alá promete aos mártires do jihad perdão eterno e bênção no paraíso. Para o muçulmano que teme que os pratos da balança possam pesar em direção a sua condenação eterna, a guerra santa oferece a única segurança eterna verdadeira. Para o muçulmano que está com medo ou sem esperança, a morte no jihad não é somente uma opção viável - pode ser a única opção. Alá garante duas vezes a entrada no paraíso para o muçulmano que morre no jihad:

Abu Huraira narrou: O Apóstolo disse: “Alá garante à pessoa que leva a cabo o jihad por sua causa e que nada o constrange, além do jihad em Sua Causa e na crença em Suas Palavras, que ele o receberá no paraíso ou o trará de volta com a sua recompensa ou o despojo que herdou para a sua residência de onde ele saiu” (Hadith 9:93:549).

Abu Huraira relatou: O Apóstolo de Alá disse: “Alá garante [para a pessoa que leva a cabo o jihad em Sua Causa, e à qual nada o compeliu a participar além do jihad em Sua Causa e na crença em Sua Palavra] que o receberá no paraíso [martírio] ou o trará de volta com recompensa ou despojo que ele herdou para a sua residência de onde ele saiu” (Hadith 9:93:555).

A natureza da residência celestial é detalhada explicitamente no volume 9, livro 93 do Hadith. Uma exposição literal demonstra que o jihad militar dá a maior recompensa para o muçulmano que se esforça em servir a Alá de todo seu coração. O muçulmano devoto é, portanto, compelido a entrar no serviço militar. O termo “muçulmano fundamentalista” é correto à medida que se refere a alguém que deseja seguir Alá de todo o coração e com uma devoção honesta e simples em relação às escrituras islâmicas. Maomé é citado como tendo dito no capítulo:

Abu Huraira narrou: O Profeta disse: “[...] Existem cem degraus no paraíso que Alá tem preparado para

aqueles que levam avante o jihad e sua causa. A distância entre cada dois degraus é como a distância entre o céu e a terra; assim se você pedir alguma coisa a Alá, peça a Ele pelo Firdaus, porque é a última parte do Paraíso e a parte mais elevada do Paraíso, e no seu topo está o Trono do Beneficente, de onde saem os rios do Paraíso” (Hadith 9:93:519).

É por isso que fica claro, mesmo para o leitor mais desatento, que o jihad é mais do que um mero exercício intelectual de luta, mas sim uma luta e uma batalha, que termina com a morte, a conclusão esperada. Maomé ecoou esta conclusão no Hadith 4:73: “Maomé disse: Saiba que o paraíso está sob as sombras da espada”.

Uma aplicação horrível do Jihad

Poucas ilustrações da guerra santa islâmica são mais perturbadoras do que as cartas deixadas pelos líderes dos ataques ao World Trade Center e ao Pentágono. Em 28 de setembro de 2001, o Washington Post publicou trechos de uma carta encontrada na bagagem de Muhamed Atta, que, suspeita-se, foi quem comandou o atentado terrorista. Os trechos, como foram publicados, não incluíam alguns pontos doutrinários significativos colocados pelo autor da carta, mas o texto completo mostra a dimensão doutrinária que estava por trás desses ataques ⁴. Cópias dessa carta de cinco páginas escrita à mão, liberadas pelo Procurador Geral John Ashcroft, também foram encontradas na bagagem de outros membros da equipe.

Mesmo se os estudiosos islâmicos e consultores da mídia não concordarem com a doutrina do jihad ou mudarem sua definição, eles não poderão argumentar que os agressores e seus líderes não sabiam exatamente o que o jihad envolve. Suas ações eram o jihad, baseadas no fatwa reproduzido no início deste capítulo.

Embora as ofensas da carta sejam de difícil compreensão ou mesmo leitura, devemos examiná-las, ainda que seja somente para digerir esse dia tenebroso na vida da América. A seguir estão alguns trechos significativos desta carta:

Leia o capítulo do Tobá do Alcorão.

Pense a respeito do que Deus tem prometido aos crentes bons e aos mártires.

Lembre-se da batalha do profeta [...] contra os infiéis, enquanto ele estava engajado na construção de um Estado islâmico.

Você deveria engajar-se nessas coisas, você deveria orar, você deveria jejuar. Você deveria pedir orientação a Deus; você deveria pedir a ajuda de Deus. [...] Continue a orar durante toda esta noite. Continue a recitar o Alcorão.

Purifique seu coração e limpe-o de todas as preocupações terrenas.

O tempo de diversão e desperdício passou. Chegou o tempo do julgamento. Por isso, precisamos usar essas poucas horas para pedir perdão a Deus. Você precisa estar convencido que estas poucas horas que restam em sua vida são pouquíssimas. De lá você começará a viver uma vida feliz, o paraíso infinito. Seja otimista. O profeta sempre foi otimista.

Diga seus rakats e assope seu sopro em você mesmo e em seus pertences.

Lembre-se sempre dos versículos que você desejava em sua morte antes que você a encontre. Lembre-se unicamente da recompensa que você receberá após a morte.

Todos odeiam a morte, temem a morte. Mas somente aqueles, os crentes que conhecem a vida após a morte e a recompensa depois da morte, serão os que procurarão a morte.

Mantenha a mente aberta, mantenha o coração aberto em relação ao que você está prestes a enfrentar. Você estará entrando no paraíso.

Você estará entrando para a vida mais feliz, a vida eterna. Tenha em mente que se você estiver incomodado com um problema e como [você] sairá dele. Um crente sempre está infestado de problemas. [...] Você nunca entrará no paraíso se você não enfrentou um grande problema. Mas somente aqueles que permanecerem firmes no meio dele são os que o superarão.

A carta claramente liga as intenções dos agressores à doutrina do jihad, ilustrando o conjunto complexo de rituais que realizaram, suas motivações, ações e mesmo a preparação. Seguiram as prescrições das leis dos mártires.

Choque de culturas: O cristianismo aos olhos de um muçulmano típico

À Busca de uma história de um muçulmano

“Tudo mudou.” Estas foram as palavras depois da ação terrorista de 11 de setembro de 2001 em Nova York. Os ataques levaram algumas pessoas a repensar pressuposições antigas a respeito de sua visão de mundo.

Na revista evangélica Christianity Today, o autor Philip Yancey compartilhou uma carta que recebeu de um muçulmano paquistanês que vivia nos Estados Unidos e que questionava a sua fé após os fatos do dia 11 de setembro:

Considerando a tragédia terrível que aconteceu ontem nesta nação, não sei se este é o tempo apropriado para escrever acerca de algo pessoal. Mas, talvez em razão do que aconteceu, penso que devo escrever esta carta, porque agora estou convencido de que o mal realmente existe neste mundo.

Nasci e cresci no Paquistão. Era um muçulmano moderadamente religioso. Durante os últimos meses, alguns dos eventos em minha vida fizeram-me pensar acerca de Deus. Um amigo meu teve um tumor no cérebro, algo que me causou imensa dor e levou-me a buscar o porquê? Li livros a respeito de Maomé e da fé islâmica escritos por autores ocidentais.

Fiquei chocado em conhecer uma série de coisas sobre a minha religião que desconhecia. Senti-me - e ainda me sinto - traído e machucado. Em uma sociedade fechada como a do Paquistão, qualquer tipo de crítica ao islã é punido com a morte, por isso não podemos ter uma visão imparcial da fé.

Quando descobri todas estas coisas não tão agradáveis sobre o islã, achei-me impulsionado em direção à

fé cristã...

As palavras tocaram Philip Yancey profundamente, a ponto de mudar a vida dele. Ele explica: “Para mim, tudo que estava acontecendo no mundo começou a ter uma perspectiva diferente graças a essa carta”. O parágrafo final da carta é mais estimulante, pois o muçulmano solícito faz algumas perguntas sinceras:

Você acha que eu encontraria amigos com mentalidade amorosa e aberta na igreja? Seria justo dizer que alguns se fechariam e não estariam dispostos a querer ter algum tipo de contato com alguém que pertence a uma raça distinta, a indiana asiática - alguém que tem uma cor de pele diferente e fala com sotaque?

O muçulmano moderno tem oportunidade cada vez maior de conhecer o cristianismo. Mas o contraste entre o cristianismo e o islã em relação à teologia e à forma de pensar produz uma grande dificuldade para o muçulmano aberto e interessado.

Choques de culturas

À medida que as culturas se chocam, as percepções serão afiadas de ambos os lados. Mas como os muçulmanos vêem o cristianismo hoje? Não chegaremos a uma resposta competente examinando os diálogos antigos entre muçulmanos e cristãos que procuravam práticas comuns entre as duas crenças. O ecumenismo tem oferecido pouco consolo; tem ignorado discórdias substanciais e rejeitado um compromisso honesto. Esse tipo de abordagem pode trazer uma calma inativa, mas nunca a cura de amarguras. A verdadeira compreensão somente pode vir quando percepções honestas são confrontadas verdadeiramente e respondidas francamente.

Abordando o problema do ponto de vista histórico

O choque de culturas entre o cristianismo e o islã teve início com Maomé. A violenta discórdia, que começou na Península Arábica entre cristãos e o profeta, nunca cessou. Os dois lados têm parado suas disputas somente ocasionalmente e por breves períodos.

Desde as cruzadas, tanto cristãos quanto muçulmanos são lembrados acerca do passado sangrento. As guerras da reforma do século XVI continuaram o derramamento de sangue quando os turcos do leste sitiaram a maior parte da Europa. Essas culturas hoje estão diante de outro impasse, em que prevalece a segregação e a ignorância em relação ao outro.

O choque não é apenas questão de culturas heterogêneas. Muitos muçulmanos e cristãos não sabem no que de fato crêem. Por conseguinte, suas reações são impróprias visto que sua informação é incorreta. A confusão, graças ao ecumenismo politicamente correto e ao relativismo, tem prolongado a ignorância.

Um “pesquisador” pós-moderno, alguém que não crê na verdade final, não está verdadeiramente procurando, mas simplesmente observando. Aquele que está verdadeiramente buscando encontrará a verdade e se “agarrará” a ela apaixonadamente, quaisquer que sejam as conseqüências.

Crença fundamental: Alá é o seu Deus!

Os muçulmanos interpretam todas as religiões de acordo com a doutrina central da fé, sua confissão

(Shahada): “Existe um só Deus, Alá, e Maomé é o seu profeta”. Portanto, Alá é o Deus de todos. Ninguém pode escolher o deus que deseja servir. Ninguém tem o direito de chamar alguém ou alguma coisa diferente de deus, e fazê-lo é pecado imperdoável se a pessoa não se arrepender.

Um estudioso muçulmano, Ishaq Zahid, declara de maneira desavergonhada: “Isto pode surpreender a muitos do Ocidente, mas é a verdade nua e crua. Alá é o único Deus de todos”. Embora ele defenda sua opinião, salientando que em uma Bíblia árabe Allah pode ser igualado a Jeová, sua crença está baseada primeiramente no Alcorão.

Os conceitos abaixo do islã sobre o cristianismo estão fundamentados nesse princípio básico: Alá e sua mensagem são inalteráveis; por isso, não foi o islã que mudou as doutrinas do cristianismo, mas foi o cristianismo que mudou as doutrinas do islã.

- **Conceito 1: O verdadeiro evangelho cristão foi mudado.**

Os cristãos não estão seguindo o Jesus histórico. Jesus foi um bom servo de Alá, cuja tarefa era conclamar os israelitas a novamente adorar o Deus de Abraão e de Moisés. Por conseguinte, Jesus jamais teve a pretensão de que alguém o adorasse ou de identificar-se como Deus.

Os estudiosos muçulmanos acusam Paulo e seus companheiros de alterar a mensagem de Cristo depois que Jesus ascendeu aos céus. Na tentativa de ganhar os não-judeus, Paulo condenou a Torá hebraica, modificou a vida de Cristo e barateou a salvação. Os cristãos modernos estão seguindo a Paulo, não a Cristo.

A “verdadeira” vida de Jesus é narrada pelo Alcorão. Jesus nasceu de uma mulher jovem, solteira e virgem. Ele nasceu sem um pai. Embora o Alcorão não apresente detalhes acerca da vida de Cristo, ele apresenta detalhes não mencionados na Bíblia. Por exemplo, Jesus falou quando ainda era bebê:

Deus é meu Senhor e vosso Senhor. Adorai-o. Esse é o caminho da retidão. Depois, as seitas disputam entre si mesmas a seu respeito. Ai dos que descrêem quando chegar o dia temível (surata 19:36-37).

Os muçulmanos crêem que Jesus foi um mensageiro e não um sacrifício pelo pecado. Estudiosos muçulmanos procuram provar que os discípulos não estavam presentes na cruz (uma afirmação evidentemente falsa), que Jesus nunca morreu, e que a Bíblia é incorreta, corrompida por falsos seguidores de Deus.

- **Conceito 2: Os cristãos estão divididos e são fracos.**

Os muçulmanos apontam para todas as divisões do denominacionalismo cristão, no qual parece que não existem dois grupos que concordem um com o outro. Contudo, os muçulmanos - afirmam os apologistas islâmicos - estão unificados sob uma confissão (Shahada) e os cinco pilares. Requer-se de todos os crentes em Alá que orem de maneira semelhante, dêem igualmente e jejuem anualmente.

Os cristãos não conseguem nem mesmo concordar sobre qual Bíblia usar. Os católicos têm mais livros na versão da Bíblia do que os protestantes e existem inúmeras traduções protestantes. As denominações discordam em questões de rituais. Existem amplas diferenças teológicas entre modernistas, conservadores, neo-ortodoxos e fundamentalistas. Estas divisões demonstram fraqueza e corrupção.

- **Conceito 3: Os cristãos difamaram o verdadeiro islã.**

Com o islã no centro da curiosidade espiritual, muitos muçulmanos são céticos acerca dos novos pesquisadores e dos inquisidores cristãos. Eles temem distorções ou um criticismo incorreto. A grande ameaça, acreditam, é o uso errado do Alcorão para difamar a religião islâmica. A principal distorção refere-se à doutrina do jihad, que não significa “guerra santa”, mas sim, luta interna para melhorar-se a si mesmo e à comunidade.

Os muçulmanos crêem que a difusão do engano acerca do islã é organizada e tem dois alvos. Primeiro, em termos de argumentação: identificar o islã como organização que difunde a violência. Segundo, em termos de atividade missionária: os cristãos distorcem a verdade para obter conversões, especialmente entre os muçulmanos que são ignorantes acerca do islã. Portanto, o muçulmano deve proteger a reputação e a comunidade islâmica, visto que se converter ao cristianismo é cometer o pecado imperdoável da shirk (idolatria ou blasfêmia contra Alá), a equiparação da natureza divina e humana em Jesus Cristo.

- **Conceito 4: Os cristãos são cegos e irracionais.**

Quando Maomé estava liderando caravanas pela Península Arábica, encontrou muitos cristãos, a maioria deles confusos e controversos, incapazes de explicar a fé de maneira lógica. Muitos cristãos hoje continuam igualmente ignorantes. Os muçulmanos acreditam que um cristão não consegue defender a Bíblia, Jesus como Filho de Deus ou a Trindade.

Os muçulmanos dizem, por exemplo, que os cristãos parecem não perceber que o Novo Testamento, de 27 livros, não representa as palavras e obras de Cristo. Paulo, que escreveu um terço do NT, foi um impostor que mudou o curso da história por meio da sua ambição e mentiras. Os cristãos que crêem que os quatro Evangelhos são autênticos foram enganados ou estão mentindo.

Os cristãos também não conseguem explicar as centenas de contradições da Bíblia, enquanto que o Alcorão tem sido preservado em sua linguagem original desde o princípio, no século VII. Os muçulmanos, portanto, podem aceitar somente aquelas partes da Bíblia que não conflitam com O Alcorão. O injil (evangelho) deve ser tratado com respeito, mas também com cautela, visto que foi contaminado por falsos profetas como Pedro, Paulo e João.

Os cristãos devem ser louvados por crer no nascimento virginal de Cristo e nos milagres que ele realizou. No entanto, cometem um grande pecado ao acreditar na deidade de Cristo e em sua morte sacrificial pelos pecados da humanidade.

Os muçulmanos repugnam a idéia de adorar um ser humano mortal. Além disso, visto que a execução na cruz não é sinal de poder, mas demonstração de fracasso, Jesus não poderia ter sido tão incompetente a ponto de permitir sua crucificação. Veja como Maomé demonstrou seu sucesso como guerreiro, afirmando ser um profeta.

Crer que Deus pode ser esposo e ter um filho é a irracionalidade suprema; acreditar que o filho de Deus agiu como escravo e servo é apenas um pouco menos irracional. O muçulmano está ainda menos propenso a crer que Deus fez parte da humanidade. Ele está completamente removido e separado da humanidade e nunca se rebaixaria ao plano da criação.

Assim, Jesus não foi a propiciação para o mundo, mas somente o mensageiro da vereda plana de Alá. Por

consequente, a salvação não está baseada apenas na fé (conforme Ef 2:8,9), mas na misericórdia de Alá combinada com as boas obras do homem. Como pode haver uma fé segura que não tenha nada a ver com obras? Como declarou um imã: “Isto é bom demais para ser verdade!”⁴. Aquele que não faz coisa alguma também não recebe coisa alguma, eterna ou temporalmente. Crer de outra forma é ser egoísta.

A Trindade é o exemplo decisivo da irracionalidade da fé cristã. Como pode $1 + 1 + 1 = 1$? Isto não faz sentido. Crer na Trindade, isto é, crer que o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam três pessoas e uma divindade, é a profanação suprema contra Alá. Os muçulmanos declaram francamente que Jesus jamais creu nessa doutrina, mas sempre defendeu a singularidade de Deus. Eles argumentam que a própria Bíblia não apóia a fórmula trinitária.

Os argumentadores islâmicos dizem que a Trindade não se tornou uma doutrina oficial antes do Concílio de Nicéia em 325. Por essa razão, é um conceito elaborado por homens no qual muitos na fé cristã nem ao menos crêem, como é o caso dos unitaristas e das Testemunhas de Jeová.

- **Conceito 5: A fé cristã omite a imoralidade.**

No aspecto mais popular, existe grande aversão entre os muçulmanos pela moralidade “livre” da Europa e da América “cristã”. A imoralidade sexual desenfreada, a embriaguez, a toxicomania, a ganância e o crime ilustram a futilidade da religião cristã. A secularização e o modernismo também são vistos com desdém.

Além disso, a igreja ignora a imoralidade e a hipocrisia. Qual é a diferença entre a vida de um cristão e a de um não-cristão? O rigor do islã requer que o crente em Alá mantenha um alto padrão de vida e exige que as pessoas vivam de acordo com seus compromissos de fé, senão, o castigo pode ser severo, visto que o pecado deve ser tratado prontamente. Caso contrário, o mundo muçulmano se tornará como o mundo “cristão”.

Uma resposta Cristã

A resposta cristã para essas cinco noções deve ser clara e inteligente. A fé precisa ser firme, mas baseada na razão. O objetivo não é encontrar uma resposta para cada argumento que um muçulmano possa ter, mas demonstrar a racionalidade do cristianismo e ajudar o cristão a defender sua fé (1Pe 3:15). Este livro não é um chamado para matricular-se em um seminário, mas é um chamado para aprofundar-se na Bíblia.

- **Resposta para a pressuposição básica: Cremos em um Deus muito diferente do deus do islã.**

Os cristãos e muçulmanos não adoram o mesmo Deus, a não ser que os muçulmanos estejam dispostos a concordar que Jesus é Deus e Senhor. A noção popular de que judeus, cristãos e muçulmanos adoram o mesmo Deus é blasfema para as três religiões e somente pode ser encontrada no pluralismo moderno. Os judeus e os muçulmanos não adoram Jesus. Para o cristão, não crer na Trindade divina é o mesmo que não ser cristão.

Sim, existe um Deus e ele está no controle de todas as coisas e de todas as pessoas. Sim, todos (de acordo com os ensinamentos de todas as três crenças) estarão diante dele no julgamento. Mas dizer que todos adoram o mesmo Deus porque usamos a mesma palavra genérica é o mesmo que dizer que todas as

alusões ao nome “Miguel” devem ser para a mesma pessoa.

• **Resposta ao conceito 1: A evidência histórica apóia o cristianismo.**

Afirmar que o apóstolo Paulo mudou a mensagem do evangelho é o mesmo que atacar a própria Bíblia, um livro que o Alcorão chama de “o Livro de Deus”, “a Palavra de Deus”, “a luz e guia do homem”, “uma resolução para todas as questões”, “um guia e misericórdia” e “o Livro lúcido”. De que maneira recomendações como essas podem ser feitas acerca de um livro que é considerado corrompido? De que maneira o “Livro de Deus” pode ser corrompido? E como o Alá todo-poderoso pode permitir que esse livro seja corrompido? Isto iria contra a própria natureza de Alá.

Em segundo lugar, essa premissa pressupõe que o Novo Testamento é inconsistente quanto às cartas e epístolas paulinas e os quatro evangelhos. O cristão deve ser capaz de unir o que Paulo disse acerca de Cristo em Colossenses 2:9 (“Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade”) com o que o apóstolo João disse no quarto evangelho (“No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. [...] Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós”. [Jo 1:1,14]).

Nenhuma evidência pode ser apresentada de que Paulo alterou qualquer coisa que Jesus disse. Ao contrário, a história de fontes extrabíblicas, e muitas vezes de fontes pagãs, confirma cada detalhe da Bíblia como autêntica. Além disso, por que as testemunhas oculares que caminharam com Jesus e, em dado momento, deram sua vida por ele, permitiram que um judeu mudasse o que eles haviam visto com seus próprios olhos e acreditado de todo o coração?

Finalmente, a evidência bíblica por meio das cópias de manuscritos ilustra a preservação da Bíblia, não sua corrupção.

• **Resposta ao conceito 2: Tanto cristãos quanto muçulmanos estão divididos.**

Não existe dúvida de que o cristianismo está dividido em demasiadas denominações. Muitos cristãos defendem a idéia de remover as barreiras denominacionais, mas dizer que os muçulmanos são unidos é ridículo.

Xiitas, sunitas e sufis separam o mundo muçulmano em diferentes estruturas de autoridade que são tão divergentes quanto as divisões cristãs dos católicos romanos, ortodoxos orientais e protestantes. A palavra shi 'a significa “partidário” e é parecida ao significado da palavra protestante. Os muçulmanos shi 'as (xiitas) defendem uma sucessão direta da família de Ali e são fiéis a essa doutrina a ponto de alterarem a suposta confissão imutável, acrescentando que Ali é o comandante dos verdadeiros crentes e é o amigo de Deus.

Os muçulmanos apontam para diferenças “entre” grupos sectários que não são aceitos como cristãos pela maioria dos crentes em Jesus Cristo. Comparar as “seitas” cristãs ao cristianismo tradicional é o mesmo que associar todo o islã à teologia da Nação do Islã de acordo com Elijah Poole. Os muçulmanos verdadeiros negam qualquer conexão à fé sincretista de Poole, todavia, afirmam que o cristianismo apresenta diversidades heréticas. As crenças fundamentais da Trindade, a deidade de Cristo e a ressurreição corpórea do Senhor são princípios inegociáveis entre católicos, ortodoxos e protestantes. Nesse sentido, o cristianismo mantém um alto grau de unidade.

• **Resposta ao conceito 3: O islã difama o cristianismo muito mais do que os cristãos difamam o islã.**

Os muçulmanos culpam os cristãos de difamar Maomé e o islã, mas o mundo muçulmano não tem ajudado sua própria causa. Países comandados por muçulmanos permanecem trancados na intolerância. É raro ouvir um muçulmano defender a democracia, e muito menos a liberdade religiosa. O cristão corre um risco muito maior quando fala de sua fé em um país muçulmano do que um muçulmano que defende o islã em uma nação democrática. Onde a mesquita está mesclada com o Estado, as leis religiosas têm a mesma importância para a sociedade que as leis civis.

O jihad tem se manifestado de forma violenta em muitos países do mundo. Se a maioria dos muçulmanos é pacífica, por que existe um forte aumento da violência no mundo por parte de seus militantes?

Os muçulmanos não querem ver missionários cristãos em seus países, mas estão determinados a difundir o islã em todas as partes do mundo. Isto também é jihad. Eles não permitirão o testemunho cristão aberto na Arábia Saudita, no Paquistão e em outros países, mas utilizam o direito de desfrutar essa liberdade no Ocidente. Os cristãos não deveriam lutar para fechar qualquer sociedade a quem quer que seja - mas deveriam requerer que os muçulmanos abram suas culturas para o mundo.

Resposta ao conceito 4: A fé cristã é razoável e pode ser entendida.

Um problema dos dias de Maomé não mudou - os cristãos com frequência não podem expressar ou defender sua fé. Poucos cristãos podem honesta e inteligentemente discutir a Trindade, a Revelação e a pessoa de Jesus Cristo. Os muçulmanos também estão certos quando afirmam que muitos cristãos não levam sua fé a sério e não estão interessados na transformação de suas mentes. O cristianismo é muito semelhante ao islã neste aspecto.

Poucos muçulmanos (especialmente fora do Oriente Médio) conhecem a língua árabe, a única língua na qual o verdadeiro Alcorão pode ser lido. As traduções não são as próprias palavras do Alcorão e assim não passam de interpretações. Na verdade, poucos muçulmanos podem recitar a convocação para a oração e entender o que está sendo dito. A situação é similar à época medieval na Igreja Católica - quando a Igreja Romana fez do latim a língua oficial das Escrituras. Poucos cristãos conheciam a língua ou sabiam ler a Bíblia por conta própria.

Os cristãos devem ser capazes de confiar em suas Bíblias, defender sua fé e discutir abertamente assuntos controversos. É verdade, a Trindade é um mistério difícil de ser explicado. No entanto, essa doutrina é claramente ensinada na Bíblia e pode ser defendida com uma compreensão funcional do que a Bíblia ensina. Um Deus, em qualquer religião que transcende nossa existência, só pode ser explicado dentro de limites analógicos. Ser capaz de explicar a Deus exaustivamente na concepção humana é ter uma concepção muito pequena de Deus.

Em qualquer debate entre o cristianismo e outra religião, a questão básica gira em torno da pessoa de Jesus Cristo. Se Jesus Cristo é o filho de Deus que veio em carne para morrer pelos pecados do mundo, então todos os outros argumentos devem encaixar-se em torno desse fato. Os muçulmanos conscientes sabem que se Jesus morreu na cruz e venceu a morte por meio da sua ressurreição física, a fé islâmica é vã. Cristãos conscientes também reconhecem que se Jesus não realizou essas coisas, sua fé é vazia.

Não é o escopo deste livro defender a veracidade da vida, morte e ressurreição de Jesus, mas o princípio dessa defesa envolve certezas como estas:

1. Testemunhas oculares nos quatro evangelhos são muito mais dignas de crédito do que as lendas acerca

de Jesus que Maomé e outros muçulmanos reuniram séculos mais tarde.

2. O testemunho pagão como os Anais de Tácito, escritos no século I, não deixa dúvida de que Cristo foi executado sob o governo de Pôncio Pilatos. Thallus, um historiador palestino, descreve a escuridão terrível daquele dia, vinte anos após a morte de Jesus.

3. Jesus foi visto ressuscitado dos mortos por mais de quinhentas pessoas. Se sua morte tivesse sido forjada ou sua ressurreição fosse uma fraude, inúmeras testemunhas teriam corrigido o registro. Existem motivos abundantes para crer, entre os quais esses servem apenas como exemplo. Os cristãos devem saber como usar as evidências para responder a qualquer descrente.

• Resposta ao conceito 5: As nações ocidentais não são nações cristãs.

Os muçulmanos presumem, por causa dos laços entre religião e Estado nas nações islâmicas, que as sociedades ocidentais contemporâneas são porta-vozes dos valores cristãos. Cada governo secular ocidental é, no entanto, completamente pagão. Muitas nações da Europa estão entre aquelas com maior porcentagem de ateus. À medida que os governos têm se afastado dos princípios cristãos, a imoralidade tem aumentado. A Europa não é cristã e não existe outra sociedade com maior diversidade religiosa do que os Estados Unidos.

Os muçulmanos também têm uma crítica válida em relação à hipocrisia que infesta as igrejas. Essa acusação, na verdade, pesa mais do que qualquer outro argumento que os muçulmanos possam ter. Muitas igrejas falham em prestar atenção às advertências da Bíblia e muitos assim chamados cristãos não sentem vergonha ou medo pelo seu modo pecaminoso de vida.

Uma resposta intelectual dos cristãos para o islã deve refletir um compromisso cristão e pessoal, porque uma pessoa que sabe o que é certo, mas habitualmente faz o que é errado, não convence ninguém. Os cristãos são chamados para transformar suas próprias mentes e todo seu ser (ver Rm 12:1,2). Somente assim eles encontrarão mais oportunidades para um ouvido atento de quem não conhece o cristianismo, mas está sinceramente procurando a verdade.

Quando um muçulmano interessado entrar em sua igreja, será você que estará preparado para responder às perguntas difíceis que podem ser obstáculos para a fé em Jesus Cristo?

Jesus, conforme o Alcorão

“Nós cremos em Jesus”

“Nenhum muçulmano é um verdadeiro muçulmano se não crer em Jesus!” Os muçulmanos colocam essa declaração no início de qualquer discussão com cristãos acerca da pessoa de Jesus Cristo. Os muçulmanos estão prontos a demonstrar caridade por Jesus e sua mãe Maria. O nome de Jesus ocorre 25 vezes no Alcorão, incluindo os textos a seguir:

[...] e a Jesus, filho de Maria, demos as provas e fortificamo-lo com o Espírito Santo (2:87).

Em seguida, enviamos Jesus, o filho de Maria, para que ratificasse o que havia antes dele na Torá e outorgamos-lhe o Evangelho, no qual há orientação e luz (5:46).

E Zacarias, e João, e Jesus, e Elias (todos eram homens justos) (6:85).

Citações como essas dão crédito à posição muçulmana de que eles honram o filho de Maria. No entanto, se olharmos além da superfície e, do desejo politicamente correto de buscar unidade, as diferenças entre a visão do islã e do cristianismo acerca de Jesus são vastas e fundamentais. Uma visão elevada a respeito da pessoa de Jesus Cristo não significa necessariamente uma perspectiva correta de Jesus. Os muçulmanos se esforçam em expressar publicamente sua crença de que ele nasceu de uma virgem e que pregava a verdade. Os cristãos crêem que Jesus nasceu de uma virgem e que era a verdade (Jo 14:6).

Jesus não foi simplesmente um exemplo de retidão; ele foi o sacrifício que permite que a humanidade obtenha retidão. Ele é o Salvador. No final, as diferenças entre os muçulmanos e os cristãos são proporcionais à importância da cruz na salvação.

O Jesus do Alcorão versus o Jesus da Bíblia

A pessoa que deseja conhecer o verdadeiro Jesus histórico não pode se voltar para o Alcorão em busca de respostas. Um autor escreve: “O Alcorão não contém sermões, parábolas, nenhuma de suas palavras amáveis para os pobres e despossuídos, nenhum de seus desafios penetrantes para a religião estabelecida em seus dias”. Na verdade, parece que o Alcorão somente corrige o que a Bíblia tem a dizer acerca de Cristo.

Pergunte a um muçulmano comum a respeito de sua visão do Jesus histórico e ele responderá a você que todos deveriam honrar a vida de um grande profeta. Contudo, que evidência melhor existe acerca do Jesus histórico do que a Bíblia? O apologista muçulmano responderá: “O evangelho foi corrompido!”. Como chegaram a essa conclusão de maneira lógica? Ora, o Alcorão para eles a revelação superior de Alá - afirma isso. Além disso, como eles sabem que Jesus foi um homem reto na história se não por intermédio da fonte principal usada pelos historiadores nos últimos 2000 anos?

Jesus através dos olhos de descrentes

Muitos estudiosos seculares consideram tanto a Bíblia quanto o Alcorão como corrompidos e falhos. Ao

darmos a esses cétricos o benefício da dúvida, temos a oportunidade de um breve exame de fontes externas que pode ser útil na determinação do Jesus histórico.

Flávio Josefo, um sacerdote judeu do século I, narra a história do julgamento e morte de Jesus:

Aproximadamente nesta época, havia um homem sábio chamado Jesus; ele era alguém que realizava obras maravilhosas, um mestre para o tipo de homens que recebiam a verdade com prazer. Ele atraiu muitos judeus e muitos gentios. E quando Pilatos, ouvindo a sugestão dos homens dirigentes entre nós, condenou-o à cruz, aqueles que o amavam não o abandonaram. E a tribo dos cristãos, que se chamam assim por causa de Cristo, não está extinta até este dia.

Os companheiros judeus de Josefo o consideraram um traidor da pior espécie. Ele tinha simpatia por Jesus e havia dado credibilidade às ações de Cristo na cruz. O Sinédrio, alto conselho judaico, que protegia as leis religiosas de Israel, apoiou os fatos de Josefo quando explicou: “Quando nada foi apresentado em defesa [de Jesus], ele foi pendurado na noite da Páscoa”.

Plínio, o Moço, governador de Ponto e Bitúnia provê informação relevante do ponto de vista dos discípulos de Cristo, alguns dos quais tinham contato direto com o Jesus histórico. Em uma carta ao imperador romano Trajano, em 96 d.C., ele descreve seu primeiro encontro com a seita cristã e a visão dela a respeito do Salvador ressurrecto:

Eles afirmavam, no entanto, que o conteúdo e a substância de sua falha ou erro era que eles tinham o hábito de se reunir em um dia determinado, antes do alvorecer, quando cantavam de modo responsivo os versos de um hino dedicado a Cristo como Deus, e se comprometiam, em um solene juramento, a não praticar obras perversas nem qualquer fraude, não roubar, não adulterar, nunca usar de falsidade nas palavras e não trair a confiança de ninguém, quando fossem chamados para isso. Depois disso, era o costume deles sair e reunir-se novamente para uma refeição - mas uma refeição comum e inocente.

Observe que esses cristãos, distante apenas duas gerações do Cristo histórico, o adoravam como Deus por meio de hinos de louvor. Contudo, os muçulmanos afirmam que Jesus não era digno de adoração e louvor, mas somente de admiração como mensageiro de Alá.

Tornando Jesus um muçulmano do século VII

Quando Jesus percebeu-lhes a descrença, perguntou: “Quem são meus aliados na causa de Deus?”. Responderam os Apóstolos: “Nós somos os aliados de Deus. Cremos n'Ele, e és testemunha de que nos submetemos” (surata 3:52).

De acordo com a surata acima, Jesus foi, em última análise, apenas um bom muçulmano. Sua vida foi despendida na propagação do evangelho do islã para todo aquele que desse ouvidos a ele. Não foi seu propósito “buscar e salvar o que estava perdido”, (Lucas 19:10, grifo dos autores). Em vez disso, sua missão era limitada devido à natureza e à vontade de Alá. “Mas a Mensageiro algum foi dado milagres sem a permissão de Deus” (surata 13:38).

Um homem ... como Adão

A questão sobre quem é Jesus pode ser traçada desde a origem da humanidade. Os muçulmanos crêem que Jesus tinha a mesma origem de Adão. O Alcorão afirma: “Aos olhos de Deus, Jesus é como Adão:

criou-o de barro, depois disse-lhe: ‘Sê’, e ele foi” (surata 3:59). Portanto, Jesus foi um simples homem e não o filho de Deus eterno*.

A comparação com Adão é importante para o muçulmano. O nascimento de Jesus se assemelha ao nascimento de Adão criação sem a necessidade de um pai. A grandeza de Jesus não provinha de seu caráter, mas da palavra de Alá, “Sê”. Ele era nada além de pó antes que Alá o criasse, barro nas mãos do oleiro.

Natal no Alcorão

Pode ser surpresa para alguns, mas os muçulmanos crêem no nascimento virginal de Cristo. O Alcorão afirma: “E ela [Maria] perguntou: ‘Senhor meu, como poderei ter um filho quando nenhum mortal me tocou?’. Respondeu: ‘Deus cria o que Lhe apraz’ ” (surata 3:47). No entanto, o nascimento virginal não era para ser um sinal da natureza e poder de Cristo, mas um sinal (aya) da onipotência e soberania de Alá. Ele pode e fará o que lhe agrada.

Existem semelhanças entre as duas narrativas do nascimento de Jesus Cristo.

Bíblia:

Mas o anjo lhe disse: “Não tenha medo, Maria; você foi agraciada por Deus! Você ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe porá o nome de Jesus. [...] Alegre-se, agraciada! O Senhor está com você! [...] Bendita é você entre as mulheres...!” (Lucas 1:30-31,28,42, grifo dos autores).

Então, disse Maria ao anjo: “Como se fará isso, visto que não conheço varão?” (Lucas 1:34; RC).

Alcorão:

E quando os anjos disseram: “ó Maria, Deus te anuncia a chegada de Seu Verbo, chamado o Messias, Jesus, filho de Maria” (surata 3:45).

E quando os anjos disseram: “ó Maria, Deus te escolheu e te purificou e te exaltou acima das mulheres do mundo” (surata 3:42).

E ela perguntou: “Senhor meu, como poderei ter um filho quando nenhum mortal me tocou?” (surata 3:47).

Mas, muitas discrepâncias podem ser encontradas entre os dois relatos:

Bíblia:

Ela dará à luz um filho, e você deverá dar-lhe o nome de Jesus, porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados (Mateus 1:21).

Por ser José, seu marido, um homem justo, e não querendo expô-la à desonra pública, pretendia anular o casamento secretamente (Mt 1:19). ...apareceu-lhe um anjo do Senhor em sonho e disse: “José, filho de Davi, não temas receber em casa,

Maria, tua esposa, pois o [que] nela [foi] gerado é do Espírito Santo (Mt 1:20).

Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus dará Ele o trono de Seu pai Davi, [...] Seu Reino jamais terá fim (Lc 1:32-33).

Alcorão:

E Deus ensinar-lhe-á as Escrituras e a sabedoria e a Torá e o Evangelho. E ele será um Mensageiro aos filhos de Israel (surata 3:8,49).

O Alcorão não faz menção ao nome de José:

E a Jesus, filho de Maria, demos as provas e fortificamo-lo com o Espírito Santo. Os cristãos chamam Cristo o Filho de Deus (Alá). Este é o dizer das suas bocas; [...] a maldição de Deus caia sobre os descrentes! (surata 2:7,88).

As diferenças entre as duas crenças claramente são maiores do que as semelhanças. Jesus nasceu de uma virgem como os anjos anunciaram às partes envolvidas. Mas sua missão não era nada daquilo que foi descrito pelo Alcorão. No cristianismo, Ele é o Salvador e Rei que reina, cujo Reino nunca terá fim. No islã, ele é um mensageiro humano que voltará ao pó do qual ele foi criado. Na verdade, os diversos retratos da vida de Jesus demonstram melhor a vasta distinção entre as duas maiores religiões do mundo.

Os milagres de Jesus Cristo

Um estudioso muçulmano explica a visão limitada de Jesus:

De todos os profetas de quem temos conhecimento detalhado, exceto um, tinha esposas e filhos. A exceção é Jesus, o filho de Maria. Mas sua vida era incompleta; seu ministério durou somente três anos; sua missão era limitada; e ele não foi chamado para lidar com os problemas multifacetados que surgem em uma sociedade ou Estado altamente organizado. Tributamos respeito igual a ele, porque era Mensageiro de Alá; mas isto não quer dizer que sua Mensagem cubra a mesma base universal como foi o caso da Mensagem de Al-Mustafa [Maomé],

Apesar de toda a retórica dos apologistas muçulmanos atuais, essa citação, encontrada no comentário de uma tradução oficial em inglês do Alcorão, diz muito. Jesus foi simplesmente um entre muitos, não a revelação final. Visto que sua missão era limitada em tempo e mensagem ao povo israelita, ele não deve ser seguido universalmente.

Todavia, Jesus era um poderoso operador de milagres. Ele realizou muitos atos sobrenaturais, incluindo a criação de um pássaro a partir do barro, a cura de cegos e leprosos e a ressurreição de mortos (surata 5:110). Cada um desses milagres foi feito com a “Minha [Alá] permissão”.

Jesus não realizou esses atos para chamar atenção sobre si mesmo e seu caráter; em vez disso, os milagres eram “um sinal da parte de vosso Senhor” (surata 3:49). O filho de Maria, como outros mensageiros de Alá, cumpriu suas tarefas designadas para dirigir as pessoas a Alá.

A Mensagem de Cristo de acordo com o alcorão

Jesus foi enviado para confirmar o evangelho (injl), que ordenava fé e obediência a Alá. De acordo com os estudiosos muçulmanos, o Alcorão tem preservado o que as pessoas hoje precisam saber acerca de Cristo (surata 5:47). A visão islâmica acerca de um evangelho de obras não pode ser comparada ao

inadequado evangelho da graça revelada nos quatro evangelhos do Novo Testamento cristão. Assim, os muçulmanos aceitam apenas uma mensagem vaga anunciada pelo próprio Jesus, da qual somente sobrevivem fragmentos do NT e outras fontes.

Sempre que uma doutrina entra em conflito com o Alcorão, ela deve ser rejeitada e vista como falácia e lenda. O ministério de Jesus nunca poderá contradizer o milagre do Alcorão. Jesus simplesmente trabalhava para prevenir a adoração falsa. O Alcorão explana:

E quando Alá perguntou: “ó Jesus, filho de Maria, disseste tu aos homens: Adorai-me e minha mãe como dois deuses em vez de Deus?”. Respondeu: “Glorificado sejas! Como diria eu o que não me pertence?

Se o tivesse dito, Tu o saberias” (surata 5:116).

Esta declaração é claramente uma reação de Maomé aos cristãos orientais contemporâneos que não somente adoravam a Cristo, mas também veneravam a Maria. Maomé deseja mostrar que Jesus teria rejeitado aqueles que o colocavam acima da intenção que Alá tinha para ele. O Alcorão atribui as seguintes palavras a Jesus: “Deus é meu Senhor e vosso Senhor. Adorai-o. Essa é a senda da retidão” (surata 3:51).

A Natureza e os nomes de Jesus Cristo

Para o Alcorão Jesus não é Deus. Esta é a diferença essencial entre o Jesus do islã e o Jesus do cristianismo. O Alcorão argumenta: “O Messias, o filho de Maria, nada mais é do que um Mensageiro. Outros Mensageiros passaram antes dele” (5:75).

Alá, transcendentemente, separado da criação, não pode ter um Filho: “jamais gerou ou foi gerado” (112:3) “É inadmissível que Alá tenha tido um filho” (4:171; 19:35,92). O Alcorão explica que Alá não tem parceiros com quem ele se associa: “Não há deus senão Ele” (9:31) e “não atribuas parceiros a Alá, porque a idolatria é grave iniquidade” (31:13).

As ramificações da doutrina da filiação de Cristo apagariam a luz de Alá (5:32;). Além disso, o muçulmano que liga a natureza de Alá à natureza humana comete o pecado capital (shirk).

Portanto, Jesus é primeiramente chamado como Ibn Maryam (Filho de Maria), um título que aparece 23 vezes nas escrituras islâmicas para ressaltar sua humanidade e mortalidade (34:45). (O termo Filho de Maria somente é mencionado em Marcos 6:3). Em segundo lugar, Jesus é chamado Al Masih (Messias), identificando-o como um “ungido”, mas nada mais do que isso. Messias, como o título Jesus, era um nome pessoal para alguém que tinha uma missão definida.

O terceiro e mais importante título de Jesus no Alcorão é Apóstolo ou Mensageiro (Rasul). Como um simples porta-voz de Deus, mas não de forma alguma conectado à natureza de Deus, Jesus foi enviado especificamente para os judeus, da mesma maneira que muitos outros foram enviados para ir a outros grupos de pessoas. Como mensageiro, Jesus era um “profeta” visto que Alá revelou-se por meio dele: “Deu-me o Livro e designou-me Profeta” (surata 19:30).

Na Bíblia, ninguém é equiparado a Jesus Cristo além do próprio Deus Criador, com quem Jesus é identificado (Jo 1:1; Cl 2:9; Hb 1:5). No Alcorão, Jesus é comparado a uma série de predecessores humanos:

- Adão: O Escolhido de Deus.
- Noé: O Pregador de Deus.
- Abraão: O Amigo de Deus.
- Jesus: A Palavra de Deus.
- Maomé: O Apóstolo de Deus.

O próprio Cristo teria dito: “Eu, na verdade, sou um servo de Alá”. Enquanto Jesus é visto como Servo e como Salvador na Bíblia, ele é conhecido somente como servo nas escrituras islâmicas.

A Morte e ascensão de Cristo

E por terem dito: “Matamos o Messias, Jesus, o filho de Maria,

o Mensageiro de Deus”, quando, na realidade, não o mataram nem o crucificaram: imaginaram apenas tê-lo feito. E aqueles que disputam sobre ele estão na dúvida acerca de sua morte, pois não possuem conhecimento certo, mas apenas conjecturas. Certamente, não o mataram; antes Deus o elevou até Ele. Deus é poderoso e sábio. Não há ninguém entre os adeptos do Livro que deixe de crer em Jesus antes de morrer. E ele será, no dia da Ressurreição, uma testemunha contra eles (surata 4:157-159).

Uma coisa é absolutamente certa para o islã - Jesus não morreu na cruz. Embora não possam dizer com confiança o que aconteceu, os muçulmanos afirmam corajosamente o que não aconteceu. Os estudiosos muçulmanos tentam desmentir os evangelhos ao afirmar que os cristãos não estavam presentes na crucificação. Isto é absolutamente falso. A Bíblia relata claramente que o apóstolo João, Maria, a mãe de Jesus, e outros seguidores estiveram lá.

As tradições muçulmanas oferecem inúmeras explicações para o que aconteceu no dia da crucificação. As três mais populares são:

- Jesus estava escondido enquanto um dos seus companheiros morreu em seu lugar.
- Deus fez Judas Iscariotes parecer-se com Jesus e tomar o seu lugar.
- Simão, de Cirene, substituiu Jesus antes da crucificação.

Talvez a história mais estranha seja a que afirma que Satanás, ao tentar impedir que a mensagem de Alá fosse transmitida, foi colocado na cruz como castigo por sua desobediência.

Jesus está voltando

O Alcorão afirma que Jesus nasceu em paz e morrerá em paz. Jesus teria dito: “E a paz esteja sobre mim no dia em que nasci e no dia em que morrer e no dia em que for ressuscitado” (19:33).

A visão muçulmana geralmente aceita que Jesus não morreu, mas que Alá o elevou (rafa'u) para si mesmo. O Alcorão explica: “Não há ninguém entre os adeptos do Livro que deixe de crer em Jesus antes de morrer” (4:159).

De acordo com o islã, visto que Jesus, um ser humano como Adão, não morreu, seu ministério não poderia estar completo. A tradição explica que ele aparecerá diante de todos no julgamento final. Ele, nesse momento, lutará contra o anticristo, o derrotará, confessará o islã, matará todos os porcos, quebrará todas as cruzes e estabelecerá mil anos de retidão. Alguns expandem esse conceito e explicam que Jesus morrerá subseqüentemente e será enterrado ao lado do profeta Maomé.

O interior de um muçulmano: Conquistando um ouvido e ganhando uma alma

Bem-intencionado e agressivo

Uma pessoa cita as Escrituras a pleno pulmão da tribuna de um jogo de basquete. Em um jantar, um homem casualmente diz ao anfitrião rico que ele está indo para o inferno, com voz tão alta que todos participantes da festa ouvem a admoestação. Um cristão visita a família de um judeu e leva um pernil assado para a refeição. Um missionário urbano inadvertidamente entra na prisão vestindo as cores de uma gangue rival.

Todos nós já ouvimos histórias semelhantes em que um cristão, motivado a compartilhar o evangelho com pessoas de um certo grupo ou cultura, anula seu testemunho ao ofender a cultura, a herança ou a prática daquele grupo. Embora a pessoa esteja bem-intencionada, ela estraga a oportunidade devido a algum descuido ou palavra ofensiva e precisa começar novamente ao pedir desculpas e reconstruir a confiança.

Ao testemunhar para os 1,2 bilhões de muçulmanos na terra, os cristãos ocidentais precisam contornar vários obstáculos e barreiras culturais. O campo missionário está repleto de esqueletos de projetos missionários malogrados. A maioria dos cristãos com paixão pela grande missão deseja sinceramente alcançar seus amigos, vizinhos e colegas muçulmanos. Em conferências que realizamos, muitas vezes somos abordados com a seguinte pergunta: “Tenho amigos/vizinhos/parentes que são muçulmanos. Como devo abordá-los para compartilhar minha fé em Jesus Cristo com eles?”.

É essa questão seminal que nosso livro espera responder. Alcançar o mundo perdido já é difícil, mesmo sem cometer ofensas no relacionamento (erros culturais ou conduta imprópria) e gerar equívocos na revelação (fundamento teológico). Algumas prescrições simples podem ajudar os cristãos a evitar erros e a testemunhar aos muçulmanos com maior eficácia.

Minas terrestres no relacionamento

Em uma cultura ocidental e cordial, os cristãos muitas vezes cometem erros de “familiaridade” e descuidos, que dificultam seus esforços de evangelização. Insultar muçulmanos ou fazer com que sejam humilhados diante de suas famílias atrapalhará irrevogavelmente a construção de relacionamentos mais profundos. A sensibilidade cultural possibilita aos cristãos conquistarem o ouvido dos amigos muçulmanos, em vez de perder a chance de uma comunicação aberta. Os seguintes princípios são de importância incalculável.

Saudação e abordagem

Na maioria dos contextos culturais, e certamente em áreas não ocidentais, jamais devemos cumprimentar

um muçulmano apertando sua mão esquerda. A mão esquerda é usada para a higiene pessoal: é ofensivo oferecer a mão esquerda para cumprimentar alguém.

Chamar um muçulmano de “irmão”

Muçulmanos inteligentes entendem as diferenças entre o cristianismo e o islã. Ouvimos certa ocasião um evangelista chamar o muçulmano com quem estava argumentando de “meu irmão”. O muçulmano, um imã, se arrepiou com essa declaração e corrigiu o interlocutor prontamente. A ofensa causada pelo termo irmão é mais do que apenas uma questão cultural: é também uma questão teológica, porque irmandade pressupõe concordância teológica nos círculos muçulmanos (e até certo ponto no meio cristão). Você pode chamar um muçulmano de “meu amigo”, que é uma declaração social positiva que não pressupõe concordância de filosofia ou crença.

Aceitando hospitalidade

Os muçulmanos que não estão envolvidos no jihad (guerra santa) podem ser bastante hospitaleiros. Rejeitar um convite é uma afronta pessoal. Se uma refeição é oferecida na casa de um muçulmano, o cristão deve seguir as práticas da casa. Os membros da família com frequência tiram seus sapatos imediatamente após entrar na casa, e o convidado cristão deve seguir o costume. Coma tudo que for colocado diante de você, mesmo que não conheça a natureza da comida ou sua fonte. A comida do Oriente Médio é deliciosa e não prejudicará você. Agradecer pela refeição e elogiá-la pode ser uma porta aberta para um eventual testemunho.

Estendendo hospitalidade

Um método eficiente de construir pontes para o muçulmano é oferecer sua hospitalidade. Certas regras, no entanto, devem ser observadas. Não deve ser oferecido ao muçulmano vinho ou outra bebida alcoólica durante a refeição. Certifique-se também de seguir as regras de dieta do islã ao preparar a comida - nada de porco ou comida frita em banha, e nada de crustáceos. Explique a seus convidados que você agradece pela comida e peça permissão para fazer uma oração. Se forem afáveis, não use a oração como sermão ou forma enganosa de evangelismo! Simplesmente agradeça a Deus, usando o termo Senhor, e seja breve. Nós, os autores, certamente não nos envergonhamos do Evangelho de Cristo, mas apresentá-lo em uma oração de gratidão é um abuso do privilégio da oração. Explique a essência de cada prato, para tranquilizar seus medos em relação à preparação, e procure deixar claro que você se esforçou para respeitar a cultura e a crença.

Falando com o sexo oposto

A maioria das culturas islâmicas proíbe energicamente a conversa casual com um membro do sexo oposto. Cruzar essa fronteira pode ser visto como insulto a uma família muçulmana. Uma mulher que fala energicamente com um homem mostra desrespeito, e um homem cristão que fala a uma mulher muçulmana sem a presença de seu marido insulta o marido. O islã americano tende a ser menos restritivo, mas os cristãos devem observar as regras da conversação até que julguem ser seguro agir de outra forma.

Interrompendo o culto religioso

Se um cristão for convidado para uma mesquita, ele fará grandes avanços na amizade ao participar do culto. O cristão não é um participante ativo nessa adoração, por isso não é apropriado, para “se

enquadrar”, assumir a postura e prática de um muçulmano. Ficar discretamente ao lado do anfitrião e fazer-lhe perguntas é visto como cortês. Ficar parado em cima do tapete de oração e fazer perguntas em voz alta durante a prece não é adequado.

Ser sensível com respeito a práticas de adoração se estende a outras arenas. Não insulte o muçulmano ao insistir em almoçar fora durante o jejum do ramadã. Contudo, não questione os motivos do muçulmano ou a profundidade de sua fé se você o vir comendo durante esse mês.

Apressando-se para evangelizar

Devido à hostilidade histórica entre cristãos e muçulmanos, devemos construir pontes e amizades antes de apresentar o evangelho. Deus promete abrir portas para testemunhar, se formos fiéis para discernir o que é apropriado em tempo e lugar. No cristianismo, sempre existe a coisa certa, a maneira certa e o tempo certo de fazê-lo.

Em sua ânsia de ganhar os muçulmanos para Jesus Cristo, os cristãos às vezes se apressam em apresentar o Evangelho depois de alguns minutos de introdução e evangelismo de confrontação pode, na verdade, ser um meio apropriado e eficaz em determinado momento. Temos sido treinados em praticamente todos os métodos de apresentação do evangelho e raramente estamos sem um folheto do evangelho. Na comunidade islâmica, no entanto, o cristão deve obter o direito de ser ouvido. Os muçulmanos estão imersos em uma herança de inimizade contra os cristãos e precisa haver cuidado para estabelecer conexão que respeite as diferenças. Esse processo lento de construir relacionamentos explica por que os muçulmanos não vêm a Cristo com tanta freqüência quanto as pessoas de outros sistemas de fé.

Ganhar um ouvido atento leva tempo e discernimento. O muçulmano que desenvolve amizade com um cristão passa por estágios de suspeitas até alcançar confiança. Mas, mesmo a confiança pode não significar abertura. Isto pode ocorrer apenas quando os amigos tiverem a oportunidade para confortar um ao outro em uma experiência de dor ou perda. Compartilhar o conforto e o auxílio honesto pode fluir naturalmente para repartir os motivos de um cristão que possui convicção e paz em meio a uma tragédia.

Existe uma vasta diferença entre aproveitar as oportunidades que Deus provê para partilhar nossa fé em Jesus Cristo e forçar uma porta para oportunidade. Particularmente, ao testemunhar para um muçulmano, devemos usar de discernimento e saber como e quando compartilhar nossa fé, misturados com muita graça. Historicamente, o evangelismo de confronto tem sido de certo modo eficaz em uma cultura ocidental altamente tecnológica e com restrição de tempo. Mas esse tipo de evangelismo é ineficaz ao comunicar-se com um muçulmano.

Evite argumentos políticos

Os muçulmanos podem entender uma apresentação do evangelho como uma defesa de Israel ou um insulto político. Qualquer que seja nossa posição em relação a Israel e à situação do Oriente Médio pode levar o curso da conversação para a área da política, afastará a conversação do assunto principal que é apresentar Jesus Cristo como Salvador.

Patriotismo versus evangelismo

Em todo o mundo, os muçulmanos não fazem distinção entre o cristianismo e os Estados Unidos. Qualquer ocidental que entrar em uma loja em que trabalha um muçulmano e cuspir nele e o xingar é

considerado um “cristão”. Não importa se esse fanático intolerante pisou em uma igreja ou não; na mente do muçulmano, isto foi feito por um cristão. Portanto, os cristãos de qualquer nacionalidade devem ser cuidadosos em não confundir Cristo com o orgulho que sentem por seu país. Cada um pode ser feliz por ser cidadão de seu país, mas cidadania não salva a alma de ninguém. Defender Cristo não significa defender uma política nacionalista.

Seja imparcial acerca dos pecados de supostos cristãos

Todo muçulmano lembra que o papa Urbano II deu início à primeira cruzada com o concílio de Clermont em 1095. O evento continua sendo um capítulo sombrio na história, no qual pretensos líderes da fé declararam um “jihad cristão”. Não existe diferença entre o perdão prometido por Urbano aos expedicionários das Cruzadas que morreram na batalha e a mesma promessa feita aos combatentes no jihad islâmico por Maomé. Não defenda esse período horrível ou o muçulmano o verá apenas como mais um cristão hipócrita.

Lembre o que a conversão pode significar para um muçulmano

Nos Estados Unidos, uma conversão para Cristo raramente destrói os relacionamentos familiares do novo crente. Em outras partes do mundo, a conversão muitas vezes significa rejeição pela família, expulsão do país e, em alguns casos, enfrentar uma possível sentença de morte. Mesmo permanecendo gentilmente firmes sobre a necessidade do muçulmano conhecer a Cristo, os cristãos devem entender a hesitação dele em converter-se devido às implicações. Na cultura islâmica, a rejeição total de um cristão altera toda a vida daquela pessoa, afetando herança, bens, conexões familiares e amizades. Os cristãos nos países islâmicos podem enfrentar tortura e prisão ou ficar sem casa, trabalho e país.

A Mensagem Clara

Algumas pessoas parecem ser incapazes de comunicar a fé em Jesus Cristo sem usar termos teológicos usados na igreja. Termos como nascer de novo, expiação ou propiciação, salvo e perdido tornam-se linguagem cristã natural. Para o muçulmano, essas palavras constituem um vocabulário estranho. Um ministro pregou usando o termo “cruzada” em sua jornada no campo missionário, um mau uso da terminologia evangélica em um país muçulmano. Esse mesmo pregador repetiu inúmeras vezes a frase “aceitar Jesus em seu coração”. Quando ele quis saber por quê tão poucas pessoas aceitavam o chamado, descobriu que muitos de seus ouvintes entenderam que o convite significava que eles concordavam em passar por uma cirurgia, ou seja, colocar Jesus no ventrículo do coração. Fale em termos claros, sem usar uma linguagem que pressuponha conhecimento prévio.

A mensagem clara: A graça

Para a maioria dos convertidos do islã, a obra conclusiva e propiciatória de Jesus Cristo na cruz tem um impacto poderoso. Eles aprenderam que a liberdade em Cristo significa liberação das obras e do medo dos pratos da balança. Ressalte o perdão de Cristo para todos os pecados e o pagamento de toda a dívida. A graça, na plenitude de seu significado, é uma doutrina magnífica.

A mensagem clara: O amor de Deus

O islã não conhece um Deus íntimo, pessoal e amoroso. Alá é um criador e juiz impessoal. O único termo

de “intimidade” no Alcorão diz respeito à ameaça de julgamento: Estamos mais perto de Alá “que sua veia jugular” (surata 50:16). A benevolência de Cristo na cruz e seu amor transcendente desarmam a mente muçulmana.

Revelação: O ponto crucial de todos os argumentos teológicos

Uma religião é tão estável quanto o fundamento que a sustenta. A autenticidade do islã se ergue ou desmorona em cima da reivindicação substancial de Maomé, ou seja, de que a Bíblia é corrompida e o Alcorão é a perfeita palavra de Alá. A negação da Trindade, da deidade de Cristo, da crucificação, da ressurreição e da salvação pela misericórdia de Deus se ergue ou desmorona dependendo dessa reivindicação.

Os cristãos em contato com os muçulmanos ou quaisquer outros descrentes devem estar preparados para defender as Escrituras e seu testemunho seguro de que Jesus Cristo, o Deus encarnado, veio à terra para morrer pelos pecados do mundo, a fim de que as pessoas fossem perdoadas de seus pecados e reconciliadas com Deus. Qual é a base para afirmar que Deus interveio na história por meio de Cristo? A fonte suprema é a Bíblia.

Uma experiência pode ser sentida como verdadeira e mesmo assim ser falsa. A revelação dada pelo Criador e Sustentador do universo fornece uma informação que, apesar de questionada, nunca pode ser invalidada.

Qual livro é confiável?

Tanto o islã quanto o cristianismo afirmam possuir a inabalável e infalível Palavra de Deus. No entanto, de acordo com a lei de Aristóteles da não-contradição (a Palavra de Deus não pode não ser a Palavra de Deus) e com o princípio do terceiro excluído (algo ou é ou não é uma coisa específica) é possível alcançar somente três conclusões depois de examinar a evidência:

- O Alcorão é a Palavra de Deus.
- A Bíblia é a Palavra de Deus.
- Nem o Alcorão nem a Bíblia são a Palavra de Deus.

Não é possível que tanto o Alcorão quanto a Bíblia sejam a Palavra de Deus, porque Deus não ensina coisas diferentes e contraditórias em distintos períodos da história. Os textos são antagônicos em relação a aspectos essenciais. O pós-modernista tolerante afirma que os dois livros são divinos porque ambos contêm alguma verdade. A não ser que Deus minta, mude de idéia ou cometa erros - e nesses casos ele seria menos que Deus - é impossível que os dois livros sejam divinos. Se Deus é menos do que Deus, então assuntos como a salvação, a redenção, o céu e o inferno são discutíveis, porque nenhum deus falou de maneira concreta.

Introduzindo pressuposições

Quando o cristão tem o privilégio de falar a um muçulmano acerca da fé, ele deve estar preparado para demonstrar que a Bíblia dá evidência a respeito de si mesma e que ela é completamente confiável. Três

textos das Escrituras apresentam essa evidência e os cristãos fariam bem em memorizá-las:

O próprio Jesus em seus dias creu que as palavras do Antigo Testamento foram inspiradas por Deus e não podiam ser corrompidas (Mt 5:17,18).

O apóstolo Paulo creu que as palavras da Bíblia eram inspiradas por Deus (2Tm 3:16).

O apóstolo Pedro acreditava que a pessoa do Espírito Santo comunicava aos escritores da Bíblia exatamente como ela deveria ser transmitida (2Pe 1:20,21).

Por si só, esses versículos não convencem o muçulmano a respeito da veracidade da Bíblia, mas servirão de base para a discussão. Caso contrário, o cristão mostrará sua ignorância acerca das afirmações da própria Bíblia e não será digno de continuar a argumentação.

Os cristãos precisam defender sua fé sábia e bíblicamente (ver 1Pe 3:15). Aqueles que se convertem ao islã, na maioria dos casos, são ignorantes sobre a fé cristã com a qual haviam se identificado. Se esse esforço for suficiente ou não para convencer o muçulmano, ao menos servirá para proteger o coração do crente em Cristo. Ou a Bíblia é absoluta ou é obsoleta. Ou ela protege o crente da heresia ou isola as pessoas da vontade de Deus.

A Bíblia da perspectiva muçulmana

Os cristãos muitas vezes lêem somente materiais escritos por autores que compartilham suas convicções pessoais. Todavia, existe muita informação valiosa nas traduções do Alcorão, o que inclui muitos versículos que avaliam a Bíblia favoravelmente. Por exemplo, de acordo com o Alcorão, os cristãos têm o conhecimento da verdade em sua Bíblia:

Ó adeptos do Livro, por que rejeitais as revelações de Deus, das quais sois vós mesmos testemunhas? Ó adeptos do Livro, por que disfarçais a verdade com a falsidade e ocultais a verdade, que bem conheceis? (surata 3:70-71).

Maomé creu que o texto da Bíblia continha a verdade, mas que a interpretação cristã tinha contaminado o entendimento da Bíblia:

E, entre eles, há os que engrolam as palavras para fazer-vos crer que o que estão recitando é do Livro quando não é do Livro. E atribuem a Deus o que não é de Deus. E dizem mentiras sobre Ele, sabendo-o (surata 3:78).

Maomé concordou com a autoridade das Escrituras e acusou os judeus de ensinar falsamente por não lerem o Antigo Testamento.

E entre eles, há ignorantes que desconhecem o Livro e satisfazem-se com extravagâncias e conjeturas (surata 2:78).

Assim, o muçulmano que “honra” os evangelhos ou os “adeptos do Livro” se deparam com uma contradição: de que maneira um muçulmano pode honrar aqueles que corromperam as próprias palavras de Deus? Aquele que corrompe a Palavra de Deus escrita não é o maior dos infiéis? O muçulmano não

pode concordar com as duas coisas. Ou os cristãos são os “adeptos do Livro” que deveriam seguir a Bíblia como ela foi transmitida por dois milênios ou eles são os “adeptos do Livro” responsáveis pela destruição da revelação de Deus, que seria a maior catástrofe sobrenatural na história do mundo.

Maomé e a pureza da Bíblia

O versículo mais incômodo do Alcorão para o muçulmano é a surata 10:94, um versículo que deveria estar embutido na mente de cada cristão que deseja compartilhar sua fé com um muçulmano comum. O versículo diz o seguinte:

Se estiverdes em dúvida sobre o que revelamos, consulta os que têm lido o Livro desde antes de ti. Teu Senhor te revelou a verdade. Não sejas um dos que duvidam.

Aqui Maomé coloca a veracidade de suas palavras no mesmo patamar da autenticidade da Bíblia, na forma em que esta se apresentava no século VII. Primeiro, se a Bíblia do século VII é a Bíblia atual, qualquer argumentação de que esteja corrompida opõe-se às palavras de Maomé, que representava a revelação suprema de Alá para o mundo. Certamente Maomé não teria pedido a seus seguidores que aceitassem uma versão corrompida do Novo Testamento. Segundo, o NT dos dias de Maomé é essencialmente o mesmo da Bíblia contemporânea e está baseado em manuscritos que foram escritos séculos antes do nascimento de Maomé.

Portanto, pela lógica da surata 10:94, os muçulmanos deveriam aceitar a autenticidade bíblica e a autenticidade da Bíblia atual.

Ao conhecer a doutrina da revelação, um cristão pode desafiar o muçulmano, usando as palavras do Alcorão, para depois ter base para discutir uma doutrina mais difícil, como a Trindade. Possuir certo conhecimento do Alcorão também é uma das melhores formas de obter a atenção de um muçulmano. A maioria dos muçulmanos acredita (acertadamente) que os cristãos nunca abriram, e muito menos leram, o Alcorão. O cristão que realmente se importa com a alma do muçulmano procurará conhecer a forma de pensar do muçulmano.

Honestidade intelectual e não-contradição

A lei da não-contradição é um conceito simples. Ela expõe que alguma coisa não pode ser o que não é. Por exemplo, uma rosa não pode não ser uma rosa; caso contrário seria uma auto-contradição. Esse preceito foi formulado pelo filósofo grego, Aristóteles (384-322 a.C.), que foi o tutor de Alexandre, o Grande, e um filósofo altamente respeitado por muçulmanos e cristãos como uma das maiores mentes de todos os tempos. As obras de Aristóteles foram colocadas em alta estima na biblioteca inigualável de Bagdá, no ápice de seu domínio cultural na história muçulmana.

Em termos religiosos, a lei da lógica significa que a Palavra de Deus não pode não ser a Palavra de Deus. Portanto, o cristão pode usar o Alcorão para demonstrar a validade da Bíblia. O Alcorão declara que a Bíblia é a Palavra de Deus:

Esperais que acreditem em vós quando há entre eles quem ouve a palavra de Deus e, após compreendê-la, adultera-a? (surata 2:75).

De acordo com o Alcorão, a Bíblia não pode não ser a Palavra de Deus. Fomos nós que fizemos descer a

mensagem, e somos nós que a protegemos [da corrupção] (surata 15:9).

Se a Bíblia é a Palavra de Deus então não pode ter sido mudada. Se foi mudada, então nunca foi a Palavra de Deus, algo que é anátema na doutrina islâmica. Como a Palavra de Deus pode ser corrompida pelo homem? Acaso o homem é maior do que o Criador? Será que o Criador permitiu a corrupção da Palavra por alguma razão mística?

O Final da ignorância bíblica e religiosa

Por anos o cristão comum tem ignorado, negligenciado e se privado da leitura e observância da Bíblia. Novas conversas com muçulmanos podem ter efeito positivo no cristianismo e em seus adeptos. O cristão comum é confrontado com um rival que vive e trabalha próximo dele e que conhece seu livro santo e obedece a seus princípios. Também é verdade que muitos muçulmanos simplesmente seguem seu mensageiro como ovelhas, mas muitos levam sua fé e prática a sério.

Ser desafiado por pessoas inteligentes que se importam com a fé em Deus deveria acordar os cristãos de seu sono bíblico e teológico. Talvez eles serão incentivados a abrir suas próprias Bíblias e ler o que as Escrituras têm a dizer, em vez de depender apenas dos pastores que lhes dão de comer um bocadinho de um texto chave em pequenas porções.

Se os cristãos não agitarem suas almas e buscarem a verdade, que é o evangelho do Salvador Jesus Cristo ressurreto, então os muçulmanos terão todo o direito de apontar para a vasta terra devastada que outrora era sabedoria religiosa. Mas, se os cristãos estão sinceramente interessados na alma e na mente dos muçulmanos, eles receberão dos islamitas uma audição proporcional a sua paixão. A verdade é imortal!

Livre-arbítrio, fatalismo e o alcorão

LIVRE-ARBÍTRIO

Surata 76:29

Esta é a advertência. Quem quiser, tome o caminho de seu Senhor.

Contexto da surata 76:29

Este texto é explicado pelo seguinte versículo: “Mas vocês não agirão contrário à vontade de Alá”. Mesmo agindo errado o homem está fazendo a vontade de Alá.

Surata 3:108

Essas são as revelações de Deus. Recitamo-las para ti sem alteração. Deus não deseja injustiças para os mundos.

Contexto da surata 3:108

Aqui as injustiças não são equivalentes ao livre-arbítrio. Alá não deseja o inferno para aquelas criaturas (os mundos) que são “carrancudas” (3:106).

Surata 4:26

Deus quer esclarecer-vos e guiar-vos pelo exemplo dos que vos precederam, e aceitar vosso arrependimento. Deus é conhecedor e sábio.

Contexto da surata 4:26

A promessa de orientação é para os crentes em Alá e não para os que são “dominados pelas paixões” (4:27). Mais uma vez, a bondade de Alá é seletiva, não universal como proclamada no cristianismo (Jo 3:16).

Surata 5:6

Deus não vos quer constranger mas purificar, e quer completar Seu benefício sobre vós. Possais ser agradecidos!

Contexto da surata 5:6

Esta é outra promessa para “aqueles que crêem” (5:6) e não para todos. Seu favor é somente para aqueles que ele escolhe e determina, e não para toda a humanidade.

Surata 33:33

Deus só quer preservar-nos de toda mácula, mulheres da casa do Profeta, e purificar-vos.

Contexto da surata 33:33

O texto refere-se à família do Profeta (membros) e não é uma promessa universal para todos os muçulmanos, muito menos para o mundo inteiro.

FATALISMO

Surata 6:35

Se Deus quisesse, tê-los-ia trazido todos ao bom caminho. Não sejas, pois, um dos insensatos.

Contexto da surata 6:35

Na teologia islâmica, Alá é todo poderoso e sabe tudo. No entanto, ele escolhe não trazer todas as pessoas ao bom caminho. Este é um texto chave para entender a vontade e obra de Alá.

Surata 10:25

Deus convoca quem Lhe apraz para o reino da paz e guia quem Lhe apraz no caminho da retidão

Contexto da surata 10:25

O fatalismo se torna ainda mais perigoso visto que as obras definem parte da misericórdia de Alá. Alá não deseja levar aqueles que fazem coisas perversas para o caminho reto. Em relação a este “reino da paz”, o Hadith expõe: “Um anjo é enviado para ele [no útero] e dado quatro ordens quanto ao seu sustento, a duração da vida, e se ele será infeliz ou feliz ...”.

Surata 6:125

Quem Deus quer guiar abre-lhe o coração para a submissão. E quem quer perder tornar-lhe o coração estreito e oprimido, como se estivesse subindo até o firmamento. Assim Deus joga estigmas sobre os descrentes.

Contexto da surata 6:125

Embora o estudioso muçulmano lembre o leitor do Alcorão seguidas vezes acerca da responsabilidade humana, este texto claramente emonstra que Alá deseja que alguns se percam, embora ele não tenha nenhuma obrigação de fazê-lo. No cristianismo, Deus deseja que todos, embora sejam perversos, sejam salvos (2Pe 3:9). Um estudioso muçulmano antigo, Ibn Hazn, escreveu: “Nada é bom se Alá não o tornou bom, e nada é mal se Ele não o tornou mal”.

Cristianismo e islã: uma comparação de crenças

YAHWEH E ALÁ: O Ser de Deus

Yahweh é eterno e imutável Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação (Tiago 1:17).

Alá muda Os versículos que ab-rogamos ou desprezamos neste Livro, nós os substituímos por outros, iguais ou melhores. Não sabeis que Deus tem poder sobre tudo? (surata 2:106).

Yahweh ama totalmente Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nEle crer não pereça, mas tenha a vida eterna (João 3:16).

Alá muda em afeição Se quiséssemos, poríamos todas as almas no caminho da retidão. Mas, digo-o em verdade, enchei o inferno de djins e de homens” (surata 32:13).

Yahweh não pode mentir Na esperança da vida eterna, a qual o Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos eternos (Tt 1:2).

Alá conspira E quanto aos descrentes, [...] conspiraram, mas Deus também conspirou. Ele é o mais hábil dos conspiradores (surata 8:30).

Yahweh é um Deus em três Pessoas (Trindade) Respondeu Jesus: “Se eu me glorifico a Mim mesmo, a Minha glória não é nada; quem Me glorifica é Meu Pai, o Qual dizeis que é vosso Deus” (Jo 8:54). Porquanto, em Cristo, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade (Cl 2:9; ver Jo 1; 8:58). Então perguntou Pedro: “Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo? [...] Não mentiste aos homens, mas sim a Deus” (Atos 5:3,4).

Alá só pode ser um Deus (Unicismo e Unitarismo). A Trindade (Triunicismo) é vista como

uma blasfêmia (Triteísmo: Politeísmo de três deuses) São descrentes aqueles que dizem que Deus é o terceiro de três. Não há deus senão o Deus único (surata 5:73). Ó adeptos do Livro, [...] não digais de Deus senão a verdade. O Messias, Jesus, o filho de Maria, nada mais era do que o Mensageiro de Deus, Seu Verbo. [...] Não digais: “Trindade”. Abstende-vos disso. É melhor para vós. Alá é o único Deus. Glorificado seja! Teria um filho? Como!” (surata 4:171).

No único Deus da Trindade estão as três pessoas; Pai, Filho e Espírito Santo Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo (Mt 28:19).

A Trindade cristã é formada de três deuses – Alá, a Mãe (Maria) e o Filho (Jesus) E quando Deus perguntou: “ó Jesus, filho de Maria, disseste tu aos homens: ‘Adorai-me e a minha mãe como dois deuses em vez de Deus’?” (surata 5:116).

Jesus na Bíblia e Isa (Jesus) no Alcorão

Bíblia: Jesus é o Criador

Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez (Jo 1:3). Porque nEle foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis [...] Tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele é antes de todas as coisas, e nEle tudo subsiste (Cl 1:16-17).

Alcorão: Isa foi criado por Alá

Aos olhos de Deus, Jesus é como Adão: criou-o de barro. Então lhe disse: Seja! e foi. (surata 3:59).

Bíblia: Ele é Senhor - o único caminho para Deus

E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai. (Fp 2:11). Respondeu Jesus: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim” (Jo 14:6).

Alcorão: Ele é um dos apóstolos de Alá

Ó adeptos do Livro, não vos excedais em vossa religião, e não digais de Deus senão a verdade. O Messias, Jesus, o filho de Maria, nada mais era do que o Mensageiro de Deus (surata 4:171).

Bíblia: Sua crucificação foi uma morte sacrificial para reconciliar o homem com Deus e redimi-lo

E que, havendo por Ele feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio dEle reconciliasse Consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra, como as que estão nos céus. (Cl 1:20). Havendo riscado a cédula que era contra nós nas Suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz (Cl 2:14). O qual Se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho há Seu tempo. (1Tm 2:6)

Alcorão: Jesus somente pareceu ser crucificado

E por terem dito: “Matamos o Messias, Jesus, o filho de Maria, o Mensageiro de Deus”, quando na realidade, não o mataram nem o crucificaram senão que isso lhes foi simulado (por Alá). (surata 4:157).

Bíblia: Jesus é o Filho de Deus eterno

Aquele que é o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Vimos a Sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade (Jo 1:14).

Alcorão: Jesus não é filho de Alá

E uma advertência aos que dizem: “Deus tomou um filho para Si”. Estes não possuem conhecimento algum, nem eles nem seus pais. Enorme essa palavra que sai de suas bocas! O que proferem é mentira! (Surata 18:4-5)

Bíblia: Por causa da fé em Jesus, os cristãos são filhos de Deus.

Mas a todos quantos receberam a Cristo, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no Seu nome. Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas da vontade de Deus (Jo 1:12-13).

Alcorão: Alá não pode ter filhos

Dize: ele é Alá, o único! Alá! O absoluto! Jamais gerou, ou foi gerado (surata 112:1-3). É inadmissível que Deus tenha tido um filho. Glorificado seja! Quando decide uma coisa, basta-lhe dizer: Seja! E é (Surata 19:35).

JESUS E MAOMÉ

Jesus conhece os pensamentos dos outros. Jesus, porém, conhecendo os seus pensamentos, respondeu, e disse-lhes...(Lc 5:22) Mas Ele bem conhecia os seus pensamentos... (Lc 6:8) Então, todas as igrejas saberão que Eu sou Aquele que sonda as mentes e os corações (Ap 2:23).

Maomé não conhecia os pensamentos dos outros. Não vos digo que disponho dos tesouros de Deus. Não vos digo que conheço o invisível (surata 11:31).

Jesus é o nosso advogado diante do Pai. Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem. Se, porém, alguém pecar, temos um advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo. Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo (1Jo 2:1,2).

Maomé não é um advogado. Quer implores o perdão para eles quer não, e ainda que implores o perdão para eles setenta vezes, Deus não os perdoará porque renegaram Deus e Seu Mensageiro. Deus não guia os perversos. (surata 9:80).

Jesus proibiu o uso da espada para defendê-lo. Disse-lhe Jesus: “Guarda a espada! Pois todos os que empunham a espada, pela espada morrerão!” (Mt 26:52). Se alguém leva em cativeiro, em cativeiro irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto. Aqui está a paciência e a fé dos santos. (Apoc. 13:10).

Maomé insentivou o uso da espada (a mandado de Alá). Ó profeta, exorta os crentes ao combate. Se

houver vinte dentre vós que sejam firmes, prevalecerão sobre duzentos, e se houver cem prevalecerão sobre mil dos descrentes (surata 8:65). Matai-os onde quer que os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a perseguição é mais grave que a matança. Não os combatais nas cercanias da Mesquita Sagrada, a menos que vos ataquem. Mas, se ali vos combaterem, matai-os. Tal será o castigo dos incrédulos (surata 2:191).

Jesus ensinou o perdão. Ouvistes o que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente’. Mas eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra (Mt 5:38,39).

Maomé ensinou a vingança. Se vos atacarem no mês sagrado, atacai-os no mês sagrado. E que as profanações sejam castigadas pela pena de talião. Àqueles que vos agredem, agredi-os da mesma forma (surata 2:194).

A humanidade de Jesus, segundo Jesus. E dizia-lhes: Vós sois de baixo, Eu sou de cima; vós sois deste mundo, Eu não sou deste mundo. Por isso vos disse que morrereis em vossos pecados, porque se não crerdes que EU SOU, morrereis em vossos pecados (Jo 8:23-24).

A humanidade de Maomé, segundo Maomé. “Dize: ‘Eu sou um homem como vós. Digo o que me é revelado. Quanto a vosso Deus, é o Deus único. Quem deseja encontrar seu Senhor, que pratique o bem e não Lhe associe ninguém’ ” (surata 18:110).

Jesus era sem pecado. Para isso vocês foram chamados, pois também Cristo sofreu no lugar de vocês, deixando-lhes exemplo, para que sigam os seus passos. "Ele não cometeu pecado algum, e nenhum engano foi encontrado em sua boca" (1Pe 2:21,22).

Maomé era pecador. Dize: "Eu sou um homem como vós. Digo o que me é revelado. Quanto a vosso Deus, é o Deus único. Quem deseja encontrar seu Senhor, que pratique o bem e não Lhe associe ninguém" (surata 18:110).

Antes de Morrer, Jesus perdoou os inimigos. E, quando chegaram ao lugar chamado a Caveira, ali O crucificaram, e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. E dizia Jesus: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. E, repartindo as suas vestes, lançaram sortes. (Lc 23:33-34)

Antes de morrer, Maomé amaldiçoou os inimigos. Quando chegou o último momento da vida do apóstolo de Alá... quando ele caiu febril e com falta de ar... disse: “Que Alá amaldiçoe os judeus e os cristãos por eles construírem locais de adoração sobre os túmulos dos seus profetas”. (Hadith 1.8.427 – Bukhari). [Maomé tinha sido envenenado por uma judia, cujo marido tinha sido morto. Ele disse isso quando morria nos braços de Aisha].

Jesus ressuscitou, subiu ao céu, e está conosco todos os dias. Eis que a virgem conceberá e dará a luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco) Mt 1:23. Eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos. Amém. (Mt 28:20) Porque, onde estiver dois ou três reunidos em Meu Nome, aí estou Eu no meio deles (Mt 18:20).

Maomé morreu e seus seguidores ficaram sem direção. “Ó, muçulmanos! Se qualquer um de vocês tem adorado Maomé, então saibam que Maomé está morto. Mas, se vocês realmente adoram a Deus,

então saibam que Deus está vivo e nunca vai morrer!” (Frase famosa de Abu Bakr - História dos 4 primeiros califas)

Se Jesus estiver errado, quem se perde? Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e é vã, a nossa fé; e somos tidos por falsas testemunhas de Deus [...] E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé e ainda permaneceis nos vossos pecados. E ainda mais: os que dormiram em Cristo pereceram. Se nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens. Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo Ele as primícias dos que já dormem (1Co 15:14-15a,17-20).

Se Maomé estiver errado, quem se perde? Se eu estiver errado, é somente para a minha própria perdição; agora se eu estiver sendo guiado, é por causa da inspiração que o meu Senhor me deu. Ele é onívoro e está próximo (surata 34:50).

(Se Maomé estiver errado, será que ele vai pro inferno sozinho? Ou será que todos aqueles que deram sua própria vida para seguir seu exemplo e rejeitaram Jesus por isso, serão salvos independente da veracidade da mensagem de Maomé?)

Glossário dos termos islâmicos árabes

Alá. O nome de Deus, o ser essencial no islã.

Alcorão. A coleção de textos da revelação de Alá, correspondente ao texto original no céu de Alá.

Allahu Akbar. “Deus é grande”. Um louvor dirigido a Alá.

As-salamu ‘alaykum. Que a Paz esteja com você.

As-salamu ‘alaykum wa rahmatullah. Que a paz e a misericórdia de Alá esteja em você.

As-salamu ‘alaykum wa rahmatullahi wa barakatuh. Que a paz, a misericórdia, e as bênçãos de Alá esteja em você.

Caaba. “Casa de Alá”, construção quadrada em Meca, em cuja direção os muçulmanos se dirigem na oração. Muçulmanos acreditam que o modelo da construção foi dado por Gabriel e construído por Abraão e Ismael.

califa. Título dos líderes islâmicos depois da morte de Maomé.

deen. Prática religiosa muçulmana, como sistema de ética.

Dhu’l-Hidja. Feriado, o “Dia de Arafat”

Dia de Arafat. Ocorre no 9º mês DhuT-Hijjah, último dia do hajj

djins. espíritos

‘Eid-ul-Adha. Um dos dois feriados mais importantes - “Festa do Sacrifício”. Ocorre em 10º DhuT-Hijjah depois do dia de Arafat

Eid-ul-Fitr. Festa para quebrar o jejum do Ramadã. Um dos dois feriados mais importantes. Ocorre de 1° até 3° de shawwal, sendo o 1° dia, o dia para fazer ofertas aos pobres.

Hégira. Migração de Maomé, de Meca para Medina em 622. O início do islã e do calendário islâmico.

islã. “Submissão” à vontade de Alá. Religião fundada por Maomé no século VII.

Ismael. Filho de Abraão com Hagar, a serva de Sara. Os muçulmanos acreditam que Alá tem um pacto com Ismael, e não com Isaque, como é narrado na Bíblia (Gn 16:1 - 17:27).

Madrasâ (ou madraçal). Escola religiosa islâmica.

Mahabbah. “Amor por Alá”.

Mahdi. Um líder mundial vindouro na escatologia islâmica.

Maomé (Mohammad). “O maior e último profeta de Alá”. Nasceu em 570 d.C., em 610 teve a primeira revelação, morre em 632. masjid. Mesquita em árabe.

Meca (Makkah). Local do nascimento de Maomé na Arábia Saudita; considerada a cidade mais sagrada para o islã. Lugar do hajj. Lá está mesquita mais importante para os muçulmanos, que contém a pedra negra. No hajj, os muçulmanos circundam esta pedra no sentido anti-horário.

Medina. A segunda cidade mais sagrada, para a qual Maomé fugiu em 622, na Hégira. É o lugar onde fica o túmulo e os restos mortais de Maomé.

Muçulmano. “Alguém que se submete a Alá.” Seguidor do islã. muezin. Líder que conclama os adoradores às orações, cinco vezes ao dia. mujahidin. Muçulmanos que lutam nas guerras santas.

Muhaddithiin. Estudiosos do Hadith muharram. Ano-Novo no calendário islâmico. muqarribat Esposa íntima. nikaah. Casamento.

Qur’an. Alcorão.

Rakats. Orações diárias, feitas 5 vezes ao dia.

Ramadã. Nono mês no calendário lunar, que comemora a entrega do Alcorão a Maomé. É o mês do jejum das 6 às 18hs.